TIMOTHY KELLER

AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

A CRUZ DO CRENTE

A CRUZ DO REI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Keller, Timothy

A cruz do rei: a história do mundo na vida de Jesus / Timothy Keller; tradução Marisa K. A. de S. Lopes.

Título original: King's Cross: the Story of the World in the Life of Jesus ISBN 978-85-275-0751-6 (recurso eletrônico) 1. Bíblia N. T. Marcos - Crítica e interpretação 2. Jesus Cristo - Pessoa e missão - Ensino bíblico I. Título.

12-11543

CDD-232

Índice para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo : Pessoa e missão : Cristologia 232

TIMOTHY KELLER
AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

A CRUZ DO REI

VIDA NOVA

TRADUÇÃO: MARISA K. A. DE SIQUEIRA LOPES

Copyright ©2011, Redeemer CityNet e Timothy Keller Título original: *King's Cross: the Story of the World in the Life of Jesus*
Traduzido a partir da primeira edição publicada pela DUTTON, empresa pertencente ao PENGUIN GROUP, EUA.

1.ª edição: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0751-6 (recurso eletrônico)

SUPERVISÃO EDITORIAL
Marisa K. A. de Siqueira Lopes COORDENAÇÃO EDITORIAL
Curtis A. Kregness

REVISÃO
Mariú Madureira Lopes COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura REVISÃO DE PROVAS
Ubevaldo G. Sampaio DIAGRAMAÇÃO
Luciana Di Iorio

CAPA

Souto de Crescimento de Marca

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada com todos os direitos reservados por Edições Vida Nova.

A Scott Kauffmann e Sam Shammas, sem os quais este livro não existiria. E também ao restante do staff da Igreja Presbiteriana Redeemer e ao Redeemer City to City — o time dos meus sonhos! —, sem os quais pouco do nosso atual ministério existiria.

Muito obrigado a todos.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

PARTE 1 ⁓ O REI
A identidade de Jesus

Capítulo 1 ... A dança

Capítulo 2 ... O chamado

Capítulo 3 ... A cura

Capítulo 4 ... O descanso

Capítulo 5 ... O poder

Capítulo 6 ... A espera

Capítulo 7 ... A mancha

Capítulo 8 ... A aproximação

Capítulo 9 ... A volta

PARTE 2 ⁓ A CRUZ
O propósito de Jesus

Capítulo 10 ... A montanha

Capítulo 11 ... A armadilha

Capítulo 12 ... O resgate

Capítulo 13 ... O templo

Capítulo 14 ... A festa

Capítulo 15 ... O cálice

Capítulo 16 ... A espada

Capítulo 17 ... O fim

Capítulo 18 ... O começo

Conclusão

AGRADECIMENTOS

NENHUM LIVRO CHEGA às mãos dos leitores sem o trabalho de muitas pessoas além do autor, algo que aconteceu, sobretudo, com este livro. Quero agradecer a Brian Tart, meu editor, por seu trabalho sempre brilhante de sugerir acréscimos e cortes no texto. Esta obra também tem uma grande dívida para com meu agente, David McCormick que, além de lidar com maestria com seus deveres de agente, também foi o arquiteto do acordo para a criação do selo Redeemer. Este livro é o primeiro fruto desse acordo.

De maneira particular, gostaria de agradecer a Scott Kauffmann e Sam Shammas, pessoas que tomaram a frente dos esforços para o desenvolvimento de conteúdo do selo Redeemer. Descobrimos que transformar material de pregações em algo para ser lido não é assim tão fácil quanto parece — ou, pelo menos, não tão fácil quanto imaginávamos.

O livro de Marcos talvez seja o Evangelho que mais estudei e preguei ao longo do meu ministério. Elaborei duas séries de estudos bíblicos para pequenos grupos sobre o Evangelho de Marcos, e também já preguei pelo menos três séries de mensagens sobre Marcos, além de muitos sermões avulsos.

Assim, quando me sugeriram transcrever e publicar os sermões mais recentes que eu havia feito em Marcos, estava seguro de que

o material precisaria de uns meros ajustes para estar pronto para publicação. Não poderia estar mais enganado!

O processo de transformação começou com Laurie Collins, uma velha amiga estenógrafa de tribunal, que fez uma transcrição fiel dos meus sermões gravados, tendo completado cada fragmento de oração que, em geral, deixamos pela metade no discurso oral. Depois o trabalho passou para as mãos de uma nova amiga, Ruth Goring, que se dedicou a limpar do texto todos aqueles traços de oralidade que mal notamos quando alguém faz um sermão, mas que são profundamente irritantes se presentes na leitura de um texto. O resultado de todo esse processo foi um texto mais limpo, porém sem vida, quando eu deveria ter um texto vibrante, repleto da mesma intensidade que Marcos infundiu em seu relato da vida de Jesus.

E foi somente no último minuto, quando Scott e Sam puseram as mãos na massa, pegaram o texto e trabalharam nele noite e dia sem cessar (sob a pressão de um prazo final apertado), que o texto veio a assumir a vivacidade que hoje possui. Um simples “muito obrigado” não é suficiente para agradecer os sacrifícios que todas essas pessoas fizeram e a ajuda que me deram; portanto, dedico esta obra a elas, e espero contar com sua parceria em muitos outros projetos no futuro.

INTRODUÇÃO

PARA MINHA SURPRESA, nas décadas recentes a quantidade de atenção que a cultura em geral dispensa ao Jesus histórico tem aumentado. A cada ano, à medida que a Páscoa se aproxima, surgem diversos destaques de mídia acerca de Jesus. Nesta última Páscoa, a editora da seção de religião da *Newsweek*, Lisa Miller, explicou que "a Páscoa é […] uma celebração do ato final da Paixão, no qual Jesus ressuscitou de seu sepulcro, em corpo, três dias após ser executado. […] Os Evangelhos insistem na veracidade desse acontecimento sobrenatural. […] Jesus morreu e ressuscitou para que todos os seus seguidores pudessem, no futuro, fazer o mesmo. Essa história tem forçado a credulidade até mesmo do mais devotado dos fiéis. Pois, sinceramente falando, ela não é crível".[1]

Em seu artigo para o jornal *The Times* (publicado no Reino Unido), "Myth or History: The Hard Facts of the Resurrection" [Mito ou história: os difíceis fatos da ressurreição], Geza Vermes propõe a seguinte questão: "No coração da mensagem do cristianismo, encontrase a ressurreição de Jesus. O principal arauto dessa mensagem, São Paulo, proclama de forma bem direta: 'se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é inútil'. De que modo essa afirmação, reforçada por dois mil anos de reflexão teológica, se compara com

aquilo que os Evangelhos nos dizem sobre a primeira Páscoa? Trata-se de um mito ou contém um fundo de verdade?”[2]

Nanci Hellmich, escrevendo para o *USA Today*, disse que “Dois pesquisadores analisaram os tamanhos dos pratos e das porções de comida em 52 das mais famosas pinturas da *Última Ceia* e descobriram que o tamanho das porções nas pinturas aumentou de forma dramática ao longo do último milênio.”[3] A imprensa tem muito a dizer sobre Jesus.

E, evidentemente, eles não são os únicos. Não seria um exagero dizer que o tema Jesus é em si mesmo um gênero que aparece em obras como biografias resultantes de cuidadosas pesquisas, comentários acadêmicos do texto bíblico, obras de crítica histórica, de ficção especulativa, antimitologias, e tudo que se possa imaginar entre uma ponta e outra desse amplo espectro.

Nessa corrente aparentemente inesgotável de palavras e pensamento acerca de Jesus, eu cautelosamente insiro este livro. Trata-se de uma extensa meditação sobre a histórica premissa cristã de que a vida, morte e ressurreição de Jesus constituem o evento central da história humana e cósmica, assim como o princípio organizador central da vida de todos nós. Dito de outra forma, toda a história do mundo — e o modo como nós nos encaixamos nela — é mais claramente compreendida quando analisamos de forma direta e atenta a história de Jesus. Meu propósito aqui é tentar mostrar, por meio das palavras e atos de Jesus, a forma maravilhosa como a vida dele dá sentido à nossa vida.

UMA VERDADEIRA HISTÓRIA DE VIDA

Se pretendemos investigar sua vida, a fim de esclarecermos se Jesus realmente viveu, morreu e ressuscitou, para saber se a história da Páscoa contém mesmo um “fundo de verdade” ou, quem sabe, contém a chave para a história, precisamos nos voltar para os Evangelhos, os documentos históricos que contam a história de Jesus. Eles foram intitulados de acordo com os nomes de seus autores: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Grande parte desse recente gênero sobre Jesus consiste de discussões acerca de os Evangelhos serem ou não registros confiáveis da vida de Jesus. Há duzentos anos alguns estudiosos começaram a dizer que os Evangelhos eram tradições orais que foram embelezadas com vários elementos lendários ao longo de gerações, e não foram escritos senão mais de cem anos após os fatos da vida de Jesus.[4] Ao longo dos anos, essas alegações têm convencido muita gente de que não podemos saber quem Jesus realmente foi. Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, e George Eliot, escritor inglês, perderam a fé cristã, em grande parte devido à leitura da cética obra *Life of Jesus Critically Examined* [A vida de Jesus examinada de forma crítica], escrita por David Strauss, e a cada ano milhares de estudantes veem suas convicções balançadas do mesmo modo pela típica matéria de faculdade, “a Bíblia como literatura”.

Contudo, há um movimento contrário a tudo isso. Há 150 anos as pessoas afirmavam com a maior confiança que jamais houve Evangelho algum antes da terceira década do segundo século d.C. No entanto, ao longo do século passado, tornou-se irrefutável a evidência de que os Evangelhos foram escritos muito antes disso,

ou seja, durante o período em que viveram muitas das testemunhas oculares da vida e morte de Jesus.[5] Isso levou a "inversões de fé", como nos casos bastante conhecidos de Anne Rice e A. N. Wilson. Este último, um biógrafo, escreveu *Jesus: A Life* [Jesus: uma vida], em 1992, obra que tinha como pressuposto a tese de que os Evangelhos eram quase que inteiramente lendas. No entanto, em 2009 ele revelou como havia voltado para a fé cristã após anos de ateísmo, em que escrevia livros que atacavam o cristianismo.[6] Anne Rice, uma escritora de romances, havia perdido a fé nos tempos de faculdade, mas quando começou a ler as obras de renomados estudiosos da Bíblia, ela veio a descobrir que:

> Toda a tese em prol de um Jesus não divino que foi parar em Jerusalém e de algum modo acabou crucificado por ninguém, esse Jesus que nada teve a ver com a fundação do cristianismo e que ficaria horrorizado com ele se o conhecesse — todo esse panorama que era veiculado nos círculos liberais que eu como ateia frequentei por trinta anos —, essa tese não vingou.[7]

Richard Bauckham, em sua obra *Jesus and the Eyewitenesses* [Jesus e as testemunhas oculares], apresenta o argumento mais conclusivo de que os Evangelhos não eram tradições orais que se desenvolveram ao longo do tempo, mas sim *histórias* orais que foram escritas a partir dos relatos das próprias testemunhas oculares, as quais ainda estavam vivas e atuantes na comunidade.

Ele cita extensas evidências de que por décadas após a morte e ressurreição de Jesus as pessoas que foram curadas por ele falavam de suas experiências, como o homem paralítico que foi baixado até Jesus através do teto de uma casa; a pessoa que

carregou a cruz para Jesus, Simão de Cirene; as mulheres que assistiram Jesus ser colocado na tumba, como Maria Madalena; e os discípulos que haviam andado com Jesus por três anos, como Pedro e João — enfim, todas essas pessoas que participaram da vida de Jesus repetiam constante e publicamente esses episódios com riqueza de detalhes. Por décadas, essas testemunhas oculares contaram as histórias do que havia acontecido com elas. Mateus, Marcos, Lucas e João registraram essas histórias por escrito e, então, temos os Evangelhos.

Bauckham também observa que os Evangelhos são por demais contraproducentes em termos de conteúdo para serem lendas. Por exemplo, é espantoso o fato de que, nos próprios documentos que deram origem à igreja cristã, tivéssemos um registro de que um dos grandes líderes da igreja, Pedro, tivesse cometido uma falha enorme, chegando mesmo a negar Jesus em público. A única fonte crível para o relato da negação de Pedro e traição de Jesus seria o próprio Pedro: ninguém mais poderia ter conhecimento dos detalhes que nos são fornecidos. E ninguém na igreja primitiva teria a ousadia de chamar a atenção para a fraqueza de um de seus líderes mais importantes e respeitados com tamanha franqueza — a menos que essa fraqueza em si fosse uma parte importante da história. E a menos, é lógico, que o relato fosse verdadeiro.

O EVANGELHO DE MARCOS

Para o propósito deste livro, senti que a melhor maneira de explorar a vida de Jesus não era fazer um panorama de todos os Evangelhos, mas sim analisar uma única e coerente narrativa: uma narrativa que se concentrasse intencionalmente nas verdadeiras palavras e atos (especialmente nos atos) de Jesus. E isso me levou ao Evangelho de Marcos.

Quem foi Marcos? A fonte de resposta mais antiga e importante vem de Papias, bispo de Hierápolis até o ano de 130 d.C., que disse que Marcos havia atuado como secretário e tradutor de Pedro, um dos primeiros entre os doze discípulos ou seguidores de Jesus, e que "escreveu acuradamente tudo quanto ele [Pedro] se lembrou". Esse testemunho é de singular importância, uma vez que há evidência de que Papias (que viveu de 60 a 135 d.C.) conheceu pessoalmente João, outro dos primeiros e mais próximos discípulos de Jesus.[8] A obra de Bauckham demonstra que, de fato, Marcos menciona Pedro proporcionalmente mais do que qualquer dos outros Evangelhos. Se você folhear o livro de Marcos, verá que nada acontece sem que Pedro esteja presente. Todo o Evangelho de Marcos, portanto, é quase que certamente o testemunho ocular de Pedro.

Há outra razão para basearmos nossa investigação da vida de Jesus no Evangelho de Marcos. A leitura de Marcos não dá a impressão de ser uma história árida. A narrativa é escrita no presente, e usa com frequência palavras como "imediatamente" para encher o relato de ação. É impossível deixar de notar a velocidade abrupta da narrativa que chega a nos deixar sem fôlego.

Portanto, o Evangelho de Marcos transmite algo importante sobre Jesus. Ele não é apenas uma figura histórica, mas uma realidade viva, uma pessoa que fala conosco, *nos dias de hoje*. Já na primeira sentença de seu Evangelho, Marcos nos conta que Deus entrou no curso da história. Seu estilo comunica um sentido de crise, de que o *status quo* foi rompido. Não podemos mais pensar na história como um sistema fechado de causas naturais. Não podemos mais pensar em nenhum sistema, tradição ou autoridade humanos como inevitáveis ou absolutos. Jesus veio; tudo pode acontecer agora. Marcos quer que vejamos que a vinda de Jesus pede uma ação decisiva. Jesus é visto como um homem de ação, que se move de acontecimento para acontecimento de forma rápida e decisiva. No Evangelho de Marcos há relativamente pouco do *ensino* de Jesus — nele vemos, principalmente, Jesus em *ação*. Portanto, não podemos continuar em cima do muro; temos que responder de forma ativa.

O REI E A CRUZ

Pode ser que você conheça King's Cross [a cruz do rei] como uma estação de trem de Londres, Inglaterra, que foi imortalizada nos livros de Harry Potter. No entanto, o nome engloba com tamanha perfeição o sentido da vida de Jesus que não pude resistir a tomá-lo emprestado para o título deste livro.

Veja só, o Evangelho de Marcos possui mais uma característica que o torna ideal para nossos propósitos aqui. O relato de Marcos acerca da vida de Jesus nos é apresentado em dois atos simétricos: a *identidade* de Jesus como Rei sobre todas as coisas (nos capítulos 1 a 8 de Marcos) e seu *propósito* em morrer na cruz (nos capítulos 9 a 16 de Marcos).

A estrutura deste livro segue seu título: ele tem duas partes ("o Rei" e "a cruz"), cada qual composta de vários capítulos, sendo que cada capítulo explora uma parte essencial dessa história contada no Evangelho de Marcos.

Todos os livros são seletivos quanto àquilo que incluem, inclusive os próprios Evangelhos; João termina seu Evangelho com as palavras "Jesus realizou ainda muitas outras coisas; se elas fossem escritas uma por uma, creio que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos" (Jo 21.25). Eu optei por concentrar o foco em uma certa quantidade de textos específicos em Marcos, os quais eu acredito que traçam melhor a narrativa da vida de Jesus, ou por ampliar o foco em temas acerca de sua identidade e propósito. Isso significa que um punhado de passagens bastante conhecidas não são tratadas em detalhes neste livro. Confio que você achará a pessoa de Jesus digna de sua atenção:

imprevisível, embora confiável; gentil, embora poderosa; dotada de autoridade, embora humilde; humana, mas também divina. Insisto para que você pondere seriamente sobre o significado da vida de Jesus em sua própria vida.

NOSSA VERDADEIRA HISTÓRIA DE VIDA

Embora eu tenha crescido em uma igreja cristã, foi somente na faculdade que encontrei a fé vital em Jesus, que transformou minha vida. Um dos veículos para esse despertamento espiritual foi a Bíblia, especialmente os relatos do Novo Testamento. Eu havia estudado a Bíblia antes disso. Quando frequentei as aulas de preparação para minha profissão de fé na igreja, tive que memorizar as Escrituras. No entanto, durante meus tempos de faculdade, a Bíblia ganhou vida de um modo que é difícil de descrever. A melhor maneira de dizer isso é que, antes dessa mudança, eu estudava a Bíblia com toda atenção, questionando-a e analisando-a. Mas depois dessa mudança era como se a Bíblia, ou talvez Alguém por meio da Bíblia, começasse a me estudar, me questionar e analisar.

Pouco tempo depois dessa transformação, eu me deparei com uma reportagem de revista intitulada “O livro que me entende”, escrita por Emile Cailliet, professor de filosofia do Seminário Teológico de Princeton.[9] No seu tempo de faculdade, ainda na França, ele tinha sido agnóstico. Ele terminou a universidade sem nunca ter de fato visto uma Bíblia. Então, ele serviu no exército durante a Primeira Guerra Mundial. Sobre isso, ele escreveu: “A inadequação de minhas perspectivas a respeito da condição humana me oprimiam por completo. De que adiantam […] as

provocações filosóficas da academia, quando seu companheiro — que naquele momento falava para você da mãe dele — morre bem ali, na sua frente, com uma bala no peito?”

Então, ele também foi atingido por uma bala, e começou a se recuperar durante um longo período de internação em um hospital. Ao ler literatura e filosofia, ele começou a ter um curioso anseio — “devo confessar isso, por mais estranho que possa parecer — eu ansiava por encontrar um livro que me entendesse.” E uma vez que ele não conhecia nenhum livro desse tipo, decidiu montar um livro assim para si mesmo. Ele lia muito e sempre que se deparava com um trecho que o afetasse de forma especial, que “falasse à minha condição”, ele o copiava em um caderno de bolso com capa de couro. Ele esperava que “aquilo fosse me transportar do medo e da angústia, através de diversos estágios intermediários, para expressões supremas de libertação e júbilo”.

Um belo dia, ele foi sentar-se debaixo de uma árvore, no jardim de sua casa, para ler sua preciosa antologia. À medida que ele lia, um crescente desapontamento se abateu sobre ele. Cada citação fazia com que ele se lembrasse das circunstâncias em que ele a escolhera, mas as coisas haviam mudado. “Percebi, então, que todo meu esforço não teria êxito, pelo simples fato de que aquilo era obra de minhas mãos”.

Praticamente no mesmo instante surge sua esposa, voltando de um passeio com o filho deles no carrinho de bebê. Ela trazia consigo uma Bíblia em francês que ela havia ganhado de um pastor que tinha encontrado durante o passeio. Cailliet pegou a Bíblia e a abriu nos Evangelhos. E continuou a lê-la noite adentro. Aos poucos ele começou a ter uma percepção: “Eis que à medida que eu lia [os

Evangelhos] Aquele que neles falava e agia ganhou vida aos meus olhos [...] Aquele era o livro que me entenderia."[10]

Ao ler aquela reportagem, percebi que o mesmo havia acontecido comigo. Embora quando jovem eu cresse que a Bíblia era a Palavra do Senhor, eu ainda não havia tido um encontro pessoal com o Senhor da Palavra. À medida que eu lia os Evangelhos, ele se tornou real para mim. Trinta anos mais tarde fiz uma série de pregações para a minha igreja, baseadas no livro de Marcos, na esperança de que muitos outros pudessem da mesma forma encontrar Jesus nos relatos dos Evangelhos.

Este livro se inspirou nessas pregações, e eu o ofereço aos leitores com esse mesmo desejo e esperança.

[1]Lisa MILLER, *Newsweek*, 25/10/2010.

[2]Geza VERMES, "Myth or History: The Hard Facts of the Ressurrection," *Times of London*, 06/04/2009.

[3]Nanci HELMICH, *USA Today*, 23/03/2010.

[4]Dois bons estudos panorâmicos sobre como esse ceticismo acerca dos Evangelhos se desenvolveu podem ser encontrados em Ben Witherington, *The Jesus quest: the third search for the Jew of Nazareth*, 2ª edição. Downers Grove: IVP, 1997. Também em N. T. Wright, *Who was Jesus*. Londres: SPCK, 1992.

[5]Para estudos de nível mais popular, veja C. Blomberg, *The historical reliability of the Gospels*. Downers Grove: IVP, 1987. Craig A. Evans, *Fabricating Jesus: how modern scholars distort the Gospels*. Downers Grove: IVP,2008. Veja também a obra mais antiga e popular de F. F. Bruce, *The New Testament documents: are they reliable?* Eerdmans: reeditado em 2003 com um prefácio escrito por N. T. Wright. Para análise das bases filosóficas de muitos desses estudos bíblicos céticos, veja C. Stephen Evans, *The historical Christ and the Jesus of faith*. Oxford University Press: 1996. Veja ainda Alvin Plantinga, "Two (or more) kinds of Scripture Scholarship". In: *Warranted Christian Belief*. Oxford, 2002.

[6]A. N. WILSON, "Why I believe again", *The New Statesman*, 02/04/2009. Diferentemente de Rice, o retorno de Wilson à fé não veio tanto de uma análise dos estudos bíblicos, mas das fraquezas que ele viu nas objeções filosóficas ao cristianismo. Contudo, a publicação *The New Statesman* acompanha seu artigo sobre seu retorno à fé com uma caricatura

irônica de Wilson carregando seu cético livro sobre Jesus, lançado em 1992, só que agora olhando para cima, para o céu.

[7]Anne RICE, *Christ the Lord: out of Egypt*. Nova York: Ballantine, 2005, p. 332. Embora a relação de Rice com a igreja e o cristianismo institucionalizado continue complicada, ela voltou a crer que a Bíblia nos dá um retrato fiel de Jesus.

[8]Veja D. A. CARSON e Douglas J. MOO, *An introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 2005, p. 173.

[9]Emile CAILLIET, “The book that understands me”. In: Frank E. GAEBELEIN, ed, *A Christianity Today reader*. Tappan: Fleming Revell, 1968, p. 22.

[10]Ibid., p. 31.

PARTE 1

O REI

A IDENTIDADE DE JESUS

capítulo um

A DANÇA

Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus. *Conforme está escrito no profeta Isaías: Estou enviando à tua frente meu mensageiro, que preparará teu caminho; voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas*. *Assim apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para perdão dos pecados* (Mc 1.1-4).

MARCOS NÃO PERDE tempo em revelar a identidade daquele que é o tema de seu livro. De forma abrupta e direta, ele afirma que Jesus é o "Cristo" e o "Filho de Deus". *Christos* é um termo grego que significa uma "figura real ungida". Era outro modo de se referir ao "Messias", aquele que iria vir e aplicar o governo de Deus na terra, salvando Israel de todos os seus opressores e problemas. Ele não seria apenas mais *um* rei, mas sim *o* Rei.

No entanto, Marcos não chama Jesus apenas de "Cristo"; ele vai mais além. "Filho de Deus" é um termo incrivelmente ousado que

vai além da compreensão popular acerca do Messias naquele tempo. É uma afirmação de total divindade. Marcos, então, aumenta as apostas e faz a suprema declaração. Citando a passagem profética de Isaías, Marcos assegura que João Batista é o cumprimento da profecia da "voz" do que clama no deserto. Uma vez que Marcos correlaciona João Batista com aquele que virá "prepara[r] o caminho do Senhor", por uma clara inferência ele está correlacionando Jesus com o próprio Senhor, o Deus Todo-Poderoso. O Senhor Deus; o tão esperado Rei divino que viria salvar seu povo e Jesus — de algum modo eram a mesma pessoa.

Ao fazer essa audaciosa afirmação, Marcos insere Jesus o mais profundamente possível na antiga e histórica religião de Israel. O cristianismo, segundo ele sugere, não é algo completamente novo. Jesus é o cumprimento dos anseios e visões de todos os profetas da Bíblia; ele é aquele que virá governar e restaurar todo o universo.

A DANÇA DA REALIDADE

Tendo anunciado Jesus dessa maneira, Marcos o apresenta em uma cena impressionante que nos fala mais sobre a sua identidade:



Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Jordão. E logo que saiu da água, Jesus viu os céus se abrirem, e o Espírito descendo como pomba sobre ele. E uma voz disse dos céus: Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado (Mc 1.9-11).

Para nós, o fato de o Espírito de Deus ser retratado como uma pomba não é particularmente estranho, mas na época em que Marcos escreveu era algo muito raro. Nos escritos sagrados do judaísmo, existe apenas uma passagem em que o Espírito de Deus é comparado a uma pomba: nos targuns, a versão aramaica da Escritura hebraica que os judeus do tempo de Marcos liam. No relato da criação, o livro de Gênesis 1.2 diz que o Espírito de Deus *pairava* sobre a face das águas. O verbo hebraico aqui significa "bater as asas": o Espírito sobrevoava a face das águas. A fim de captar essa vívida imagem, os rabinos traduziram essa passagem para os targuns do seguinte modo: "A terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas *como uma pomba*. Disse Deus: Haja luz." Há três participantes em atividade na criação do mundo: Deus, o Espírito de Deus e a Palavra de Deus, por meio da qual ele cria. Esses mesmos três participantes estão presentes no batismo de Jesus: o Pai, que é a voz; o Filho, que é a Palavra; e o Espírito descendo como uma pomba. Marcos está deliberadamente nos levando de volta à criação, ao próprio começo da história. Assim como a criação original do mundo fora um projeto do Deus triúno, segundo Marcos, a salvação e restauração de todas as coisas, que estava começando naquele momento com a chegada do Rei, também era um projeto do Deus triúno.

Era isso que Marcos pretendia ao retratar o batismo de Jesus dessa forma. Mas por que motivo é importante que a criação e a redenção sejam ambas produtos da Trindade, de um Deus em três pessoas?

A doutrina cristã da Trindade é misteriosa e cognitivamente desafiante. Ela afirma que Deus é um só e existe eternamente em três pessoas. Nada tem a ver com o triteísmo, com três deuses que agem em harmonia; nem com o unipersonalismo, ou seja, a noção de que Deus ora assume uma forma ora assume outra, mas tais formas são simplesmente diferentes manifestações de um único Deus. Antes, o trinitarismo sustenta que existe um só Deus em três pessoas que conhecem e amam umas às outras. Deus não é mais fundamentalmente uma do que três pessoas, assim como não é mais fundamentalmente três pessoas do que uma.

Quando Jesus saiu da água, o Pai o envolveu e o cobriu com palavras de amor: “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado”. Nesse mesmo instante, o Espírito o revestiu de poder. Isso é o que vem acontecendo no interior da Trindade por toda a eternidade. Marcos está nos dando uma visão do próprio âmago da realidade, do sentido da vida, da essência do universo. Segundo a Bíblia, O Pai, o Filho e o Espírito Santo glorificam um ao outro. Jesus diz na oração registrada no Evangelho de João: “Eu te glorifiquei na terra, completando a obra da qual me encarregaste. Agora, pois, glorifica-me, ó Pai, junto de ti mesmo, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse” (Jo 17.4,5). Cada pessoa da Trindade glorifica as outras.

Nas palavras do meu autor favorito, C. S. Lewis: “No cristianismo Deus não é algo estático […], mas sim dinâmico, uma atividade pulsante, uma vida, quase que uma espécie de drama. Quase que, se você não me achar irreverente, uma espécie de dança”.[1] O teólogo Cornelius Plantinga leva essa ideia mais adiante, observando que a Bíblia diz que o Pai, o Filho e o Espírito glorificam

um ao outro: “As pessoas dentro de Deus exaltam umas às outras, têm comunhão umas com as outras, submetem-se umas às outras […] Cada pessoa divina abriga as outras no centro do seu ser. Num constante movimento de abertura e aceitação, cada pessoa envolve e cinge as demais. […] A vida interior de Deus [portanto] transborda em consideração pelos outros”.[2]

Você glorifica algo quando o considera belo por aquilo que ele é em si mesmo. A beleza daquilo constrange você a adorá-lo, a ter sua imaginação capturada por aquilo. Isso acontece comigo em relação a Mozart. No meu tempo de faculdade, ouvi Mozart a fim de tirar nota A em música. Eu tinha que ter boas notas para conseguir um bom emprego. Assim, em outras palavras, ouvi Mozart para ganhar dinheiro. Hoje, porém, estou perfeitamente disposto a gastar dinheiro somente para ter o privilégio de ouvir Mozart, não mais por Mozart ter alguma utilidade para mim, mas pela beleza que sua música traz em si mesma. Para mim, ele deixou de ser um meio para determinado fim.

E, quando é uma pessoa que você aprecia dessa forma, você quer servi-la incondicionalmente. Quando você diz, “servirei enquanto estiver tirando algum proveito disso”, você não está de fato servindo alguém, mas sim servindo a si mesmo por meio de alguém. Isso não é o mesmo que envolver alguém, que ter sua vida girando em torno dessa pessoa; é usá-la e fazer com que ela gire em torno de você.

É evidente que existem muitos de nós que *parecem* ser abnegados e cumpridores de seus deveres pelo simples fato de não conseguirmos dizer não: dizemos sim para tudo, e as pessoas estão sempre nos usando. Todos dizem: “Ó, você é tão altruísta, se doa

tanto; precisa pensar mais em si mesmo". Mas pense um pouco naqueles dentre nós que não conseguem impor limites e permitem que as pessoas passem por cima deles, os usem, mas simplesmente não conseguem dizer não — você pensa de fato que agimos assim por amor aos outros? É claro que não, agimos assim por *necessidade* — dizemos sim para tudo por medo e covardia. Isso está bem longe de glorificar os outros. Glorificar os outros significa servi-los incondicionalmente, e não por estarmos tirando disso alguma vantagem, mas simplesmente por causa do amor e do apreço que sentimos por aquilo que eles realmente são.

O Pai, o Filho e o Espírito estão centrados uns nos outros, adorando e servindo uns aos outros. E por eles glorificarem uns aos outros em amor, Deus é profunda e infinitamente feliz. Pense sobre isto: Se você encontra alguém que você adora, alguém por quem faria qualquer coisa, e descobre que essa pessoa sente o mesmo por você, isso não lhe traz felicidade? É algo sublime! É isso que Deus vem desfrutando por toda eternidade. O Pai, o Filho e o Espírito derramam amor, júbilo e adoração pelos outros, cada qual servindo o outro. Eles procuram infinitamente a glória uns dos outros, e assim Deus é infinitamente feliz. E, se é verdade que este mundo foi criado por esse Deus triúno, então a suprema realidade é uma dança.

"O que importa isso?", pergunta C. S. Lewis. "Importa mais do que tudo no mundo. Toda essa dança, ou drama, ou padrão dessa vida tripessoal, deve estar representada em cada um de nós […] [Júbilo, poder, paz, vida eterna] são uma grande fonte de energia que jorra no própria âmago da realidade".[3] Por que será que Lewis opta por permanecer nessa imagem de uma dança? Uma vida

centrada em si mesma é parada, estática; não é dinâmica. Uma pessoa centrada em si mesma quer ser o centro em volta do qual tudo mais gira. Pode até ser que ela ajude pessoas; tenha amigos; se apaixone por alguém, desde que isso não comprometa seus interesses pessoais ou aquilo que satisfaz suas necessidades. Pode até ser que ela faça doações aos pobres — desde que isso a faça sentir bem em relação a si mesma e não atrapalhe muito seu estilo de vida. A atitude de ser alguém centrado em si mesmo faz de todo o resto um meio para um fim. E esse fim, esse fim inegociável, é tudo aquilo que ela quer e que ela gosta, colocando os interesses dela acima dos interesses dos outros. Pode até ser que essa pessoa se divirta com os outros, converse com os outros, mas no final tudo gira em torno dela.

Todavia, o que acontece se todos disserem: “Não, você gira em torno de mim”? Imagine cinco, dez ou cem pessoas em cima de um palco, cada uma delas querendo ser o centro. Elas apenas permanecerão lá, dizendo umas às outras: “Gire em torno de mim”. E ninguém chegará a lugar nenhum; a dança se tornará arriscada, se não impossível.

A Trindade é completamente diferente disso. Em vez de termos pessoas centradas em si mesmas, o Pai, o Filho e o Espírito caracterizam-se em sua essência por um *amor que se doa pelo outro*. Nenhuma pessoa da Trindade insiste para que as demais girem em torno dela. Antes, de forma voluntária, cada uma delas envolve e gira em torno das demais.

ENTRANDO NA DANÇA

Se essa é a realidade suprema, se é assim que o Deus que criou o universo é, então essa verdade está repleta de implicações gloriosas para nós, implicações que darão forma à nossa vida. *Se este mundo foi criado por um Deus triúno, relacionamentos de amor são a essência da vida*.

Veja bem, diferentes visões de Deus trazem implicações diferentes. Se Deus não existe — se estamos aqui por mero acaso, estritamente em consequência da seleção natural — então, o que eu e você chamamos de amor não passa de uma reação química do cérebro. Os biólogos evolucionistas dizem que não há em nós nada que não esteja lá por ter ajudado nossos ancestrais a passar adiante com maior êxito nosso código genético. Se você sente amor, isso se dá apenas pelo fato de essa combinação de fatores químicos capacitar a sua sobrevivência e levar as partes do seu corpo para os locais em que elas precisam estar para transmitir seu código genético. Isso é tudo que o amor é: pura química. Por outro lado, se Deus existe, mas é unipessoal, houve um tempo em que Deus não era amor. Antes que Deus criasse o mundo, quando havia apenas uma pessoa divina, não havia a quem amar, pois o amor só pode existir em um relacionamento. Se um Deus unipessoal tivesse criado o mundo e os que nele habitam, tal Deus em essência não seria amor. Seria poder e grandeza, possivelmente, mas não amor. No entanto, se por toda eternidade, sem que tenha havido início ou fim, a realidade suprema é uma comunhão de pessoas que conhecem e amam umas às outras, então a realidade suprema tem a ver com relacionamentos de amor.

Por que um Deus triúno criaria o mundo? Se ele fosse um Deus unipessoal, você poderia dizer: “Bem, ele criou o mundo para que

tivesse seres que o amassem e o adorassem, que lhe trouxessem alegria.” Mas o Deus triúno já tinha tudo isso — e em si mesmo ele recebia amor de uma forma muito mais pura e poderosa do que os seres humanos poderiam lhe dar. Então, por que ele iria nos criar? Há somente uma resposta. Ele deve ter-nos criado não para *receber* alegria, mas para *dar*. Ele deve ter-nos criado para nos convidar a entrar na dança, para dizer: Se você me glorificar, se centralizar sua vida em torno de mim, se apreciar minha beleza por aquilo que sou em mim mesmo, então você entrará na dança, que é o motivo pelo qual você foi criado. Você foi criado não apenas para crer em mim ou para ser espiritual em um sentido geral, não só para orar e encontrar um pouco de inspiração para os momentos difíceis. Você foi criado para centralizar tudo em sua vida em torno de mim, para pensar tudo em termos de seu relacionamento comigo. Para me servir incondicionalmente. É nisso que você encontrará sua felicidade. É disso que trata a dança.

Você está na dança ou somente crê que Deus existe em algum lugar? Você está na dança ou somente ora a Deus sempre que está em dificuldades? Você está na dança ou está apenas olhando em volta à procura de alguém que gire em torno de você? Se a vida é uma dança divina, então, acima de tudo, você precisa entrar nela. Foi para isso que você foi criado. *Você* é feito *para entrar na dança divina com a Trindade*.

DANÇANDO PARA A BATALHA

Imediatamente após seu batismo, Jesus se encontra no deserto. Marcos escreve:



Imediatamente, o Espírito o levou para o deserto. E esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás. Estava com as feras, e os anjos o serviam (Mc 1.12,13).



Nessas duas linhas, Marcos nos mostra que, muito embora a realidade suprema seja uma dança, vamos experimentar a realidade como uma batalha.

Marcos entrelaça seu relato na história compartilhada por seus leitores ao tecer paralelos entre as Escrituras hebraicas e a vida de Jesus. Em Gênesis: O Espírito paira sobre a face das águas, Deus fala e o mundo é criado, a humanidade é criada, a história iniciada. E qual é a próxima coisa que acontece? Satanás tenta os primeiros seres humanos, Adão e Eva, no jardim do Éden.

Agora aqui em Marcos temos: o Espírito, a água, Deus falando, uma nova humanidade, a história sendo alterada — do mesmo modo como aconteceu no passado —, com Satanás tentando Jesus no deserto. A escolha de palavras por parte de Marcos é intencional; ele diz que Jesus estava “com as feras”. Na época em que Marcos escreveu seu Evangelho, os cristãos eram lançados às feras. De forma nada surpreendente, muitos dos que sobreviviam eram tentados a duvidar de suas convicções, a diminuir seu compromisso com Deus. Mas aqui eles veem Jesus, como Adão, vivendo um relacionamento espetacular com Deus e, então, tendo que lutar com uma ameaça.

Veja bem, o deserto não é apenas um desvio fortuito para os problemas — ele é um *campo de batalha*. A tentação não é impessoal — existe um inimigo concreto incitando à tentação. Marcos trata Satanás como uma realidade, não como um mito. Isso certamente é chocante para as culturas contemporâneas que são céticas quanto à existência do sobrenatural, quem dirá do demônio. Para nós, Satanás é uma personificação do mal que é um resquício de uma sociedade pré-científica, guiada pela superstição. Hoje ele não passa de um símbolo, uma maneira irônica de se desviar da responsabilidade pessoal pelo mal. Todavia, se você acredita em Deus, em um ser sobrenatural, pessoal e bom, é algo perfeitamente razoável acreditar na existência de seres sobrenaturais, pessoais e maus. A Bíblia diz que no mundo existem forças do mal bem reais, e essas forças são tremendamente complexas e inteligentes. Satanás, a principal dessas forças, está nos tentando a sair da dança. Isso é o que vemos acontecer com Adão, no jardim do Éden, e com Jesus, no deserto.

No jardim do Éden, foi dito a Adão: “Obedeça o que digo sobre a árvore: não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás”. Por que isso foi uma tentação? Como disse antes, Deus nos criou para girarmos em torno dele, para centralizarmos nele nossa vida. Quando Deus diz “Não comas ou morrerás”, qual é a nossa primeira reação? “Por quê?” Isso é algo que Deus não responde; se você obedecer por entender o que Deus está fazendo e como iria beneficiar você, então você na verdade ficaria estático. Você estaria dizendo: “Certo, faz sentido. Eu entendo por que devo obedecer e

não devo comer daquela árvore; sim, é evidente.” Deus seria um meio para um fim, e não um fim em si mesmo.

Deus estava dizendo: “Porque você me ama, não coma daquela árvore — somente pelo fato de que lhe digo para agir assim. Esteja somente em relacionamento comigo. Obedeça-me a respeito da árvore e viverá.” Mas Adão não fez isso. Ele e Eva não passaram no teste; e toda a raça humana tem fracassado nesse mesmo teste desde então. Satanás nunca para de nos testar. Ele diz: “Essa ideia de amor abnegado, que se doa aos outros, no qual você se torna totalmente vulnerável e gira em torno dos outros — isso nunca vai funcionar.”

Na realidade, a mesma coisa acontece a Jesus no deserto. Embora Marcos não nos diga qual foi a tentação de Jesus, o Evangelho de Mateus nos conta. Seu relato (em Mateus 4.1-11) basicamente diz que Satanás tenta Jesus a sair da órbita que gira em torno do Pai, do Espírito e de nós. Tenta-o a se proteger, e a fazer com que todo mundo se centralizasse nele. E essa tentação evidentemente não termina com o deserto: por todo o restante de sua vida Jesus é atacado por Satanás, e esse ataque alcança um clímax em outro jardim, no Getsêmani, o oposto supremo do jardim do Éden.

Nós olhamos para Adão e Eva e dizemos: “Que tolos — por que deram ouvidos a Satanás?” Contudo, sabemos que ainda temos a mentira de Satanás em nosso coração, pois temos medo de confiar em Deus — de confiar em qualquer um, na verdade. Ficamos paralisados, pois é assim que Satanás nos diz para ficarmos — é desse modo que ele luta na batalha.

Contudo, Deus não nos deixa indefesos. Ele disse a Jesus: “Obedeça-me a respeito da árvore” — só que dessa vez a árvore era uma cruz — “e você morrerá”. E Jesus obedeceu. Ele entrou à sua frente no coração da verdadeira batalha, a fim de trazer você para dentro da realidade suprema da dança. Aquilo que ele tem desfrutado por toda eternidade ele vem oferecer a você. E às vezes, quando você se encontra na parte mais feroz da batalha, quando está tentado, ferido e fraco, você ouve nas profundezas do seu ser as mesmas palavras que Jesus ouviu: “*Tu* és o meu Filho amado; em ti me agrado”.

[1] C. S. LEWIS, *Mere Christianity*. Nova York: Macmillan, 1977, p. 151.

[2] Cornelius PLANTINGA, *Engaging God’s Word: a Christian vision of faith, learning and living*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 20-23.

[3] LEWIS, p. 151.

capítulo dois

O CHAMADO



Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia, pregando o evangelho de Deus e dizendo: Completou-se o tempo, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho (Mc 1.14,15).



NA PRIMEIRA VEZ em que ouvimos a voz de Jesus no Evangelho de Marcos, ele diz: “Arrependei-vos e crede no evangelho”. O verbo *arrepender* aqui significa “dar meia-volta” ou “afastar-se de algo”. Na Bíblia, ele se refere especificamente a se afastar das coisas que Jesus abomina e se voltar para as coisas que ele ama. *Euangelion*, no grego, termo traduzido como “boas-novas” ou “evangelho”, é uma combinação de *angelos*, termo que designa aquele que anuncia as novas, e o prefixo *eu-*, que significa “jubiloso”. O termo *evangelho*, portanto, significa “as novas que trazem alegria”. Esse termo estava em uso quando Marcos o utilizou, mas não em um

contexto religioso. Ele significa a nova ou a notícia capaz de fazer história, de mudar a vida, e não apenas uma notícia corriqueira.

Por exemplo, existe uma antiga inscrição romana da mesma época de Jesus e de Marcos. Nela está escrito: “O começo do evangelho de César Augustus”. Ela conta a história do nascimento e coroação do imperador romano. Assim, a palavra evangelho era usada para designar a notícia de algum fato que tinha mudado as coisas de maneira significativa. Poderia ser a ascensão de alguém ao trono ou o relato de uma vitória. Quando a Grécia foi invadida pela Pérsia e os gregos ganharam as grandes batalhas de Maratona e de Salamina, eles enviaram arautos (ou evangelistas) para proclamar as boas-novas para essas cidades: “Lutamos por vocês, ganhamos a batalha e agora vocês já não são mais escravos, mas sim homens livres”. Um evangelho é um anúncio de algo que aconteceu na história, de algo que foi feito por você e que mudou sua condição para todo sempre.

E é bem nesse ponto que você pode ver a diferença entre o cristianismo e todas as demais religiões, incluindo aquela dos que não têm religião. A essência das outras religiões é o conselho; já o cristianismo é essencialmente boas-novas. As outras religiões dizem: “Isso é o que você deve fazer para estar ligado a Deus para sempre; é assim que você deve viver para ganhar acesso a Deus”. Mas o evangelho diz: “Isso é o que foi feito na história. Foi assim que Jesus viveu e morreu para que você tivesse acesso a Deus”. O cristianismo é completamente diferente. É a jubilosa notícia, as boas-novas.

Como você se sente quando alguém lhe dá conselhos sobre como viver? Alguns dizem: “É esse amor que você deve ter, ou é

essa integridade que você deve ter" e talvez até ilustrem seus altos padrões de moral contando a história de algum grande herói. Mas quando você ouve, como isso faz com que você se sinta? Com certeza você se sente inspirado. Mas você se sente do mesmo modo que aqueles que ouviram a notícia da vitória trazida pelos arautos? Você sente que as cadeias que o prendiam foram quebradas? Você se sente como se algo grandioso tivesse sido feito por você e, por isso, não era mais um escravo? É claro que não sente nada disso. Quando ouve conselhos desse tipo, sente que aumentaram ainda mais a carga que carrega nos ombros: é assim que você deve viver. Isso não é o evangelho. O evangelho está no fato de que você tem acesso a Deus não com base em algo que você tenha feito (ou tenha deixado de fazer), mas com base naquilo que Jesus fez, na história, por você. E isso torna o cristianismo e o evangelho absolutamente diferentes de qualquer outra religião ou filosofia.

Jesus disse: "… o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho". E qual é o evangelho do reino de Deus? No livro de Gênesis, capítulos 1 a 2, vemos que fomos criados para viver em um mundo em que todos os relacionamentos são inteiros — perfeitos em termos psicológicos e sociais — porque Deus era o Rei. Mas o capítulo 3 de Gênesis conta a próxima parte da história: que cada um de nós escolheu ser seu próprio rei. Optamos por seguir o caminho da centralidade em nós mesmos. E isso destrói os relacionamentos. Não há nada que nos torne mais miseráveis (ou menos interessantes) do que a autoabsorção, ou seja, o fato de só pensar em como eu estou me sentindo, como estou me saindo, como as pessoas estão me tratando, se estou alcançando sucesso

ou fracasso, se estou sendo tratado com justiça. A autoabsorção nos deixa estáticos; não há nada que cause maior desintegração. Por que temos guerras? Lutas de classe? Conflitos familiares? Por que nossos relacionamentos constantemente se desintegram? Por causa das trevas da autoabsorção, do fato de estarmos centralizados em nós mesmos. Quando decidimos ser nosso próprio centro, nosso próprio rei, tudo o mais se desintegra: seja psicologicamente, socialmente, espiritualmente ou fisicamente. Deixamos de participar da dança. Mas todos nós ansiamos por voltar a participar dessa dança. Esse anseio está impregnado nas lendas de várias culturas, e muito embora as lendas sejam todas diferentes, todas elas têm um tema semelhante: um rei verdadeiro voltará, matará o dragão, nos beijará e nos despertará do sono da morte, nos salvará da prisão na torre, nos conduzirá de volta à dança. Um rei verdadeiro voltará para colocar tudo em seu devido lugar e restaurar o mundo inteiro. A boa-nova do reino de Deus é esta: Jesus é esse rei verdadeiro.

Eu me recordo de um trecho da obra de Tolkien, *O Senhor dos anéis*: “As mãos do rei são mãos que trazem a cura; e assim será conhecido o rei legítimo”.[1] Assim como uma criança desabrocha sob a autoridade de um pai sábio e bondoso, assim como um time se desenvolve sob a liderança de um treinador talentoso e brilhante, quando você estiver sob a cura das mãos do rei, sob o senhorio de Jesus, tudo em sua vida vai se restaurar. E, quando ele voltar, tudo que é triste deixará de ser verdade. Sua volta introduzirá o fim do medo, do sofrimento e da morte.

Nesse ponto, o cristianismo novamente difere das demais religiões. Algumas religiões pregam que este mundo material

chegará ao fim, que as pessoas justas ou iluminadas serão resgatadas dele e entrarão em uma espécie de paraíso espiritual etéreo. Outras dizem que este mundo material é uma ilusão. Ou talvez você acredite que a terra no futuro irá se consumir com a morte do sol, e tudo se desintegrará como se nunca houvesse existido. Mas a boa-nova do reino de Deus é que este mundo material que Deus criou será restaurado, para que dure para sempre. Quando isso acontecer você dirá, como disse o unicórnio, Precioso, no final das *Crônicas de Nárnia*: “Finalmente cheguei em casa! Este é meu verdadeiro país… Esta é a terra que venho procurando por toda a minha vida”.[2]

SEGUINDO O REI

Tão logo Jesus começa a falar do reino de Deus publicamente, ele escolhe doze homens para serem seus discípulos — seu grupo principal de amigos e seguidores. Marcos registra o primeiro desses encontros:



Andando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão. Eles estavam lançando as redes ao mar, pois eram pescadores. Disselhes Jesus: Vinde a mim, e eu vos tornarei pescadores de homens. Então, imediatamente, eles largaram as redes e o seguiram. Passando um pouco mais adiante, Jesus viu os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu, que estavam no barco consertando as redes, e logo os chamou. E eles passaram a segui-lo, deixando seu pai Zebedeu com os empregados no barco (Mc 1.16-20).



Jesus imediatamente chama pessoas a segui-lo. Isso é algo sem paralelo na tradição judaica. Os pupilos escolhiam os rabis (ou mestres), e não o contrário. Aqueles que queriam aprender algo procuravam um rabi e diziam: “Quero estudar com você”. No entanto, Marcos está nos mostrando que Jesus possui um tipo de autoridade diferente de um rabi comum. Não se pode ter um relacionamento com Jesus a menos que ele chame você.

Quando Jesus diz a Simão e André: “Vinde a mim, e eu vos tornarei pescadores de homens”, de imediato eles deixaram de lado sua vocação como pescadores e o seguiram. Quando ele chama Tiago e João, estes também deixam para trás o pai e os amigos, lá

mesmo no barco. Sabemos, pela leitura do restante dos Evangelhos, que de fato esses homens pescaram de novo e continuaram a se relacionar com seus pais. Mas, ainda assim o que Jesus está dizendo provoca uma ruptura. Em culturas tradicionais, a pessoa extrai sua identidade a partir de sua família. Então, quando Jesus diz, “eu quero ter prioridade sobre a sua família”, isso é uma coisa drástica. Em nossa cultura individualista, por outro lado, dizer adeus para os pais não é grande coisa, mas, se Jesus dissesse “Quero ter prioridade sobre a sua carreira”, *isso* sim seria drástico para nós. Jesus está dizendo: “Conhecer-me, amar-me, procurar ser como eu, servir a mim, tudo isso deve se tornar a paixão suprema de sua vida. Tudo o mais vem depois disso, em segundo lugar”.

Na mente de muitos de nós, tais palavras lançam uma sombra de fanatismo. As pessoas em nossa cultura temem o fanatismo — e, por bons motivos, de fato. Neste mundo em que vivemos, uma porção considerável de violência vem sendo praticada por pessoas altamente religiosas. Mesmo se deixarmos de lado esse extremismo todo, quase todo mundo conhece alguém, pessoalmente ou de ouvir falar, que é altamente religioso, mas também gosta de ficar julgando os outros, que é hipócrita como um fariseu, ou até mesmo uma pessoa abusiva. Muita gente hoje em dia vê a religião como um espectro da crença. Em um extremo, estão pessoas que se dizem religiosas, mas não creem nem vivem realmente os princípios de sua religião. No outro extremo, estão os fanáticos, pessoas *excessivamente* religiosas, que creem e vivem sua fé com excessos. Qual é a solução para o fanatismo? Muitos diriam: “Bem, por que não podemos ficar com o meio-termo? Usar de moderação

em tudo. Não ser zeloso demais nem pecar pela falta de compromisso. Ficar bem no meio-termo seria perfeito."

É, então, dessa forma que o cristianismo funciona? Será que alguma vez Jesus disse: "Sejamos moderados em tudo"? No Evangelho de Lucas, Jesus diz a uma grande multidão: "Se alguém vier a mim, e amar pai e mãe, mulher e filhos, irmãos e irmãs, e até a própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26). Isso soa como algo moderado? Jesus diz "Se *alguém* vier a mim". Ele não disse à multidão: "Olha, a maioria de vocês pode ser moderada, mas eu de fato preciso de alguns bons homens e mulheres que realmente estejam dispostos a ir até o fim com essa história de discipulado." Jesus diz "alguém", quem quer que seja esse alguém. Não há um padrão duplo. "Se alguém quiser ter algo a ver comigo, terá que odiar pai e mãe, mulher e filhos, irmãos e irmãs, e até a própria vida, ou não poderá ser meu discípulo". É isso que significa seguir a Jesus.

Por que ele fala em ódio? Em uma série de outras passagens, Jesus fala que não podemos odiar nem mesmo nossos inimigos. Então o que ele quer dizer quando fala em odiar pai e mãe? Jesus não nos chama a odiar de forma ativa, mas sim de forma *comparativa*. Ele diz: "Quero que vocês me sigam de forma tão plena, tão intensa, de maneira a suportar todas as coisas, que todos os demais vínculos que tiverem na vida parecerão ódio, quando comparado à forma como vocês me seguem". Se você disser: "Eu obedecerei a ti, Jesus, *se* tiver sucesso em minha carreira, *se* minha família for unida", então, o seu verdadeiro objetivo, o seu verdadeiro mestre é aquilo que está por trás desse *se*. Mas Jesus não será um

meio para um fim; ele não será usado. Se ele chama você a segui-lo, o objetivo deve ser *ele*.

Você acha que isso soa como fanatismo? Não, se você entende a diferença entre religião e evangelho. Lembre-se do que é religião: um conselho sobre como você deve viver para conquistar acesso a Deus. Sua tarefa é seguir esse conselho à risca, o melhor que puder. Se você o seguir, sem exageros, então estará sendo moderado. No entanto, se sente que está seguindo esse conselho com fidelidade, de forma plena, vai acreditar que tem uma ligação com Deus por causa do seu justo viver, da sua justa fé, e então se sentirá superior àqueles que não vivem de forma justa, àqueles cujas crenças são erradas. Esse é um terreno escorregadio: se você se sente superior a eles, mantém-se afastado deles. Isso faz com que fique mais fácil excluí-los, em seguida, odiá-los e, por último, oprimi-los. E de fato existem alguns cristãos desse tipo — não por terem ido longe demais e por terem se comprometido excessivamente com Jesus, mas sim por não terem ido longe o bastante. Eles não são tão fanaticamente humildes e sensíveis, ou tão fanaticamente compreensivos e generosos como Jesus foi. Por que não? *Porque eles ainda estão tratando o cristianismo como um conselho e não como as boas-novas, o evangelho*.

O evangelho não é conselho: é a boa-nova de que você não precisa conquistar acesso a Deus, pois Jesus já fez isso por você. E é um dom que você recebe por pura graça — por meio do favor de Deus, totalmente imerecido. Se você toma posse desse dom e continua a mantê-lo, então o chamado de Jesus não vai arrastá-lo para o fanatismo *ou* para a moderação. Você será um apaixonado por fazer de Jesus seu objetivo e prioridade absoluta, a gravitar em

torno dele. Contudo, quando encontra alguém com um conjunto diferente de prioridades, uma fé diferente, não parte do pressuposto de que essa pessoa é inferior a você. Na verdade, procura servi-la em vez de oprimi-la. Sabe por quê? Porque o Evangelho nada tem a ver com seguir conselhos, mas sim com o fato de ser chamado para seguir a um Rei. Esse Rei não é apenas alguém com poder e autoridade para dizer o que precisa ser feito — mas sim alguém com poder e autoridade para *fazer* o que precisa ser feito e, então, oferecer esse feito a você como boas-novas.

Onde vemos esse tipo de autoridade? Já no batismo de Jesus notamos a presença de sinais sobrenaturais que anunciam sua autoridade divina. A seguir, vemos Simão, André, Tiago e João seguirem Jesus de imediato — de modo que seu chamado em si tem autoridade. Marcos continua a desenvolver seu relato em torno desse tema:



Eles entraram em Cafarnaum e, chegando o sábado, Jesus foi à sinagoga e começou a ensinar. E todos se maravilharam com o seu ensino, porque os ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas (Mc 1.21,22).



Marcos usa o termo *autoridade* pela primeira vez; a palavra literalmente significa “algo derivado de uma fonte original”. Vem da mesma raiz que a palavra *autor*. Marcos quis dizer que Jesus os ensinava com autoridade original, e não derivada. Ele não apenas esclarecia algo que eles já soubessem ou simplesmente interpretava as Escrituras do mesmo modo que os mestres da lei

faziam. Seus ouvintes de algum modo sentiam que Jesus estava explicando a história da vida deles *como autor* dessa história, e isso os deixava sem palavras. Marcos, então, leva o tema da autoridade para o próximo patamar:



> *Depois de sair da sinagoga, Jesus foi para a casa de Simão e André, acompanhado de Tiago e João. A sogra de Simão estava de cama, com febre, e logo lhe falaram a respeito dela. Então, Jesus aproximou-se, tomou-a pela mão e a levantou. A febre a deixou, e ela começou a servi-los* (Mc 1.29-31).



Essa cura mostra que Jesus estava interessado no mundo físico e reinava sobre ele — e não apenas sobre o mundo espiritual. Não se trata de mera *reivindicação* de autoridade (algo que temos no chamado dos discípulos e no momento em que ele ensinava como quem tem autoridade), trata-se também de uma prova clara da autoridade de Jesus e do exercício dela. Ele mostra que possui poder verdadeiro sobre as enfermidades — bastou um toque de sua mão, e a febre a deixou. E isso acontece por várias vezes. Três versículos depois, Marcos registra que Jesus curou uma multidão de enfermos. Poucos dias depois disso, com seu toque ele curou um homem leproso. Lá pela metade do capítulo 2, todos estão maravilhados, dizendo: “Nunca vimos coisa igual!” Os surdos ouvem, os cegos veem e os coxos andam. Na verdade, existem trinta curas registradas nos Evangelhos, todas nos mostram que Jesus tem autoridade sobre as enfermidades. E Marcos, ao longo dos primeiros capítulos de seu Evangelho, prossegue construindo

camada por camada de evidências, a fim de mostrar que a autoridade de Jesus se estende a todos os domínios da vida.

Vinde a mim. Jesus está dizendo: “Vinde a mim, pois eu sou o Rei que você procura. Vinde a mim, pois tenho autoridade sobre tudo; contudo, eu me humilhei por você. Pois eu morri na cruz por você, quando você não tinha as convicções corretas ou o comportamento correto. Pois eu trouxe a você boas-novas, não conselhos. Pois eu sou seu verdadeiro amor, sua verdadeira vida — vinde a mim.”

SEGUINDO O FIO

Há cerca de 150 anos, George MacDonald escreveu um livro infantil chamado *A princesa e o gnomo*. Irene, a personagem principal, era uma menina de oito anos de idade. Ela descobriu um sótão em sua casa, onde, de vez em quando, aparecia para ela sua fada madrinha. Sempre que Irene a procurava, a fada não estava no sótão. Então, um belo dia, a fada deu a Irene um anel com um fio amarrado. Esse fio levava até um novelo, que ficaria com a fada. “Mas eu não consigo enxergar o fio”, disse Irene.

“É verdade, o fio é muito fino para ser visto. Você só conseguirá senti-lo.” Com base nisso, Irene testou o fio.

“Agora escute”, disse a fada madrinha, “quando você estiver em perigo […] deve tirar o anel e colocá-lo debaixo do travesseiro da sua cama. Então, com o dedo indicador, deve seguir o fio para onde ele levar você.”

“Ó, que maravilha! O fio me levará até você, fada madrinha, eu sei!”

“Sim,” disse a fada, “mas lembre-se: o caminho pode parecer meio cheio de rodeios e voltas, você não deve duvidar do fio. Tenha certeza de uma coisa, enquanto você segurar o fio, eu também o estarei segurando.” Dias depois, Irene estava deitada em sua cama, e alguns gnomos entraram na casa. Ela ouviu o barulho deles no corredor, mas teve a presença de espírito de tirar seu anel e colocá-lo sob o travesseiro. E começou a tatear o fio, sabendo que ele o levaria até a fada madrinha em segurança. Mas, para seu espanto, o fio a conduziu para o lado de fora, e ela percebeu que ele a estava conduzindo diretamente para a caverna dos gnomos.

Dentro da caverna, o fio a levava para cima de uma grande pilha de pedras, um beco sem saída. “Ocorreu-lhe um pensamento, que ao menos ela podia voltar pelo fio, e buscar a saída […] Mas no instante em que ela tentou voltar, o fio desapareceu de seu alcance.” O fio da fada madrinha só funcionava se ela seguisse adiante, mas o caminho à sua frente a levava para a pilha de pedras. Irene “explodiu em lágrimas”, mas, depois de chorar, ela percebeu que a única maneira de seguir o fio era desmantelando a pilha de pedras. E ela começou a desmantelá-la, pedra por pedra. Embora seus dedos logo começassem a sangrar, ela continuou.

De repente, ela ouve uma voz. É seu amigo, Curdie, que estava preso na caverna dos gnomos! Curdie fica surpreso e pergunta: “Por que você veio parar aqui?”

Irene responde que sua fada madrinha a havia enviado, “e acho que descobri por que razão”.

Após Irene ter seguido o fio do novelo e removido uma quantidade suficiente de pedras para criar uma saída, Curdie começa a escalar as pedras para sair da caverna — mas Irene continua a entrar cada vez mais fundo na caverna. Curdie a questiona: “Por que você está indo por aí? Aí não tem saída. Esse foi o lugar do qual eu não consegui encontrar uma saída.”

“Sei disso”, diz a menina. “Mas é para este lado que o fio me leva e eu devo segui-lo.”[3] E de fato o fio se mostrou digno de confiança, pois a fada madrinha era digna de confiança.

Quando Jesus disse aos discípulos para que o seguissem, pois estavam a caminho, eles não tinham a menor ideia para onde ele estava indo. Eles pensavam que ele iria de vitória em vitória. Não tinham a mais remota ideia.

Imagine dizer a uma criança de sete anos: “Gostaria de que você escrevesse uma redação sobre uma moça que se apaixona e se casa”. Quando lesse a redação, diria que ela não se aproximava muito da realidade. Uma criança de sete anos não faz ideia do que é se apaixonar e casar. Quando você começa a seguir Jesus, está tão distante da realidade quanto essa criança. Você não faz a menor ideia do caminho que terá que trilhar.

Jesus diz: “Venham a mim. Vou levar vocês em uma jornada, e não quero que se desviem nem para a direita nem para a esquerda. Quero que me coloquem em primeiro lugar; que continuem a depositar sua confiança em mim; que se mantenham junto de mim; que não olhem para trás; que não desistam, que se voltem para mim sempre que forem desapontados ou injustiçados. Vou levar vocês a lugares que farão com que digam: ‘Por que razão está me trazendo *aqui*?’ Mesmo quando isso acontecer, quero que confiem em mim.”

Pode parecer que o caminho pelo qual Jesus conduz você seja como um beco sem saída após o outro. Entretanto, o fio que você segue não permite que volte para trás. Você tem apenas que obedecer a Jesus e seguir adiante o fio, e tudo dará certo.

MacDonald, autor do livro que citamos anteriormente, faz essa mesma colocação em outra história: “O segredo da vida e do crescimento não está em imaginar e planejar […] mas em cumprir corretamente com o dever de cada momento […] e que venha — não o que se deseja, pois isso não existe — mas o que o Pensamento eterno deseja para cada um de nós e planejou para cada um de nós desde o início.”[4] E disse mais: “Você estará morto enquanto se recusar a morrer”.[5] Em outras palavras, você estará morto enquanto se recusar a morrer para si mesmo. Siga o fio. Por

certo você dirá que isso soa como algo muito difícil de fazer, e tem toda razão. Como poderemos seguir o fio? É algo simples, mas profundo. O próprio Jesus faz absolutamente tudo que nos chama a fazer. Quando chamou Tiago e João a deixar o pai no barco, ele mesmo já tinha deixado o trono do Pai. “Ele deixou o trono do Pai nas alturas, com sua graça tão infinita e gratuita”.[6] E mais tarde ele será arrancado da presença do Pai, na cruz. Em horas como essa, vai parecer que o fio está levando você a um beco sem saída, a lugares onde será ferido, onde vai parecer que o único meio de seguir o fio pode esmagar você. Mas não tente voltar para trás. Não se desvie para a direita nem para a esquerda. O senhorio de Jesus não esmagará você. Ele foi esmagado por você. Ele seguiu o fio para a cruz a fim de que você possa seguir o seu fio para os braços dele.

[1] TOLKIEN, *The Return of the King: Being the Third Part of the Lord of the Rings*. Nova York: HarperCollins, 2044, p. 1072 [Publicado em português por Martins Editora sob o título O retorno do rei].

[2] C. S. LEWIS, *The Last Battle*. 1956; reimpresso, Nova York: HarperCollins, 1994, p. 196.

[3] George MACDONALD, *The Princess and the Goblin*. Londres: Blackie and Son, 1888, p. 155-212.

[4] George MACDONALD, *Sir Gibbie: A Novel*. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1879, p. 149.

[5] George MACDONALD, *Lilith*. 1895, reimpresso, Chalerston: BiblioBazaar, 2007, p. 176.

[6] Charles WESLEY, “And Can It Be that I Should Gain”.

capítulo três

A CURA

JESUS HAVIA COMEÇADO a pregar e ensinar publicamente. Suas palavras eram imperativas e seus comandos irresistíveis. As notícias sobre ele se espalhavam como fogo e, com isso, surgiam multidões para vê-lo. Como ele reagia? Marcos escreve a esse respeito:

> *De madrugada, ainda bem escuro, Jesus levantou-se, saiu e foi a um lugar deserto; e ali começou a orar*. *Então Simão e seus companheiros saíram para procurá-lo e, quando o encontraram, disseram-lhe: Todos te procuram*. *Jesus lhes respondeu: Vamos a outros lugares, aos povoados vizinhos, para que também eu pregue ali, pois foi para isso que vim* (Mc 1.35-38).

Jesus levantou-se bem cedo para orar em um lugar deserto. As palavras sugerem que não se tratava de uma oração breve ou

superficial, mas duradoura — ele ainda estava orando quando Simão conseguiu encontrá-lo.

Quando Simão disse a ele que grandes multidões se reuniam para vê-lo, Jesus disse que ele e seus discípulos deveriam partir imediatamente. Embora estivesse desfrutando de uma onda de aprovação popular, ele deixou tudo isso para trás. Por quê? Ele estava mais interessado na qualidade da reação que as pessoas tinham diante dele do que na quantidade de pessoas que se juntavam, formando multidões. Ainda assim as pessoas continuavam a vir até ele: algumas para ouvir seus ensinamentos, outras para serem curadas, outras ainda por curiosidade ou até mesmo por outras razões, mas vinham em grande quantidade:



Alguns dias depois, Jesus entrou outra vez em Cafarnaum; e souberam que ele estava em casa. *Muitas pessoas reuniram-se ali, a ponto de não haver lugar nem mesmo diante da porta; e ele lhes anunciava a palavra*. *Então, chegaram alguns homens, trazendo-lhe um paralítico, carregado por quatro deles*. *Impedidos de aproximar-se dele por causa da multidão, removeram parte da cobertura da casa, abrindo passagem pelo teto, acima do lugar em que Jesus estava. Então baixaram a maca em que o paralítico estava deitado. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados* (Mc 2.1-5).



Que cena dramática! Se eu visse alguém descendo pelo teto enquanto eu estivesse pregando, eu pararia tudo, pois ficaria sem palavras. O que esses homens estavam tão determinados a

conseguir de Jesus? Bem, a princípio não parece que Jesus entendeu. Jesus se volta para o homem paralítico e, em vez de dizer “levanta-te, estás curado”, diz: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. Se esse homem fosse alguém do nosso tempo, acredito que teria dito algo do tipo: “Bem, muito obrigado, mas não foi isso que pedi. Sou paralítico. Tenho um problema mais urgente aqui.”

Contudo, Jesus na verdade sabe de algo que esse homem desconhece: que o paralítico tinha um problema muito mais grave do que a sua condição física. Jesus está dizendo a ele: “Entendo seus problemas. Eu vi seu sofrimento. Daqui a pouco tratarei disso. Mas, por favor, perceba que o principal problema na vida de uma pessoa nunca é seu sofrimento, mas sim seu pecado.” Você se ofendeu com essa resposta de Jesus? Então, por favor, considere o seguinte. Imagine que alguém dissesse a você: “O principal problema na sua vida não é o que lhe aconteceu nem o que as pessoas lhe fizeram; seu principal problema é o modo como você reagiu a tudo isso”. Ironicamente isso fortalece você. Por quê? Ora, porque você pouco pode fazer a respeito do que lhe aconteceu ou do que as pessoas lhe fizeram — mas você *pode* fazer algo a respeito de si mesmo. Quando a Bíblia fala de pecado, não está se referindo apenas às coisas más que fazemos. Pecado não é só mentir, cobiçar, ou qualquer outra coisa do gênero — é ignorar a Deus no mundo que ele criou, é rebelar-se contra ele ao viver sem fazer referência a ele. É dizer: “Decidirei exatamente como quero viver minha vida”. Jesus diz que esse é o nosso principal problema.

Jesus leva o homem paralítico a confrontar-se com seu principal problema ao fazê-lo ir mais a fundo. Ele está dizendo: “Ao

vir até mim e pedir que apenas seu corpo seja curado, você não está indo tão a fundo. Você subestima a profundidade dos seus anseios, dos anseios do seu coração". Naturalmente, todo paralítico deseja, com cada partícula do seu ser, voltar a andar. Com toda certeza, esse homem estava depositando todas as suas esperanças na possibilidade de voltar a andar. Em seu coração, certamente ele dizia: "Se pudesse voltar a andar, estaria feito na vida. Nunca mais seria infeliz, nunca mais reclamaria de nada. Se pudesse voltar a andar, tudo o resto ficaria bem." Mas Jesus lhe dizia: "Você está enganado, meu filho". Isso pode até parecer meio cruel, mas é uma profunda verdade. Jesus está dizendo: "Quando eu curar seu corpo, se isso for tudo que eu fizer, você achará que nunca mais será infeliz novamente. Mas espere alguns meses, pois essa euforia não dura muito, ela vai passar. As raízes do descontentamento que habita o coração humano são profundas."

Ninguém conseguiu articular melhor o estrago causado por esse descontentamento do que Cynthia Heimel, que costumava escrever para o jornal *Village Voice*. Ela escreveu um artigo que jamais esqueci. Com o passar dos anos, ela conheceu diversas pessoas que lutavam para ser atores e atrizes, trabalhando em restaurantes ou teatros para pagar as contas no fim do mês, mas, um belo dia, conseguiram conquistar a fama. Quando ainda estavam lutando, como qualquer mortal, costumavam dizer: "Ah, se eu conseguisse fazer sucesso nessa carreira, se eu tivesse isso ou aquilo, seria feliz". Elas eram como tantas outras pessoas: estressadas, batalhadoras e irritadiças. No entanto, quando de fato alcançaram a fama que tanto sonhavam, tornaram-se insuportáveis: passaram a ser pessoas instáveis, iradas e cheias de manias. Não

só arrogante, como era de se esperar — pior do que isso. Elas agora se sentiam *mais infelizes* do que antes. Cynthia disse:

> Eu morro de dó [de celebridades]. Morro mesmo. [As celebridades] já foram um dia seres humanos perfeitamente agradáveis… mas agora… sua ira é uma coisa horrível. […] Eles queriam ser famosos mais do que qualquer um de nós. Trabalharam e se esforçaram o máximo para isso… No dia seguinte […] à conquista da fama, querem tomar uma overdose […] pois aquele sonho impossível pelo qual tanto lutaram, a fama que transformaria tudo em um paraíso, que faria da vida deles algo suportável, que lhes traria realização pessoal e […] felicidade, havia finalmente chegado. E nada havia mudado. Eles ainda eram eles mesmos. A desilusão fizera deles pessoas que viviam aos berros, insuportáveis.

Ela sentia pena deles. Haviam conquistado aquilo que pensavam que tornaria tudo maravilhoso — mas isso não havia acontecido. Cynthia, então, acrescentou uma observação que me deixou sem fôlego: “Acho que, quando Deus quer fazer uma brincadeira de mau gosto com a gente, ele realiza o sonho que mais acalentamos”.[1] Sabe o que Jesus diz ao homem paralítico? *Eu não vou fazer essa brincadeira de mau gosto com você. Não vou simplesmente curar seu corpo e deixar você pensar que conquistou seu maior sonho*.

INDO MAIS A FUNDO

A Bíblia diz que nosso verdadeiro problema é que todos nós construímos nossa identidade sobre qualquer coisa, menos Jesus. Pode ser o sucesso na carreira ou mesmo algum relacionamento — ou até mesmo se levantar da maca e sair andando —, mas estamos sempre dizendo: “Se conseguisse isso, realizaria meu grande sonho e, então, tudo o mais ficaria bem”. E sonhamos que aquilo poderá nos salvar do esquecimento, da desilusão, da mediocridade. Fazemos desse desejo o nosso salvador. Ninguém usa essa palavra, evidentemente, mas na prática é isso que acontece. E se nunca conseguimos realizar esse desejo, ficamos com raiva e nos sentimos vazios, infelizes. Todavia, se *conseguirmos* realizálo, acabaremos nos sentindo ainda *mais* vazios, *mais* infelizes. Isso acontece porque distorcemos nosso grande sonho ao fazer dele o nosso salvador, e quando finalmente conseguimos realizálo, ele se volta contra nós.

Jesus diz: “Veja bem, se você tiver a mim, eu o realizarei de verdade, e mesmo que você falhe, eu sempre o perdoarei. Eu sou o único salvador capaz de fazer isso.” Mas isso é algo difícil de perceber. Muitos começam buscando a Deus, indo à igreja, por causa de problemas. Ali pedem que Deus lhes dê um empurrãozinho para que possam voltar a tentar se salvar, a tentar realizar seu grande sonho. O problema é que estão em busca de um salvador que não é Jesus. Quase sempre quando, pela primeira vez, eles vão até Jesus e dizem, “Este é meu maior sonho”, ele lhes responde que precisam ir mais a fundo do que isso.

C. S. Lewis colocou isso de uma forma poética em *The Voyage of the Dawn Treader* [A Viagem do Peregrino da Alvorada]. No enredo, existe um garoto chamado Eustáquio. Todos o odeiam, e ele odeia a todos. Ele é egoísta, maldoso, e ninguém consegue se dar bem com ele. De repente, como num passe de mágica, ele se vê em um navio, o Peregrino da Alvorada, em uma grande viagem. Em determinado ponto da viagem, o navio para em uma ilha. Andando pela ilha, Eustáquio encontra uma caverna, repleta de diamantes, rubis e ouro. Ele pensa: “Puxa, estou rico!” Na mesma hora, por ser como ele é, pensa que agora vai conseguir dar o troco em todo mundo. Todos que tinham rido dele, pisado nele ou lhe feito alguma desfeita receberiam o troco. Então, sobre a pilha de tesouro — que era de um dragão, embora ele sequer imaginasse isso —, ele pega no sono. No entanto, por ele ter caído no sono com a cabeça cheia de gananciosos pensamentos de dragão, quando acorda percebe que ele próprio se transformou em um dragão — um dragão enorme, terrível e horroroso. Ele logo percebe que não tem saída. Não pode voltar para o navio, por isso será deixado para trás na ilha e será essa criatura horrenda pelo resto da vida. Então, o garoto entra em desespero.

Certo dia, Aslan, o leão, aparece, leva Eustáquio até uma piscina de águas claras e diz a ele para se despir e pular na água. De repente, Eustáquio percebe que “se despir” significa “livrar-se da pele de dragão”. Ele começa a morder e arrancar com as garras as camadas de pele, e assim descobre que pode arrancar aquela pele de dragão. Em um esforço contínuo, ele finalmente consegue arrancar toda a pele — mas, para seu desalento, descobre que, por baixo daquela pele, havia outra pele de dragão. Por mais duas

vezes tenta arrancá-la, mas sem sucesso; a cada vez a mesma coisa acontece. No final, o leão diz a ele: *Você vai ter que me deixar ir mais a fundo*. E veja como Eustáquio conta essa história mais tarde:

> Tive medo de suas garras, confesso a você, mas eu estava à beira do desespero […] O primeiro rasgo que ele fez foi tão profundo que pensei que houvesse me atingido direto no coração. Quando ele começou a arrancar aquela pele, doeu mais do que qualquer outra coisa que já senti […] Bem, ele arrancou por completo aquela pele animalesca — como eu pensava ter feito eu mesmo naquelas três vezes, com a diferença de que não havia doído antes — e lá estava ela sobre a grama: só que esta, em relação às outras peles, parecia bem mais grossa, escura e cheia de calombos […] Então ele me segurou […] e me jogou na água. Ardeu mais do que tudo, mas só por um instante […] Então percebi […] que eu havia voltado a ser um menino.[2]

Para muitos de nós, é difícil ler essa passagem do livro sem se comover. Afinal, assim como o homem paralítico, assim como Eustáquio, pensávamos que, se tivéssemos uma pequena ajuda, conseguiríamos salvar a nós mesmos. Mas aprendemos que Jesus queria que fôssemos mais a fundo. Tivemos que permitir que ele usasse suas garras para chegar ao nosso coração e reconfigurar a essência daquilo que nosso coração desejava. Veja bem, o problema não era o nosso mais profundo desejo, assim como não era errado que o paralítico quisesse andar, ou que a celebridade quisesse fazer sucesso, ou que Eustáquio quisesse ser amado e respeitado. O fato de pensarmos que a realização do nosso mais

profundo desejo iria nos curar, nos salvar — *esse sim era o verdadeiro problema*. Tivemos que permitir que nosso Salvador fosse Jesus.

AINDA MAIS A FUNDO

Quando Jesus diz ao paralítico, “Filho, os teus pecados estão perdoados”, ele está fazendo algo inesperado. Tão inesperado que aciona o gatilho do seu primeiro confronto com os líderes religiosos daquela época:



Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados. Estavam sentados ali alguns escribas, que pensavam no coração: Por que esse homem fala dessa maneira? Ele está blasfemando! Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus? Mas Jesus logo percebeu em seu espírito que eles pensavam assim no íntimo e perguntou-lhes: Por que pensais desse modo no coração? (Mc 2.5-8)



Jesus era capaz de ler o que ia no coração daqueles que estavam à sua volta — no caso, dos escribas. Quando Jesus diz ao paralítico, “Filho, os teus pecados estão perdoados”, os escribas ficam chocados e irados. Acreditam que Jesus estava blasfemando — mostrando desprezo ou falta de reverência em relação a Deus — por ele estar alegando fazer algo que somente Deus pode fazer. Eles pensam com si mesmos: “Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus?” E eles estão cobertos de razão.

Vamos imaginar que Fulano, Beltrano e Sicrano estão conversando. De repente, Fulano dá um soco bem na boca de Beltrano. Há sangue para todo lado. Sicrano se dirige a Fulano e

diz: “Fulano, eu perdoo você por ter dado um soco em Beltrano. Está tudo bem. Vamos esquecer isso”. O que Beltrano dirá tão logo ele se acalme? “Sicrano, você não pode perdoá-lo, só eu posso. Ele não agiu mal com você, mas sim comigo”. Você só pode perdoar um pecado se ele tiver sido praticado contra *você*. É por isso que, quando Jesus olha para o homem paralítico e diz, “Filho, os teus pecados estão perdoados”, ele na verdade está dizendo: “Seus pecados foram realmente contra mim”. A única pessoa que pode dizer isso para um ser humano é o Criador. Jesus Cristo, ao perdoar os pecados do homem, alega ser o Deus todo-poderoso. Os escribas sabiam disso: aquele homem não estava apenas alegando fazer milagres, mas sim que era o Senhor do universo — e eles ficaram compreensivelmente irados com isso. Como Jesus reagiu aos pensamentos deles?



Mas Jesus logo percebeu em seu espírito que eles pensavam assim no íntimo e perguntou-lhes: Por que pensais desse modo no coração? O que é mais fácil dizer ao paralítico: Os teus pecados estão perdoados, ou: Levanta-te, toma a tua maca e anda? Mas, para que saibais que o Filho do homem tem autoridade para perdoar pecados na terra (disse ao paralítico), eu te digo: Levanta-te, toma a tua maca e vai para casa. Então ele se levantou e, pegando logo a maca, saiu à vista de todos; de modo que todos ficaram maravilhados e glorificavam a Deus, dizendo: Nunca vimos coisa igual! (Mc 2.8-12)



A pergunta perspicaz que Jesus fez a eles — “O que é mais fácil dizer ao paralítico: Os teus pecados estão perdoados, ou: Levanta-te, toma a tua maca e anda?” — tem intrigado a muitos há séculos. Certa vez, quando estava preparando um sermão sobre essa passagem, consultei meu *Comentário Bíblico Anchor*, indiscutivelmente o mais completo, acadêmico e respeitado dentre as obras voltadas a estudos críticos da Bíblia. Quando o comentarista chega à passagem do Evangelho de Marcos em que Jesus faz essa pergunta, ele diz, em essência: “Sabe, após páginas e páginas já escritas a esse respeito, o fato é que ainda temos diante de nós essa excelente pergunta. O que é mais fácil? Difícil dizer.”

Em uma primeira leitura, parece que Jesus está dizendo: “Qualquer um pode dizer ‘Os teus pecados estão perdoados’, mas nem todos podem curar. Para mostrar a vocês que sou o Senhor, que tenho autoridade para perdoar pecados, eu digo: ‘Levanta-te, toma a tua maca e anda’”. A aparente implicação é que é muito mais difícil curar alguém do que perdoar alguém, e Jesus está sinalizando seu poder de perdoar ao curar o paralítico. Mas o fato é que essa pergunta é tão profundamente intrigante por ter mais de uma resposta. Jesus também está dizendo: “Meus amigos, será infinitamente mais difícil perdoar os pecados do que podem imaginar. Não sou um mero fazedor de milagres; sou O Salvador. Qualquer fazedor de milagres pode dizer ‘Levanta-te, toma a tua maca e anda’, mas somente o Salvador do mundo pode dizer a um ser humano ‘Todos os seus pecados estão perdoados’”.

Muitos estudiosos da Bíblia afirmam que já nessa passagem, bem no início do capítulo 2 do Evangelho de Marcos, a sombra da

cruz já se projeta sobre o caminho de Jesus. Ele sabe o que os escribas estão pensando; logo, se ele começar a deixar circular que não é apenas alguém que faz milagres, mas também o Salvador do mundo, eles acabarão por matá-lo. Se ele não só curar o paralítico, mas também lhe perdoar os pecados, dará um passo decisivo e irreversível no caminho de sua morte. Ao dar esse passo, ele fará um pagamento inicial por nossos pecados.

Veja bem, naquele momento Jesus tinha poder para curar o corpo daquele paralítico, assim como ele tem poder hoje para dar a você o sucesso profissional, o relacionamento ou o reconhecimento que tanto busca. Na verdade, ele tem poder e autoridade para dar imediatamente a cada um de nós aquilo que estamos pedindo, não há dúvidas quanto a isso.

No entanto, Jesus sabe que isso não é nem de longe suficientemente profundo. Ele sabe perfeitamente que, quer sejamos um paralítico deitado em uma maca ou um ator que luta para fazer sucesso ou que já alcançou a fama, nós não precisamos de alguém que possa somente realizar nossos desejos. Precisamos de alguém que possa ir mais a fundo do que isso. Alguém que possa usar suas garras, com cuidado e amor, para rasgar em pedaços nosso egocentrismo e arrancar de nós o pecado que escraviza e distorce até mesmo nossos mais belos sonhos. Em resumo, precisamos ser perdoados. Esse é o único modo de curar nosso descontentamento. E para isso é preciso mais do que um mero fazedor de milagres ou um gênio da lâmpada: é preciso um Salvador. E Jesus sabe que, para ser nosso Salvador, ele terá que morrer.

Nesse processo de lidar com o que pensávamos ser nossos desejos mais profundos, descobriremos que Jesus nos revela um desejo mais profundo e mais verdadeiro que estava oculto: nosso anseio por ele mesmo, Jesus. E ele não apenas atenderá o nosso desejo, *ele o cumprirá*. Ele não fará a brincadeira de mau gosto de conceder a você seu desejo mais profundo — não até que lhe mostre que esse desejo mais profundo era por ele, desde o início.

[1] Reimpresso em Cynthia HEIMEL, *If You Can't Live Without Me, Why Aren't You Dead Yet?*. Nova York: Grove, 1991, p. 13,14.

[2] C. S. LEWIS, *The Voyage of the Dawn Treader*. 1952; reimp. Nova York: HarperCollins, 1994, p. 115,116.

capítulo quatro

O DESCANSO

JESUS ALEGOU SER capaz de perdoar pecados e os escribas consideraram isso uma blasfêmia. Mas Jesus prosseguiu e fez uma afirmação tão ultrajante que os fariseus ficaram sem palavras. Ele declarou que não tinha vindo para fazer uma reforma religiosa, mas para *acabar* com a religião e substituí-la por si mesmo.



E aconteceu que Jesus passava pelos campos de cereais em dia de sábado e, enquanto caminhavam, seus discípulos começaram a colher espigas. E os fariseus lhe perguntaram: Por que eles estão fazendo o que não é permitido no sábado? Ele lhes respondeu: Acaso nunca lestes o que Davi fez quando ele e seus companheiros estavam em necessidade e com fome? Como ele entrou na casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu dos pães consagrados, dos quais apenas os sacerdotes tinham permissão para comer, e deu também aos companheiros? E prosseguiu: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. De modo que o Filho do homem é Senhor até mesmo do

sábado [Lembre-se que "Filho do Homem" era a forma mais usada por Jesus para se referir a si mesmo.] (Mc 2.23-28).



A lei de Deus ordenava que a pessoa descansasse um dia de trabalho a cada sete dias. Isso era maravilhoso, mas os líderes religiosos da época haviam criado barreiras em torno dessa lei, acrescentando uma porção de regras específicas. Havia 39 tipos de atividade que a pessoa não podia fazer no sábado, entre elas colher espigas, justamente aquilo que os fariseus acusaram os discípulos de estarem fazendo. Marcos prossegue registrando um segundo incidente que também aconteceu no sábado:



Outra vez Jesus entrou numa sinagoga, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. E o observavam com atenção para ver se ele curaria o homem no sábado, a fim de o acusarem. E Jesus disse ao homem cuja mão era atrofiada: Levanta-te e vem para o meio. Então lhes perguntou: É permitido fazer o bem ou o mal no sábado? Salvar a vida ou matar? Eles, porém, ficaram calados. Olhando para eles ao redor, indignado e muito triste por causa da dureza do coração deles, disse ao homem: Estende a tua mão. Ele a estendeu, e ela lhe foi restaurada. Mas, assim que saíram dali, os fariseus conspiraram com os herodianos contra ele, a fim de o matar (Mc 3.1-6).



Por que Jesus ficou indignado com os fariseus? Porque o sábado tinha a ver com restaurar os menosprezados, revigorar os extenuados, reparar os feridos. Curar a mão atrofiada do homem

era exatamente a finalidade do sábado. Contudo, pelo fato de os líderes religiosos estarem tão preocupados com a observância das regras referentes ao sábado, eles não queriam que Jesus curasse aquele homem — um exemplo incrível do que acontece quando se vê a árvore, mas não se percebe a floresta. Os corações daqueles líderes estavam tão atrofiados quanto a mão do homem. Eles estavam inseguros e ansiosos por causa de regras. Eles eram exclusivistas, críticos e obcecados com si mesmos, em vez de cuidarem daquele homem. E por que tudo isso? Por causa da *religião*.

RELIGIÃO *VERSUS* EVANGELHO

Nesses episódios, Jesus nos mostra que existem dois paradigmas espirituais radicalmente diferentes. Imagine duas pessoas que estejam tentando obedecer à lei de Deus, mas cada uma agindo de acordo com um desses dois paradigmas opostos. Ambas querem guardar o sábado, mas no caso de uma delas a obediência é um fardo, uma escravidão, enquanto para a outra é um deleite, uma dádiva. Como isso pode acontecer? Um dos paradigmas é a religião, a qual — como já observamos anteriormente — é fundamentalmente um *conselho*. O outro paradigma é o evangelho de Cristo, que começa e termina com as *boas-novas*. Os dois paradigmas, portanto, são coisas completamente diferentes.

A maior parte das pessoas no mundo acredita que, se existe um Deus, nos relacionamos com ele sendo bons. A maioria das religiões baseia-se nesse princípio, embora exista um milhão de variações em torno dele. Algumas religiões são o que se pode

chamar de nacionalistas: você tem acesso a Deus, segundo ele, entrando para aquele determinado grupo e assumindo os traços característicos de um membro daquela sociedade. Outras são espiritualistas: você tem acesso a Deus trabalhando para conquistar esse acesso por meio de certas transformações da consciência. Já outras religiões são legalistas: existe um código de conduta e, se você segui-lo, Deus o favorecerá. No entanto, apesar das diferenças, todas elas seguem a mesma lógica: se eu fizer tudo que é exigido, se eu obedecer a tudo, serei aceito. O evangelho de Cristo não é apenas diferente, mas totalmente oposto a tudo isso: sou plenamente aceito em Jesus Cristo e, portanto, obedeço.

Na pequena cidade de Hopewell, no estado da Virgínia, onde fui pastor por muitos anos, algumas dessas diferenças tornaram-se concretas para mim pela primeira vez. Por volta de 1977, preguei lá um sermão que falava sobre “amar o próximo como a si mesmo”. Eu expliquei a eles esse mandamento da seguinte forma: “Acho que Deus está dizendo: ‘Quero que vocês supram as necessidades das outras pessoas com a mesma alegria, presteza, urgência, inocência, criatividade e disposição com que suprem as suas próprias necessidades. Esse é o padrão. É assim que quero que vivam suas vidas.’” Após o culto, uma adolescente veio até mim e contou que ela havia acabado de participar de um concurso de beleza ao lado de sua melhor amiga. Ela havia ficado em último lugar, mas a amiga ganhou o concurso. Então, ela disse: “Você está querendo me dizer que a Bíblia diz que eu deveria ficar tão feliz por minha amiga ter ganhado o concurso quanto eu ficaria se eu mesma tivesse ganhado? Que eu deveria ficar tão entusiasmada com a vitória dela quanto teria ficado com a minha?”

Então eu disse a ela: “Sabe, essa é uma excelente aplicação do texto que preguei. Quisera eu a tivesse colocado em meu sermão”.

A garota olhou para mim e disse: “O cristianismo é ridículo. Quem vive assim?”

Nós nos sentamos para discutir mais o assunto, e eu a lembrei que Jesus de fato diz para amarmos nosso próximo como a nós mesmos.

Ela retrucou: “Se é assim, então, em primeiro lugar quero saber exatamente quem é meu próximo. Não pode ser todo mundo. Eu jamais conseguiria fazer isso se fosse assim. Quantas quadras em volta da minha casa essa regra bíblica abrange?” E ela foi além: “Também quero saber exatamente o que deve ser feito. Que coisas devo fazer para meu próximo?”

Você consegue perceber a ansiedade nas perguntas dela? Ela não era uma pessoa que se considerava perfeita, não era arrogante, moralmente falando. Mas, por não estar mergulhada no amor e na aceitação de Deus por meio de Jesus, para ela o propósito da lei era assegurá-la de que Deus e as pessoas teriam de vê-la e tratá-la como uma pessoa boa. Ela não tinha segurança em termos emocionais para lidar com uma lei que usava traços amplos para desenhar uma vida de amor e obediência. Ela queria algo mais específico, mais detalhado, mais pormenorizado, de modo que ela pudesse se sentir bem com si mesma quando cumprisse o exigido. Somos todos suscetíveis a esse tipo de ansiedade — muito embora alguns tenham aprendido a disfarçá-la melhor do que essa garota.

Para a religião, o propósito de obedecer à lei é assegurar que você está bem aos olhos de Deus. Em consequência disso, no que diz respeito à lei, o que mais o preocupa são os detalhes. Você quer

saber *exatamente* o que tem de fazer, pois não pode se esquecer de apertar nenhum botão. Não costuma sair em busca da intenção da lei; antes, sua tendência é incluir na lei toda sorte de detalhes e regras de observância, de modo que possa estar certo de que a está obedecendo. Contudo, na vida dos cristãos, a lei de Deus — embora ainda seja aplicável — funciona de uma maneira completamente diferente. Ela lhe mostra a vida de amor que você quer viver diante do Deus que tanto fez por você. A lei de Deus conduz você para fora de si mesmo, mostra-lhe como servir a Deus e aos outros em vez de ficar pensando apenas em si mesmo. Você estuda a lei de Deus e obedece a ela a fim de descobrir o tipo de vida que deve viver, a fim de agradar o Senhor e ser a imagem daquele que o criou e redimiu, libertando-o das consequências do pecado. E você não viola essa lei, nem a fatia em porções mais fáceis de manipular, acrescentando a ela detalhes criados por mãos humanas.

SENHOR DO SÁBADO

Em face dessa preocupação religiosa farisaica, Jesus disse: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. De modo que o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado.” Ele afirma, e até mesmo celebra, o princípio que dera origem ao sábado: a necessidade do descanso. No entanto, ele põe fim ao legalismo em torno de sua observância. Desmantela todo o paradigma religioso. E faz isso ao apontar para sua própria identidade.

Ele poderia ter reivindicado autoridade divina para mudar o sábado, dizendo alguma coisa como “Eu sou Senhor *sobre* o sábado”. Mas ele está dizendo mais do que isso.

A palavra *sábado* significa um descanso profundo, uma paz profunda. É um sinônimo bem próximo de *shalom* — um estado de integridade, de abundância em todas as dimensões da vida. Quando Jesus diz que ele é Senhor *do* sábado, está dizendo que ele é o sábado. Ele é a fonte do descanso profundo de que tanto precisamos. Ele veio para mudar completamente a maneira como descansamos. Esse um dia por semana de descanso que guardamos é somente um começo do descanso divino profundo que precisamos, e a fonte dele é Jesus.

Quando Jesus diz que, como Senhor do sábado, ele pode nos dar o descanso que buscamos, o que isso significa?

Quando Jesus nos chama a descansar, está nos chamando para tirar um tempo livre — um tempo livre do trabalho, tanto em termos físicos quanto mentais, com regularidade. Mas existe outro nível de descanso, um descanso profundo. No início do capítulo 2 de Gênesis, após o relato da criação do mundo por Deus, está escrito que Deus descansou de toda sua obra. O que isso significa? Deus havia ficado cansado? Não, ele não havia. Então, como ele pôde descansar? Uma razão diferente para descansar é estar tão satisfeito com aquilo que você fez, tão plenamente satisfeito, que consegue deixar aquilo prosseguir por conta própria. Seu trabalho só está terminado quando você é capaz de dizer: “Estou feliz com meu trabalho, plenamente satisfeito — está terminado!” Só nessa hora você pode virar as costas para aquilo e seguir adiante. Quando

Deus acabou de criar o mundo, ele viu que tudo quanto fizera era muito bom. E descansou.

O filme *Carruagens de Fogo* é baseado na história real de dois atletas que participaram das Olimpíadas de Paris, em 1924. Um deles, Eric Liddell, era cristão, e se recusou a correr no sábado. Em consequência disso, ele perdeu a chance de ganhar a medalha de ouro na corrida em que ele era o favorito. Em uma dimensão, o filme trata da questão de se tirar um dia para o descanso. Mas o filme acrescentou outra dimensão de sentido e contrastou Harold Abrahams com Eric Liddell. Os dois atletas estavam lutando com todas as suas forças para ganhar medalhas de ouro. Abrahams, porém, estava fazendo isso em função da necessidade de provar quem ele era. A certa altura, falando da prova em que ele estaria competindo, ele disse: “Tenho dez segundos para justificar minha existência”. Liddell, por outro lado, simplesmente queria agradar o Deus que já o havia aceitado, por isso ele disse à irmã: “Deus me fez veloz e, quando corro, sinto o seu prazer”. Harold Abrahams estava cansado mesmo quando descansava, e Eric Liddell estava descansado mesmo quando estava se esforçando. Por quê? Porque sob a obra de nossas mãos existe outra obra da qual realmente precisamos descansar. É a obra da nossa própria justificação. É ela que com frequência nos leva a buscar refúgio na religião.

A maioria de nós trabalha com afinco para provar a si mesmo, para convencer a Deus e aos outros de que é uma boa pessoa. Esse trabalho não tem fim, a menos que descansemos no evangelho. Ao fim de sua grande obra de criação, quando o Senhor “já havia completado a obra que fizera”, ele pôde então descansar de toda sua obra. Na cruz, no final de seu grande ato de redenção,

Jesus disse: “Está consumado” e, então, nós podemos descansar. Na cruz, Jesus estava falando da obra que existe sob a obra de nossas mãos — daquilo que nos deixa realmente cansados, dessa necessidade de provar a nós mesmos, pois aquilo que somos e fazemos nunca é bom o bastante. Jesus estava falando que essa obra estava consumada. Ele viveu a vida que deveríamos ter vivido e morreu a morte que deveríamos ter morrido. Se você deposita sua confiança na obra consumada por Jesus, sabe que Deus está satisfeito com você e você pode ficar satisfeito com a vida.

Os médicos lhe dirão que o que você precisa não são cochilos intermitentes, mas de um sono profundo. Você pode tirar quantas férias quiser; mas, se não conseguir alcançar descanso para sua alma, o descanso naquilo que Cristo fez na cruz, jamais descansará verdadeiramente. Na cruz, Jesus viveu a experiência inquietante da separação de Deus, para que possamos ter o descanso profundo de saber que ele nos ama e que nossos pecados estão perdoados.

“EU SOU”

Jesus diz que ele é Senhor do sábado. A consciência que ele tem de si mesmo é impressionante. Nenhum outro mestre na história da humanidade jamais fez reivindicações parecidas com as que ele fez. Muitos deles disseram ser a consciência divina, mas concebiam a divindade como algo que está em todos nós, nas árvores, nas rochas e no espírito humano. Jesus, no entanto, entende que existe um Deus que é não criado, que não teve princípio, que é infinitamente transcendente, que criou este mundo e sustenta tudo o que existe no universo, de modo que todas as moléculas, todas as

estrelas, todos os sistemas solares são mantidos pelo poder dele. E Jesus diz: *Esse sou eu*.

E diz isso o tempo todo. Ele se refere a si mesmo ao longo dos Evangelhos de maneira singular. Ele diz: “Eu sou o pão da vida”; “Eu sou a luz do mundo”; “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”; “Eu sou a videira verdadeira”; “Eu sou o Bom Pastor”. O uso do termo “Eu sou” é significativo, pois é o nome pessoal que Deus atribui a si mesmo. É um nome tão sagrado que os israelitas nem mesmo o pronunciavam. E Jesus reivindica esse nome para si mesmo.

Lembre-se de que, quando Jesus curou o homem paralítico, ele disse: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. Ele basicamente estava alegando que *todos os pecados são contra ele*. Uma vez que alguém só pode perdoar pecados que tenham sido cometidos contra a sua pessoa — e uma vez que os pecados são ofensas contra Deus —, Jesus está reivindicando ser Deus.

Todo profeta, mestre de religião ou filósofo — todo sábio, seja homem ou mulher, que já viveu —ancorou suas reivindicações em afirmações como “Assim diz o Senhor”. Mas *Jesus nunca disse isso*. Tudo o que Jesus disse foi “Em verdade, em verdade, vos digo”. Mesmo em suas observações e comentários — em tudo o que ele disse — está patente que ele é não criado, transcendente, o Criador eterno do universo.

Muitos dizem: “Por certo acredito que Jesus foi um grande mestre, mas não posso acreditar no que dizem sobre ele ser Deus”. Isso gera um problema, pois o ensino de Jesus baseia-se na reivindicação de sua autoridade. Você aprecia os ensinamentos dele sobre o sábado? Eles se baseiam no fato de ele ser o Senhor do sábado. Ele é a fonte do sábado. Ele é aquele que criou o mundo e

descansou no sétimo dia. Veja como o historiador N. T. Wright coloca essa questão: “Como é possível viver com o aterrador pensamento de que o furacão se tornou humano, de que o fogo se fez carne, de que a própria vida se tornou vida e caminhou entre nós? Ou o cristianismo significa tudo isso ou não significa nada. Ou é a mais devastadora revelação da realidade mais profunda do mundo ou é uma fraude, um disparate ou parte de uma comédia enganosa. A maioria de nós, incapazes de lidar com o fato de dizer uma coisa ou outra, condena-se a viver no mundo superficial entre elas.”[1] N. T. Wright está certo. Creio que, no fim, você verá que não pode simplesmente *gostar* de alguém que faça reivindicações como essas que Jesus fez. Ou ele é um mentiroso perverso ou um maluco com quem não se deve ter nada a ver, ou é quem ele diz ser, e sua vida toda deve girar em torno dele, e você deve lançar tudo aos pés dele e dizer: “Sou teu escravo, Jesus”. Ou será que você vive nesse nebuloso “mundo superficial entre uma coisa e outra”, no qual Wright afirma que ninguém pode viver com integridade? Você ora a Jesus quando está com problemas, mas no restante do tempo o ignora por estar ocupado? Ou ele não pode ouvir você por não ser aquele que ele diz ser — ou, se ele é quem diz ser, deve se tornar o centro em torno do qual toda a sua vida gira.

O FIM DA RELIGIÃO

No final desse confronto com os líderes religiosos no sábado, Marcos registra uma incrível declaração que sintetiza um dos temas principais do Novo Testamento: “Mas, assim que saíram dali, os

fariseus conspiraram com os herodianos contra ele, a fim de o matar".

Os herodianos eram o grupo formado por aqueles que apoiavam Herodes, o mais sórdido dos reis corruptos que governaram Israel, que representava o poder de ocupação de Roma e seu sistema político. Em todo país que conquistassem, os romanos empossavam governantes. E onde quer que fossem, os romanos traziam consigo a cultura grega — a filosofia grega, a visão grega do sexo e do corpo, a perspectiva grega acerca da verdade. As sociedades conquistadas, como Israel era, sentiam-se violadas por esses valores pagãos, imorais e cosmopolitas. Em todos esses países se formavam movimentos culturais de resistência que, em Israel, era representado pelos fariseus. Eles colocavam toda sua ênfase em viver de acordo com os ensinamentos das Escrituras hebraicas e em erguer grandes barreiras em torno de si mesmos para impedir que fossem contaminados pelos pagãos. Percebe o que estava acontecendo? Os herodianos mudavam de acordo com os tempos, enquanto os fariseus defendiam os valores tradicionais. Os fariseus acreditavam que a sociedade estava sendo esmagada pelo pluralismo e paganismo, e clamavam por um retorno aos valores morais tradicionais. Há muito tempo esses dois grupos encaravam-se como inimigos — mas agora eles concordavam em uma coisa: *tinham que se livrar de Jesus*. Eles não tinham o hábito de cooperar entre si, mas agora estavam cooperando. De fato, os fariseus, os religiosos, tomaram a iniciativa de fazer isso.

É por isso que digo que essa declaração sintetiza um dos temas principais do Novo Testamento. O evangelho de Cristo é uma

ofensa tanto para religiosos quanto para não religiosos. Não pode ser agregado pelo moralismo nem pelo relativismo.

A cosmovisão baseada em “valores tradicionais” é a conformidade moral — a posição adotada pelos fariseus. É a posição que defende que você deve levar uma vida extremamente repleta de virtudes. A posição progressista, representada pelos herodianos, é baseada na autodescoberta — você é quem deve decidir o que é certo e errado para você. Segundo a Bíblia, essas duas posições são maneiras de ser seu próprio salvador e senhor. *Ambas* são hostis à mensagem de Jesus. E não somente isso, mas ambas levam ao farisaísmo. O moralista diz: “as pessoas boas estão com tudo e as pessoas más estão por fora — e nós, evidentemente, estamos entre os bons”. A pessoa que se pauta pela autodescoberta diz: “Ó, não, quem está com tudo são as pessoas progressistas, de mente aberta, enquanto os preconceituosos que julgam todo mundo estão por fora — e nós, evidentemente, estamos entre as pessoas de mente aberta.” Na cultura ocidental cosmopolita, há uma enorme quantidade de farisaísmo acerca do farisaísmo. Nós, pessoas progressistas de grandes centros urbanos, somos muito melhores do que pessoas que pensam que são melhores do que outras. Menosprezamos aqueles tipos religiosos e moralistas que olham os outros com menosprezo. Você percebe a ironia, percebe o modo como o caminho da autodescoberta leva a um sentimento de superioridade e farisaísmo tanto quanto a religião?

O evangelho não diz que os bons estão em alta e os maus estão por fora, nem que os que têm a mente aberta estão em alta e os que gostam de julgar os outros estão por fora. O evangelho diz

que quem está em alta são os humildes, e os arrogantes, em baixa. Diz também que bem-aventurados são os que sabem que *não* são os melhores, nem mais mente aberta, nem mais moralistas do que ninguém, e que as pessoas que pensam estar do lado certo dessa divisão é que estão em apuros.

O próprio Jesus disse isso aos fariseus, quando falou: “Os sãos não precisam de médico, mas sim os doentes; eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mc 2.15-17). Quando Jesus disse que não veio chamar “justos”, não quis dizer que alguns não precisassem dele. A pista para o que Jesus quis dizer está na referência que fez a si mesmo como “médico”. As pessoas vão ao médico apenas quando têm um problema de saúde que não sabem tratar, quando sentem que não vão conseguir se recuperar sozinhas. E o que esperam de um médico? Certamente não esperam apenas conselhos — mas uma intervenção. Ninguém quer um médico que apenas diga “você está doente”! Todo mundo quer ser medicado, quer um tratamento.

Jesus chama de “justos” àqueles que estão, espiritualmente falando, na mesma posição das pessoas que não vão ao médico. Os “justos” acreditam que podem “curar a si mesmos”, que podem fazer as pazes com Deus apenas sendo bons e moralistas. Não sentem a necessidade de um médico para a alma, de alguém que intervenha e faça o que não podem fazer por si mesmos. Jesus está ensinando que veio para chamar pecadores, ou seja, aqueles que sabem ser moral e espiritualmente incapazes de salvar a si mesmos.

Porque o Senhor do sábado disse “está consumado”, podemos ter descanso da religião — para sempre.

Um renomado pastor britânico, Dick Lucas, certa vez fez um sermão em que recontava um diálogo imaginário entre uma das primeiras cristãs e sua vizinha romana.

“Ouvi dizer que você é religiosa! Que maravilha! A religião é uma boa coisa. Onde fica o seu templo ou lugar de adoração?”

“Nós não temos um templo”, respondeu a moça cristã. “Jesus é o nosso templo”.

“Vocês não têm um templo? Mas onde os seus sacerdotes trabalham e praticam seus rituais?”

“Nós não temos sacerdotes para mediar a presença de Deus. Jesus é nosso sacerdote.”

“Vocês não têm sacerdotes? Mas como oferecem seus sacrifícios para alcançar o favor do seu Deus?”

“Nós não precisamos de sacrifícios. Jesus é nosso sacrifício.”

“Que espécie de religião é essa de vocês?”, pergunta a vizinha pagã, toda confusa.

E a resposta é que absolutamente não se trata de nenhuma espécie de religião.

[1] N. T. WRIGHT, *For All God’s Worth*: *True Worship and the Calling of the Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997, p. 1.

capítulo cinco

O PODER

CADA PARTE da história contada por Marcos revela um pouco mais sobre quem Jesus é — seu poder, propósito e como ele via a si mesmo. Marcos vai revelando Jesus gradualmente, como um experiente contador de histórias.

Todavia, ele é, ao mesmo tempo, um repórter bastante fiel. O começo da nossa próxima história é repleto de detalhes. Em sua obra *Jesus and the Eyewitnesses* [Jesus e as testemunhas], o estudioso Richard Bauckham examina as características da memória de testemunhas. Uma das marcas de um relato testemunhal é o "detalhe irrelevante".[1] História de ficção, inventada, contém detalhes que conduzem a narrativa adiante ou passam uma mensagem que o autor quer transmitir. Já testemunhas relatam muitos detalhes pelo simples fato de se lembrarem deles. É bem verdade que os escritores de ficção de hoje em geral acrescentam detalhes às suas histórias para deixá-las mais realistas. Mas não era dessa forma que as lendas se formavam nos tempos antigos. Segundo Bauckham, estudiosos que acreditam que o Evangelho de Marcos seja uma ficção têm dificuldade de explicar por que, na

história que estamos prestes a ler, Marcos conta que Jesus passou para o outro lado do mar da Galileia e havia outros barcos que o seguiam, ou por que ele acrescenta a informação de que Jesus estava na popa, dormindo sobre uma almofada. Detalhes desse tipo não fazem o enredo avançar nem desenvolvem as personagens. Vincent Taylor, importante estudioso da Bíblia do século 20, afirmou que esses detalhes eram “tão desnecessários à história” que eram, portanto, sinais de “genuína reminiscência”.[2]

Assim, Marcos nos fornece o relato de Pedro em primeira mão. Podemos saber que essa história — que trata, toda ela, do poder de Jesus — realmente aconteceu. Entremos no barco e aprendamos sobre esse poder junto com os discípulos:



Tarde naquele dia, Jesus lhes disse: Passemos para o outro lado. E, deixando a multidão, eles o levaram consigo no barco, assim como estava. Outros barcos o seguiam. Levantou-se então um grande vendaval, e as ondas arremessavam-se contra o barco, de modo que ele já estava inundando. Jesus, porém, estava na popa, dormindo sobre uma almofada. Os discípulos o despertaram e lhe perguntaram: Mestre, não te importas que pereçamos? (Mc 4.35-38)



O mar da Galileia fica a 213 metros abaixo do nível do mar, e a apenas cerca de 48 quilômetros ao norte está o monte Hermom, com 2.800 metros de altura. O ar frio vindo das montanhas constantemente se choca com o ar quente que sobe do mar da Galileia; em consequência disso, caem impressionantes aguaceiros

e tempestades com raios. Pescadores profissionais da Galileia (como os discípulos de Jesus) estavam acostumados a isso. Por esse motivo, essa tempestade em particular deve ter sido incrível, pois mesmo sendo pescadores experientes, eles pensaram que iriam morrer. Eles clamaram a Jesus: “Mestre, não te importas que pereçamos?” Como Jesus respondeu a essa pergunta? Marcos nos conta:



E, levantando-se, ele repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te! Aquieta-te! E o vento cessou, e fez-se grande calmaria. *Então lhes perguntou: Por que estais tão amedrontados? Ainda não tendes fé? Eles ficaram apavorados e diziam uns aos outros: Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?* (Mc 4.39-41)



Jesus despertou e duas coisas incríveis aconteceram. A primeira delas foram as próprias palavras que ele usou, uma ordem da mais completa e absoluta simplicidade. Ele não fez uma cena, não arregaçou as mangas nem levantou uma varinha de condão. Também não disse palavras mágicas. Ele disse apenas: “Cala-te! Aquieta-te!” E isso foi tudo. Jesus simplesmente disse para o vendaval, “Cala-te! Aquieta-te!” — do mesmo modo que dizemos a uma criança desobediente.

E o mais inacreditável foi que o vendaval lhe obedeceu como se fosse uma criança dócil, submissa. “E o vento cessou, e fez-se grande calmaria.” Isso soa redundante até que se percebe que Marcos está falando primeiro do vento e depois da água. “Calmaria” poderia ter sido literalmente traduzido como “as águas pararam”.

Alguma vez você por acaso já viu um mar com águas tão paradas que até parecem um espelho, sem uma onda sequer? Dá até para ver seu próprio rosto nas águas. Quando os ventos pararam, depois que Jesus os repreendeu, isso poderia ter sido uma coincidência. Se você alguma vez já viajou em um cruzeiro ou viveu na costa, sabe que mesmo quando os ventos param e a tempestade termina, as ondas continuam agitadas por um tempo. No entanto, quando Jesus disse “Cala-te! Aquieta-te!”, não só os ventos pararam, mas também as águas se acalmaram imediatamente.

Algo que era consenso entre as culturas da antiguidade era o fato de que o mar era uma força incontrolável por qualquer poder que fosse, exceto por Deus. Nas culturas e lendas antigas, o mar era um símbolo de destruição que ninguém era capaz de deter. O oceano em plena fúria era um poder ingovernável, inexorável e somente Deus podia controlá-lo. Você já ouviu a história de Canuto, um rei dinamarquês do século XI? Seus cortesãos aduladores estavam-no bajulando excessivamente; então, ele lhes disse: “Por acaso sou divino?” E andou até perto do mar, dizendo: “Aquieta-te”, mas as ondas evidentemente não pararam de bater na praia. Com isso, ele estava dizendo: “Somente Deus pode parar o mar. Eu não posso — não sou Deus”. Jesus, porém, é capaz de exercer o poder que pertence somente a Deus. Lembre-se, ele não invocou uma autoridade superior e nem tampouco apelou para magia. Quem ler qualquer dessas lendas antigas sobre milagres verá que a pessoa que faz o milagre invoca um poder superior. Ela diz: “Em nome de _____, eu digo…”. Jesus volta-se para o vendaval e apenas diz: “Aquieta-te”.

Quando Jesus teve aquele confronto com os fariseus, no sábado, ele disse que não era apenas alguém que os estava instruindo a guardar um dia de descanso, mas que ele era o *próprio* descanso. Nessa passagem que estamos analisando agora, Jesus demonstra que ele não é apenas alguém que *tem* poder, ele é o poder *em si*. Qualquer um ou qualquer coisa no universo inteiro que tem algum poder, tem-no porque ele o concedeu.

Isso é uma reivindicação de poder. E se é verdadeira, quem é essa pessoa e o que essa reivindicação significa para nós? Temos duas opções. Você pode argumentar que este mundo é um simples resultado de uma "tempestade" monumental — que você está aqui por mero acaso, por meio de forças da natureza cegas e violentas, por meio de um *big bang* — e quando morrer vai virar pó. E quando o sol se apagar, não haverá ninguém que se lembre de algo que você tenha feito; por isso, no final, se você foi uma pessoa boa ou cruel, não faz a menor diferença. Contudo, se Jesus é quem ele diz ser, há outro modo de olharmos para a vida. Se ele é o Senhor da tempestade, então não importa em que estado o mundo ou sua vida se encontra — você verá que Jesus lhe fornece toda cura, todo descanso e todo poder que você possa querer.

PODER INGOVERNÁVEL

Observe o estado emocional dos discípulos nesta passagem:



Jesus, porém, estava na popa, dormindo sobre uma almofada. Os discípulos o despertaram e lhe perguntaram: Mestre, não te importas que pereçamos? E, levantando-se,

ele repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te! Aquieta-te! E o vento cessou, e fez-se grande calmaria. *Então lhes perguntou: Por que estais tão amedrontados? Ainda não tendes fé? Eles ficaram apavorados e diziam uns aos outros: Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?* (Mc 4.38-41)



Antes de Jesus acalmar a tempestade, eles estavam com medo — mas depois que ele a acalmou, eles ficaram aterrorizados. Por quê? Antes de Jesus acordar, Marcos conta que o barco estava quase inundado — estava quase cheio de água. Os discípulos não estavam conseguindo esvaziá-lo com a rapidez necessária; eles sabiam que o barco estava prestes a ficar completamente inundado e todos iriam morrer. Então, despertaram Jesus e disseram: “Mestre, não te importas que pereçamos?” Essa imagem mexe com nosso coração, pois qualquer um que tentou viver uma vida de fé neste mundo já se sentiu assim algum dia. Tudo está dando errado, você está afundando, e Deus parece estar dormindo, distante, sem saber do seu sofrimento. Em outras palavras, os discípulos estavam dizendo a Jesus: “Se você nos amasse, não nos deixaria passar por isso. Se você nos amasse, não estaríamos prestes a morrer afogados. Se você nos amasse, não nos deixaria passar por esse perigo mortal”. Jesus acalmou a tempestade e então deu uma resposta a eles. Por acaso ele disse que podia entender o que eles sentiam? Não, ele lhes perguntou: “Por que estais tão amedrontados?” Você pode imaginar o que se passava na cabeça dos discípulos? Ora, por que estamos tão amedrontados? É óbvio! Estávamos com medo de morrer afogados. Estávamos com medo

de que você não nos amasse, pois se amasse, não deixaria essas coisas nos acontecerem.

No entanto, a pergunta que Jesus fez a eles tinha por trás o seguinte pensamento: A premissa de vocês está errada. Vocês deveriam saber que eu permito, *sim*, que as pessoas que amo atravessem tempestades. Vocês não têm razão para entrar em pânico.

E se eles tinham pouco motivo para ter entrado em pânico durante a tempestade, certamente não tinham motivo nenhum para ficar atemorizados depois que ela se acalmou. Mas Marcos escreve: “Eles ficaram apavorados e diziam uns aos outros: Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?”

Por que eles ficaram mais apavorados com a calmaria do que com a tempestade? Porque Jesus era alguém que não se podia controlar, assim como a tempestade. Esta tinha um poder imenso — eles não puderam controlá-la. Como Jesus tinha infinitamente mais poder do que a tempestade, eles tinham ainda menos controle sobre ele. Mas há uma enorme diferença. Uma tempestade não ama ninguém. A natureza vai judiar de você, vai destruí-lo. Se você viver muitos anos, um dia vai parar de funcionar e morrerá. Talvez isso aconteça mais cedo — por meio de um terremoto, um incêndio ou alguma outra catástrofe. A natureza é violenta e avassaladora — seu poder é incontrolável, e mais cedo ou mais tarde caímos nas garras dela. Pode ser que você concorde comigo, mas diga que mesmo que vá a Jesus, ele também está fora do alcance de nosso controle. Jesus permite que aconteçam coisas que não compreendemos. Ele não faz as coisas de acordo com os meus planos ou de um modo que faça sentido para mim. Contudo, se

Jesus é Deus, ele deve ser grande o bastante para ter motivos para deixar que você passe por coisas que não consegue compreender. O poder dele é ilimitado, assim como também o são sua sabedoria e seu amor. A natureza nos olha com indiferença, mas Jesus está repleto de um amor incontrolável por nós. Se os discípulos tivessem realmente compreendido que Jesus os amava, que ele era tanto poderoso quanto amoroso, não teriam ficado com medo. A premissa deles — de que se Jesus os amasse ele não permitiria que coisas ruins acontecessem a eles — estava errada. Jesus pode amar alguém e ainda assim permitir que coisas ruins aconteçam a essa pessoa, pois ele é Deus — pois ele sabe mais do que qualquer pessoa.

Se você tem um Deus grandioso e poderoso o suficiente a ponto de lhe fazer ficar com raiva por ele não interromper seu sofrimento, então você tem um Deus que é grandioso e poderoso o suficiente a ponto de ter razões as quais você não consegue entender. Não se pode ter tudo. Tive uma professora, Elisabeth Elliot, que resumia isso em duas breves proposições: “Deus é Deus e, uma vez que ele é Deus, é digno da minha adoração e do meu serviço. Não encontrarei descanso em outro lugar que não seja a vontade dele, e essa vontade necessariamente está, de forma infinita, incomensurável e inexprimível, além da minha compreensão acerca de quais são os planos dele”.[3] Se você está à mercê da tempestade, sabe que seu poder é incontrolável e que ela não ama você. O único lugar em que está seguro é na vontade de Deus. Mas por ele ser Deus e você não, a vontade dele necessariamente está, de forma infinita, incomensurável e inexprimível, além da sua melhor compreensão dos planos dele. Será que ele é seguro? “É claro que

não. Quem está falando em segurança? Mas ele é bom. Ele é o Rei".[4]

PODER QUE TEM UM ALTO CUSTO

Jesus pergunta aos discípulos: "Ainda não tendes fé?" (Mc 4.40b). Isso na verdade poderia se traduzir nas seguintes palavras: "Onde está a vossa fé?" Adoro a maneira como Jesus formulou essa frase. Ao fazer a pergunta desse modo, Jesus leva os discípulos a verem que o fator crítico não era a força da fé deles, mas sim seu objeto.

Imagine que você esteja caindo de um precipício e percebe que existe um galho que brota na encosta desse precipício. Ele é forte o suficiente para sustentá-lo, mas você não sabe o quão forte ele é. Enquanto está caindo, você só tem tempo para agarrá-lo. Quanta fé você precisa ter nesse galho para que ele salve você? Precisa estar cem por cento certo de que ele pode salvar você? Não, é claro que não. Só precisa ter fé suficiente para agarrá-lo. Isso acontece porque não é a qualidade de sua fé que salva você, mas sim o objeto de sua fé. Não importa como você se sente a respeito do galho; tudo que importa é o galho em si. Jesus é como esse galho.

Vamos voltar à história de George MacDonald, *The Princess and the Goblin* [A princesa e o gnomo], que já citei. Curdie, um jovem e robusto mineiro, havia sido capturado por gnomos e estava preso em uma caverna. Certa noite, a pequena Irene, ao ouvir que havia gnomos em sua casa, pega um fio mágico que lhe fora dado por sua fada madrinha e começa a segui-lo. O fio conduz a menina diretamente para a escuridão, que era o que ela mais temia, mas ela segue aquele fio com fé, encontra Curdie e o ajuda a sair da

caverna. Ele, contudo, não pode ver nem sentir o fio. Por isso, diz à Irene: “Sou muito grato por você ter salvado minha vida, mas não acredito em sua fada nem nesse fio.” Contrariada, ela protesta: “Como eu teria conseguido salvá-lo sem o fio?” Quando, em seguida, a fada madrinha de Irene aparece, ela diz à menina: “Curdie é um bom menino, um menino corajoso. Você não está contente por tê-lo ajudado a sair da caverna?”

Irene responde: “Estou, fada madrinha, mas ele não foi nada gentil em não ter acreditado em mim, quando contei a verdade a ele.” E veja só a resposta da fada madrinha: “Cada um crê naquilo que pode, mas quem tem mais fé não deve julgar com rigor aqueles que têm menos fé. Duvido que você teria crido por si mesma se não tivesse visto ao menos em parte.”[5] Isso que MacDonald diz é de extrema importância e profundamente bíblico. *Quem tem mais fé não deve julgar com rigor aqueles que têm menos fé*. Por quê? Porque a fé, em última análise, não é uma virtude; é uma dádiva, um dom.

Se você quer ter fé, mas não consegue, pare de olhar para dentro de si mesmo; vá até Jesus e diga: “Ajuda-me a crer”. Vá até ele e diga: “Então é você que concede o dom da fé! Tenho tentado encontrar a fé por meio da razão, da reflexão, da meditação, indo à igreja na esperança de que algum sermão toque meu coração — tenho tentado com todas as minhas forças encontrar a fé por mim mesmo. Só agora vejo que *você*, Jesus, é a fonte da fé. Por favor, conceda-me fé.” Se fizer isso, descobrirá que Jesus tem estado à sua procura — ele é o autor e aquele que nos concede a fé, e é também o objeto da nossa fé.

Algo fora do comum acontece com nossa reação a essa passagem sobre a tempestade. Os discípulos sempre se equivocavam, e nós normalmente rimos deles e dizemos: “Puxa, eles simplesmente não entenderam nada!” Mas não nos sentimos dessa forma nesse caso. Nós sentimos empatia em relação à situação deles. Havia uma tempestade, Jesus tinha adormecido, o barco deles estava prestes a afundar, e eles ficaram desequilibrados. Começaram a achar que Jesus não os amava. Mas ele acordou e disse, em outras palavras: “Se soubessem o quanto amo vocês, teriam ficado calmos”. No entanto, nós pensamos que isso é praticamente impossível. Sabemos que ninguém consegue enfrentar uma tempestade com tanta calma. Contudo, temos algo que os discípulos ainda não tinham. Temos um recurso que nos capacita a manter a calma por dentro, independente da fúria da tempestade à nossa volta. E eis uma pista disso: Marcos deliberadamente escreveu esse relato em uma linguagem que é paralela, quase que idêntica, à linguagem de um famoso relato do Antigo Testamento, a história de Jonas. Tanto Jesus quanto Jonas estavam em um barco, e ambos os barcos estavam ameaçados por uma tempestade — as descrições dessas tempestades são praticamente idênticas! Tanto um quanto outro estavam adormecidos. Nas duas histórias foram acordados por pessoas que estavam no barco e diziam: “Vamos morrer aqui”. E nos dois casos houve uma intervenção divina miraculosa, e o mar acalmou-se. A seguir, nas duas histórias, as pessoas ficam ainda mais atemorizadas do que estavam antes que a tempestade se acalmasse. São, enfim, duas histórias praticamente idênticas — existe apenas uma diferença. No meio da tempestade, Jonas disse

algo assim aos marinheiros: “Se eu perecer, vocês vão sobreviver. Se eu morrer, vocês viverão” (Jn 1.12). Então, eles lançaram-no ao mar. Isso não acontece no relato de Marcos. Ou acontece? Acredito que Marcos está mostrando que as histórias não são de fato diferentes, quando você se afasta um pouco e olha para elas sob a ótica da história completa de Jesus. No Evangelho de Mateus, Jesus diz: “E aqui está quem é maior que Jonas” (Mt 12.41). Jesus refere-se a si mesmo: *Eu sou o verdadeiro Jonas*. Com isso ele quis dizer o seguinte: um dia vou acalmar todas as tempestades, fazer parar as ondas. Vou destruir a destruição, fragmentar a fragmentação humana, matar a morte. Como pode ele fazer isso? Ele pode somente porque, quando estava na cruz, ele foi lançado — voluntariamente, assim como Jonas — dentro da maior das tempestades, à mercê das maiores ondas que existem, as ondas do pecado e da morte. Jesus foi atirado à única tempestade que de fato pode nos afundar — à tempestade da justiça eterna, da dívida que temos por causa de nossas transgressões. Essa tempestade não se acalmou, enquanto não o arrastou por completo.

Se a visão de Jesus entrando de cabeça curvada dentro da maior tempestade de todas está gravada no âmago do seu ser, você jamais dirá: “Senhor, tu não te importas?” E se sabe que ele não abandonou você nessa tempestade, o que o faz pensar que ele o abandonaria nessas tempestades bem menores que está enfrentando agora? E um dia, evidentemente, ele voltará e acalmará todas as tempestades por toda eternidade.

Se permitir que essa certeza penetre no âmago do seu ser, saberá que Jesus ama você. Saberá que ele se importa com você.

E terá, então, poder para lidar com qualquer coisa na vida com equilíbrio.

> Quando eu chamá-lo a atravessar águas profundas,
> Rios de angústia não transbordarão;
> Pois estarei com você, para abençoar sua tribulação,
> Para santificar suas angústias mais atrozes.
>
> A alma que tiver se reclinado sobre Jesus em busca de descanso,
> Jamais a abandonarei nas mãos dos inimigos;
> Essa alma, embora todo o inferno deva tentar abalá-la,
> Eu nunca, jamais em tempo algum abandonarei.[6]

1 Richard BAUCKHAM, *Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony*. Grand Rapids: Eerdmans, 2006, p. 343 e seguintes.

2 Citado em BAUCKHAM, p. 343n.

3 Elisabeth ELLIOT, *Through Gates of Splendor*, 40ª edição de aniversário. Wheaton: Tyndale, 1981, p. 267.

4 C. S. LEWIS, *The Lion, the Witch and the Wardrobe*. Nova York: HarperCollins, 1978, p. 81.

5 George MACDONALD, *The Princess and the Goblin*. Londres: Blackie and Son, 1888, p. 223.

6 “How Firm a Foundation”, at. John Keith, 1787 (linguagem atualizada).

capítulo seis

A ESPERA

"SENHOR, PERMITE-NOS PODER seguir o exemplo da paciência de Jesus". Essa foi a oração que Thomas Cranmer, autor do original *Livro de Oração Comum*, escreveu para o Domingo de Ramos — anterior ao domingo de Páscoa. O que ele quer dizer com paciência? Paciência é o amor que resiste ao longo percurso; é resistir sob circunstâncias difíceis sem desistir nem ceder à amargura. Significa trabalhar quando a recompensa é protelada. É aceitar o que a vida oferecer — mesmo que seja sofrimento — sem revidar. E quando você se encontra em uma situação em que está sobrecarregado de problemas, ou quando algo o atrasa ou o pressiona, ou quando não acontece aquilo que deseja, há sempre a tentação de perder a paciência. Você pode perfeitamente ter perdido a paciência sem sequer perceber.

Essa oração é particularmente comovente por ter sido feita para a semana anterior à Páscoa, a época em que recordamos a morte sacrificial de Jesus na cruz. Ele demonstrou paciência não somente na maneira como encarou sua execução e os inimigos. Também demonstrou uma paciência assombrosa na vivência com seus

discípulos — pense só na paciência que teve com eles no episódio da tempestade — e com as pessoas que cruzaram seu caminho.

Marcos registra o encontro de Jesus com um líder religioso chamado Jairo, um dos chefes da sinagoga. Ele deve ter sido um homem altamente dedicado a Deus, moralmente respeitável, assim como uma pessoa de muitas posses e socialmente importante. Marcos escreve sobre ele:



Quando Jesus voltou de barco para o outro lado, estando à beira-mar, uma grande multidão aglomerou-se perto dele. *Então chegou um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo, e logo que viu Jesus, prostrou-se aos seus pés*… (Mc 5.21,22).



Temos aqui um homem de autoridade e boa posição; contudo, ele se prostra aos pés de um carpinteiro Galileu. É algo bem fora do comum, não é? O homem devia estar desesperado. Mas, afinal, qual era o problema? Marcos nos conta:



… logo que viu Jesus, prostrou-se aos seus pés, e lhe rogava com insistência: Minha filhinha está prestes a morrer; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que seja curada e viva. *E Jesus foi com ele* (Mc 5.22-24).



Sua filhinha estava para morrer. Esta é a linguagem que ele usa para descrever a situação: ela morreria a menos que Jesus o

acompanhasse. Diante disso, dá para imaginar a agitação de Jairo quando percebe que há esperança para sua filhinha que está morrendo; no entanto, por dentro ele deveria estar morrendo de medo que ele e Jesus não chegassem a tempo. Assim, Jesus, Jairo e os discípulos se apressam até a casa de Jairo, e são seguidos por uma multidão ansiosa por ver outro milagre:



> *Uma grande multidão o seguia e o comprimia*. *Estava ali uma certa mulher que por doze anos sofria de uma hemorragia*. *Ela havia sofrido muito nas mãos de vários médicos, tendo gastado tudo quanto possuía, sem obter melhora alguma; pelo contrário, piorava* (Mc 5.24-26).



É curioso o fato de que o texto diz que “ela havia sofrido muito nas mãos de vários médicos, […] sem obter melhora alguma; pelo contrário, piorava”. Em outras palavras, ela não vinha sofrendo apenas com a doença, mas também com os tratamentos. Tinha gastado tudo quanto possuía e esgotado todas as alternativas da medicina:



> *Tendo ouvido a respeito de Jesus, veio por trás dele, no meio da multidão, e tocou-lhe o manto, pois pensava: Se tão somente tocar-lhe as vestes, serei curada*. *Sua hemorragia estancou imediatamente, e ela sentiu no corpo que já estava curada do seu mal*. *Jesus logo percebeu que dele havia saído poder* (Mc 5.27-30).



A multidão comprimia Jesus, essa mulher tocou-lhe as vestes e foi curada, e ouvimos que Jesus logo percebeu que dele havia saído poder. Essa é a primeira vez que é usado no livro de Marcos o termo grego *dunamis* (“poder”), de onde vem a palavra *dinamite*. Jesus tem uma sensação de fraqueza, de que algo havia saído dele e sabe que houve uma cura. Ele havia perdido poder para que ela pudesse ganhar. Ele para a pequena comitiva, a corrida de emergência, olha em volta e diz: “Quero saber quem me tocou”:



Então virou-se no meio da multidão e perguntou: Quem tocou as minhas roupas? Os seus discípulos lhe disseram: Vês que a multidão te pressiona, e perguntas: Quem me tocou? Mas ele olhava em redor para ver quem havia feito aquilo. *Então a mulher, atemorizada e trêmula, ciente do que lhe havia acontecido, foi, prostrou-se diante dele e contou-lhe toda a verdade* (Mc 5.30-33).



Quando Jesus descobre a pessoa que fora curada pelo poder que dele saíra, ele para e faz com que ela lhe conte “toda a verdade”, a história toda sobre o que acontecera.

Imagine a ansiedade de Jairo com tudo isso; a irritação dos discípulos; a paciência e a calma de Jesus. Aquela mulher que sofria de uma doença crônica estava recebendo atenção, em vez da garotinha que sofria de uma doença fatal. Jesus opta por parar e conversar com a mulher que acabara de ser curada. Isso não faz sentido. É absolutamente irracional. Na verdade, é pior que isso: é uma conduta negligente. Se essas duas pessoas estivessem em uma sala de emergências, qualquer médico que tratasse primeiro da

mulher e deixasse a garotinha morrer seria processado por negligência profissional. E Jesus está se comportando como um médico imprudente. Jairo e os discípulos devem estar pensando: “O que ele está fazendo? Será que ainda não entendeu a situação? Corra ou será muito tarde. A garotinha precisa de sua ajuda agora, Jesus. Corra, Jesus, corra”.

Jesus, porém, não se deixa apressar. Enquanto ele permanece lá, conversando com a mulher, aquilo que Jairo mais temia acontece:



Enquanto ele ainda falava, chegaram pessoas da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: A tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre? (Mc 5.35)



Imagine como Jairo se sentiu em relação a Jesus naquele momento. Mas Jesus olha para ele calmamente:



Percebendo isso, Jesus disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente (Mc 5.36).



Em essência, Jesus está dizendo a Jairo: *Confie em mim*. *Seja paciente*. *Não há necessidade de pressa*. Cada cultura tem uma noção diferente de tempo. Isso fica notoriamente evidente em encontros e eventos entre diferentes culturas. Imagine um casamento em que o noivo seja de uma cultura que não vê problema em um atraso de quinze a trinta minutos, enquanto a noiva

é de outra cultura que torce o nariz para um mínimo atraso que seja. A noiva e as damas de honra estão prontas para entrar, mas o noivo ainda não chegou e já está 15 minutos atrasado. Nos bancos que ficam do lado esquerdo da igreja, vemos pessoas cochichando e semblantes preocupados. Já do lado direito, todos estão perfeitamente calmos. O tempo certo é algo relativo. Todos têm uma noção de que "*este* é o momento certo e não *aquele*".

A noção de Deus sobre o tempo certo nos deixa perplexos, não importa a cultura a que pertencemos. Sua graça dificilmente acontece de acordo com a agenda que estipulamos. Quando Jesus olha para Jairo e diz "Não temas, crê somente", na verdade ele está olhando para todos nós e dizendo: "Vocês se lembram de como acalmei a tempestade, de quando lhes mostrei que minha graça e meu amor são compatíveis com o fato de passarem por tempestades, embora vocês possam não achar que sejam? Bem, agora estou dizendo a vocês que minha graça e meu amor são compatíveis com atrasos que lhes parecem injustificáveis". Ele não está dizendo "Não me deixarei apressar embora ame vocês", mas sim "Não me deixarei apressar *porque* amo vocês. Sei o que estou fazendo. Se tentarem impor a mim sua noção do tempo certo, terão problemas para se sentirem amados por mim." Jesus não se deixará apressar e, em consequência disso, nós em geral nos sentimos exatamente como Jairo, impaciente por ele estar se atrasando de forma irracional, injustificável e excessiva.

DO QUE REALMENTE PRECISAMOS

Contudo, precisamente por causa do atraso de Jesus tanto a mulher quanto Jairo saíram com muito mais do que haviam pedido. Preste atenção, quando procura a ajuda de Jesus, você tanto dá quanto recebe dele muito mais do que pediu. Seja paciente, pois a situação toda em geral não sai do jeito que você esperava. Veja Jairo, por exemplo. Ele procurou Jesus em busca de cura para sua filha, mas recebe muito mais do que isso. Vamos agora para o ponto alto da história. O enredo se complica novamente: muito embora a menina tenha morrido, Jesus olha para o pai dela e diz: “Vou até lá do mesmo jeito”. E eles foram em frente:



E não permitiu que o acompanhassem, com exceção de Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu o alvoroço dos que choravam e lamentavam muito. E, entrando, disse-lhes: Por que fazeis alvoroço e chorais? A menina não está morta, mas dormindo. E começaram a rir dele (Mc 5.37-40).



Quando eles por fim chegaram à casa de Jairo, todos choravam a morte da menina. Por isso, é evidente que as pessoas começaram a rir, quando Jesus disse que a menina estava dormindo. Todos sabiam reconhecer uma criança morta. E a história continua:



Ele, porém, fez com que todos saíssem, tomou consigo o pai e a mãe da menina, e os que o haviam acompanhado, e

entrou onde a menina estava. *E, tomando-a pela mão, disse-lhe: Talita cumi, que quer dizer: Menina, eu te ordeno, levanta-te*. *Então a menina, que tinha doze anos de idade, levantou-se imediatamente e começou a andar. E todos foram tomados de grande espanto* (Mc 5.40-42).



É óbvio que todos ficaram espantados. Jairo havia procurado Jesus para uma cura, e não para uma ressurreição. Mas quando vamos até Jesus em busca de ajuda, recebemos dele bem mais do que esperamos.

Todavia, quando vamos até Jesus em busca de ajuda, também acabamos dando a ele mais do que esperávamos a princípio. Jairo viera até ele com a ideia de que teria que confiar em Jesus o suficiente até chegar em sua casa, e esperava que de algum modo sua filha não morresse antes que ele chegasse. Mas Jesus exigiu mais dele: depois que a menina morreu, por causa da aparente negligência do Grande Médico, Jesus olhou diretamente em seus olhos e disse: “Confie em mim”. Ora, isso era um teste de fé bem maior do que qualquer coisa que Jairo tinha antecipado.

Ou veja, por exemplo, a mulher enferma. Ela buscara Jesus para ser curada. Mas ela queria apenas lhe tocar as vestes e ir embora. Queria apenas dizer, “Estou melhor, agora vou sumir daqui”, algo simples assim. Mas Jesus não permitiria. Ele a fez se revelar em público. Lembre-se de que isso era algo muito ameaçador para ela, pois vinha sofrendo de um fluxo hemorrágico, o que a tornava cerimonialmente impura. Por isso, tocar um Rabi em público era quebrar um grande tabu. Desse modo, a exigência de

Jesus no sentido de que ela se identificasse era uma coisa que ela temia muito.

Mas por que Jesus insistiu para que ela se identificasse em público? Porque ela precisava disso. Veja, ela tinha uma compreensão um tanto supersticiosa do poder de Jesus. Pensava que era o toque que iria curá-la. Pensava que o poder de Jesus era manipulável. Então, Jesus fez com que ela se identificasse para que ele pudesse dizer: “Não, foi a tua fé que te curou”. Vamos agora para o ponto alto da história dela:



Então a mulher, atemorizada e trêmula, ciente do que lhe havia acontecido, foi, prostrou-se diante dele e contou-lhe toda a verdade. *E Jesus lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre desse teu mal* (Mc 5.33,34).



Jesus estava dizendo a ela: “O que te curou foi a tua fé e agora que sabes disso, estás em um relacionamento comigo que transformará sua vida”. Há toda a diferença no mundo entre ser uma pessoa supersticiosa que recebe uma cura do corpo e ser uma pessoa que tem sua vida transformada e se torna uma seguidora de Jesus por toda a eternidade.

Se você for até Jesus, ele pode lhe pedir bem mais do que a princípio você havia planejado, mas ele também pode dar-lhe infinitamente mais do que você jamais ousaria pedir ou sonhar.

O QUE REALMENTE PRECISAMOS SABER

Do ponto de vista de Jairo e dos discípulos, Jesus estava sendo negligente ao deixar uma garotinha morrer, enquanto tratava da mulher que sofria de uma doença crônica. Mas nós, que lemos a história até o final, sabemos de algo que eles não sabiam. Sabemos que, para Jesus, não havia diferença entre ressuscitar uma criança ou curar uma febre — ele tem poder sobre a morte. Também sabemos que Jesus teve a oportunidade de pegar uma mulher supersticiosa, que fora fisicamente curada, e transformá-la em uma seguidora com a vida transformada. Jairo e os discípulos também não podiam ver isso. Eles não faziam a menor ideia.

Aos olhos deles, Jesus estava se atrasando por um motivo fútil, mas não tinham conhecimento de todos os fatos. E assim, sempre que Deus parece estar atrasando injustificadamente sua graça e sendo negligente em nossa vida é porque existe alguma informação crucial que não possuímos, alguma variável essencial que está fora do nosso conhecimento. Se eu tivesse a oportunidade de me sentar a seu lado e ouvir sua história de vida, pode bem ser que eu me juntasse a você, dizendo: “Não consigo entender porque Deus não está agindo. Não sei por que ele está demorando”. Acredite em mim, sei como você se sente e por isso quero dizer isso com sensibilidade. Mas quando olho para os atrasos de Deus em minha própria vida, percebo que grande parte de minha consternação é motivada pela arrogância. Eu reclamo para Jesus: “Está certo, você é o eterno Filho de Deus, que vive por toda a eternidade, que criou o universo. Mas por que sabe melhor do que eu como minha vida deveria estar?” Jacques Ellul, em seu clássico *The Technological*

Society [A sociedade tecnológica], argumenta que na sociedade ocidental moderna somos ensinados que quase tudo na vida está lá para ser manipulado para nossos fins.[1] É comum o fato de muitas pessoas terem agido assim em todos os tempos e épocas, mas Ellul acredita que a cultura ocidental piorou essa condição. Não somos Deus, mas temos tamanhos delírios de grandeza que nosso moralismo e arrogância às vezes precisam ser arrancados de nosso coração pelos atrasos de Deus.

Será que neste momento Deus está atrasando alguma coisa em sua vida? Você está a ponto de desistir? Está impaciente com Deus? Pode ser que exista algum fator crucial que você ignora. Sua resposta, assim como a que foi dada para Jairo, é que confie em Jesus.

COMO REALMENTE SABEMOS ISSO

Você acha estranho que, ao chegar à casa de Jairo, Jesus tenha dito que a menina estava apenas dormindo? Os relatos paralelos dos Evangelhos de Mateus e Lucas deixam claro que Jesus compreendia que ela estava morta. Ela não estava apenas *quase* morta; ela estava *inteiramente* morta. Então, por que Jesus fala que ela estava dormindo?

A resposta está naquilo que Jesus faz em seguida. Lembre-se, Jesus senta-se ao lado da menina, toma a mão dela e lhe diz duas palavras. A primeira é *Talita*. Literalmente significa menina, mas isso não capta o sentido do que ele estava dizendo. Ele estava usando um diminutivo, uma forma carinhosa de se referir à menina. Uma vez que é um diminutivo que uma mãe usaria em relação à sua filha, é provável que a melhor tradução para essa palavra seja "meu amorzinho". A segunda palavra que Jesus diz é *cumi* que significa "levanta". Não significa "ressuscita", significa somente "levanta". Jesus está fazendo exatamente o que os pais dessa menina fariam em uma ensolarada manhã de domingo. Ele senta, segura a mão da menina e diz: "Meu amorzinho, é hora de levantar". E ela se levanta. Jesus está enfrentando a morte, o inimigo mais implacável e inexorável da raça humana, e o poder dele é tão grande que ele segura essa menina pela mão e gentilmente a traz para o mundo dos vivos. "Meu amorzinho, levanta". Com seus atos, Jesus está dizendo: "Se eu estiver segurando sua mão, a morte nada mais é do que um sono".

No entanto, as palavras e os atos de Jesus não são somente poderosos, são também repletos de amor. Quando a gente é criança

e nossos pais nos levam pela mão, sentimos que tudo está bem. Estamos errados, evidentemente. Há pais que não são bons e até mesmo os melhores pais são imperfeitos. Mesmo os melhores pais podem cometer deslizes, mesmo eles fazem escolhas equivocadas. Mas Jesus é o Pai supremo, que levará você pela mão e o conduzirá pela noite mais escura. O Senhor do universo, aquele que colocou as estrelas em seu lugar, pega em sua mão e diz: “Meu amorzinho, é hora de levantar”.

Por que iríamos querer apressar alguém tão poderoso e amoroso assim, alguém que nos trata com tanta ternura? Por que ficaríamos impacientes com alguém assim? Jesus nos segura pela mão e nos conduz através da mais negra escuridão. O que o capacita a fazer isso? Na carta que escreveu para a igreja em Corinto, em 2Coríntios 13.4, o apóstolo Paulo diz que Cristo foi crucificado em fraqueza para que pudéssemos viver pelo poder de Deus. Ele se fez fraco para que possamos ser fortes. Não há nada mais aterrorizante para uma criança do que soltar a mão dos pais quando está no meio de uma multidão ou no escuro, mas isso não é nada, se comparado com a perda do próprio Jesus. A mão dele escapou da mão do Pai na cruz. Ele foi para o sepulcro para que pudéssemos ser tirados de lá, ressurretos. Jesus soltou a mão do Pai para que soubéssemos que, uma vez que estivesse segurando nossa mão, ele nunca, jamais nos abandonaria.

A propósito, essa é a razão de a oração de Thomas Cranmer para o Domingo de Ramos ser como é. A oração completa diz: “Senhor, permite-nos poder seguir o exemplo da paciência de Jesus e ser feitos participantes da sua ressurreição”. Jesus Cristo sabia que o único caminho para a coroa passava pela cruz, que o único

caminho para a ressurreição era por meio da morte. Assim, a cura da mulher enferma foi outro prenúncio da cruz. Ele perdeu poder para que ela pudesse ganhar forças novamente. Mas na cruz ele perdeu sua própria vida para que pudéssemos viver para todo o sempre. O único caminho para Jesus nos dar seu poder e sua vida era passando pela fraqueza e morte.

Você por acaso tem tentado apressar Jesus? Está impaciente com a espera? Deixe que ele tome você pela mão, deixe que ele faça o que deseja fazer. Ele ama você com todo seu ser. Ele sabe o que está fazendo. Logo chegará a hora de se levantar.

Que possamos seguir o exemplo de sua paciência, para que possamos ser feitos participantes de sua ressurreição.

[1] Jacques ELLUL, *The Technological Society*. Traduzido por John Wilkinson. Nova Iorque: Knopf, 1964.

capítulo sete

A MANCHA

O CONFLITO DE Jesus com os líderes religiosos de sua época não diminuía. Marcos relata um incidente em que Jesus e esses líderes discordavam sobre as leis acerca da purificação, da dieta alimentar e de regras que tinham a ver com a pureza ritual. Seria muito fácil presumir que a controvérsia a respeito dessas leis é um enigma para nós hoje, talvez desperte algum interesse em termos de antiguidade, mas certamente não é relevante para os nossos dias. Todavia, na verdade essa controvérsia envolve questões profundamente relevantes para a vida humana em qualquer cultura, em qualquer século que seja. Veja o que aconteceu:

Os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém, foram encontrar-se com Jesus. E repararam que alguns dos discípulos de Jesus comiam pão com as mãos impuras, isto é, sem lavá-las. Pois os fariseus e todos os judeus, guardando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar as mãos cuidadosamente. Quando voltam do mercado, não comem sem antes se purificar. E receberam muitas outras

coisas para observar, como a lavagem de copos, de jarros e de vasos de bronze. Então os fariseus e os escribas lhe perguntaram: Por que os teus discípulos não vivem segundo a tradição dos anciãos, mas comem pão sem lavar as mãos? (Mc 7.1-5)



De acordo com as leis da época, quem tocasse em um animal ou ser humano morto, quem tivesse uma doença infecciosa de pele, como furúnculos, erupções cutâneas ou feridas, quem tivesse contato com mofo (em roupas, artigos domésticos ou na própria casa), quem tivesse qualquer tipo de fluxo que saísse do corpo ou quem comesse carne de animal considerado impuro era considerado ritualmente impuro, manchado, contaminado, imundo. Isso significava que a pessoa não poderia entrar no templo — e, portanto, não poderia adorar a Deus junto com a comunidade. Tais limites tão rigorosos nos parecem severos demais, mas, se pensarmos um pouco a respeito, eles não parecerão tão estranhos assim. Ao longo dos séculos, as pessoas se abstinham de alimento durante períodos de oração. Por quê? É um recurso para que se desenvolva uma fome espiritual por Deus. Notamos também que pessoas de diferentes fés se ajoelham para orar. Orar ajoelhado não é um pouco desconfortável? Mas é um recurso para que se desenvolva uma atitude de humildade espiritual. Assim, os rituais de purificação e os esforços para permanecer limpo e livre de contaminação por impurezas e doenças, usados pelas pessoas religiosas do tempo de Jesus, eram recursos visuais que os possibilitavam reconhecer que estavam espiritualmente e moralmente impuros e, portanto, não poderiam entrar na presença

de Deus, a menos que passassem por algum tipo de ritual de purificação espiritual.

Quando vamos nos encontrar com alguém importante para nós — algum encontro especial ou uma entrevista de emprego —, tomamos banho, escovamos os dentes e nos penteamos com cuidado. O que estamos fazendo com isso? Ficando livres da sujeira, é claro. Ninguém quer comparecer a esses encontros com manchas de sujeira ou cheirando mal. As leis de limpeza ritual seguiam a mesma ideia. Se a pessoa não estivesse limpa em termos espiritual e moral, não poderia estar na presença de um Deus perfeito e santo.

Jesus não poderia estar mais de acordo com os líderes religiosos de sua época sobre o fato de que somos impuros diante de Deus, inadequados para estar na presença dele. Mas discordava deles quanto à fonte dessa impureza e quanto ao modo de tratá-la. Marcos registra esse aspecto:



E, chamando outra vez a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, vós todos, e entendei. Fora do homem não há nada que, entrando nele, possa torná-lo impuro; mas o que sai do homem, isso o torna impuro. (Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.) (Mc 7.14-16)



Segundo Jesus, o estado natural do homem é inapropriado para que esteja na presença de Deus. Muitas pessoas hoje acham essa noção problemática. Muitas diriam: “Certo, os antigos achavam que o mundo era um lugar assustador, pois não compreendiam o

modo como a natureza funciona e, assim, criaram mitos para explicar o mundo. Queriam sentir-se mais no controle de seu destino. Inventaram absolutos morais e deuses irados que tinham que ser apaziguados. Quando alguma coisa não ia bem, tinha que ser porque os deuses não estavam satisfeitos. Portanto, os antigos viviam sobrecarregados de vergonha e culpa." Hoje em dia as pessoas diriam que já deixamos para trás os absolutos morais. Ninguém sabe bem o que é certo ou errado, ninguém sabe ao certo sobre Deus. Todos temos que decidir por nós mesmos e não ficar presos aos padrões alheios. Além do mais, acreditamos nos direitos humanos e na dignidade do indivíduo. Não vemos o indivíduo como alguém impuro, contaminado ou mau. Achamos que a natureza humana é basicamente boa.

É isso que em geral dizemos hoje. Se existe um Deus, não cremos que ele seja um Deus transcendentalmente santo, diante do qual nos apresentamos culpados e condenados.

E, contudo, ainda lutamos com sentimentos profundos de culpa e vergonha. De onde vêm tais sentimentos?

Um dos grandes escritores do século xx, o brilhante e bizarro Franz Kafka, explora esse problema em sua obra *The Trial* [O julgamento]. No começo da história, Joseph K. leva uma vida normal. Mas, de repente, ele é preso e levado para a cadeia. Ninguém diz a ele o que havia feito de errado. *Por que eu fui preso? Do que me acusam?* Ninguém lhe diz nada. Ele é levado de uma cela para outra; então, para uma audiência e, depois, de volta para outra cela. Ninguém lhe explica nada. Todos são rudes com ele, implacáveis, insensíveis. Eles dizem: "Você tem que falar com meu supervisor, eu só sigo ordens." E ele continua a ser levado de uma

audiência a outra, de uma cela a outra. Ninguém nunca lhe diz o que aconteceu de errado. Joseph K. começa a refletir sobre a própria vida. *Talvez tenha sido por isso*. *Será que fui preso por isso? De fato eu fiz isso. Não me parece que tenha sido algo tão mau para justificar a prisão, mas pode ter acontecido*… Mas ele jamais descobre o motivo. No final, ele leva uma facada de um dos guardas e morre.

Em um de seus diários, Kafka disse algo que muitos consideram ser o tema dessa obra: “O estado em que nos encontramos hoje é de pecado, bem independente da questão de culpa.”[1] Em outras palavras, vivemos hoje em um mundo em que não acreditamos em julgamento, em pecado, mas, apesar disso, ainda sentimos que há algo de errado conosco. Kafka passou realmente perto da verdade. Embora tenhamos abandonado as categorias antigas, ainda carregamos um profundo e inevitável senso de que, se passássemos por um exame, seríamos rejeitados. Temos uma sensação profunda de que temos que esconder nosso verdadeiro eu ou, pelo menos, controlar o que as pessoas sabem de nós. Em nosso íntimo, achamos que não somos dignos de ser aceitos, que temos que provar a nós mesmos e aos outros que temos valor e somos dignos de ser amados e respeitados.

Por que trabalhamos tão duro e dizemos sempre: “Se ao menos eu conseguir chegar àquele nível poderei relaxar?” Mas nunca relaxamos de fato quando chegamos lá — e continuamos a trabalhar e trabalhar. O que nos leva a agir assim? O que acontece que alguns de nós não conseguem se permitir desapontar os outros? Nós não temos limites, não importa o que as pessoas nos peçam, o quanto elas nos explorem, pisem em nós, porque para nós

desapontar alguém é uma espécie de morte. Por que essa possibilidade nos incomoda tanto? De onde vêm todas as dúvidas que nos assombram? Por que temos tanto medo de nos comprometer? Kafka está dizendo: “Você não crê em pecado nem em julgamento nem em culpa — contudo, de algum modo, sabe que é impuro”. Você pode enxergar isso pela lente da psicologia e dizer que tem uma neurose, que não foi amado o bastante por seus pais, que é uma vítima ou que tem problemas de autoestima. Mas não há como escapar do fato de que todos nós carregamos essa sensação de que somos impuros.

LIMPEZA DE FORA PARA DENTRO

É Jesus quem nos mostra por que não conseguimos nos livrar dessa sensação de que somos impuros. Assim, a Bíblia nos conta que:



Depois, quando deixou a multidão e entrou em casa, os discípulos lhe perguntaram acerca da parábola. Jesus lhes respondeu: Então vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que entra de fora no homem não pode torná-lo impuro? Porque não entra no seu coração, mas no estômago, e depois é expelido. Assim, Jesus declarou puros todos os alimentos (Mc 7.17-19).



Jesus usa uma linguagem bastante gráfica aqui: quer se comam alimentos puros ou impuros, a comida entra pela boca, desce para o estômago e, então, (literalmente falando) é expelida na latrina. Nunca vai parar no coração. Assim, nada do que entra de fora no homem pode torná-lo impuro.



E prosseguiu: O que sai do homem é que o torna impuro. Pois é de dentro do coração dos homens que procedem maus pensamentos, imoralidade sexual, furtos, homicídios, adultérios, cobiça, maldade, engano, libertinagem, inveja, blasfêmia, arrogância e insensatez. Todas essas coisas más procedem de dentro do homem e o tornam impuro (Mc 7.20-23).



O que de fato há de errado com o mundo? Por que tem que ser um lugar tão miserável? Por que há tanto conflito entre nações, raças, tribos e classes? Por que os relacionamentos tendem a se desgastar e entrar em colapso? Jesus está dizendo: *O que há de errado somos nós*. Está naquilo que sai de dentro de nós. Está no egocentrismo do coração humano. Está no pecado. Na verdade, todos esses males que brotam do coração humano nos tornam tão impuros que Jesus mais para frente diz aos discípulos:



> *E se a tua mão te fizer tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares na vida defeituoso do que, tendo duas mãos, ir para o inferno, para o fogo que nunca se apaga (onde o verme não morre e o fogo não se apaga)*. *Se o teu pé te fizer tropeçar, corta-o; pois é melhor entrares na vida aleijado, do que, tendo dois pés, ser jogado no inferno (onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga)*. *Se o teu olho te fizer tropeçar, joga-o fora; pois é melhor entrares no reino de Deus com um olho só do que, tendo dois olhos, ser lançado no inferno, onde o verme não morre e o fogo não se apaga* (Mc 9.43-48).



O comportamento pecaminoso (daí a referência à mão e ao pé) e o desejo pecaminoso (daí a referência ao olho) são como um incêndio que começa na sala de estar. Vamos imaginar que tenha começado numa poltrona. Você não pode simplesmente ficar sentado, dizendo: “Ora, não é a casa inteira que está em chamas, é só uma poltrona”. Se não fizer algo de imediato, se não tomar uma

medida decisiva, o fogo tomará conta da casa inteira. O fogo não se contenta com pouco. Não tem como fazê-lo arder lentamente ou confiná-lo em um canto. Ele acabará tomando conta de tudo. O mesmo acontece com o pecado. Ele nunca fica restrito a seu lugar. Sempre nos leva à separação de Deus, o que traz intenso sofrimento, primeiro nesta e depois na outra vida. A Bíblia chama isso de inferno. É por isso que Jesus recorre à drástica imagem da amputação. Não pode haver concessões. Devemos fazer tudo que estiver ao nosso alcance para evitar o pecado: se o seu pé faz você pecar, deve cortá-lo fora. Se for seu olho, deve fazer a mesma coisa.

Mas Jesus tinha acabado de dizer que nosso maior problema, aquilo que mais nos torna impuros, não é o pé nem o olho: é nosso coração. Se fosse o pé ou o olho, embora a solução proposta fosse drástica, seria possível resolver o problema. Mas não temos como arrancar nosso coração. Não importa o que façamos ou quanto nos esforcemos, as soluções que vêm de fora do homem não tratam de sua alma. Algo que venha de fora para dentro nunca funcionará, pois a maior parte daquilo que causa nossos problemas brota de dentro para fora. Por isso, nunca ficaremos livres da nossa sensação de impureza.

Como disse certa vez Aleksandr Solzhenitsyn: “A linha que separa o bem do mal não atravessa estados, classes nem partidos políticos — mas atravessa diretamente cada coração humano — todos eles”.[2] A Bíblia nos mostra repetidamente que o mundo não se divide entre maus e bons. Pode ser que existam “pessoas melhores” e “pessoas piores”, mas não se pode fazer uma clara divisão entre bons e maus. Por causa do pecado e do nosso

egoísmo, todos tomamos parte naquilo que faz do mundo um lugar fragmentado e miserável.

Contudo, *ainda* estamos tentando lidar com essa sensação de impureza por meio de medidas externas, ou seja, tentando fazer uma coisa que Jesus diz ser basicamente impossível. Deixe-me fornecer alguns exemplos do que estou falando. Um dos exemplos é a própria religião: se eu me mantiver afastado de filmes obscenos, de atividades profanas e de más pessoas, se orar e ler minha Bíblia, se me esforçar bastante para ser uma boa pessoa, então Deus verá que sou digno, virá e restaurará meu coração. Mas o problema, como disse Jesus, é que esse modelo não vinga. Você jamais se sentirá bom o bastante. Embora esteja orando e se esforçando ao máximo para ser uma boa pessoa, seu coração não muda. Jamais fica repleto de amor, alegria e segurança. Pelo contrário, ficará cada vez mais cheio de ansiedade, pois nunca saberá se está vivendo de acordo com o que se espera. Quando algo não vai bem, imediatamente é bombardeado por dúvidas: “Pensei que estava levando uma vida boa o bastante. Por que Deus permite que isso aconteça?” E a verdade é que você jamais saberá o porquê. A religião não consegue, de forma alguma, livrá-lo do egoísmo, da tendência de justificar a si mesmo, de ser voltado para si mesmo. Ela não fortalece nem muda realmente o coração, pois é algo que vem de fora para dentro.

O mesmo acontece com a política. Logo após a Segunda Guerra Mundial, uma porção de intelectuais britânicos envolvidos na política viram toda sua visão de mundo ser esmagada pelo que havia acontecido durante a guerra. Em 1952, pouco antes de morrer, C. M. Joad, um filósofo socialista que sempre fora ateu,

publicou um livro intitulado *The Recovery of Belief* [O resgate da crença], no qual ele confessa ter voltado a crer em Deus. Ele disse: “Foi por termos rejeitado a doutrina do pecado original que nós, da esquerda, sempre ficamos tão desapontados; desapontados com a recusa das pessoas em ser razoáveis […] com o comportamento de nações e políticos […] e, acima de tudo, com esse fato recorrente da guerra”.[3] Tanto o comportamento do povo quanto dos líderes era algo inexplicável para esse grupo de intelectuais, segundo Joad argumenta, pelo fato de eles não acreditarem no pecado. Lorde David Cecil disse o mesmo depois do Holocausto: “O jargão da filosofia do progresso nos ensinou a pensar que o estado selvagem e primitivo do homem tinha ficado para trás […] Mas o barbarismo não ficou para trás, ele está em [dentro de] nós”.[4]

Dorothy Sayers, escritora e poeta britânica que viveu na mesma época, disse que a Segunda Guerra Mundial foi um duro golpe para a classe instruída da Inglaterra, que tinha “uma crença otimista na influência civilizadora do progresso e da educação.” Essas foram as pessoas que acharam “a pavorosa explosão de ferocidade bestial dos estados totalitários, o egoísmo obstinado e a ganância estúpida da sociedade capitalista […] não […] apenas chocantes e alarmantes. Para eles, essas coisas eram a mais completa negação de tudo em que haviam acreditado. É como se o chão de seu mundo lhes tivesse sido tirado.”[5]

Em sua obra *Creed or Chaos?* [Crença ou caos?], Sayers disse que, ao longo do século anterior e até antes disso, os políticos tinham trabalhado com a seguinte premissa: o que a sociedade tinha de errado não estava no coração humano. Estava nas estruturas sociais, na falta de instrução. Estava na falta de aplicação

do conhecimento que adquirimos por meio da ciência. Portanto, se pudéssemos tão somente suprir essas lacunas, a sociedade atingiria sua grandeza. No entanto, a história moderna está repleta de pessoas desiludidas, pessoas que achavam que o capitalismo ou que o socialismo faria de nós pessoas melhores. O pecado que está no coração do homem apenas se expressa de forma diferente em cada um desses dois sistemas. Assim, a política é apenas mais uma dessas abordagens de fora para dentro que não transformam o coração.

Temos, então, o universo da cultura popular. Christina Kelly foi uma editora bastante bem-sucedida de revistas femininas; ao longo de um período de muitos anos, ela trabalhou em revistas como *Elle Girl*, *YM*, *Jane* e *Sassy*. Há alguns anos ela escreveu uma espécie de confissão na qual perguntava:

> Por que temos tanta fome de celebridades? Eis minha teoria. Ser humano é sentir-se alguém sem importância. Por isso adoramos as celebridades e queremos ser parecidos com elas. Nós nos identificamos com todas as grandes proezas que elas fizeram na tentativa de escapar de nossa vidinha sem importância. Mas isso é tão estúpido. Diante dessa fila interminável de estrelas bem penteadas, moldadas à base de implantes e lipoaspiração, você teria que ser a princípio um poço de autoestima para não se sentir totalmente inferior. Assim, nós adoramos as celebridades por nos sentirmos pessoas sem importância, mas fazer isso nos faz sentir ainda piores. Fazemos delas estrelas, mas, então, sua fama nos faz sentir insignificantes. E eu, como editora, sou parte desse processo todo. Não é de admirar que eu me sinta suja ao fim do dia.[6]

Isso soa tão kafkiano. *Ser humano é sentir-se alguém sem importância*. Cada um de nós já sentiu em um momento ou outro essa inexplicável sensação de ser alguém sem importância, de que somos impuros e precisamos provar algo a nós mesmos. A cultura popular nos diz: “Aha, eis aqui uma maneira de ser puro: seja bonito. Tenha uma pele perfeita. Mude de aparência. Emagreça. Fique parecido com uma celebridade”. Mas Christina Kelly conta que as próprias celebridades são incrivelmente malsucedidas quando recorrem à sua beleza para lidar com seu senso de falta de importância, enquanto o resto de nós se sente ainda pior por não conseguir chegar nem perto do padrão delas. Coisas que vêm de fora para dentro de fato não funcionam.

Talvez você esteja dizendo: “a religião não é bem a minha ‘praia’, nem política e muito menos cultura”. Apenas para mostrar que nós *todos* estamos tentando nos purificar de fora para dentro, e que isso não está funcionando, permita-me falar brevemente sobre o próprio ministério cristão. Você verá como ninguém está imune. Por que as pessoas escolhem dedicar sua vida a um ministério? Por motivos nobres, certo? Há alguns anos eu li esta frase em um livro escrito por Charles Spurgeon para pessoas que estavam estudando para entrar no ministério: “Não pregue o evangelho para salvar a sua alma”. Naquela época, eu tinha vinte anos e me lembro de ter pensado: “Que espécie de idiota iria tentar salvar sua alma pregando o evangelho?” Contudo, após uns poucos anos no ministério, a gente começa a perceber que, se nossa igreja vai bem, cresce e as pessoas gostam do pastor, nós nos sentimos desproporcionalmente bem — mas, se nossa igreja não vai bem e as pessoas não gostam muito do pastor, nós nos sentimos

desproporcionalmente devastados. A conclusão é que estamos trabalhando de fora para dentro. Você parte do seguinte pressuposto: se as pessoas gostam de mim e dizem “Puxa, veja o quanto você me ajuda”, então Deus vai gostar de mim e eu mesmo vou gostar de mim. Com isso, aquela sensação de ser alguém sem importância, aquela sensação de ser impuro desaparecerá. Mas isso não acontece. Há muitos anos li um estudo crítico de Romanos 1.17 que interpretava essa passagem da seguinte maneira: “Aquele que for justo pela fé viverá”. Na hora eu imaginava uma voz me dizendo: “Sim e aquele que for justo pela pregação morrerá a cada domingo”.[7]

Vê como nós todos estamos tentando nos purificar ou disfarçar a impureza que há em nós, compensando-a com boas obras? Mas isso não funcionará. O profeta Jeremias coloca essa questão de forma bem nítida: “Ainda que te laves com soda, e uses muito sabão, a mancha da tua maldade permanece diante de mim, diz o SENHOR Deus” (Jr 2.22). Limpar de fora para dentro não trata do problema do coração humano.

LIMPEZA DE DENTRO PARA FORA

Diferentemente de Mateus, Lucas e João, Marcos quase nunca faz comentários ou interpretações de cunho editorial em seu evangelho. Por isso, quando ele de fato faz algum comentário desse tipo, é algo realmente importante. E ele fez um comentário assim nesta história: “Assim, Jesus declarou ‘puros’ todos os alimentos” (Mc 7.19).

Não está escrito que “Jesus disse que todos os alimentos eram puros”. Se estivesse, então talvez o sentido disso fosse que “Jesus disse que não precisamos nos preocupar tanto assim com os alimentos, que está tudo bem, podemos ir em frente e comê-los”. Jesus estaria dizendo que as leis de purificação estavam ultrapassadas e deveríamos deixá-las para trás. Ele estaria dando uma opinião oficial sobre o assunto.

Mas não foi isso que aconteceu. Nessa passagem está escrito que “Jesus *declarou* ‘puros’ todos os alimentos”. Ele *proclamou* isso. Especialistas e estudiosos do grego concordam neste ponto: Jesus está dizendo, *a partir de agora eu torno esses alimentos puros*. Eu chamei o mundo à existência; eu acalmei a tempestade; eu chamei uma menina de volta à vida. E agora eu chamo de puros todos esses alimentos. A fim de compreender a magnitude disso, é preciso se lembrar de que Jesus tem um respeito incrivelmente profundo pela Palavra de Deus. Ele a considera autoridade até mesmo para si. No Evangelho de Mateus, ele disse que “de modo nenhum passará uma só letra ou um só traço da Lei, até que tudo se cumpra”.[8] Ora, as leis sobre a purificação fazem parte da Palavra de Deus. Jesus jamais olharia para qualquer parte da Lei que fosse e diria: “Estou abolindo isso; já passamos desse ponto”. Portanto, o

que ele está dizendo nessa passagem é que *as leis sobre a purificação se cumpriram* — que o propósito delas, isto é, fazer-nos caminhar em direção a uma purificação espiritual, se realizou. A razão pela qual não temos que segui-las como fazíamos é que elas se cumpriram. Que coisa incrível para ser dita.

Mas como pode ser isso?

Há muitos anos, eu e minha esposa ouvimos um sermão de Ray Dillard, um amigo nosso já falecido que foi professor de Antigo Testamento no Seminário Westminster. Ele chorou durante a maior parte da pregação baseada em Zacarias 3. Zacarias é um dos livros proféticos do Antigo Testamento. No primeiro versículo do capítulo 3, Zacarias, em uma visão, é transportado ao centro do templo. E diz isto: “Ele me mostrou o sumo sacerdote Josué diante do anjo do SENHOR”.

O templo era dividido em três partes: o pátio exterior, o pátio interior e o lugar santíssimo. Este último era completamente cercado por um espesso véu. Dentro dele ficava a arca da aliança em cuja tampa ficava o propiciatório, e a *shekinah*, a glória de Deus, a própria presença e face de Deus, aparecia sobre o propiciatório. Era um lugar temível. Em Levítico 16, Deus diz: “e porá o incenso sobre o fogo diante do SENHOR, a fim de que a nuvem do incenso cubra o propiciatório que está sobre o testemunho, para que ele [Arão] não morra”. Somente uma pessoa, um único dia por ano, tinha permissão para entrar no lugar santíssimo: o sumo sacerdote de Israel no Dia da Expiação, o *Yom Kippur*. Zacarias, então, teve uma visão do centro do templo, do interior do lugar santíssimo, e ele viu o sumo sacerdote Josué diante do SENHOR no Dia da Expiação.

Ray Dillard, em sua pregação, baseando-se em seus estudos contou em detalhes a imensa quantidade de preparativos que eram feitos para o Dia da Expiação. Uma semana antes, o sumo sacerdote era colocado em isolamento — levado de sua casa para um lugar em que ficaria completamente isolado. Por quê? Para que ele não tocasse nem comesse algo impuro por acidente. Levavam-lhe alimentos puros, e ele lavava seu corpo e preparava seu coração. Na véspera do Dia da Expiação ele não dormia; ficava acordado a noite toda, orando e lendo a Palavra de Deus, para purificar sua alma. Então, no Dia da Expiação, ele se lavava da cabeça aos pés, era vestido em linho branco, puro e sem manchas. E, em seguida, entrava no lugar santíssimo e oferecia um sacrifício animal a Deus para expiar ou pagar a pena por seus próprios pecados. Depois de fazer isso, ele saía do lugar santíssimo, lavava-se novamente da cabeça aos pés, era vestido com outra veste de linho branco e entrava novamente no lugar santíssimo, desta vez para ofertar sacrifício pelos pecados dos sacerdotes. Mas isso não era tudo. Ele saía do lugar santíssimo pela terceira vez, lavava-se inteiramente de novo, era vestido com outra veste de linho branco e entrava novamente no lugar santíssimo, desta vez para ofertar sacrifício pelos pecados do povo.

Sabia que tudo isso era feito em público? O templo ficava lotado e as pessoas presentes assistiam a tudo de perto. Havia uma tela bem fina atrás da qual o sumo sacerdote se banhava. Mas as pessoas estavam presentes: elas viam-no se banhar, ser vestido, entrar e sair novamente do lugar santíssimo. Ele era seu representante diante de Deus, e elas estavam lá para apoiá-lo. Elas ficavam muito preocupadas em se certificar de que tudo estava

sendo feito de acordo, com a devida pureza, pois ele as representava diante de Deus. Quando o sumo sacerdote se colocava diante de Deus, não havia nele uma mancha sequer, ele estava tão puro quanto possível. Somente quando se entende isso é possível perceber por que os próximos versículos da profecia de Zacarias 3 eram tão chocantes: Zacarias viu Josué, o sumo sacerdote, diante da presença do Senhor, no lugar santíssimo — mas as vestes de Josué estavam impuras, cobertas de excremento. Ele estava inteiramente contaminado. Zacarias não podia acreditar no que estava vendo. Ray disse que a pergunta central para a interpretação dessa passagem é: como isso pôde acontecer? Os israelitas de modo algum permitiriam que o sumo sacerdote aparecesse desse modo diante de Deus. A resposta de Ray foi esta: Deus estava dando a Zacarias uma visão profética para que ele pudesse nos ver da maneira como Deus nos vê. A despeito de todos nossos esforços para sermos puros, bons, cheios de moral, purificados, Deus vê nosso coração, e este está repleto de imundícies.

Toda a nossa moralidade e nossas boas obras não chegam realmente ao coração. Zacarias de repente percebeu isso, ou seja, que não importa o que façamos continuamos sendo inadequados para estar na presença do Senhor. Mas quando já estava prestes a se desesperar, ele ouviu: “Tirai-lhe as vestes impuras. E disse a Josué: Fiz com que a tua maldade seja tirada de ti e te vestirei de vestes festivas. […] Ouve Josué, […] Eu trarei o meu servo, o Renovo. […] e tirarei a maldade desta terra num só dia, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 3.4,8,9). É provável que Zacarias não pudesse acreditar no que ouvira. Deve ter pensado: “Espere um

minuto. Por séculos, temos feito sacrifícios, obedecido às leis de purificação. E nunca conseguimos nos livrar do pecado!" Mas Deus estava dizendo a ele: "Zacarias, isso é uma profecia. Algum dia os sacrifícios ficarão para trás, as leis da purificação se cumprirão".

Como pode ser? Ray Dillard terminou seu sermão desta maneira: Séculos depois apareceu outro Josué, outro Yeshua. Jesus, Yeshua, Josué — é o mesmo nome em aramaico, grego e hebraico. Apareceu outro Josué e encenou seu próprio Dia da Expiação. Uma semana antes desse dia, Jesus começou a se preparar. E na véspera, ele também não dormiu — mas o que aconteceu a ele foi exatamente o contrário do que aconteceu ao sumo sacerdote Josué, pois, em vez de apoiá-lo, praticamente todo mundo que ele amou o traiu, abandonou ou negou. E quando ele se apresentou diante do Pai, em vez de recebê-lo com palavras de encorajamento, o Pai o abandonou. Em vez de ser vestido em ricas vestes, arrancaram-lhe a única veste que possuía, açoitaram-no, deixaram-no despido e mataram-no. E como nos lembrou Ray, ele também foi banhado, mas pela saliva das pessoas que nele cuspiram.

Por quê? "Daquele que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus (2Co 5.21)". Deus vestiu Jesus com nosso pecado. Ele levou consigo a pena que era nossa, a nossa punição, para que nós, assim como Josué, o sumo sacerdote, possamos ter o que Apocalipse 19.7-8 retrata: "Alegremo-nos, exultemos e demos glória a ele, porque chegou o momento das bodas do Cordeiro, e sua noiva já se preparou, e foi-lhe permitido vestir-se de linho fino, resplandecente e puro". Puro linho — perfeitamente limpo — sem

uma mancha ou defeito sequer. Hebreus 13 diz que Jesus foi crucificado fora dos portões da cidade, onde cadáveres eram queimados — uma pilha de lixo, um lugar totalmente imundo — para que nós pudéssemos ser purificados. Por meio de Jesus, a um custo infinito para si mesmo, Deus nos vestiu com roupas limpas, de alto preço. Elas custaram seu sangue. E isso é a única coisa que pode tratar do problema do nosso coração.

Está vivendo com alguma falha específica do seu passado, algo sobre o qual se sente culpado e pelo qual passa sua vida inteira tentando se desculpar? Ou quem sabe você talvez seja mais como Kafka: não é particularmente religioso nem imoral, no entanto, luta contra a sensação de ser alguém sem importância. Pode ser que esteja lutando até por meio da religião, da política ou quem sabe da beleza. Pode ser que esteja lutando até mesmo por meio de um ministério cristão. Envolvido no ativismo de fazer algo de fora para dentro. *Isso não vai funcionar*.

> Lance ao chão seu “ativismo” mortal —
> Lance-o aos pés de Jesus;
> Permaneça nele, somente nele,
> Gloriosamente completo.[9]

1 Franz KAFKA, *The Basic Kafka*. Nova York: Pocket, 1984, p. 169. Veja também *The Trial*, trad. Mike Mitchell. Nova York: Oxford, 2009 [Publicado em português por Martin Claret sob o título *O processo*].

2 Aleksandr SOLZHENITSYN, *The Gulag Archipelago*. Nova York: HarperCollins, 2002, p. 312.

3 Citado em Stuart BABBAGE, *The Mark of Cain: Studies in Literature and Theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1966, p. 17.

4 Citado em Dorothy SAYERS, *Creed or Chaos?* Nova York: Harcourt, 1949, p. 39.

5 Ibid., p. 38.

[6] Christina KELLY, “Why Do We Need Celebrities?”. *Utne Reader* (Maio/Junho, 1993), p. 100-101.

[7] O estudo crítico é da autoria de Anders NYGREN, *Commentary on Romans*, trad. Por Carl C. Rasmussen. Philadelphia: Muhlenberg, 1949. Veja o subtítulo sobre Romanos 1.17. Martinho Lutero também fazia essa leitura desse versículo, muito embora muitos comentaristas modernos discordem. Veja o clássico *Luthers Werke*, volume 34, p. 337.

[8] Mateus 5.18.

[9] James PROCTOR, “It is Finished”.

capítulo oito

A APROXIMAÇÃO

COMO VOCÊ SE aproxima de Deus? Como se conecta com ele? A maioria de nós consegue pensar em duas opções. Existe a visão antiga em relação a Deus, a qual o vê como um tirano sanguinário que precisa ser constantemente apaziguado por meio de bom comportamento, quando não, por meio de sacrifícios. E existe a visão mais atual de Deus, a qual o vê como uma força espiritual que podemos acessar a qualquer momento que desejarmos, sem cerimônia. Marcos, contudo, nos conta uma história que mostra que se aproximar de Deus pode significar algo inteiramente diferente:

> *Jesus saiu dali e foi para as regiões de Tiro e Sidom. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse disso, mas não pôde passar despercebido. E certa mulher, cuja filha estava possessa de um espírito impuro, logo ouviu falar dele; então, foi e prostrou-se aos seus pés; (a mulher era grega, de origem siro-fenícia) e suplicava-lhe que expulsasse de sua filha o demônio* (Mc 7.24-26).

A história começa com a enigmática declaração de que Jesus fora para as regiões de Tiro e Sidom e não queria que ninguém soubesse disso. O que estava se passando? Bem, Jesus gastara todo seu tempo ministrando em províncias judias, e isso atraiu a ele imensas multidões, o que o deixou exausto. Assim, Jesus saiu das províncias judias e foi para um território gentio, para poder descansar um pouco.

Todavia, essa estratégia não funcionou. Uma mulher ouve dizer que Jesus estava ali e dá um jeito de chegar até ele com ousadia. Embora ela fosse grega, de origem siro-fenícia, em função da proximidade do lugar com a Judeia, ela tinha conhecimento dos costumes judaicos. Ela sabia que não tinha credenciais religiosas, culturais nem morais para se aproximar de um rabi judeu — ela era mulher, grega, de origem siro-fenícia e, portanto, uma gentia pagã, cuja filha estava possessa de um espírito impuro. Ela sabe que, de acordo com os padrões da época, era considerada de todos os modos uma pessoa impura e, portanto, não qualificada para se aproximar de qualquer judeu devoto, quem dirá de um rabi. Mas ela não se importa com isso. Ela entra na casa sem ser convidada, prostra-se aos pés de Jesus e começa a lhe suplicar que expulse o demônio de sua filha. O verbo *suplicar* aqui está no presente progressivo — *ela implora constantemente*. Nada nem ninguém conseguem detê-la. No capítulo 15 do Evangelho de Mateus, na passagem paralela, os discípulos pedem a Jesus que a mande embora. Mas a mulher continua a suplicar a Jesus — ela não aceita um não em resposta à sua súplica.

Você sabe por que ela tem esse arroubo de ousadia, não sabe? Existem os covardes, as pessoas comuns, os heróis e os pais. Os

pais não se encaixam bem nesse espectro que vai da covardia à coragem, pois quando um filho corre perigo, são capazes de fazer o que for preciso para salvá-lo. E não importa se é uma pessoa tímida ou ousada — a personalidade de um pai ou de uma mãe nessas horas é irrelevante. Nós nem pensamos duas vezes, apenas fazemos o que for preciso. Por isso, não é algo assim tão surpreendente o fato de essa mãe estar disposta a pressionar e superar todas as barreiras que lhe são impostas.

Portanto, qual é a resposta de Jesus diante dessa mulher que se prostra aos pés dele, implorando? Veja como a história prossegue:



[…] e suplicava-lhe que expulsasse de sua filha o demônio.
Jesus lhe respondeu: Deixa que primeiro os filhos se fartem,
pois não é justo tomar o pão dos filhos e jogá-lo para os
cachorrinhos (Mc 7.26,27).



À primeira vista, isso parece ser um insulto. Nossa sociedade ama cachorros, mas, na época do Novo Testamento, a maioria desses animais eram cachorros de rua — ferozes, imundos, ou seja, desagradáveis de todas as formas possíveis e imagináveis. A sociedade daquela época não gostava de cães e chamar alguém assim era um insulto terrível. Nos tempos de Jesus, os judeus em geral chamavam os gentios de cães por eles serem “impuros”. Então, o que Jesus disse à mulher era somente um insulto? Não, é uma parábola. O termo parábola quer dizer “metáfora” ou “semelhança”, e é isso que significa o que Jesus disse aqui. Um

ponto-chave para entender a questão está na palavra pouco comum que Jesus usa para se referir aos cães. Ele usa a palavra no diminutivo, “cachorrinhos”, o que na verdade significa filhotes. Lembre-se de que a mulher era mãe. Jesus está dizendo a ela: “Você sabe como são as refeições em família: primeiro comem as crianças à mesa e depois comem seus animaizinhos de estimação. Não é certo quebrar essa ordem. Os animaizinhos de estimação não devem comer da mesa antes das crianças”. Se formos para a passagem de Mateus, veremos que ele dá uma versão ligeiramente mais longa da resposta de Jesus, na qual ele explica o que quis dizer: “Eu fui enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 15.24)”. Por vários motivos, Jesus concentrava seu ministério em Israel. Fora enviado para mostrar a Israel que ele era o cumprimento de todas as promessas das Escrituras, o cumprimento de todos os profetas, sacerdotes e reis, o cumprimento do templo. No entanto, após sua ressurreição, ele diz imediatamente aos discípulos: “ide, fazei discípulos de todas as nações (Mt 28.19)”. Suas palavras, então, não são o insulto que parecem ser. O que ele estava dizendo àquela mulher era: “Por favor, entenda, temos uma ordem a seguir aqui. Irei primeiro a Israel e, depois, aos gentios (às outras nações)”. No entanto, essa mãe volta a insistir com uma resposta espantosa:



Ela, porém, prosseguiu, dizendo-lhe: Sim, Senhor; mas também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas dos filhos. *Então ele lhe disse: Por causa dessa palavra, vai; o demônio já saiu de tua filha*. *Ao voltar para*

casa, ela achou a menina deitada sobre a cama; o demônio já havia saído (Mc 7.28-30).



Em outras palavras, ela diz: *Sim, Senhor, mas os cachorrinhos também comem das migalhas que caem dessa mesa, e eu estou aqui em busca dessas migalhas*. Jesus contou a ela uma parábola na qual ele lhe fornecia uma combinação de desafio e oferta, e ela a aceitou. A mulher respondeu ao desafio: “Certo, eu compreendo. Não sou da nação de Israel, não adoro o Deus dos israelitas. Portanto, não tenho lugar a essa mesa. Eu aceito esse fato.”

Isso não é incrível? Ela não toma isso como uma ofensa, não exige seus direitos. Apenas diz simplesmente: “Tudo bem. Posso não ter um lugar a essa mesa — mas nela há comida suficiente para o mundo inteiro, e eu preciso da minha porção agora”. Ela está travando uma batalha com Jesus, da maneira mais respeitosa que se possa imaginar, e não aceitará um não como resposta. Eu admiro o que essa mulher faz.

Nas culturas ocidentais, não temos nada parecido com esse tipo de assertividade. Somos assertivos apenas em relação aos nossos direitos. Não sabemos batalhar, a menos que estejamos lutando por nossos direitos, defendendo nossa dignidade ou bondade, e dizendo: “Isso é o que me devem”. Mas essa mulher não está fazendo isso, de modo algum. Trata-se de uma assertividade sem direitos, algo do qual pouco sabemos. Ela não está dizendo: “Senhor, dê-me o que mereço com base na minha bondade”. Ela na verdade está dizendo: “Dê-me aquilo que *não* mereço com base na *sua* bondade — pois preciso disso agora”.

ACEITANDO O DESAFIO

Você percebe o quanto é extraordinário o fato de ela reconhecer e aceitar tanto o desafio *quanto* a oferta nele implícita?

Uma boa tradução para a resposta rabínica que Jesus deu a ela seria: “Que resposta!” Algumas versões trazem as seguintes palavras de Jesus: “Que resposta maravilhosa, incrível”. E assim a súplica da mulher é atendida e sua filha curada. Em seu estudo do Evangelho de Marcos, o especialista em estudos bíblicos James Edwards coloca essa questão de forma maravilhosa:

> Ela parece entender o propósito do Messias de Israel melhor do que o próprio povo de Israel. Sua determinação e persistência são um testemunho de sua confiança na suficiência e na abundância de Jesus: a provisão dele para os discípulos e para Israel será abundante o bastante para suprir alguém como ela. […] Que ironia! Jesus procura desesperadamente ensinar os discípulos que escolhera — e, no entanto, eles são lentos, não conseguem compreendê-lo; Jesus reluta até mesmo em falar com uma mulher pagã que por ali passa — e depois de uma única sentença ela compreende a missão dele e recebe um inequívoco elogio de Jesus. […] Como isso é possível? A resposta é que a mulher é a primeira pessoa no Evangelho de Marcos a ouvir e entender uma parábola de Jesus. […] O fato de ela responder a Jesus “dentro” da lógica da parábola, ou seja, nos mesmos termos pelos quais Jesus se dirigiu a ela, indica que ela é a primeira pessoa no Evangelho de Marcos a *ouvir* a palavra que Jesus tinha para ela.[1]

Do mesmo modo, Martinho Lutero ficou impressionado e comovido com esse encontro, pois viu nele o evangelho. Essa mulher vira o evangelho — vira que somos mais iníquos do que jamais podemos acreditar, mas, ao mesmo tempo, mais amados e aceitos do que jamais ousamos esperar. Por um lado, ela não se mostra orgulhosa demais para aceitar o que o evangelho diz acerca do fato de ela não ser digna. Ela aceita o desafio que Jesus lhe propõe. Ela não se enche de razão e diz: “Como você ousa usar esse termo insultuoso e racista em relação a mim? Eu não tenho que aguentar isso!” Você pode se imaginar dizendo algo parecido? Mas, por outro lado, ela também não insulta a Deus, não se desanima ao ponto de recusar sua oferta. Percebe que existem duas maneiras pelas quais falhamos em aceitar Jesus como nosso Salvador? Uma delas é sendo excessivamente orgulhoso, mostrando um complexo de superioridade — e não aceitando seu desafio para nós. A outra, porém, é mostrando um complexo de inferioridade — sendo excessivamente voltado para si mesmo a ponto de dizer: “Sou tão horrível que Deus não pode me amar”. Ou seja, não aceitando a oferta de Deus. Um ministro chamado John Newton certa vez escreveu uma carta para um homem que estava muito deprimido. Preste atenção no que ele diz:

> Você diz que se sente esmagado por um sentimento de culpa, de que não é digno? Bem, na verdade você não pode estar mais consciente do mal que habita dentro de você, mas talvez você esteja, e na verdade está sendo inapropriadamente afetado e controlado por ele. Você diz que é difícil entender como um Deus santo pode aceitar uma pessoa tão horrível quanto você. Com isso você expressa não só uma opinião pouco elevada a respeito de si mesmo, a qual é correta, mas

> também uma opinião pouco elevada a respeito da pessoa, obra e das promessas do Redentor, a qual é incorreta. Você reclama do pecado, mas quando olho para suas queixas, elas são tão cheias de moralismo, descrença, arrogância e impaciência que se mostram pouco melhores do que os piores dos males dos quais você tanto reclama.[2]

A recusa de buscar a Deus, de buscar sua misericórdia, de aceitá-la, de se contentar com ela é rejeitar o amor de Deus tanto quanto dizer: “Sou bom demais para isso”.

Uma das grandes orações que conheço é a oração preparatória para a Santa Ceia, escrita por Thomas Cranmer em seu primeiro *Livro de Oração Comum*. Ela se baseia nessa primeira história contada por Marcos e, ao longo dos séculos, milhões de pessoas têm feito esta oração:

> Não temos a presunção de vir à sua mesa, Senhor misericordioso, confiando em nossa própria justiça, mas nas suas muitas e grandes misericórdias. Não somos dignos de juntar as migalhas de sua mesa, mas tu és o mesmo Senhor cuja característica é sempre ter misericórdia.

A cada vez que alguém faz essa oração, Cranmer convida essa pessoa a se colocar no lugar daquela mulher e a se aproximar de Jesus com coragem, com a assertividade que abre mão de seus direitos. O convite é aceitar tanto a oferta quanto o desafio da infinita misericórdia de Deus.

ACEITANDO UMA DÁDIVA

A mulher siro-fenícia aproximou-se de Jesus com ousadia, por iniciativa própria. Ela sabia o que queria e estava determinada a conseguir. Às vezes, porém, a maneira como nos aproximamos de Jesus assume uma trajetória completamente diferente; às vezes nosso primeiro encontro com ele parece quase acidental. Mas, em qualquer dos casos, Jesus nos conhece e supre nossa necessidade. Assim que Jesus deixa Tiro, Marcos registra esta história:



Depois de partir da região de Tiro, Jesus foi através de Sidom até o mar da Galileia, passando pela região de Decápolis. E trouxeram-lhe um surdo, que também falava com dificuldade, rogando-lhe que lhe impusesse a mão. Jesus tirou-o do meio da multidão e, em particular, colocou-lhe os dedos nos ouvidos e, cuspindo, tocou-lhe a língua. Então, levantando os olhos ao céu, suspirou e disselhe: Efatá (que quer dizer: Abre-te!). E seus ouvidos se abriram, a língua se soltou, e ele começou a falar perfeitamente. Então Jesus lhes ordenou que a ninguém contassem aquilo; mas, quanto mais ele proibia, mais eles o divulgavam. E maravilhavam-se grandemente, dizendo: Ele faz bem todas as coisas; faz até mesmo os surdos ouvirem e os mudos falarem (Mc 7.31-37).



Jesus faz uma série de coisas com o homem surdo: tira-o do meio da multidão, coloca-lhe os dedos nos ouvidos, toca-lhe a língua com sua própria saliva, olha para o céu, suspira e diz: Abre-te! Você pode dizer: “Ora, Jesus está seguindo os rituais típicos de alguém que faz milagres”. Mas, na verdade, ele não está fazendo isso. Lembre-se de que, em cada milagre que testemunhamos até

agora, do episódio em que Jesus acalma uma tempestade, passando pela ressurreição da filha de Jairo até a cura da filha da mulher siro-fenícia, não vemos uma única vez gestos, encantamentos ou palavras enigmáticas. Jesus evidentemente não precisa fazer um ritual para invocar seu poder. Concluímos que Jesus faz tudo isso não porque ele precise, mas porque o homem enfermo precisa.

A resposta de Jesus ao pedido da mulher para que curasse sua filha é enigmática, obscura, até mesmo austera. Com o homem surdo, sua reação é bem diferente, como doce que se derrete na boca. No Evangelho de João, capítulo 11, depois de Lázaro ter morrido, ele vai ter com Marta e Maria, irmãs de Lázaro. Marta diz: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” e Jesus a repreende. Então, chega Maria e diz: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”, e Jesus chora com ela. As mesmas palavras — mas duas respostas completamente diferentes. Por quê? Porque Jesus sempre nos dá aquilo de que precisamos e ele sabe melhor do que ninguém do que precisamos. Ele é o Maravilhoso Conselheiro.

Jesus identifica-se profundamente com esse homem surdo. Todos esses gestos de tocar suas orelhas, sua boca — tudo isso é uma linguagem de sinais. Jesus está dizendo: “Vamos ver isso aqui; não tema, vou fazer algo a respeito disso; vamos agora olhar para Deus”. Ele entra no universo cognitivo daquele homem e usa termos — em uma linguagem não verbal — que o homem conseguia compreender. Observe como ele tira o homem do meio da multidão. Por que Jesus faz isso — ele não queria que todos vissem? Ora, imagine-se no lugar desse homem, enquanto ele crescia. Ele

sempre chamava a atenção. Por ser surdo, ele não conseguia falar direito. Apenas procure imaginar o modo como as pessoas gozaram dele sua vida inteira. Jesus sabia disso e se recusou a fazer dele o centro de um espetáculo. Ele estava se identificando emocionalmente com o homem surdo.

No entanto, há um outro sinal de identificação ainda mais profundo, pois a certa altura Jesus suspirou, profundamente. Uma tradução melhor seria dizer que Jesus gemeu. Um gemido é uma expressão de dor. Por que Jesus estaria sentindo dor? Talvez pelo fato de Jesus ter se conectado emocionalmente com aquele homem, com sua alienação e isolamento. Isso é verdade, mas ele está prestes a curar o homem. Por que Jesus não está sorrindo para o homem e dizendo: “Espere só para ver o que estou fazendo por você?” Porque uma identificação ainda mais profunda está acontecendo: há um custo para Jesus curar esse homem. Marcos deliberadamente aponta para isso com a palavra que usa e que foi traduzida como “um surdo, que também falava com dificuldade”. Marcos usa uma única palavra do grego, *moglilalos*. Essa palavra só é usada aqui e em Isaías 35.5, e em mais nenhuma outra passagem da Bíblia. Trata-se de uma palavra muito rara, e Marcos não teria razão de usá-la, a menos que quisesse estabelecer uma ligação entre o que está acontecendo aqui e o que acontece em Isaías 35. O profeta Isaías diz isso sobre o Messias: “Sede fortes, não temais; o vosso Deus virá com vingança; sim, ele virá com divina recompensa e vos salvará. Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria (Is 35.4-6)”. Marcos está dizendo: “Vocês estão vendo os olhos dos cegos serem

abertos? Estão vendo os ouvidos dos surdos se desobstruírem e ouvindo a língua do mudo cantar de alegria?" Deus veio, exatamente como está prometido em Isaías 35, Deus veio para salvar vocês. Jesus Cristo é Deus que veio nos salvar. Jesus é Rei.

Há algo mais sobre o qual Marcos quer que seus leitores reflitam. Isaías diz que o Messias virá para nos salvar "com vingança… com divina recompensa". Mas Jesus não está castigando pessoas, não está usando sua espada. Ele não está tomando o poder; ele o está dando. Ele não está conquistando o mundo; ele o está servindo. Onde está a vingança divina? A resposta é que ele não veio para *trazer* a vingança divina, mas para *recebê-la*. Na cruz, Jesus se identificará conosco de maneira cabal. Na cruz, o Filho de Deus foi lançado fora, foi tirado da mesa sem uma migalha sequer, para que nós, que não éramos filhos de Deus, pudéssemos ser adotados e entrar para essa família. Dizendo de outra forma, o Filho teve que se tornar um cão para que nós pudéssemos nos tornar filhos e filhas e sentar à mesa de Deus.

E por Jesus ter se identificado dessa forma conosco, agora sabemos por que podemos nos aproximar dele. O Filho teve que se tornar um cão para que nós, cães, pudéssemos ser trazidos à mesa; ele teve que se fazer mudo para que nossas línguas fossem desobstruídas para chamá-lo de Rei. Não se isole a ponto de pensar que está além do alcance da cura. Não seja arrogante demais para aceitar o que o evangelho diz sobre o fato de não sermos dignos. Não fique tão abatido a ponto de não aceitar o que o evangelho diz sobre o quanto você é amado.

[1] James R. EDWARDS, *The Gospel According to Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 221.

[2] John NEWTON, *The Works of the Rev. John Newton*, volume VI. Edimburgo: Banner of Truth, 1985, p. 185.

capítulo nove

A VOLTA

O CAPÍTULO 8 do Evangelho de Marcos é de importância central. É o clímax do primeiro ato, no qual os discípulos finalmente começam a enxergar a verdadeira identidade daquele a quem vinham seguindo. Nele, Jesus diz duas coisas: *Sou um Rei, mas um Rei que irá para a cruz* e, *se quiserem me seguir, devem ir para a cruz também*. É deste modo que Marcos nos conta essa história:



> *E Jesus foi com seus discípulos para os povoados próximos a Cesareia de Filipe. No caminho, perguntou aos discípulos: Quem os homens dizem que eu sou? Eles lhe responderam: Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; e ainda outros, algum dos profetas*. *Então ele lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? E Pedro respondeu-lhe: Tu és o Cristo*. *E Jesus ordenou que a ninguém falassem a respeito dele* (Mc 8.27-30).



Aqui, enfim, Pedro começa a saber a resposta da grande pergunta: “Quem é Jesus?” Ele diz para Jesus: “Tu és o Cristo.” Pedro usa uma palavra que significa literalmente “o Ungido”. Os reis eram tradicionalmente ungidos com óleo, como uma espécie de coroação, mas a palavra *Christos* viera a ter o significado de *O* Ungido, o Messias, o Rei acima de todos os reis, o Rei que colocaria tudo nos trilhos certos. *Tu és o Messias* — era isso que Pedro estava dizendo. Jesus aceita o título — mas, então, imediatamente se volta e começa a dizer coisas que eles acham temíveis e chocantes. “Sim, eu sou o Rei”, disse ele, “mas não sou nada parecido com o rei que estavam esperando”:



E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos líderes religiosos, principais sacerdotes e escribas, fosse morto e depois de três dias ressuscitasse. *E ele dizia isso abertamente. Mas Pedro, chamando-o em particular, começou a repreendê-lo* (Mc 8.31,32).



A primeira coisa importante que Jesus diz é que “era necessário que o Filho do homem sofresse”. Quando ouvimos Jesus referir-se a si mesmo como *Filho do homem*, presumimos que ele está dizendo que é humano — contudo, esse título significa muito mais do que apenas isso. Nas profecias de Daniel há uma referência a “alguém parecido com filho de homem” (Dn 7.13,14), uma figura messiânica divina que vem com os anjos para acertar todas as coisas.

Mas Jesus diz que o Filho do homem deve *sofrer*. Nunca antes, até esse momento, alguém em Israel tinha associado sofrimento ao

Messias. É evidente que existem muitas profecias no Antigo Testamento sobre um misterioso Servo do Senhor que sofre (por exemplo, as profecias de Isaías dos capítulos 43, 44 e 53), mas ninguém, antes de Jesus, havia associado esses textos à esperança do Messias. A noção de que o Messias deveria sofrer não fazia o menor sentido, pois se supunha que o Messias derrotaria o mal e a injustiça e faria tudo no mundo ficar em harmonia. Como ele poderia derrotar o mal por meio do sofrimento e da morte? Isso parecia ridículo, impossível.

Ao usar a expressão “era necessário”, Jesus também está indicando que ele planeja morrer — que está fazendo isso voluntariamente. Não está apenas prevendo que isso vai acontecer. Provavelmente seja isso o que mais ofendeu a Pedro. Uma coisa era Jesus dizer, “Lutarei e serei derrotado”, mas outra completamente diferente era ele dizer, “Por isso que eu vim; planejo morrer”. Isso era algo totalmente inconcebível para Pedro.

É por isso que, no momento em que Jesus diz isso, Pedro “começou a repreendê-lo”. Esse é o mesmo verbo usado em outras passagens quando Jesus repreende demônios. Significa que Pedro condena a atitude de Jesus com a linguagem mais forte possível. Por que Pedro está tão desatinado a ponto de se voltar para Jesus dessa maneira logo após tê-lo identificado como o Messias? Desde o ventre materno, Pedro sempre ouvira dizer que, quando o Messias viesse, ele iria derrotar o mal e a injustiça ao subir ao trono. Mas aqui Jesus está dizendo: “Sim, eu sou o Messias, O Rei, mas não vim para viver, e sim para morrer. Não estou aqui para assumir o poder, mas para abrir mão dele; não estou aqui para governar, mas

para servir. E é assim que derrotarei o mal e consertarei tudo o que está errado".

Jesus não diz apenas que o Filho do Homem iria sofrer; ele diz que *era necessário* o Filho do Homem sofrer. A expressão "era necessário" modifica e direciona toda a oração e significa que todas as coisas que são citadas depois são necessárias. Jesus deve sofrer, deve ser rejeitado, deve ser morto e deve ressuscitar. Essa é uma das expressões mais importantes na história da humanidade, é uma expressão temível. Jesus não estava apenas dizendo "Eu vim para morrer", mas sim "Eu *tenho* que morrer. É absolutamente necessário que eu morra. O mundo não pode ser feito novo, nem a vida das pessoas, a menos que eu morra". Por que seria tão absolutamente necessário que Cristo morresse?

UMA NECESSIDADE PESSOAL

Há alguns anos, um teólogo chamado William Vanstone escreveu um livro, hoje esgotado, que tinha um capítulo interessante intitulado “a fenomenologia do amor”.[1] Segundo ele, todos os seres humanos — mesmo aqueles que desde a mais tenra infância foram privados de amor — sabem a diferença entre o amor verdadeiro e o falso, o amor fingido e o autêntico.

E a diferença, segundo ele, é a seguinte. No falso amor, o objetivo é usar a outra pessoa para alcançar a sua felicidade. Esse tipo de amor é condicional: você só dá amor enquanto a outra pessoa estiver afirmando você e satisfazendo suas necessidades. Não é um amor vulnerável: você se contém de modo a minimizar suas perdas, se necessário. Já no amor verdadeiro, seu objetivo é se doar e se entregar pela felicidade do outro, pois sua maior alegria é a alegria do outro. Portanto, sua afeição é incondicional: você dá amor independentemente de a pessoa amada estar satisfazendo as suas necessidades. Trata-se de um amor radicalmente vulnerável: você dá tudo o que tem, não segura nada para si. Então, de forma surpreendente, Vanstone diz que nosso verdadeiro problema é que ninguém é plenamente capaz de amar dessa forma, com um amor verdadeiro. Nós queremos desesperadamente o amor verdadeiro, mas somos incapazes de dá-lo aos outros. Ele não diz, em absoluto, que não somos capazes de nos doarmos em um amor que seja real, mas sim que ninguém é plenamente capaz de amar dessa forma, com um amor verdadeiro. Todo amor que podemos sentir é um tanto fingido, artificial. Por que isso ocorre? Porque precisamos ser amados assim como precisamos de água e ar. Não podemos viver

sem amor. Isso significa que nossos relacionamentos têm uma certa característica mercenária. Buscamos pessoas cujo amor realmente nos afirme. Investimos nosso amor somente onde sabemos que teremos um bom retorno. É evidente que, quando fazemos isso, nosso amor é condicional e não vulnerável, pois não amamos o outro simplesmente por ele mesmo; amamos aquela pessoa em parte pelo amor que estamos recebendo de volta.

É evidente que existem pessoas sãs e pessoas doentias; algumas são mais capazes de amar do que outras. Mas, na essência, Vanstone está certo: ninguém pode dar ao outro o tipo e a quantidade de amor pelo qual tanto anseia. No final, somos todos iguais, tateando em busca do verdadeiro amor, mas incapazes de dar esse amor a alguém em sua plenitude. O que precisamos é de alguém que nos ame e que não precise de nós para nada. De alguém que nos ame radicalmente, incondicionalmente, de forma vulnerável. Alguém que nos ame somente por nós mesmos. Se recebêssemos esse tipo de amor, isso nos deixaria tão seguros de nosso próprio valor, nos completaria de tal forma, que talvez pudéssemos ser capazes de começar a dar aos outros um amor como esse. Mas quem pode amar dessa forma, sem exigências em troca? Jesus. Lembre-se da dança da Trindade — o Pai, o Filho e o Espírito têm conhecido e amado uns aos outros perfeitamente, por toda a eternidade. Dentro de si mesmo, Deus teve desde sempre todo o amor, toda a realização e toda a felicidade que poderia desejar. Ele tem, dentro de si mesmo, todo o amor que falta para a raça humana. E a única maneira de conseguirmos mais de amor é de Deus. Certa vez, uma jovem da nossa igreja escreveu este bilhete para uma amiga:

> Um grande problema na minha vida tem sido essa mania de agradar as pessoas. Sempre precisei de aprovação, de que gostassem de mim, de me sentir aceita e admirada. Porém, pela primeira vez fui capaz de ver o quanto era importante que eu me identificasse com Cristo — o amor dele me capacitou a impor limites emocionais com as pessoas que nunca antes havia imposto. Isso me capacitou a amar meus amigos e familiares por quem eles são e a não querer mais deles, pois posso encontrar em Cristo o que quer que esteja me faltando. Tem sido um imenso alívio finalmente me sentir livre o suficiente para amar as pessoas e saber que, em Cristo, estou segura e protegida e que me proteger ou me impor é de fato uma coisa positiva.

Você percebe como a segurança do amor de Jesus a capacitou a *precisar* menos e a amar mais? O amor verdadeiro, o amor que não é limitado à condição de necessidade, tem uma capacidade generativa; ele é o único tipo de amor que se multiplica à medida que o tempo passa.

Por que Deus nos criou e depois nos redimiu por alto preço, mesmo não precisando de nós? Ele fez tudo isso porque nos ama. O amor de Deus é um amor perfeito, um amor radicalmente vulnerável. E quando você começa a recebê-lo, a experimentá-lo, descobre que a falsidade e o caráter manipulativo do seu próprio amor começam a se esvaziar. Você adquire a paciência e a segurança para se aproximar das pessoas e para começar a dar-lhes um amor mais verdadeiro.

UMA NECESSIDADE LEGAL

Contudo, não precisamos do sacrifício de Jesus apenas pessoalmente; também precisamos dele legalmente. O que quero dizer com isso? Quando alguém de fato prejudica você, nasce uma dívida que tem que ser paga por essa pessoa. Isso pode acontecer no nível econômico, por exemplo. Suponhamos que um amigo acidentalmente quebra uma luminária em seu apartamento? A consequência será uma dessas duas opções. Você pode fazê-lo pagar pelo prejuízo — "Isso custará a você R$ 180,00" — ou pode dizer "Eu perdoo você, esquece isso". Mas o que acontece com os R$ 180,00 neste último caso? Você mesmo terá que cobrir o prejuízo ou terá que conviver com ele e se acostumar com uma sala mais escura. Ou seu amigo paga o custo do prejuízo que causou ou você arca com esse custo. Esse mesmo mecanismo funciona além do nível econômico também. Quando alguém lhe rouba uma oportunidade, a felicidade, a reputação, ou lhe toma algo que você jamais conseguirá ter de volta, isso gera uma noção de dívida. A justiça foi quebrada — e essa pessoa lhe deve algo. Uma vez que se conscientize dessa dívida terá diante de você aquelas duas opções: cobrar a dívida ou perdoá-la.

Uma das opções é tentar fazer o devedor pagar pela dívida: você pode tentar destruir as oportunidades *dele* ou arruinar-*lhe* a reputação; pode torcer para que ele sofra ou fazer com que ele sofra. Mas há um grande problema nesse curso de ação. À medida que você faz seu devedor pagar por sua dívida, à medida que o faz sofrer por aquilo que ele lhe fez, você se torna como ele. Torna-se uma pessoa cada vez mais dura de coração, mais fria; torna-se

como o transgressor. E o mal vence nesse caso. O que mais você poderia fazer? A alternativa é perdoar a dívida. Mas não é nada fácil perdoar. Quando o que você quer é nutrir pensamentos de vingança, quando anseia tanto por colocar em prática a sua vingança, mas se recusa a fazer isso em um esforço para perdoar, isso dói. Reprimir a vingança e perdoar é uma agonia. Por quê? Porque, em vez de fazer o devedor sofrer, pagar pelo que fez, você mesmo está absorvendo o custo da dívida. Não está tentando recuperar sua reputação destruindo a da pessoa que lhe causou prejuízo. Você a está perdoando, e isso tem um custo para você. É isso que o perdão representa. O verdadeiro perdão sempre envolve sofrimento.

Assim, a dívida causada pela transgressão não desaparece num passe de mágica: ou o devedor a paga ou você a paga. Mas aqui está a ironia disso tudo. Somente se você pagar o preço do perdão, somente se você arcar com a dívida, haverá alguma chance de corrigir o mal causado. Se você confrontar o transgressor com aquilo que ele fez de errado, embora você satisfaça o desejo de vingança em seu coração, ele provavelmente não ouvirá você. Sentirá que você não está em busca de justiça, mas sim de vingança, e rejeitará tudo o que você disser. Com isso, você apenas perpetuará o eterno ciclo de retaliações. Somente se reprimir seu desejo de vingança e pagar o custo do perdão, terá alguma esperança de fazer com que o transgressor lhe ouça ou enxergue o erro que cometeu. E mesmo que ele não lhe ouça de imediato, o seu perdão romperá com o ciclo de retaliações. Se tivermos consciência de que o perdão sempre envolve sofrimento para aquele que perdoa e que a única esperança de corrigir o mal feito

vem da atitude de pagar o custo do sofrimento, então não deveria nos espantar quando Deus diz: “O único modo que posso perdoar os pecados da raça humana é com o sofrimento — ou vocês terão que pagar a pena pelo pecado ou eu terei”. O pecado sempre implica uma pena. Não se pode resolver a questão da culpa, a menos que alguém pague a pena.

O único modo que Deus tem de nos perdoar e de não nos julgar é indo para a cruz e arcando com a nossa pena. “sofrer É *necessário* que eu sofra”, diz Jesus.

UMA NECESSIDADE CÓSMICA

Então, Jesus tinha que morrer. Mas será que ele não poderia ter simplesmente se atirado de um penhasco? Ou ter apenas esperado pela inevitável dissolução de seu corpo humano? Não.

A morte de Jesus tinha de ser violenta. O autor de Hebreus diz que “sem derramamento de sangue não há perdão [de pecado]” (Hb 9.22). Essa não é uma visão mágica do sangue. Pelo contrário, o termo *sangue* na Bíblia significa uma vida entregue ou liquidada antes do seu fim natural. Uma vida entregue ou ceifada é a dádiva ou o preço mais extremo que se pode pagar neste mundo.[2] Somente ao dar sua vida Jesus pôde fazer o maior pagamento de todos pela dívida do pecado. A morte de Jesus, contudo, não foi apenas um pagamento; foi também uma demonstração. Veja o que James Edwards escreve a esse respeito:

> A predição da paixão de Jesus encerra em si uma grande ironia, pois o sofrimento e a morte do Filho do homem não viriam, como era de se esperar, pelas mãos de um povo ímpio

> e sem Deus […] pelo contrário, viriam pelas mãos dos "anciãos, os sumos sacerdotes e mestres da lei" […] Jesus não seria linchado por uma multidão enfurecida ou espancado até a morte em um ato criminoso. Ele seria preso com todas as garantias oficiais, julgado e executado pela jurisprudência mais invejada do mundo — o Sinédrio judeu e os *principia iuris Romanorum*.[3]

Os sumos sacerdotes e mestres da lei, judeus, e, evidentemente os governantes romanos deveriam ter brigado por justiça; porém, em vez disso, conspiraram para cometer um ato de injustiça, condenando Jesus à morte. A cruz revela que os sistemas do mundo são corruptos e servem ao poder e à opressão, e não à justiça e à verdade. Ao condenar Jesus, o mundo estava condenando a si mesmo. A morte de Jesus demonstra não somente a falência do mundo, mas também o caráter de Deus e seu reino. Sua morte não foi um fracasso, uma falha. Ao submeter-se à morte como pena, ele rompeu o domínio que ela tinha sobre ele e sobre nós.[4]

Quando Jesus foi para a cruz e morreu por nossos pecados, ele ganhou através da perda; ele alcançou perdão para nós na cruz ao virar os valores deste mundo de cabeça para baixo. Ele não "combateu fogo com fogo". Ele não veio e levantou um exército a fim de derrubar o regime corrupto da época. Ele não tomou o poder; ele abriu mão dele — e, contudo, triunfou. Na cruz, então, o mau uso e a glorificação do poder que se fazem neste mundo foram expostos por aquilo que são, e derrotados. O feitiço dos sistemas deste mundo foi quebrado.

Os poderes corruptos deste mundo têm muitos recursos para aterrorizar as pessoas, sendo a morte o pior deles. Quando ficamos sabendo que o poder civil ou alguma outra esfera de poder é capaz de nos matar, ficamos com medo, e esse medo pode ser usado para nos controlar. Todavia, uma vez que Jesus morreu e ressuscitou dos mortos, se podemos encontrar um modo de nos aproximarmos de Jesus e nos unirmos a ele, perceberemos que a morte, a pior das coisas que podem nos acontecer, passa a ser a melhor de todas. *Amorzinho, levante-se*. A morte nos colocará nos braços de Deus e fará de nós tudo aquilo que sempre sonhamos ser. E quando a morte perde seu aguilhão, quando ela não mais tem poder sobre nós, por causa do que Cristo fez na cruz, então, viveremos uma vida de amor, e não de medo.

UM NOVO TIPO DE REI

Jesus disse que era um rei, mas não como qualquer outro rei que pudéssemos ter imaginado. Ele era um rei que deveria morrer. Mas ele não para aí. Marcos escreve:



> *E, chamando a multidão com os discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*. *Pois quem quiser preservar sua vida, irá perdê-la; mas quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, irá preservá-la*. *Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? Ou, que daria o homem em troca da sua vida? Quando o Filho do homem vier na glória de seu Pai com os santos anjos, ele também se envergonhará de quem se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora*. *Disse-lhes mais: Em verdade vos digo que, dentre os que estão aqui, há alguns que de modo algum provarão a morte até que vejam o reino de Deus chegando com poder* (Mc 8.34—9.1).



Jesus está dizendo que, uma vez que ele é um rei que tomou uma cruz, se alguém quiser vir após ele, deverá tomar *sua própria* cruz e segui-lo. Mas o que significa isso? O que significa perder a vida por causa do evangelho, para preservá-la?

O termo deliberadamente escolhido do grego nessa passagem é *psyche*, de onde vem a palavra *psicologia*. Ele denota nossa identidade, personalidade, individualidade — aquilo que nos

distingue. Jesus não disse que queria que perdêssemos nosso senso de identidade, nossa individualidade. Isso é o que ensina a filosofia oriental e, se Jesus quisesse ter dito isso, ele teria dito: “Você deve abrir mão de sua individualidade para perdê-la”. Mas o que Jesus está dizendo é: “Não construa sua identidade sobre o fato de conquistar coisas neste mundo”. Suas palavras precisas foram estas: “Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida?”

Toda cultura aponta para certas coisas e diz que, se as conquistarmos, se tivermos êxito em alcançá-las, então teremos uma identidade, e saberemos que temos valor.” As culturas tradicionais diriam que não somos ninguém, a menos que conquistemos a respeitabilidade e o legado de uma família e filhos. Já as culturas individualistas são diferentes: elas nos dizem que não somos ninguém, a menos que conquistemos uma carreira que nos realize, que nos traga dinheiro, reputação e *status*. Contudo, apesar das diferenças entre culturas, todas dizem que a identidade se baseia em nossa ação, naquilo que conquistamos.

Mas Jesus diz que isso jamais funcionará. Mesmo que você ganhe o mundo inteiro, segundo ele, isso não será suficientemente grande ou esplendoroso a ponto de cobrir a mancha da inconsequência. Não importa quantas dessas coisas você ganhar, nunca será o bastante para lhe dar a certeza de quem você é. Se estiver construindo sua identidade com base no fato de que “alguém me ama” ou de que “tenho uma boa carreira”, e algo der errado com esse relacionamento ou emprego, você ficará sem chão. Sentirá como se não tivesse uma identidade.

Está começando a perceber o quanto Jesus é radical? Não se trata de dizer “tenho sido um fracasso, tenho sido imoral, por isso, agora estou frequentando a igreja e me tornando uma pessoa decente, com moral. Então, saberei que sou uma boa pessoa por ser espiritual.” Jesus diz: “Não quero que você apenas troque uma identidade baseada na performance por outra; quero que encontre um caminho inteiramente novo. Quero que você abra mão da velha natureza, da velha identidade, e baseie sua identidade e a si mesmo em mim e no evangelho.” Gosto muito do fato de que ele diz “em mim e no evangelho”, pois está nos lembrando de não fazermos disso uma abstração. Não basta simplesmente dizer: “Entendi: não posso construir minha identidade com base na aprovação de meus pais, pois isso é algo sujeito a altos e baixos; não posso construir minha vida com base no sucesso profissional; também não posso construí-la com base em relacionamentos amorosos. Em vez disso, devo construí-la com base em Deus.” Se esse ponto é o mais longe que pode chegar, Deus para você é quase uma abstração e, portanto, construir sua vida com base nele não passa de ato de vontade. E ninguém jamais foi profundamente transformado por um ato desse tipo. A única coisa capaz de reconstruir e transformar uma vida em seu cerne é o amor.

Jesus está dizendo: “Não basta me conhecer apenas como um mestre ou um princípio abstrato; você precisa olhar para a minha vida. Eu fui para a cruz — e nela perdi minha identidade, para que você pudesse ter uma.”

Uma vez que seus olhos enxerguem o Filho de Deus amando você dessa maneira, uma vez que seja tocado por isso de forma visceral e existencial, começará a adquirir uma força, uma certeza,

uma noção de seu próprio valor e singularidade, algo que não se baseia no que você esteja fazendo, no fato de ser amado ou não por alguém, se perdeu peso ou quanto dinheiro tem no banco. Você está livre de tudo isso — a velha forma de encarar a identidade se foi. Ninguém coloca essa questão melhor do que C. S. Lewis, nas duas últimas páginas de sua obra *Mere Christianity* [Cristianismo puro e simples], quando ele fala a respeito do chamado de Jesus para que o homem se perca a fim de se encontrar:

> Quanto mais conseguirmos deixar fora do caminho aquilo a que chamamos "nós mesmos", e deixarmos que Jesus tome conta de nós, mais verdadeiramente nos tornamos nós mesmos […] nosso verdadeiro ser espera por nós em Cristo […] Quanto mais resisto a ele e tento viver por mim mesmo, mais me deixarei dominar por minha própria hereditariedade, criação, contexto e por minhas paixões naturais. De fato, aquilo que com tanto orgulho chamo de "mim mesmo" se torna meramente um ponto de convergência para uma sucessão de eventos aos quais jamais dei início e não posso deter. O que chamo de "meus desejos" se torna nada mais do que os desejos produzidos pelo meu organismo ou incutidos em mim pelos pensamentos de outros seres humanos […] Somente quando me volto para Cristo, quando me rendo à personalidade dele, é que finalmente começo a ter uma personalidade inteiramente minha […] [A despeito disso], não se deve ir a Cristo por causa de [um novo ser]. Enquanto sua preocupação for apenas a sua própria personalidade você não irá a Cristo, em absoluto.[5]

Segundo C. S. Lewis, se for a Cristo em busca de uma nova personalidade, ainda não terá de fato ido até ele. Seu ser verdadeiro

não virá à tona enquanto estiver procurando por ele; só emergirá quando você estiver procurando por Cristo.

Quando Pedro ouve que Jesus irá para Jerusalém e que isso envolverá sofrimento — com toda certeza não só para Jesus, mas também para ele mesmo —, Pedro fica furioso. Por quê? Porque ele tinha lá seus planos, os quais o levavam de vitória à vitória, e não incluíam sofrimento. Quando percebe que Jesus não está agindo de acordo com esses planos, Pedro o repreende. Se seus planos forem um fim em si mesmos, então Jesus não passa de um meio e você o está usando. Mas se Jesus for o Rei, você não conseguirá fazer dele um meio para alcançar seus fins. Não se pode negociar com um rei. Apenas se estende a espada aos pés do rei e diz: “Estou sob o seu comando”. Contudo, se em vez disso você tenta negociar com ele, se disser “obedecerei a meu rei se…”, não estará de fato reconhecendo-o como rei. Não se esqueça, porém, de um detalhe importante: Jesus não é apenas rei, ele é um rei em uma cruz. Se ele fosse apenas um rei sentado em um trono, você se submeteria a ele por obrigação. Mas ele é um rei que foi para a cruz por você. Portanto, você pode se submeter a ele por amor e confiança. Isso significa ir a Cristo não negociando, mas dizendo: “Senhor, qualquer coisa que me pedir, farei; qualquer coisa que me enviar, aceitarei”. Diante da entrega total de alguém por você, como não se entregar totalmente por essa pessoa? Tomar a sua cruz significa morrer para a autodeterminação, morrer para a possibilidade de controlar sua própria vida, morrer para a tentativa de usar Jesus em favor de seus próprios planos.

Quando Jesus diz, “Em verdade vos digo que, dentre os que estão aqui, há alguns que de modo algum provarão a morte até que

vejam o reino de Deus chegando com poder" (Mc 9.1), o que ele quer dizer com isso? Alguns interpretaram isso com o sentido de que a geração atual não passaria antes que Jesus voltasse. Mas não é isso que ele está dizendo. Os primeiros cristãos prezavam essa passagem bem depois da morte das pessoas da geração de Jesus. Eles sabiam que Jesus queria dizer algo mais por meio dela. Eles entendiam que Jesus quis dizer que, embora o reino de Deus tivesse começado na fraqueza — na cruz —, não terminaria desse modo. Eles veriam o poder da ressurreição de Jesus, veriam a igreja se multiplicar e crescer em amor, serviço e influência no mundo.[6]

Para nós, o reino de Deus começa com fraqueza, renúncia, com a atitude de abrir mão dos direitos que temos sobre a nossa própria vida; começa pela admissão de que necessitamos de um Salvador. Precisamos de alguém que de fato cumpra todos os requisitos e pague pelo nosso pecado. Essa é a nossa fraqueza. Jesus começou na fraqueza — em primeiro lugar, tornando-se humano e, em segundo lugar, indo para a cruz. Se o queremos em nossa vida, também é na fraqueza que devemos começar. É nela que o reino de Deus começa, mas não é nela que ele termina. Um dia, quando Jesus voltar e inaugurar uma criação renovada, o amor triunfará totalmente sobre o ódio e a vida sobre a morte.

Lewis encerra sua passagem sobre "perder sua vida para encontrá-la" com estas palavras:

> Entregue a si mesmo e encontrará seu verdadeiro ser. Perca sua vida e a salvará. Submeta à morte suas ambições e desejos favoritos, a cada dia, e, por fim, submeta-se à morte de seu próprio corpo. Submeta, com cada fibra do seu ser, e encontrará a vida eterna. Não retenha nada. Nada do que

> você não tiver entregado será realmente seu. Nada em você que não tiver morrido poderá algum dia ser ressuscitado. Busque a si mesmo e encontrará mais para frente somente ódio, solidão, desespero, ira, ruína e decadência. Mas busque a Cristo e você o encontrará, e com ele, receberá tudo o mais.[7]

Percebe que, se de fato há uma dança, então de fato há um rei que nos ama sem precisar. E se de fato há uma mancha que não podemos limpar, então terá que haver uma cruz.

[1] William VANSTONE, *Love's Endeavour, Love's Expense*. Londres: Darton, Longman and Todd, 1977.

[2] Cf. A. M. STIBBS: "O sangue é um símbolo visível de uma vida que termina de forma violenta; é um sinal de uma vida que se entrega à morte ou é por ela ceifada. Tal ato de entregar ou ceifar a vida é, neste mundo, a dádiva ou o preço, o crime ou a pena mais extrema que existe. O homem não conhece nada maior." Citado em Leon MORRIS, *The Cross in the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1965, p. 219n21.

[3] J. EDWARDS, *The Gospel According to Mark*, p. 254.

[4] Veja Atos 2.24; 1Coríntios 15.54-56.

[5] C. S. LEWIS, *Mere Christianity*. Nova York: Macmillan, 1958, p. 174 [Publicado em português por Martins Fontes sob o título *Cristianismo puro e simples*].

[6] Para dois comentários que interpretam essa passagem dessa maneira, veja James R. EDWARDS, *The Gospel According to Mark*, p. 260 (ele entende que Jesus está se referindo à sua ressurreição) e também D. A. CARSON, *Matthew: The Expositors' Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1995, volume II, p. 382. Carson entende a versão de Mateus para esse dito como uma referência à multiplicação da igreja.

[7] Ibid., p. 175.

PARTE 2

A CRUZ

O PROPÓSITO DE JESUS

capítulo dez

A MONTANHA

TÃO LOGO PEDRO confessa que Jesus é o Cristo, o foco muda. Eu disse no início que, enquanto a primeira metade de Marcos se concentra em torno de quem Jesus é, a segunda metade se concentra em seu propósito — no que ele veio fazer. Na primeira metade, vemos que ele é tanto Deus quanto homem, o Rei eterno. Ele é perdão, refrigério, poder, amor sem limites. Contudo, a essa altura do Evangelho de Marcos, os leitores se perguntam sobre o que Jesus veio fazer e como ele o faria.

Todavia, tão logo Pedro confessa que Jesus é o Cristo, Jesus explica imediatamente que teria que morrer. De agora em diante, Jesus falará com frequência de seu sofrimento e morte, de maneiras que os discípulos acham extremamente difícil de aceitar. Assim, a segunda metade de Marcos nos mostrará por que a cruz era necessária e o que ela conquistou. O que parecia ser uma história de triunfo se parecerá mais e mais uma tragédia.

Agora que Jesus começou a revelar mais detalhes sobre sua missão, ele também passa a tornar mais explícito o que significa segui-lo. Na primeira metade do evangelho de Marcos, ele chamou

pessoas a segui-lo, mas agora está pintando um quadro mais vívido do que isso envolve. À medida que ele toma uma cruz, também devemos fazê-lo. Assim como a cruz e a glória estão associadas na vida dele, também estarão associadas na nossa. Esse é o tema que nos é apresentado na segunda metade do Evangelho de Marcos, a começar por aqui:



Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e João e levou-os em particular a um alto monte; e foi transfigurado diante deles. As roupas dele resplandeceram e ficaram extremamente brancas, como nenhum lavandeiro na terra poderia branqueá-las. Então Elias e Moisés apareceram diante deles; e falavam com Jesus. Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: Mestre, é bom estarmos aqui; façamos três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias. Pois não sabia o que dizer, porque ficaram com muito medo. Nisso veio uma nuvem que os cobriu, e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi. De repente, olhando em redor, não viram mais ninguém, a não ser Jesus (Mc 9.2-8).



Séculos antes desse episódio, segundo o livro veterotestamentário de Êxodo, Deus apareceu no monte Sinai em uma nuvem. A voz de Deus saía dessa nuvem, e todos ficaram atemorizados. Moisés subiu ao topo do monte e implorou para ver a glória de Deus: “Rogo-te que me mostres tua glória, tua grandeza infinita e beleza indescritível”. E Deus respondeu: “Não poderás ver a minha face, porque homem nenhum pode ver a minha face e viver.

O SENHOR prosseguiu: Aqui está um lugar próximo de mim; ficarás aqui, sobre a rocha. Quando a minha glória passar, eu te colocarei numa fenda da rocha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu tenha passado. Depois, quando eu tirar a mão, verás as minhas costas; mas não se verá a minha face" (Êx 33.20-23). Moisés não podia ver a glória de Deus face a face. Mas o simples fato de ter estado suficientemente próximo a ela fazia sua face resplandecer com o reflexo da glória de Deus.

Agora, séculos depois, no Evangelho de Marcos, estamos novamente no topo de outro monte onde está a glória de Deus. A extrema brancura e resplandecência fazem com que as roupas de Jesus fiquem "como nenhum lavandeiro na terra poderia branqueá-las". Temos um monte, uma voz que sai da nuvem — e até mesmo a presença de Moisés. Será que temos de novo o episódio do monte Sinai? Não, pois notamos uma mudança, uma guinada de cento e oitenta graus. Moisés refletia a glória de Deus como a lua reflete a luz do sol. Mas Jesus é a fonte que *produz* essa incomparável glória de Deus; a glória emana dele. Jesus não *aponta* para a glória de Deus como Elias, Moisés ou qualquer outro profeta tinha feito; Jesus é a glória de Deus encarnada. O autor de Hebreus coloca isso da seguinte forma: "Ele [Jesus] é o resplendor da sua glória e a representação exata do seu Ser" (Hb 1.3).

Nessa passagem de Marcos, também acontece outra coisa que jamais aconteceu no monte Sinai: Pedro, Tiago e João ficam na presença de Deus, contudo não morrem.

No monte Sinai, Deus aparecia em uma nuvem. Isso se chamava "a glória do *shekinah*"; você se lembra desse fenômeno no Santo dos Santos, onde o sumo sacerdote fazia expiação pelos

pecados do povo de Israel? Deus falava de uma nuvem — era sua presença direta que os israelitas sabiam ser fatal. Quando Deus disse a Moisés “homem nenhum pode ver a minha face e viver”, estava dizendo que havia uma distância infinita entre Deus e a humanidade. É como se ele estivesse dizendo que não podemos suportar a realidade de Deus, que não podemos aguentar a presença de sua santidade e glória, pois isso nos destruiria.

É por isso que, aqui nesse monte onde Jesus “foi transfigurado” (esse episódio é em geral conhecido como a transfiguração), Pedro ficou com muito medo, com tanto medo que não sabia o que dizer, segundo Marcos. Ele meio que gagueja: “Mestre, […] façamos três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.” Para nós, soa como uma proposta desconcertante — vamos, portanto, analisá-la melhor.

A palavra traduzida como *tendas* é na verdade o termo grego para *tabernáculo*. Depois que a glória de Deus desceu sobre o monte Sinai, o povo construiu um tabernáculo. Por quê? A maior parte das religiões reconhece haver algum tipo de distanciamento entre uma divindade e a humanidade. Portanto, muitas religiões possuem templos (ou tabernáculos) com sacerdotes, sacrifícios e rituais para transformar a consciência do ser humano ou livrá-lo do pecado — a fim de mediar esse distanciamento e proteger o ser humano diante da presença divina. Assim, na passagem que estamos analisando, o que Pedro está na verdade dizendo é: “Precisamos de um tabernáculo, precisamos estabelecer rituais para nos proteger diante da presença de Deus.” Assim que Pedro disse isso, veio uma nuvem que cobriu Jesus, Moisés e Elias. E dessa nuvem da glória do *shekinah* saiu uma voz que dizia: “Este é o meu

Filho amado; a ele ouvi". Eles estavam na presença do próprio Deus. Contudo, Pedro, Tiago e João não morreram. Como pode ser? "De repente, olhando em redor, não viram mais ninguém, a não ser Jesus." Essa é a maneira de Marcos dizer: Moisés se foi, Elias se foi, e Jesus é a ponte que une a distância entre Deus e o ser humano. Jesus é capaz de dar à humanidade algo que nem Moisés nem Elias puderam, que ninguém jamais pode dar. Por meio de Jesus, podemos cruzar a distância que nos separa da própria essência da realidade, podemos entrar no compasso da dança. Jesus é o templo e o tabernáculo que põe fim a todos os templos e tabernáculos, pois ele é o sacrifício que põe fim a todos os sacrifícios, o supremo sacerdote que mostra o caminho a todos os sacerdotes.

Quando a nuvem desceu, os discípulos não só não morreram como também foram rodeados e abraçados pelo resplendor de Deus. Eles ouvem Deus Pai falando de seu amor pelo Filho, do mesmo modo como ele o fez no batismo de Jesus, relatado no início do Evangelho de Marcos. E, de repente, a nuvem se vai, e eles se veem lá no alto daquele monte, agora numa luz bem mais fraca, piscando os olhos em um estado de espanto eletrizante.

Tiago, Pedro e João experimentaram a *adoração*.

A adoração é uma prévia daquilo por que todos os corações anseiam, tenhamos ou não consciência disso. Nós a buscamos na arte, no romance, nos braços apaixonados, no seio da família. Em seu famoso *O peso de glória*, C. S. Lewis afirma:

> A sensação de que neste universo somos tratados como estrangeiros, o anseio por ser reconhecidos, encontrar alguma resposta, cruzar esse abismo que se escancara entre nós e a

> realidade, é parte de nosso inconsolável segredo. E, por certo, a partir desse ponto de vista, a promessa da glória torna-se altamente relevante para nosso mais profundo desejo. Pois a glória significa boa [harmonia] com Deus, aceitação por Deus, resposta, reconhecimento e ser bem recebido ao coração de todas as coisas. A porta à qual batemos por toda nossa vida finalmente se abrirá […] e, então, essa nostalgia que sentimos na vida, esse anseio por nos unirmos de novo a algo no universo do qual agora nos sentimos afastados, para passar para o lado de dentro de uma porta que sempre vimos pelo lado de fora, não é mera fantasia neurótica e sim o sinal mais verídico de nossa real situação […] No momento estamos do lado de fora do mundo, do lado errado da porta […] mas todas as páginas do Novo Testamento sussurram o rumor de que não será sempre assim. Algum dia, se Deus quiser, iremos *entrar*.[1]

Adorar não é apenas crer. Antes de terem subido ao alto do monte, Pedro, Tiago e João já criam em Deus. E Pedro já tinha dito: “Tu és o Cristo”. Mas agora eles sentiam isso. Eles foram envoltos pela presença de Deus. Eles tinham tido uma prévia daquilo por que C. S. Lewis diz que todos nós ansiamos: a própria face e o abraço de Deus.

A MORTE DA GLÓRIA

Imagine a cena seguinte, quando o eco da voz de Deus finalmente se desfez no ar. Os discípulos devem ter tido uma porção de perguntas a fazer para Jesus. Marcos registra o que aconteceu a seguir:



Enquanto desciam do monte, Jesus ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos. E eles guardaram o caso em segredo, conversando sobre o que seria o ressuscitar dentre os mortos. Então perguntaram-lhe: Por que os escribas dizem ser necessário que Elias venha primeiro? Jesus lhes respondeu: Na verdade, Elias vem primeiro e restaura todas as coisas; mas, então, como está escrito que o Filho do homem deve sofrer muito e ser desprezado? Digo-vos, porém, que Elias já veio, e fizeram-lhe tudo quanto quiseram, segundo está escrito a seu respeito (Mc 9.9-13).



Enquanto desciam do monte, Jesus instruiu os discípulos para que “a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos”. Por quê? O sentido pleno desse episódio somente viria à tona após a ressurreição, pois a transfiguração é um vislumbre, uma prévia da ressurreição (e da segunda vinda, da volta de Cristo para restaurar o mundo no fim dos tempos, profetizada em Apocalipse, o último livro da Bíblia). Além disso, até que a ressurreição acontecesse, quem acreditaria nisso?

No entanto, uma coisa fica clara para os discípulos. Ao falar de sua ressurreição aqui, Jesus está novamente apontando para sua morte. Lembre-se de que Pedro repreendeu Jesus, quando este disse aos discípulos que era o Messias, mas que era necessário que sofresse e morresse. Pois é, na passagem que estamos analisando agora, Pedro e outros discípulos reagem novamente,

mas desta vez são um pouco mais cautelosos: “Por que os escribas dizem ser necessário que Elias venha primeiro?”, perguntam eles.

O livro veterotestamentário de Malaquias profetizou que Elias voltaria antes do grande Dia do Senhor, quando Deus surgiria e tornaria certas todas as coisas. Assim, os discípulos estavam dizendo: “Espera aí, acabamos de ver Elias lá em cima do monte. O Dia do Senhor deve estar próximo! Por que, então, essa conversa sobre morte? Elias já veio.” Jesus os rebateu: “Digo-vos, porém, que Elias já veio, e fizeram-lhe tudo quanto quiseram, segundo está escrito a seu respeito.” O que Jesus está dizendo é: “Esse Elias a que o profeta se referiu foi João Batista, e ele já sofreu e morreu. Elias já veio e já se foi. ” E Jesus repete que “está escrito que o Filho do homem deve sofrer muito e ser desprezado”. Assim como a vinda de Elias anunciara a vinda do Senhor, a morte de Elias (a decapitação de João Batista a mando de Herodes) anunciava a morte do Senhor.

Quando Jesus foi batizado, no capítulo de abertura do Evangelho de Marcos, o Espírito desceu sobre ele como uma pomba e o fortaleceu para começar a ensinar e curar publicamente. Agora, o Pai o envolve com sua presença — a luz, a glória do *shekinah*, a voz — a fim de fortalecê-lo para o teste maior que o aguarda à medida que ele caminha sem hesitação para sua morte na cruz. Mas não é somente Jesus quem é fortalecido por essa experiência: Deus também estava preparando os discípulos para o teste que enfrentariam quando seu líder lhes fosse tirado.

Você alguma vez já teve uma experiência desse tipo, quando o amor e a compaixão de outra pessoa o tenham ajudado a lidar com seu próprio sofrimento? Alguma vez em que a aprovação e o

encorajamento incondicionais de alguém transformaram seu medo em decisão? Quando um encontro com a beleza pareceu neutralizar sua ansiedade e lhe dar esperança?

E, caso tivesse esse tipo de ajuda com mais frequência, você não seria uma pessoa diferente? Os problemas não fariam de você uma pessoa mais sábia, mais profunda e mais forte, em vez de uma pessoa amarga, dura e sem alegria? O sofrimento não faria de você uma pessoa com mais compaixão, em vez de uma pessoa mais cínica em relação à natureza humana? O fracasso não teria a propensão de ser uma experiência mais produtiva em sua vida? É claro que sim.

Mas resta uma pergunta: Como conseguirá mais desse tipo de aprovação, de encorajamento e de amor sem sobrecarregar sua família e seus amigos com suas carências?

A resposta para nós é a mesma que foi dada aos discípulos: *adoração*. Você deve ter acesso à presença de Deus por meio da adoração. Você precisa ver com clareza em sua mente aquilo que Deus tem feito e está fazendo por meio de Jesus. Você precisa ter experiências que antecipem esse abraço que um dia você receberá de Deus. Você precisa aprender a *sentir* com o coração aquilo que sua mente já sabe sobre o amor de Deus.

Uma coisa é ouvir dizer que alguém é incrivelmente atraente. Você pode até acreditar, mas quando vir essa pessoa de perto, dirá: “Ó, puxa vida!” O que aconteceu? Será que você obteve alguma informação que já não possuísse anteriormente? Não — mas você está *experimentando* aquilo que já sabia ser verdade. Uma coisa é saber que o glorioso Deus criador ama você, preocupa-se com você e cuida de você, mas outra coisa é sentir, experimentar isso. O que

quer que a vida lhe trouxer, você precisará dessas experiências antecipatórias para fortalecê-lo.

A transfiguração não é um truque milagroso para convencer os discípulos da divindade de Jesus. É uma experiência de adoração coletiva a qual será necessária para enfrentar aquilo que os espera pela frente.

UM VISLUMBRE DA GLÓRIA

Como, então, podemos ter acesso à presença de Deus desse modo? Como podemos ter essas experiências antecipatórias? Jesus e os discípulos mal tinham descido o monte antes de ter surgido uma chance de ele nos mostrar como encontrar o caminho de acesso à presença de Deus.



Quando chegaram onde estavam os outros discípulos, viram ao redor deles uma grande multidão, e alguns escribas discutindo com eles. E logo toda a multidão, vendo Jesus, ficou muito surpresa; e todos correram na direção dele e o cumprimentaram. E Jesus lhes perguntou: O que estais discutindo? E alguém dentre a multidão lhe respondeu: Mestre, eu te trouxe meu filho, que tem um espírito mudo. Onde quer que o apanhe, provoca-lhe convulsões, de modo que ele espuma pela boca, range os dentes e começa a se enrijecer. Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram (Mc 9.14-18).



Uma grande discussão estava se passando entre os escribas e uma grande multidão, de um lado, e, do outro, os discípulos que não tinham subido com Jesus ao monte. Eles estavam tentando exorcizar um demônio, mas não estava funcionando. O mal se fazia presente, e todos estavam confusos.

Mais uma vez, Marcos traz à tona a existência da atividade demoníaca — de uma constante batalha contra o mal, sobre seres sobrenaturais pessoais — como um aspecto da realidade evidente por si mesmo, como um fato da vida. Nem todo mundo está pessoalmente possuído por um demônio como o menino dessa história, mas Paulo diz em Efésios 6 e em outras passagens que estamos em luta contra os “principados” do nosso tempo. Lembre-se de que nem mesmo Jesus era imune ao ataque deles. Lemos já no início do Evangelho de Marcos que Jesus, logo após ser batizado, “esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás” (Mc 1.13).

O menino da história está possuído por um demônio que o deixa surdo e mudo, provocando-lhe ainda convulsões. Trata-se de uma condição física e espiritual opressiva que não só faz do menino um inútil, mas também frustra a vida de todos à sua volta — de seu pai, dos discípulos e até mesmo dos escribas. E a história prossegue:



E Jesus lhes respondeu: Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando terei de suportar-vos? Trazei-me o menino. Então eles o trouxeram. Ao ver Jesus, o espírito imediatamente provocou-lhe uma convulsão, e o endemoninhado, caindo ao chão, rolava, espumando pela

boca. Jesus perguntou ao pai dele: Há quanto tempo isso lhe acontece? Ele respondeu: Desde a infância. E muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para destruí-lo. Mas se podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe disse Jesus: Se podes? Tudo é possível ao que crê. Imediatamente o pai do menino clamou: Eu creio! Ajuda-me na minha incredulidade. Vendo que a multidão, correndo, aglomerava-se, Jesus repreendeu o espírito impuro, dizendo: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai dele e nunca mais entres nele. Então o espírito saiu, gritando e agitando-o muito. O menino ficou como se estivesse morto, de modo que muitos diziam: Ele morreu. Mas Jesus, tomando-o pela mão, levantou-o, e ele ficou em pé. Quando entrou em casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não conseguimos expulsá-lo? Ele lhes respondeu: Essa espécie não sai a não ser pela oração (e jejum) (Mc 9.19-29).



Os discípulos estavam tentando exorcizar um demônio. Mas estavam tentando fazê-lo *sem orar*. Quão arrogantes e sem noção eles eram acerca de sua inadequação para lidar com o mal e o sofrimento no mundo. Eles tentaram aplicar ao menino um exorcismo sem oração pelo mesmo motivo que não podiam entender por que Jesus tinha que morrer — eles não conseguiam ver quanto eram fracos e arrogantes. Subestimavam o poder do mal no mundo e em si mesmos.

Os mestres da lei também estavam lá, provavelmente criticando. Há somente uma personagem nesse episódio que reconhece sua fraqueza, admitindo não possuir o que é necessário para lidar com o sofrimento e o mal que enfrenta: o pai do menino.

Esse homem implora a Jesus: “Por favor, nos ajude; tenha compaixão do meu filho”. Ao que lhe disse Jesus: “Tudo é possível ao que crê”. Em outras palavras, Jesus disse que podia curá-lo se o pai tivesse fé. E o pai do menino responde: “Eu creio! Ajuda-me na minha incredulidade”. Ou seja, ele admitiu que estava tentando, mas estava repleto de dúvidas. Então, Jesus cura o menino. Uma excelente notícia! Por meio de Jesus, não precisamos ser perfeitamente justos, precisamos apenas reconhecer nossa impotência com arrependimento, para ter acesso à presença de Deus.

Jesus poderia ter dito àquele homem: “Eu sou a glória de Deus em forma humana. Purifique seu coração, confesse todos os seus pecados, livre-se de suas dúvidas e hesitação. Uma vez que tenha se rendido totalmente a mim e puder vir a mim com um coração puro, então poderá pedir pela cura de que precisa. ” Mas Jesus não disse isso, de modo algum! O pai do menino disse: “*Não* tenho uma fé inabalável, estou tomado por dúvidas e não consigo reunir a força necessária para responder aos desafios morais e espirituais com que me deparo. Mas peço que me ajude.” Essa é a fé redentora — fé em Jesus, em vez de fé em si mesmo. Ser perfeitamente justo é algo impossível para nós; quem espera isso jamais entrará na presença de Deus. É preciso admitir que *não* se é justo, que precisa de ajuda. Somente quando é capaz de dizer *isso*, alguém se aproximará de Deus para adorá-lo.

Contudo, não podemos deixar essa cena sem uma profunda consciência do que Jesus está prestes a perder. Ele havia vivido desde a eternidade na glória com o Pai. No monte, vemos Jesus cercado por Deus; na cruz, ele será abandonado. No monte, vemos

a vida que ele sempre teve — envolvido e revestido do amor e da luz de Deus —, mas, na cruz, ele estará nu e mergulhado na mais profunda escuridão.

Por que Jesus se submeteu a isso? Ele o fez por nós. Paulo nos diz claramente que o mal foi desmascarado e derrotado na cruz, em nosso favor. Ele escreve em sua carta para a igreja em Colossos que Jesus, “tendo despojado os principados e poderes, os expôs em público e na mesma cruz triunfou sobre eles” (Cl 2.15).

Naquele monte, por meio do Espírito Santo, Deus estava fortalecendo Jesus para sua missão, para o sofrimento sem fim que ele teria que suportar a fim de derrotar o mal. Deus pode nos fortalecer da mesma forma para enfrentarmos o mal e superarmos nosso próprio sofrimento.

Pode ser que você saiba intelectualmente que Deus ama você — mas, às vezes, o Espírito deixa isso especialmente claro para você. Às vezes, você está no monte e ouve, por meio do Espírito, Deus dizendo que tem por você um amor incondicional, constante, repleto de uma gloriosa intimidade. Às vezes você não tem apenas uma percepção intelectual desse amor, mas em seu coração ouve Deus dizendo: “Você é meu filho amado. Pagaria um preço infinito e iria até a maior das profundezas para não perdê-lo — na verdade, já fiz isso”.

Quando buscar a Deus com um coração arrependido, reconhecendo sua impotência, você o adorará. E, a cada vez que se sentir envolvido por seu abraço, sua alma ganhará um pouco mais de brilho por refletir a glória dele, e você se sentirá mais preparado para o que a vida tiver a lhe proporcionar.

[1] C. S. LEWIS, “The Weight of Glory”, in: *The Weight of Glory and Other Essays*. Nova York: Simons and Schuster, 1980, p. 36-37. [Publicado em português por Editora Vida sob o título *O peso de glória*].

capítulo onze

A ARMADILHA

EM UMA ENTREVISTA, Andrew Walls, um célebre historiador do cristianismo mundial, observou que, seja qual for o lugar onde as outras grandes religiões mundiais tenham começado, é ainda nesse lugar que fica seu centro até os dias de hoje. O islamismo começou na Arábia, em Meca, e o Oriente Médio ainda é o centro do islamismo em nossos dias. O budismo começou no Extremo Oriente, e lá ainda é seu centro até hoje. O mesmo aconteceu com o hinduísmo — começou na Índia e ainda é predominantemente uma religião indiana. O cristianismo é a exceção à regra: seu centro está em constante mudança, sempre em peregrinação. Seu centro de origem foi Jerusalém; mas, em virtude de os gentios helenistas, considerados bárbaros impuros, abraçarem o cristianismo com tamanho vigor, o centro do cristianismo deslocou-se para o mundo helênico mediterrâneo — para Alexandria, norte da África e Roma — e lá permaneceu por vários séculos. Até que outro grupo de bárbaros impuros, os europeus do norte — os francos, os anglo-saxões e os celtas —, se apegou de tal forma à fé cristã que logo o centro do cristianismo migrou de novo, dessa vez para o norte da

Europa. Nesse local (e na América do Norte, por intermédio da colonização e migração), o centro do cristianismo permaneceu por milhares de anos, até se deslocar mais uma vez, recentemente.

No século XX, o cristianismo retrocedeu na Europa, e na América do Norte mal consegue acompanhar o crescimento populacional. Enquanto isso, na América Latina, África e Ásia, o cristianismo vem crescendo em um ritmo de até dez vezes a taxa do crescimento populacional. Na década passada, ultrapassamos uma barreira importante: mais de 50% dos cristãos que existem hoje no mundo vivem no hemisfério sul.

Por exemplo, na virada do século, havia nos Estados Unidos aproximadamente 2,5 milhões de fiéis episcopais e anglicanos. Somente na Nigéria havia 17 milhões de anglicanos e em Uganda, 8 milhões. Portanto, somente nesses dois países viviam mais de dez vezes a quantidade de anglicanos que viviam nos Estados Unidos. Em 1900, a África tinha somente 1% de sua população formada por cristãos. Hoje os cristãos já são aproximadamente metade da população africana.[1]

Há uma previsão de que, nos próximos 50 a 70 anos, o centro do cristianismo irá completar esse ciclo de deslocamento dos países europeus e dos Estados Unidos. Migrará uma vez mais, como tem feito sempre.

Na entrevista com Andrew Walls, fizeram-lhe a seguinte pergunta: “Por que isso acontece? Se o centro das demais religiões permanece constante, por que o centro do cristianismo muda constantemente?” Walls respondeu: “Deve-se concluir, segundo penso, que o cristianismo traz em seu âmago certa vulnerabilidade, certa fragilidade. Pode-se dizer que essa é a vulnerabilidade da

cruz”.[2] O coração do evangelho é a cruz, e a cruz tem tudo a ver com a atitude de abrir mão do poder, distribuir recursos e servir. Walls sugeriu que, quando o cristianismo se vê em uma posição de poder e riqueza por um longo período, a mensagem radical do pecado, da graça e da cruz pode se calar ou até mesmo se perder. Quando isso acontece, o cristianismo começa a se transformar em uma religião conveniente e segura, para pessoas respeitáveis que se esforçam para serem boas. Com o tempo, torna-se praticamente estagnado nesses lugares, e seu centro se desloca para outros locais.

PRESO NA ARMADILHA

Walls afirma que o centro do cristianismo está sempre migrando para longe do poder e da riqueza. Esta história do Evangelho de Marcos nos ajuda a entender por que:



Quando Jesus saiu, correu para ele um homem, que se ajoelhou diante dele e lhe perguntou: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? (Mc 10.17)



Nos relatos paralelos dos outros evangelhos, ficamos sabendo que se trata de um jovem, mas de um jovem poderoso; por isso, ele é com frequência chamado de o jovem rico. E Marcos continua sua narrativa:



Jesus lhe perguntou: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. *Conheces os mandamentos: não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, a ninguém enganarás, honra teu pai e tua mãe*. *Ele, porém, lhe respondeu: Mestre, tudo isso tenho guardado desde a minha juventude*. *Olhando para ele, Jesus o amou e disse-lhe: Uma coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres; e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me*. *Mas ele, abatido por essas palavras, retirou-se triste, porque possuía muitos bens*. (Mc 10.18-22)



Jesus diz a esse jovem envolvido em uma busca espiritual algo que ele não conseguiu aceitar; à medida que o jovem se retira, observe a reação dos discípulos:



Então, olhando em redor, Jesus disse aos discípulos: Como é difícil para quem tem riquezas entrar no reino de Deus! Os discípulos admiraram-se com suas palavras. Mas Jesus voltou a lhes falar: Filhos, como é difícil entrar no reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus. (Mc 10.23-25)



Já notou que alguns dos ditos de Jesus são como um pirulito ou uma bala dura? Não são como chocolate, que derrete na boca, você engole e logo acaba — apenas um prazer momentâneo. No caso de um pirulito ou de uma bala dura, se você tentar engoli-los muito depressa, vai parar na cadeira do dentista ou se engasgar. Muitos dos ditos de Jesus são assim. É preciso debruçar-se sobre eles, ir ao fundo ou mesmo ao longo deles, e somente então será recompensado com camadas e camadas de uma doçura crescente. Jesus deixa aqui um dito notoriamente árduo: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”. Era uma declaração tão polêmica naquela época quanto o é em nossos dias. Observe mais uma vez a reação dos discípulos:



Os discípulos admiraram-se com suas palavras. Mas Jesus voltou a lhes falar: Filhos, como é difícil entrar no reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus. Com isso eles ficaram extremamente admirados, perguntando: Quem, então, pode ser salvo? Fixando neles o olhar, Jesus respondeu: Isso é impossível para os homens, mas não para Deus; pois para Deus tudo é possível (Mc 10.24-27).



Muitos acreditam que não se pode ajuntar uma grande riqueza sem tirar vantagem dos outros. Essa premissa encontra-se por detrás de muitas filosofias políticas e econômicas: a premissa de que ninguém pode ficar rico sem pisar nos outros. Até mesmo *possuir* muitos bens ou riqueza é visto como algo injusto. Diante disso pode ser que você esperasse ver os discípulos dizerem a Jesus: “Excelente, Mestre! Ficamos felizes em saber que o senhor não deixará nenhum rico entrar no seu reino — eles têm escapado das consequências de sua própria exploração há tempo suficiente”. Mas não foi essa a reação deles. Em vez disso, eles disseram: ”Se *ele* não pode ser salvo, quem pode então?” Os discípulos vinham de uma cultura que não via a riqueza como algo maligno, mas antes como uma recompensa pelo adequado comportamento moral. Eles acatavam a visão de que quem vivesse como uma pessoa de bem seria recompensada por Deus com prosperidade. Essa era, por exemplo, a cosmovisão dos amigos de Jó, em seu respectivo livro, no Antigo Testamento. Eles assumiam que a prosperidade material significava que a pessoa estava levando uma vida correta e que Deus estava satisfeito com ela, enquanto a pobreza era um sinal do contrário. Contudo, a resposta que Jesus deu ao jovem rico mostra

que ele não assinava embaixo dessas cosmovisões simplistas — ele não via uma grande riqueza necessariamente como fruto de exploração, nem como algo que era sempre um sinal de virtude e do favor divino.

Repare como Jesus lida com o jovem nessa passagem. Ao fazer referência a vários dos Dez Mandamentos, Jesus está fazendo a ele algumas perguntas implícitas. Por exemplo: “a ninguém enganarás”. Em outras palavras, você falseou os fatos nos negócios que fez? Ou, quando disse “não furtarás, não dirás falso testemunho”, Jesus estava perguntando: “Já roubou ou explorou alguém? Já tomou das pessoas coisas que lhes pertenciam por direito?”

E o jovem rico lhe respondeu: “Mestre, tudo isso tenho guardado desde a minha juventude”. Em outras palavras, ele estava dizendo a Jesus: “Não, com toda a riqueza que possuo, sempre agi com justiça, bondade e equidade; nunca pequei em nenhum desses aspectos”.

Jesus não se voltou para ele e disse: “Mentiroso”. Ele simplesmente aceitou a resposta. Embora, evidentemente, alguém possa acumular riquezas por meios imorais, é possível ficar rico e se manter assim agindo com virtude — isto é, tendo disciplina, visão, paciência e sabendo esperar pela recompensa. Vemos aqui que Jesus não tem um problema ideológico com a geração de riqueza em si. Ele não diz que ter dinheiro seja algo errado ou injusto em si mesmo.

No entanto, ele diz que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.

Ao longo dos séculos, as pessoas têm tentado lidar com essa afirmação das formas mais engraçadas. Algumas dizem: “Bem, Jesus não estava falando de uma agulha de verdade. Nos tempos de Jesus, havia nos muros de Jerusalém uns portões tão estreitos que era difícil um camelo passar por eles, especialmente se o animal estivesse carregando uma carga muito grande. Mas, se alguém tirasse a carga de cima do camelo e este prendesse o fôlego, enquanto fosse puxado pelo portão, era difícil, mas não impossível que o animal conseguisse entrar por ele”. Ou alguns dizem: “Jesus não está falando de um camelo; em aramaico a palavra que significa *barbante* tem uma pronúncia muito parecida com a da palavra *camelo*. O que Jesus realmente está tentando dizer é que é muito difícil um barbante entrar no buraco de uma agulha, mas se você umedecê-lo com um pouco de saliva e direcioná-lo com cuidado para dentro do buraco da agulha, não é impossível conseguir que ele passe”.

Explicações como essas ultrapassam os limites; acredito estar muito claro o que Jesus queria dizer com essa metáfora. Toda cultura recorre a metáforas vívidas como essa. Pense no ditado popular “é mais fácil galo criar dente”. É impossível um galo criar dente, assim como é impossível um camelo passar pelo fundo de uma agulha. Da mesma maneira, é *impossível* um rico entrar no reino de Deus. É isso que Jesus está dizendo.

Mas há uma importante nuance aqui. Jesus não quis dizer que é pecado ser rico. Não quis dizer que todos os ricos são maus e todos os pobres bons. Jesus não fez asserções tão vulgares. Nem estava dizendo, por outro lado: “Apenas tomem cuidado de não se deixarem levar pela ganância, sejam generosos de vez em quando

”. Não. Jesus estava dizendo que há algo de radicalmente errado com *todos nós* — mas que o dinheiro tem um poder especial de nos cegar para isso. De fato, o dinheiro tem tamanho poder de nos enganar a respeito de nossa verdadeira condição espiritual que necessitamos de uma intervenção divina graciosa, miraculosa, para ver isso. É algo impossível sem Deus, sem um milagre, sem a graça.

REVELANDO A ARMADILHA

Considere como Jesus aconselhou o jovem rico. Sim, esse era um homem que precisava de aconselhamento, muito embora por fora parecesse completamente bem. Ele era rico, jovem e provavelmente de boa aparência — é difícil alguém ser rico e jovem e *não* ter boa aparência. Mas ele não estava bem. Se estivesse, não teria jamais se ajoelhado diante de Jesus e perguntado: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

Qualquer judeu devoto teria sabido a resposta para essa pergunta. Os rabinos estavam sempre fazendo essa pergunta em seus escritos e ensinos. E a resposta deles era sempre a mesma; não havia diferentes escolas de pensamento em torno dessa questão. A resposta era: “Obedeça aos mandamentos de Deus e evite todo pecado”. Esse jovem rico deveria saber essa resposta. Por que, então, ele estava perguntando isso para Jesus?

A resposta de Jesus, repleta de discernimento — “Uma coisa te falta” — permite que captemos a essência da luta que se travava no coração do jovem rico. Ele estava dizendo: “Sabe de uma coisa, eu fiz tudo que é certo: sou bem-sucedido em termos financeiros, sociais, morais e religiosos. Ouvi dizer que tu és um bom Mestre, e me pergunto se há algo que deixei escapar, algo que não estou percebendo. Sinto que falta alguma coisa”.

É evidente que lhe faltava alguma coisa. Isso porque ninguém que conte com aquilo que vem *fazendo* para ganhar a vida eterna a encontrará; pois, a despeito de tudo que alcançar, sempre sentirá um vazio, uma insegurança, uma dúvida. Alguma coisa

obrigatoriamente faltará. Como alguém poderá saber se é bom o bastante?

Se andar pelas ruas de Nova Iorque, verá uma porção de gente com cara de perfeito. Mas, a menos que queira ser processado por assédio, você não pode fazer algo de que gostaria muito, ou seja, chegar em alguns deles e dizer: “Você é tão perfeito quanto parece?” Seriam obrigados a dizer que não, pois todo dia se olham no espelho e conhecem suas cicatrizes e imperfeições. Na verdade, um dos motivos pelos quais muitas dessas pessoas são tão belas é pelo fato de terem gastado tempo, energia e enormes recursos na tentativa de encobrir seus defeitos. Mas, ainda assim, se olhar bem de perto para algo ou alguém, verá defeitos e marcas.

Temos nessa passagem um homem preparado, que estudou nas melhores escolas, tem à sua frente a promessa de um futuro brilhante, já ganhou muito dinheiro, e tem apenas uns vinte e oito anos de idade. No entanto, para sua surpresa, ele se vê à procura de gurus e rabinos, como quem diz: “Ainda me falta alguma coisa. Você sabe o que me falta? Já conquistei muitas coisas, mas ainda sinto que há mais uma coisa que preciso fazer. Estou pronto a investir em meu histórico espiritual. O que preciso acrescentar nele? Estou disposto a fazer algumas mudanças. Apenas me diga o que tenho que fazer”.

E Jesus diz a ele o que fazer. Mas o conselho de Jesus é como um soco na boca do estômago do jovem rico.

Jesus começa sua resposta esboçando o golpe. A primeira coisa que ele diz ao jovem é: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus”. Isso é um indício, uma prévia do que vem pela frente. Jesus não está dizendo que não é bom. Ele não

está dizendo: “Por que me chamas bom? Eu, Jesus, não sou bom”. O que ele está dizendo é: “Por que você está andando com alguém que você considera apenas um rabino normal, um ser humano qualquer, e o chama de bom? Há falhas nos seus conceitos de bondade e maldade”. Esse foi apenas um indício.

Mas então vem o golpe. Jesus já tinha aceitado o que o jovem havia dito sobre ter obedecido aos Dez Mandamentos e ter vivido uma vida íntegra. O que Jesus diz a ele vai mais longe. Ele prossegue, dizendo ao jovem rico aquilo que ele precisa fazer: “Uma coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres; e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me”.

Em outras palavras, Jesus está dizendo: “Se quer me seguir e ganhar a vida eterna, é evidente que não deve cometer adultério, que não deve lesar as pessoas nem matá-las. É óbvio que não deve fazer coisas más. Mas se você apenas se arrepender das coisas más, tudo isso apenas fará de você uma pessoa religiosa. Se quer a vida eterna, se quer ter intimidade com Deus, se quer se livrar dessa incômoda sensação de que ainda lhe falta alguma coisa, se ainda não conseguiu encontrar um jeito de se livrar da mancha do pecado, você tem que mudar a forma como se relaciona com seus talentos e sucessos. Tem que se arrepender da forma como vem usando as *coisas boas* que possui”.

E existem diversas formas como usamos essas “coisas boas”. Pode ser que as estejamos usando para lidar com as imperfeições que mais ninguém consegue enxergar. Pode ser que estejamos incessantemente tentando transformar a riqueza material em um tesouro espiritual, a fim de lidar com nossa sensação de pobreza interior. Ou que estejamos tentando transformar a beleza física em

beleza espiritual como forma de lidar com nossa sensação de deformidade interior. Também pode ser que as estejamos usando para nos sentir superiores em relação aos outros, ou para fazer com que façam aquilo que queremos que eles façam. E acima de tudo, pode ser que estejamos apontando para as "coisas boas" que possuímos — nossas conquistas e realizações — e dizendo a Deus: "Veja só o que conquistei! O Senhor deve responder às minhas orações." Podemos usar tudo de bom que possuímos para controlar a Deus e as outras pessoas.

Assim, o que Jesus está dizendo ao jovem rico nessa passagem é: "Você colocou sua fé e confiança na riqueza que possui, nas suas conquistas. Mas esse seu esforço o está distanciando de Deus. Neste exato momento, Deus é como se fosse o seu patrão; mas não é o seu Salvador, e eis o modo como você pode perceber isso: *Quero que você imagine sua vida sem o dinheiro que possui*. Quero que imagine que não possui mais nenhum tostão. Não tem mais herança, patrimônio, servos nem imóveis — imagine que perdeu tudo isso. Tudo o que tem é a mim. Acha que consegue viver assim?".

Como o jovem rico reagiu ao conselho de Jesus? "Mas ele, abatido por essas palavras, retirou-se triste, porque possuía muitos bens". A melhor tradução para a palavra que temos aqui — triste — seria "angustiado": retirou-se *angustiado*. Deixe explicar a minha preferência por essa tradução. Há uma passagem no Novo Testamento em que a mesma palavra, no grego, é usada em relação a Jesus. Mateus registra em seu Evangelho que, no jardim do Getsêmani, Jesus "começou a entristecer-se e a *angustiar-se*" (Mt 26.37). Por quê? Porque ele estava prestes a experimentar a

suprema mudança, a suprema desorientação. Estava prestes a perder a alegria de sua vida, o cerne de sua identidade. Estava prestes a perder seu Pai. Jesus estava prestes a perder seu centro espiritual, seu próprio ser.

Quando Jesus desafiou o jovem rico a abrir mão de sua fortuna, esse jovem começou a angustiar-se, pois o dinheiro era para ele o que o Pai era para Jesus. Era o cerne de sua identidade. Perder sua fortuna seria como perder a si mesmo — como perder aquela tênue sensação de que ele tinha conseguido acobertar sua mancha.

Uma coisa é ter Deus como patrão, como exemplo, como mentor; mas, se você quer que Deus seja seu Salvador, terá que o colocar no lugar daquilo que seja um salvador para você. Todos nós temos algo desse tipo. O que você considera como seu salvador?

Se você quer ser um cristão, é evidente que se arrependerá de seus pecados. Mas, depois que fizer isso, terá que se arrepender de como tem usado as coisas boas que possui para ocupar o lugar que deve ser de Deus. Se deseja ter intimidade com Deus, se quer se livrar dessa sensação de que algo está faltando em sua vida, Deus terá que se tornar aquele que você ama com todo coração, com todas as suas forças.

Você percebe quantas nuances a resposta de Jesus contém? O problema do jovem rico não está no valor que ele atribui a seus recursos financeiros, mas sim no valor que atribui à sua moral. Está na sua noção de que ele não precisa da graça de Deus. Como você sabe, o cristão é *uma pessoa que sabe que o fato de ser cristão é algo impossível, um verdadeiro milagre* — e que não há nada de natural nisso, vai contra todo o mérito que alguém possa ter. Todos nós devemos reconhecer que temos depositado nossa esperança

em alguma forma de mérito pessoal. É esse nosso mérito pessoal, o valor que atribuímos à nossa moral que nos impede de compreender a cruz.

O que aconteceu com o jovem rico é semelhante a outro encontro posterior, registrado no capítulo 12 do Evangelho de Marcos, em que houve um grau menor de confrontação. Neste último episódio, assim como no do jovem rico, Jesus demonstra que a lei exige que entreguemos tudo a Deus. Um mestre da lei fica impressionado com a sabedoria de Jesus. E ele, então, assim como o jovem rico, faz uma pergunta a Jesus:



Aproximou-se dele um dos escribas que os ouvira discutir e, percebendo que lhes havia respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? (Mc 12.28)



Essa pergunta tem a intenção de ser uma cilada para Jesus, mas, ao mesmo tempo, parece ser sincera — o escriba de fato quer saber a resposta. Os mestres da lei eram escribas e estudiosos profissionais da lei. Dedicavam a vida a estudar, classificar e categorizar a lei. Alguns deles chegaram a encontrar uma quantidade de 613 regras na lei do Antigo Testamento. Eles estavam sempre tentando distinguir as regras de maior peso das de menor peso. A pergunta fundamental era: das centenas de regras e mandamentos, qual é o mais importante? Veja como Jesus responde a isso:



Jesus respondeu: O principal é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de todas as forças. E o segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses. (Mc 12.29-31)



Jesus responde com dois mandamentos da Escritura Hebraica. O primeiro deles é de Deuteronômio 6.4-5. Essa passagem incluía o *shemá*, profissão de fé que os judeus piedosos recitavam de manhã e à noite, assim como o mandamento para que amemos a Deus com todo o ser. Jesus buscou o segundo mandamento em Levítico 19.18, o mandamento para que amemos ao próximo como a nós mesmos. Então, Jesus sintetiza toda a lei de Deus em um único princípio: amar, sendo que esse amor deve ser dirigido a Deus e aos outros. Nesse ponto, Jesus alcança o coração do principal dilema da ética. Há séculos, os grandes pensadores têm sentido a existência de uma tensão entre “lei” e “amor”. Devo agir segundo a lei ou segundo o amor? Jesus não está escolhendo uma ou duas regras e colocando-as acima das demais, nem está escolhendo o amor em detrimento da lei; antes, ele está mostrando que o amor é o que cumpre a lei. A lei não será cumprida, a não ser que seja obedecida como uma forma de dar e demonstrar amor a Deus e ao próximo.

Ao ouvir a resposta de Jesus, o escriba retirou-se entristecido como o fizera o jovem rico? Marcos continua seu relato:



E o escriba lhe disse: Muito bem, Mestre; é verdade que ele é o único Deus, e que além dele não há outro, e que amá-lo

de todo o coração, de todo o entendimento e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios. (Mc 12.32,33)



O escriba reconhece que esses dois mandamentos são os mais importantes que existem. A referência que ele faz a holocaustos e sacrifícios demonstra que essas coisas não conseguem resolver a questão do pecado. Nessa passagem, vemos esse escriba prestes a reconhecer o quanto o padrão estabelecido pela lei é impossível — ou seja, que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um homem de bem satisfazer as exigências da lei. Quanto mais perto ele chega desse entendimento, mas perto está de compreender o evangelho. Se nos concentrarmos exclusivamente em regras e regulamentos, poderemos começar a nos sentir muito justos, mas quando olhamos para a atitude de coração sobre a qual a lei está de fato falando e exigindo, começaremos a perceber o quanto necessitamos de graça e misericórdia.

Mas como Jesus avaliou a resposta do escriba?



Vendo que ele havia respondido com sabedoria, Jesus lhe disse: Não estás longe do reino de Deus. (Mc 12.34)



Sentimos que a resposta de Jesus — “Você está chegando perto” — deve ter provocado arrepios nesse escriba. Aparentemente a resposta dada ao escriba foi quase a mesma dada ao jovem rico — “Uma coisa te falta”. Contudo, a resposta ao jovem rico provocou

uma reação mais próxima da náusea. O que estava por trás das perguntas era semelhante, as perguntas foram semelhantes, mas as respostas foram completamente diferentes. Somente um deles foi capaz de enxergar a armadilha.

EVITANDO A ARMADILHA

Qual é a sua atitude em relação a dinheiro?

Não é coincidência o fato de que, para cada vez que Jesus alerta sobre construirmos nossa vida com base em sexo e romance, ele alerta dez vezes sobre o perigo de fazermos o mesmo em relação ao dinheiro. O dinheiro sempre tem sido visto como um dos salvadores mais comuns. A possibilidade de frequentar restaurantes badalados, de comprar coisas novas e interessantes, de transitar em círculos profissionais ou de amizade — todas essas coisas provavelmente são mais importantes para você do que percebe.

Mas como saber se o dinheiro para você é mais do que apenas dinheiro? Seguem algumas dicas: Você é incapaz de abrir mão de quantias significativas de dinheiro. Sente-se atemorizado diante da perspectiva de ter menos dinheiro do que está acostumado. Repara em pessoas que estão sendo mais bem-sucedidas que você, muito embora você tenha trabalhado mais, ou seja um ser humano melhor do que elas, e o sucesso delas aborrece você. Quando isso acontecer, você já está com um pé na armadilha. Pois o dinheiro não se tornou apenas uma ferramenta; agora é uma medida de sucesso. É a sua essência, a sua identidade. Não importa quanto dinheiro você possua; embora o dinheiro não seja intrinsecamente mau, ele possui um poder incrível para afastá-lo de Deus.

Mas note o que Marcos escreveu quando Jesus conversava com o jovem rico: “Olhando para ele, Jesus o amou” (Mc 10.21). Por que o coração de Jesus de repente se encheu de amor por aquele homem? Jesus evidentemente era uma pessoa amorosa, mas declarações abertas como essa sobre a ternura de Jesus em

relação a alguém em especial são raras nas narrativas dos Evangelhos. Será que Jesus o amou pelo potencial que via no jovem para ser um líder? Ou foi por causa do que o jovem lhe disse? Não, acredito que não foi por isso.

Jesus, que nessa época tinha cerca de trinta e um anos, olha para aquele jovem e se identifica com ele. Jesus também era um jovem rico, bem mais rico do que aquele jovem poderia imaginar. Ele havia vivido na dimensão incompreensível de glória, riqueza, amor e alegria da Trindade, por toda a eternidade. Mas já tinha deixado essa riqueza para trás. Paulo nos diz que, embora Jesus fosse rico, ele se fez pobre por nós (2Co 8.9).

Estou abraçando uma pobreza maior do que qualquer pessoa já conheceu, diz Jesus. “Estou abrindo mão de absolutamente tudo. Por quê? Por você. Agora é a sua vez de abrir mão de tudo para me seguir. Se eu abri mão de tão grande riqueza por você, por que não consegue abrir mão de sua pequena riqueza para me seguir? Não estou pedindo que você faça nada mais do que eu mesmo já fiz. Eu sou o maior dos jovens ricos que abriu mão da maior de todas as riquezas por você. Agora é sua vez de abrir mão de sua riqueza por mim.”

Quando entender que Jesus é o verdadeiro jovem rico, isso mudará sua atitude em relação ao dinheiro. Por exemplo, você não vai ficar mais tentando calcular de quanto *tem* que abrir mão, mas procurará calcular do quanto *pode* abrir mão. A cruz será o verdadeiro padrão do quão generoso você será. Jesus está dizendo: “Quero que sua atitude em relação ao dinheiro seja totalmente transformada e retrabalhada por aquilo que fiz na cruz”.

Isso o leva a pensar no que Jesus fez por você? Quando isso realmente começar a mexer com você, a deixá-lo maravilhado, a fazê-lo chorar, você terá uma chance na luta para evitar a armadilha. Permitir que o sacrifício de Jesus comova você tirará a importância que o dinheiro possui diante de seus olhos. O sucesso humano passará a ser nada mais do que sucesso humano. A aprovação passará a ser apenas aprovação. Você pode dar dinheiro ou conservá-lo, dependendo do que for melhor no momento. A única maneira que conheço de lutar contra o poder que o dinheiro tem na sua vida é olhando para o maior dos jovens ricos, o maior de todos, que abriu mão de absolutamente tudo o que tinha para vir até você, para salvá-lo e amá-lo.

Jesus disse: “Meu poder está sempre se afastando de pessoas que amam o poder e o dinheiro. Meu poder está sempre se movendo *em direção* a pessoas que abrem mão disso, assim como eu. Em qual desses grupos você quer estar? ”

1 Lamin SANNEH, *Whose religion is Christianity?*. Grand Rapids: Eerdmnans, 2003, p. 15; e Philip JENKINS, *The next Christendom: The coming of global Christianity*. Londres: Oxford, 2002, p. 56.

2 “The expansion of Christianity: An interview with Andrew Walls”. Disponível em www.religion-online.org/showarticle.asp?title=2052.

capítulo doze

O RESGATE

JESUS NÃO DEIXA dúvida quanto ao que veio fazer: ele veio para morrer. E diz isso repetidamente a seus discípulos. Na verdade, até o tempo em que ocorreu o episódio descrito a seguir, que se encontra registrado no Evangelho de Marcos, Jesus já havia previsto sua morte por duas vezes: a primeira delas no capítulo 8 do Evangelho de Marcos, depois de Pedro ter dito “Tu és o Cristo” (v. 29).



E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos líderes religiosos, principais sacerdotes e escribas, fosse morto e depois de três dias ressuscitasse. E ele dizia isso abertamente… (Mc 8.31-32).



E novamente no capítulo 9:



Eles partiram dali e passaram pela Galileia. Mas Jesus não queria que ninguém soubesse disso, pois ensinava a seus discípulos, dizendo-lhes: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, que o matarão; e depois de três dias ressuscitará (Mc 9.30-31).



No entanto, caso os discípulos (ou nós mesmos) não tivessem entendido, Jesus repete sua previsão novamente no capítulo 10:



Eles estavam a caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante deles. E, espantados, seguiam-no com medo. De novo, Jesus tomou consigo os Doze e começou a falar-lhes das coisas que deveriam lhe acontecer. *Estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios; irão zombar dele e cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo. Depois de três dias, ele ressuscitará* (Mc 10.32-34).



Desta vez, Jesus nos fornece mais detalhes acerca de sua morte do que anteriormente. Pela primeira vez ele diz que morrerá em Jerusalém e que será rejeitado tanto por judeus quanto por gentios. O capítulo 8 menciona somente os líderes religiosos judeus e o capítulo 9 menciona de forma mais genérica que ele “será entregue nas mãos dos homens”. No capítulo 8, ele havia dito que seria “*rejeitado* pelos líderes religiosos, principais sacerdotes e escribas”, mas agora revela que eles “o condenarão à morte”. Esse termo jurídico indica que ele seria julgado e executado dentro do

sistema de justiça penal. A forma como retrata seus últimos dias também se torna mais gráfica e violenta: “irão zombar dele e cuspir nele, açoitá-lo…”.

Jesus prediz sua morte três vezes em um espaço de apenas três capítulos — ele sabia que sua morte não era secundária, periférica à sua missão. Pelo contrário, era absolutamente central tanto para sua identidade quanto para seu propósito neste mundo. Contudo, o avanço mais importante no capítulo 10 do Evangelho de Marcos é que, pela primeira vez, Jesus conta não apenas que irá morrer, mas por que razão o fará:



Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos (Mc 10.45).



Jesus não veio para ser servido, mas para dar sua vida. Isso o diferencia dos fundadores de quaisquer outras religiões, pois o propósito destes foi viver e ser exemplo, enquanto o propósito de Jesus foi morrer e ser sacrifício.

O fato de Jesus ter usado o verbo *veio* é um forte indício de que ele já existia antes de nascer: ele veio ao mundo. Ao dizer que “não veio para ser servido”, ele assume que tinha todo o direito de esperar ser honrado e servido quando veio, embora não exercesse esse privilégio.

A última parte da sentença — “para dar a vida em resgate de muitos” — sintetiza a razão pela qual ele tinha que morrer. Jesus veio para ser um sacrifício substitutivo. Algumas versões, como a

NVI, trazem a seguinte construção: “para dar a vida em resgate *por* muitos”. Considere essa pequena preposição, *por*. Ela é a tradução de um termo grego, *anti*, que significa “em vez de”, “em lugar de”, “em substituição a”. E o que dizer sobre o termo *resgate*? Hoje em dia nem mesmo usamos muito essa palavra, exceto no contexto de um sequestro. Mas nessa passagem ela é a tradução de outro termo grego, *lutron*, que significa “comprar a liberdade de um escravo ou de um prisioneiro”. O resgatador faria um enorme sacrifício em pagamento, algo que estivesse à altura do valor ou que pagasse a dívida do escravo ou do prisioneiro, a fim de obter sua liberdade.

Jesus veio para pagar esse tipo de resgate. Todavia, uma vez que a escravidão com a qual ele lida é de natureza cósmica — ou seja, o mal cósmico —, ela exigia um pagamento cósmico. “Pagarei o resgate que seria impossível para vocês pagarem, e conquistarei sua liberdade”. O pagamento foi a morte de Cristo na cruz.

SACRIFÍCIO POR VONTADE PRÓPRIA

O que falarei a seguir será difícil de ouvir, se você estiver entre aqueles que lutam com o ensinamento cristão acerca da cruz. É natural presumir que a Bíblia esteja dando apenas mais um exemplo daqueles deuses antigos, primitivos e sedentos de sangue adorados por civilizações antigas, primitivas e sedentas de sangue. Na *Ilíada*, de Homero, por exemplo, Agamenon não conseguiu bons ventos para chegar a Troia até que sacrificou sua filha. Esse sacrifício acalmou a ira dos deuses que, então, permitiram que ele fosse para Troia. O que Jesus diz no Evangelho de Marcos pode soar como

apenas mais uma variação em torno desse tema: uma cultura antiga e primitiva, sob o domínio de um deus irascível que exige sacrifícios de sangue para libertar escravos e prisioneiros inocentes.

Desta vez, porém, não se trata disso, de forma alguma. E pode ser que você pergunte: por que não? Se Deus é de fato um Deus de amor, por que ele apenas não perdoa todo mundo? Por que Jesus teve que passar pelo sofrimento até morrer? Por que ele teve que ser dado em resgate?

Forneço a seguir um começo de resposta para isso: Jesus não teve que morrer apesar do amor de Deus; ele teve que morrer *por causa* do amor de Deus. E teve que ser assim porque *todo amor que transforma vidas é sacrifício substitutivo*.

Pense um pouco sobre isso. Se você amar uma pessoa cuja vida está toda certinha, alguém que não tenha maiores necessidades, isso não lhe custará nada. Será um deleite. Provavelmente existam quatro a cinco pessoas desse tipo no lugar em que vive. Você deve encontrá-las e fazer amizade com elas. No entanto, se algum dia tentar amar alguém necessitado, alguém que tenha problemas, que seja perseguido ou emocionalmente ferido, esse amor irá lhe custar muito. Não poderá amá-lo sem que você mesmo sofra um impacto. É necessário que haja algum tipo de transferência, de modo que, de alguma forma, os problemas e as dificuldades dessa pessoa passem para você.

Há muita gente ferida neste mundo. São pessoas feridas que estão se afundando emocionalmente, e que precisam desesperadamente ser amadas. Quando você se depara com uma delas, instintivamente olha para o relógio e sente vontade de sair à francesa, pois ouvir o que elas têm a dizer sobre seus problemas

pode ser estressante. Ser amigo de alguém assim pode exaurir suas forças. A única maneira de elas começarem a se recompor emocionalmente é encontrando alguém que as ame, mas a única maneira de amá-las é deixar-se esgotar emocionalmente. Parte de sua plenitude terá que ir para elas, e você terá que se esvaziar em certa medida. Se você se prender ao seu conforto emocional e simplesmente evitar pessoas desse tipo, elas afundarão em seu desespero. A única maneira de amá-las é por meio do sacrifício substitutivo.

Ou pense em outro exemplo ainda mais dramático: a paternidade ou a maternidade. Quando se tem filhos, eles dependem de você. Os filhos têm uma porção de necessidades e não podem caminhar com os próprios pés. E eles não vão sair dessa dependência de forma automática. A única maneira de seus filhos deixarem de ser dependentes e se transformarem em adultos autossuficientes é os pais abrirem mão de sua própria independência por uns vinte anos, mais ou menos. Quando são pequenos, por exemplo, é preciso que os pais leiam bastante para eles — do contrário eles não irão se desenvolver intelectualmente. Muitos dos livros deles serão tediosos para adultos. Os pais também têm que ouvir o que os filhos têm a dizer, e essas conversas muitas vezes deixam a desejar, pois estão longe de serem interessantes.

E há também a questão de vesti-los, dar banho, alimentá-los e ensiná-los a fazer todas essas coisas sozinhos. Além disso, as crianças precisam ouvir cinco elogios para cada crítica que escutarem dos pais. Assim, a menos que você sacrifique grande parte de sua liberdade e seu tempo, seus filhos não crescerão saudáveis e preparados para a vida. Lamentavelmente, há uma

porção de pais que simplesmente não fazem nada disso. Não se sujeitam a prejudicar tanto assim sua vida, não se dedicarão aos filhos. Não farão esse sacrifício. O resultado é que seus filhos vão crescer fisicamente, mas continuarão imaturos emocionalmente — continuarão a ser dependentes, vulneráveis e cheios de carências. Pense deste modo: ou você faz o sacrifício ou eles terão de fazê-lo. É você ou eles. Ou você se submete a sofrer temporariamente e de uma forma redentora, ou eles irão sofrer tragicamente, de uma forma destrutiva e sem sentido. Ao menos, em parte, depende de você.

Todo amor verdadeiro, que transforma vidas, é um sacrifício substitutivo.

Lembra-se de Lílian Potter, a mãe de Harry Potter? No primeiro livro da série, o vilão, Lorde Voldemort, tenta matar Harry, mas não consegue tocá-lo. Quando tenta tocá-lo, sente uma dor agonizante, e então vê sua tentativa frustrar-se. Mais tarde, Harry pergunta a seu mentor: “Por que Voldemort não conseguiu tocar em mim?” E seu mentor responde: “Sua mãe morreu para salvar você. […] um amor tão poderoso como o dela por você deixa uma marca. Não se trata de uma cicatriz ou de um sinal visível […] [mas] o fato de ter sido amado de forma tão profunda […] nos dá certa proteção para sempre”.[1] Por que essas palavras são tão comoventes? Porque sabemos, por experiência própria, desde a mais mundana à mais dramática, que o sacrifício está na essência do amor verdadeiro. E sabemos que qualquer um que já tenha feito algo que fez diferença para nós — nossos pais, um professor, um amigo, nosso cônjuge — se sacrificou, de alguma forma, e se prontificou a aceitar algum tipo

de sofrimento ou privação a fim que nós mesmos não tivéssemos que passar por isso.

Portanto, faz sentido pensar que um Deus que é mais amoroso do que eu e você — um Deus que veio ao mundo para resolver de uma vez por todas o problema do mal e do pecado — teria que fazer um sacrifício substitutivo. Mesmo nós, seres humanos imperfeitos, sabemos que não se pode simplesmente negligenciar o mal. Não se pode resolvê-lo, eliminá-lo ou curá-lo dizendo apenas: “Deixe para lá”. Ele é algo que exige um pagamento, e resolvê-lo tem um alto custo. Se é assim, então por que esperaríamos que Deus desse de ombros e deixasse para lá? A dívida tinha que ser paga. Mas Deus foi tão incrivelmente amoroso que se dispôs a morrer a fim de pagá-la ele mesmo.

É nesse ponto que o Deus da Bíblia difere de forma mais radical dos deuses primitivos do passado. Os antigos compreendiam a ideia da ira divina, as ideias de justiça, de uma dívida e da necessidade de uma punição, mas *não tinham a menor ideia de que Deus viria e pagaria ele mesmo essa dívida*. A cruz é a autossubstituição de Deus. Essa possibilidade não teria alcançado a imaginação de Homero nem em um milhão de anos, quem dirá a imaginação dos discípulos.

A única forma de Jesus nos redimir era dando sua vida em resgate por nós. Deus não poderia simplesmente ter dito: “Todos estão perdoados”. Na criação, Deus pôde dizer: “Haja luz” e houve luz. Ou: “Produza a terra os vegetais”, e assim aconteceu. Ou ainda: “Haja luminares no firmamento celeste”, e assim ele fez o Sol, a Lua e as estrelas (Gn 1). Mas Deus não podia simplesmente ter dito: “Haja perdão”. Não é assim que o perdão funciona.

Deus criou o mundo em um instante, e foi um belo processo. Mas ele o *re*criou na cruz, e foi um processo horrendo. As coisas são dessa forma. O amor que realmente transforma e redime sempre é um sacrifício substitutivo.

Na obra *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, C. S. Lewis coloca a questão desta forma: “Quando uma vítima voluntária, que não tiver cometido nenhuma traição, for morta em lugar do traidor, a Mesa se partirá e a própria Morte começará a operar em sentido inverso”.[2]

UM HUMILDE SACRIFÍCIO

Você deve estar pensando que, a essa altura, os discípulos já teriam captado a razão de Jesus ter vindo e a razão pela qual ele iria sofrer e morrer. Afinal, ele já lhes tinha dito o suficiente — sendo que o próprio Marcos registrou em seu Evangelho que “ele dizia isso abertamente” (Mc 8.32). Mas, na história que mostrarei a seguir, torna-se claro que não foi bem assim. Tiago, João e outros seguidores de Jesus estavam ouvindo, no mínimo pela terceira vez, Jesus falar sobre sua morte iminente e necessária. Na mesma hora, esses dois discípulos vão até Jesus com um pedido:



Nisso aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos faças o que te pedirmos. E ele lhes perguntou: Que quereis que eu vos faça? (Mc 10.35,36)



Tiago e João dizem a ele: “Mestre, queremos que nos faças o que te pedirmos”. Que grande maneira de começar uma oração, você não acha? “Senhor, tenho um humilde pedido, mas quero que faça exatamente o que eu disser”. Jesus os trata com graça — esse era o jeito dele. “Que quereis que eu vos faça?”, ele pergunta. Ele não diz algo como: “Queiram fazer outra pergunta” ou ainda “Como ousam falar assim comigo? Não sabem quem sou? Não sabem quem vocês são?” Não, Jesus diz simplesmente: “Que quereis que eu vos faça?”



Eles lhe responderam: Concede-nos que na tua glória nos sentemos, um à tua direita e outro à tua esquerda. *Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo, ou ser batizados com o batismo com que sou batizado?* (Mc 10.37,38)



Os irmãos propõem a ele: “Concede-nos que na tua glória nos sentemos, um à tua direita e outro à tua esquerda”. O que tinham em mente? Para eles “na tua glória” significa “quando assentares em teu trono” e, nessa hipótese, quem estivesse à direita e à esquerda de Jesus seriam como um primeiro ministro e um chefe de gabinete. Tiago e João estavam dizendo: “Quando chegares ao poder, queremos os postos mais altos em seu gabinete”. Mas eis a grande ironia do pedido deles. Qual foi o momento de maior glória de Jesus? Onde Jesus deu maior demonstração da glória da justiça de Deus? E onde ele revelou de forma mais profunda a glória do amor de Deus? Na cruz.

No verdadeiro momento de sua maior glória, Jesus de fato *teria* alguém à sua direita e à sua esquerda, mas seriam criminosos condenados à crucificação. Assim, Jesus diz a Tiago e João: “Não sabeis o que pedis.”.

Jesus fala a eles sobre o cálice e o batismo. Nas Escrituras Hebraicas, o *cálice* é quase sempre uma metáfora do justo julgamento divino contra o mal. Semelhantemente Jesus usou a palavra *batismo* no sentido tradicional de uma experiência avassaladora, uma imersão. Ele está lhes dizendo: “Estou pagando o resgate. Vou beber esse cálice. Vou preencher essa lacuna. Vou arcar com o justo julgamento pelo mal do homem. Arcarei com a experiência avassaladora de ser condenado para que vocês possam ser libertos de toda condenação”. Mas eles não compreendem. Veja como a história continua:



Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo, ou ser batizados com o batismo com que sou batizado? Eles responderam: Podemos. Mas Jesus lhes disse: Bebereis o cálice que eu bebo e sereis batizados com o batismo com que sou batizado; mas o sentar-se à minha direita, ou à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo; isso é para aqueles a quem está reservado. Ouvindo isso, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João. Então Jesus chamou-os para junto de si e lhes disse: Sabeis que os que são reconhecidos como governantes dos gentios têm domínio sobre eles, e os seus poderosos exercem autoridade sobre eles. Mas entre vós não será assim. Antes, quem entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos servirá; e quem entre vós

quiser ser o primeiro, será servo de todos. *Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos*. (Mc 10.38-45)



Para os discípulos, essa é mais uma lição sobre o sacrifício substitutivo. Mas, quando lemos essa passagem, o que devemos pensar não é: "Como esses tolos podem continuar a não perceber isso?" O que se espera que nós pensemos é: "O que *nós* não estamos conseguindo perceber hoje?"

Richard Hays, um estudioso do Novo Testamento, faz a seguinte observação sobre essa passagem do Evangelho de Marcos:

> A visão que Marcos tem da vida moral é profundamente irônica. Pela maneira de Deus se revelar caracterizar-se por ocultamento, inversão e surpresa, os seguidores de Jesus se veem repetidamente falhando em compreender a vontade de Deus […] [portanto] não deve haver espaço para presunção ou dogmatismo […] Se nossas sensibilidades são formadas por essa narrativa, aprenderemos a não nos levar muito a sério; teremos muita autocrítica e seremos receptivos a manifestações inesperadas do amor e do poder de Deus.[3]

Quando atentarmos para o modo como João e Tiago responderam e percebemos quão difícil é para qualquer um compreender a magnitude do que a cruz realmente significa, estaremos a caminho de alcançar o dom da humildade. Em certo nível, nossos pressupostos normais, nossa arrogância e maneira egoísta de pensar estão nos cegando para a verdade. A

preocupação é um exemplo perfeito disso. Se você ama alguém, naturalmente se preocupa com essa pessoa. Mas sabe de onde vem a preocupação constante? Sua raiz vem da arrogância que assume a seguinte postura: *eu sei bem o jeito que minha vida deve ser, e Deus não está entendendo isso direito*. A verdadeira humildade significa descansar. A verdadeira humildade significa rir de si mesmo. Significa ter autocrítica. A cruz traz esse tipo de humildade para nossa vida. Quando Jesus percebeu que seus seguidores ainda não tinham compreendido o que ele veio fazer, ele chamou-os para junto de si e disse: “Sabeis que os que são reconhecidos como governantes dos gentios têm domínio sobre eles, e os seus poderosos exercem autoridade sobre eles. Mas entre vós não será assim”. Jesus está falando sobre como a maioria das pessoas tenta influenciar a sociedade para conseguir o que quer. Essas pessoas dominam as outras. Tem sede de poder e controle. Acreditam que, se tiverem poder, riqueza e contatos, conseguirão o que quiserem.

Quando Jesus disse “Mas entre vós não será assim”, o que acha que ele quis dizer? Será que está dizendo que devemos nos afastar e não ter mais nada a ver com a sociedade? Não. Na verdade, o princípio que ele está apresentando aqui de forma bem explícita já foi mostrado anteriormente, no capítulo 29 do livro do profeta Jeremias. A nação de Israel havia sido destruída pelo Império Babilônico, e muitos foram levados cativos para o exílio. Qual era a atitude que se esperava deles em relação à sociedade da Babilônia, na qual viviam como exilados? Eles poderiam tentar viver somente entre seu próprio povo, não tendo nada a ver com a sociedade babilônica. Ou poderiam ter tentado se infiltrar na

Babilônia e usar táticas de guerrilha para tomar o poder. Mas o que Deus disse a eles? Em Jeremias 29.7, Deus disse: “Empenhai-vos pela prosperidade da cidade, para onde vos exilei, e orai ao SENHOR em favor dela; porque a prosperidade dela será a vossa prosperidade”. Em outras palavras, quero que se empenhem pela prosperidade da Babilônia. Quero que façam dela um grande lugar para se viver. Quero que sirvam seu próximo — muito embora eles falem uma língua diferente e não creiam naquilo em que vocês creem. E não quero que façam isso apenas por obrigação. A ordem para que orem ao Senhor em favor da Babilônia é um outro jeito de dizer que a amem. Amem a Babilônia, orem por ela, façam dela um lugar próspero, repleto de paz, o melhor lugar para se viver. Se a Babilônia prosperar por meio de seu servir, vocês também prosperarão.

“Para vocês”, Deus disse, “o caminho para ganhar influência não é assumindo o poder. A influência que se ganha por meio do poder e do controle não transforma de fato a sociedade; não muda os corações. Estou conclamando vocês a adotarem uma abordagem completamente diferente. Sejam amorosos, de forma tão sacrificial, que as pessoas à sua volta, que não creem naquilo em que vocês creem, logo não serão capazes de imaginar o lugar sem a presença de vocês. Elas passarão a confiar em vocês porque verão que não estão interessados apenas em si mesmos, mas nelas também. E quando elas voluntariamente começarem a olhar para vocês, atraídas pelo modo com servem e amam, vocês exercerão verdadeira influência. Será uma influência que outros atribuem a vocês, e não que vocês tenham tomado de outros”. Quem é o exemplo máximo dessa forma de conquistar influência? O próprio

Jesus, é claro. Como ele reage a seus inimigos? Ele não convocou legiões de anjos para derrotá-los, mas morreu pelos pecados deles; e, enquanto morria, orou por eles. Se no centro de sua cosmovisão estiver um homem que morreu por seus inimigos, então, sua maneira de conquistar influência na sociedade será através do serviço, e não de poder e controle.

Isso pode ser mais difícil do que parece. Em 7 de janeiro de 2007, a revista *New York Times* publicou um artigo muito interessante, intitulado "Felicidade 101". O artigo descrevia a *psicologia positiva*, um ramo da psicologia que busca adotar uma abordagem científica e empírica diante daquilo que faz as pessoas felizes. Estudiosos dessa área descobriram que, se a pessoa volta seu foco para fazer e possuir coisas que lhe dão prazer, isso não a levará a ser feliz, mas gerará o que um dos estudiosos chamou de "rotina hedonista". A pessoa se tornará viciada em prazer e sua necessidade de coisas que lhe tragam prazer será cada vez maior: terá sempre que fazer mais e mais. Nunca se satisfará, nunca será realmente feliz. Segundo o artigo, pesquisas científicas mostraram que a melhor forma de ser mais feliz é, na verdade, praticando atos de abnegada bondade, é entregando-se em favor dos necessitados. O principal objetivo do pesquisador era demonstrar que "existem maneiras de viver que (segundo as pesquisas demonstram) levam a melhores resultados". Alguns desses resultados são "relacionamentos íntimos e amor", "bem-estar" e "sentido e propósito de vida".

O pesquisador apontou que uma vida abnegada de serviço ao próximo dá à pessoa um senso de sentido, de ser útil, de ter valor, de ter uma vida que importa. Assim, naturalmente, ele defende que

se deve viver desse modo a fim de alcançar “melhores resultados”. Em outras palavras, ele está dizendo para vivermos uma vida de abnegação, pois isso nos fará mais felizes — não porque tenhamos que viver assim, ou por uma questão de moral. Na verdade, o pesquisador diz: “Jamais uso a palavra *moralidade*”.

Mas veja bem, se levo uma vida de abnegação pensando primeiramente em me fazer feliz, então eu *não* estou vivendo de forma abnegada. Não estou agindo com bondade pelos outros; em última análise, estou agindo assim pensando em mim mesmo. Portanto, somos encorajados a viver uma vida de abnegação por motivos egoístas, o que não faz o menor sentido.

Então, talvez nossa resposta deva ser que a única maneira de viver uma vida de abnegação é levando uma vida pautada na moral. Mas isso também não gera um altruísmo autêntico. Algumas semanas antes do artigo “Felicidade 101”, a mesma revista publicou um artigo escrito pelo bioeticista Peter Singer que falava do por que os bilionários deveriam doar seu dinheiro, e incluía uma seção sobre “o impulso religioso”. Singer observou que as pessoas religiosas doam dinheiro por achar que é sua obrigação; porque, se o fizerem, Deus irá abençoá-las e elas irão para o céu. Discordo da maior parte do artigo, mas gostei do fato de ele ter apontado que *isso é egoísmo*. Quem decide doar dinheiro aos necessitados para que possa ir para o céu está preso naquele mesmo paradoxo da psicologia positiva. A pessoa quer ser altruísta porque se beneficia disso — no caso, com benefícios eternos. Contudo, repito que essa pessoa está tentando viver de forma abnegada por motivos egoístas, e isso jamais dará certo.

O famoso pregador e teólogo Jonathan Edwards, em sua obra *The nature of true virtue* [A natureza da verdadeira virtude], tratou dessa questão muito tempo antes de Singer. Ele disse que, se você não crê no evangelho da graça, se crê que será salvo por suas obras, então nunca fez nada por amor aos outros ou pela pura beleza disso; só fez o que fez pensando em si mesmo. Não ajudou uma velhinha a atravessar a rua por causa dela mesma — ou, em última análise, por causa de Deus. Fez isso para que possa se olhar no espelho e saber que é o tipo de pessoa que ajuda velhinhas a atravessarem a rua, e que espera ir para o céu algum dia, por causa disso. Isso é totalmente egoísta e se tornará algo forçado; contudo, você se achará superior às outras pessoas.

Como podemos escapar dessa armadilha centrada em nós mesmos e nos tornarmos pessoas realmente abnegadas? Se, por um lado, o secularismo, a psicologia e o relativismo, e por outro, a religião e o moralismo não nos fornecem de fato o que precisamos para ser altruístas, o que fornece isso? A resposta é que precisamos procurar em outro lugar além de nós mesmos. Precisamos olhar para Jesus. Se ele de fato é o sacrifício substitutivo, se ele pagou por nossos pecados, se ele provou ao nosso coração inconstante e inseguro que valemos tudo para ele, então temos nele tudo de que precisamos. Tudo é uma dádiva para nós por meio da graça. Não fazemos coisas boas para nos ligarmos a Deus ou para nos sentirmos melhor em relação a nós mesmos. Que escassa melhoria de nossa autoimagem essas boas obras trariam, em comparação com o que recebemos a partir da compreensão do motivo de Jesus ter morrido por nós e do quanto ele nos ama. Se você realmente compreender a cruz, será arremessado ao mundo em jubilosa

humildade. E então não mais *precisará* ajudar as pessoas, mas *desejará* ajudá-las, para ser semelhante àquele que tanto fez por você, para que ele tenha prazer em você. O fato de pensar se os necessitados são ou não merecedores de que você os sirva não entrará em questão. Somente o evangelho fornece a você a motivação para viver de uma forma altruísta que não lhe roube os benefícios desse altruísmo já no mesmo momento em que você o pratica.

O conde Nicholas Von Zinzendorf, um nobre alemão que nasceu em meio a grande riqueza, poder e privilégios e viveu de 1700 a 1760, foi um dos fundadores da igreja moraviana. Ao longo dos anos, ele gastou praticamente toda a sua fortuna em boas obras, doando-se pelos outros. Por quê? O que aconteceu para motivá-lo a agir dessa forma tão radical? Aos dezenove anos, ainda bem jovem, ele foi enviado a conhecer todas as capitais da Europa, a fim de completar sua educação. Certo dia, ele se viu em uma galeria de arte de Düsseldorf, mirando um quadro de Domenico Feti, *Ecce homo*, que retratava Jesus com uma coroa de espinhos.[4] Essa imagem do Senhor sofredor comoveu Zinzendorf profundamente. Abaixo da pintura o artista colocou uma inscrição, com palavras que Jesus poderia ter dito a qualquer um de nós: “Fiz tudo isso por ti; o que fazes tu por mim?”

[1] J. K. ROWLING, *Harry Potter and the Philosopher’s Stone*. Londres: Bloomsbury, 1997, p. 216 [Publicado em português pela editora Rocco sob o título *Harry Potter e a Pedra Filosofal*].

[2] C. S. LEWIS, *The lion, the witch and the wardrobe*. Nova York: Colllier/Macmillan, 1970, p. 169 [Publicado em português pela editora Martins Fontes sob o título *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*].

[3] Richard HAYS, *The moral vision of the New Testament: a contemporary introduction to the New Testament ethics*. São Francisco: Harper, 1996, p. 90.

[4] Essa imagem pode ser vista na internet, no site http://zinzendorf.com/pages/index.php?id=ecce-homo.

capítulo 13

O TEMPLO

Quando se aproximavam de Jerusalém, Betfagé e Betânia, junto ao monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos e disse-lhes: Ide ao povoado que está adiante de vós, e logo que ali entrardes encontrareis um jumentinho amarrado, em que ninguém ainda montou. Soltai-o e trazei-o. E se alguém vos perguntar: Por que fazeis isso? Respondei: O Senhor precisa dele, e logo o mandará de volta para cá. Eles foram e acharam o jumentinho amarrado a um portão, do lado de fora na rua, e o desamarraram. E alguns dos que ali estavam lhes perguntaram: Que fazeis, soltando o jumentinho? Eles responderam como Jesus lhes havia mandado; e deixaram que o levassem. Então levaram o jumentinho a Jesus, lançaram sobre ele seus mantos, e Jesus o montou. Muitos também estenderam seus mantos pelo caminho, e outros, ramos que haviam cortado nos campos. E tanto os que iam à frente dele como os que o seguiam, exclamavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vem, o reino de nosso pai Davi! Hosana nas alturas! (Mc 11.1-10)



ENQUANTO JESUS ENTRAVA em Jerusalém, as pessoas estendiam suas capas no chão, em frente a ele, e o saudavam como um rei que vinha em nome da casa de Davi. Esse tipo de recepção pública como um desfile era algo culturalmente típico daquela época: os reis desfilavam cidade adentro e eram saudados por uma multidão entusiasmada. Mas Jesus deliberadamente mudou o roteiro e fez algo bem diferente. Ele não veio montado em um poderoso cavalo de guerra como um rei viria; ele veio montado em um asno ou jumentinho (grego *polos*). E lá estava Jesus Cristo, o Rei de poder legítimo e miraculoso, entrando na cidade sobre uma montaria apropriada para uma criança ou para um *hobbit*. Foi dessa maneira que Jesus deixou que percebessem que ele era aquele sobre quem fora profetizado em Zacarias, o grande Messias que viria:



> *Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; o teu rei vem a ti; ele é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montado num jumento, num jumentinho, filho de jumenta* (Zc 9.9).



Essa estranha justaposição demonstra que Jesus era Rei, mas não se encaixava nas categorias que o mundo tinha acerca de um rei. Ele trazia em si majestade e humildade. Um dos maiores sermões já escritos e pregados por Jonathan Edwards, em 1738, intitulava-se “A excelência de Cristo”. A imaginação de Edwards prendeu-se à visão profética de João, discípulo de Jesus, em Apocalipse 5.5-6: “Então um dos anciãos me disse: Não chores,

pois o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e romper os sete selos. Nisso, vi em pé, entre o trono e os quatro seres viventes, no meio dos anciãos, um Cordeiro que parecia estar morto." Haviam falado para João de um Leão, mas lá, no trono, estava um Cordeiro. Jonathan Edwards medita sobre isso:

> O leão se sobressai por sua força e pela majestade de sua aparência e rugido. O cordeiro chama a atenção pela brandura e paciência. […] é [sacrificado] como alimento […] e […] para fabricação de vestimentas. Mas no texto vemos que Jesus é comparado a esses dois animais, pois as diferentes excelências de ambos conjugam-se nele de forma maravilhosa […] Há em Jesus Cristo […] uma conjugação de excelências tão distintas que, se não fosse nele, nos teriam parecido totalmente incompatíveis em outra pessoa…[1]

Jonathan Edwards prossegue, listando em detalhes todas as formas pelas quais Jesus conjuga traços de caráter que consideraríamos mutuamente excludentes. Em Jesus, encontramos a majestade infinita e, ao mesmo tempo, a completa humildade; a justiça perfeita e, ao mesmo tempo, a graça sem limites; a soberania absoluta e a mais completa submissão; a total dependência de si mesmo e, ao mesmo tempo, total confiança e dependência de Deus.

Contudo, nele o resultado desses dois extremos do caráter não gera um colapso mental ou emocional. Sua personalidade forma um todo completo e belo. Observe esse poderoso Rei entrar em Jerusalém montado em um jumentinho e encarar aquilo que ele encontra lá.

ABRINDO O TEMPLO

Quando chegou a Jerusalém, Jesus foi ao templo, e as coisas ficaram um pouco mais complexas. Marcos escreve o seguinte sobre essa passagem:



Jesus entrou em Jerusalém e foi ao templo. Tendo observado tudo em redor, como já era tarde, foi para Betânia com os Doze. No dia seguinte, […] quando chegaram a Jerusalém, Jesus entrou no templo e começou a expulsar os que ali vendiam e compravam. Ele revirou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e não consentia que atravessassem o templo carregando algum utensílio. Ele os ensinava, dizendo: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Mas vós a transformastes num antro de assaltantes. Quando os principais sacerdotes e os escribas ouviram isso, começaram a procurar um modo de matá-lo, pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava com o seu ensino. (Mc 11.11,12,15-18)



Marcos menciona que Jesus entrou no templo. Por que isso é importante? Quando alguém adentrava às portas do templo, a primeira área com que se deparava era o pátio dos gentios — *ethne* ou “nações”. Essa era a única área em que os que não eram judeus podiam entrar. Era a maior área do templo, e a pessoa tinha que atravessá-la para chegar ao restante das dependências. Todas as transações comerciais no templo eram feitas ali. E quantas delas

havia! Assim que Jesus entrou no templo, deve ter visto de imediato multidões de pessoas comprando e vendendo animais em diversas barracas e trocando moeda estrangeira nas mesas dos cambistas. Milhares de pessoas vinham a Jerusalém para vender ou comprar milhares de animais para serem sacrificados. Josefo, o antigo historiador, conta que em determinado ano, na semana da Páscoa, 255 mil ovelhas foram vendidas e sacrificadas nos pátios do templo.[2] Para você ter uma ideia da confusão, imagine o barulho e tumulto do pregão da bolsa de valores — e depois acrescente a isso centenas de animais! E pensar que esse era o lugar em que os gentios supostamente deveriam encontrar Deus por meio do silêncio, da reflexão e da oração.

Diante dessa cena, Jesus começou a revirar as cadeiras dos que vendiam pombas e as mesas dos cambistas. Imagine os líderes correndo até ele em pânico: “O que está acontecendo? Por que você está fazendo isso?” Em resposta, Jesus citou o profeta Isaías: “Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações?” — isto é, para os gentios. O texto diz que “toda a multidão se maravilhava com seu ensino”. Por quê? Por um motivo: havia uma crença popular de que, quando o Messias surgisse, ele iria remover do templo os estrangeiros. Em vez disso, lá estava Jesus purificando o templo *para* os gentios — agindo em defesa deles, como seu advogado.[3] Na sociedade multicultural em que vivemos, é fácil admirar essa atitude de Jesus. Mas ele estava fazendo algo ainda mais subversivo. Ele estava desafiando todo o sistema de sacrifícios e dizendo que os gentios — pagãos e impuros — poderiam agora ir diretamente a Deus em oração. Isso era algo

inacreditável, pois as pessoas conheciam a história do tabernáculo e do templo.

A história do templo começa bem lá trás, no jardim do Éden. Aquele primeiro jardim era um santuário; era o lugar de habitação do Senhor. Era o paraíso, pois a morte, as deformidades, o mal e a imperfeição não podem coexistir com a presença de Deus. Na presença do Senhor, há *shalom*, a mais plena prosperidade, realização, alegria e bem-aventurança. No entanto, quando os primeiros seres humanos decidiram construir suas vidas com base em outras coisas que não Deus, quando decidiram permitir que outras coisas além de Deus lhes proporcionasse o sentido e o significado últimos, o paraíso se perdeu. Quando eram expulsos do santuário de Deus, Adão e Eva olharam em volta e viram "uma espada flamejante que se revolvia por todos os lados" (Gn 3.24). Ninguém jamais poderia passar além dessa espada flamejante que barrava o caminho de volta à presença do Senhor.

Voltar as costas para Deus gerou terríveis consequências. Construir nossa vida com base em outras coisas — como poder, status, aplausos, família, raça, nacionalidade — causa conflitos, guerras, violência, pobreza, doença e morte. Temos pisado uns nos outros e em nosso planeta. Isso significa que não basta simplesmente dizer: "Sinto muito; posso voltar à presença de Deus?" Se você algum dia for vítima de um crime hediondo, se sofrer alguma violência, e o criminoso (ou mesmo o juiz) lhe disser: "Sinto muito, não podemos simplesmente esquecer tudo isso?", você certamente diria: "Não, isso seria uma injustiça". E sua recusa em aceitar esse tipo de atitude nada teria a ver com amargura ou mesmo vingança. Se alguém já tivesse sido tremendamente

injustiçado saberia que dizer apenas que sente muito não é o suficiente. Algo mais é necessário — algum tipo de pagamento de alto custo tem que ser feito para acertar a situação.

A espada flamejante é a espada da justiça eterna, e não falhará em exigir o pagamento. Ninguém pode voltar a estar na presença de Deus, a menos que se submeta à espada, a menos que pague pelo mal feito. Mas quem pode sobreviver a ela? Ninguém. E se não há ninguém capaz de sobreviver à espada, como poderemos um dia voltar à presença de Deus?

Essas questões permaneciam, a despeito do fato de Deus ter arranjado uma solução passageira para seu povo escolhido, os israelitas: primeiro por meio do tabernáculo e, depois, por meio do templo.[4] No meio do templo, ficava o Santo dos Santos. Era um espaço pequeno, coberto por um véu espesso para proteger o povo da presença *shekinah* de Deus. Lembre-se de que a presença imediata de Deus era algo fatal para um ser humano. Apenas uma vez por ano, no Yom Kippur, o Dia da Expiação, o sumo sacerdote poderia entrar no Santo dos Santos, por pouco tempo, mas somente se carregasse um sacrifício de sangue. Por quê? Porque não havia maneira de estar de volta à presença de Deus sem se submeter à espada. Mesmo assim o sacrifício de sangue não passava de um símbolo inadequado da verdadeira obra de expiação que tinha de acontecer. E mais, ele não estendia esse acesso ao restante de nós — aqueles que não fazem parte do povo judeu. O tabernáculo, o templo e todo o sistema de sacrifícios — a única solução para o problema da espada e o único acesso, ainda que limitado, à presença de Deus — eram somente para os israelitas. Por isso, quando Jesus citou Isaías de forma a indicar que os gentios

poderiam ter acesso à presença de Deus, as pessoas ficaram admiradas.

Contudo, os profetas continuavam a prometer que um dia a glória de Deus cobriria toda a terra como as águas do oceano — em outras palavras, o mundo inteiro se tornaria um Santo dos Santos. A terra inteira estaria repleta da glória e da presença de Deus novamente. E pessoas de todas as nações, raças, contextos e classes sociais seriam bem-vindas a essa presença.

Belas profecias. Mas ainda assim fica a dúvida: Como conseguiriam passar pela espada?

A resposta estava no livro de Isaías, embora a maioria das pessoas não a visse. Isaías 53.8 diz o seguinte sobre o Messias: "Pois ele *foi tirado* da terra dos viventes." E em Apocalipse, quando João olha para o trono, o local de maior poder do universo, por que ele vê um cordeiro imolado? Porque a morte de Jesus Cristo — o Cordeiro de Deus — é o maior triunfo real da história cósmica. Quando Jesus se submeteu à espada, ela feriu seu corpo, mas também feriu a si mesma. A isso um autor notoriamente chamou de "a morte da Morte na morte de Cristo".[5] Jesus submeteu-se à espada por você e por mim. É por isso que o véu que cobria o Santo dos Santos se partiu de cima a baixo no momento em que Jesus morreu (Mc 15.38). Ele não fora apenas danificado, mas tornou-se obsoleto, de modo que todos nós agora temos acesso à presença de Deus. A espada flamejante exigiu sua vítima; o véu partiu-se; e o caminho de volta ao jardim foi reaberto para sempre.

As pessoas podem ter ficado sobressaltadas pela demonstração da ira justa, controlada e repleta de autoridade de Jesus, quando virou as mesas do templo. Mas o que definitivamente

as chocou foi o fato de que ele estava colocando de pernas para o ar o sistema sacrificial do templo e abrindo caminho à presença de Deus para todos.

LIMPANDO O TEMPLO

Na verdade, Jesus tinha estado no templo duas vezes. Fora até lá brevemente quando havia chegado a Jerusalém, então passara a noite com os discípulos em Betânia, alguns quilômetros fora da cidade. No dia seguinte, eles voltaram a Jerusalém para ir ao templo de novo (foi nessa ocasião que Jesus virou as mesas dos cambistas), e foi quando eles estavam a caminho da cidade que Marcos registrou a seguinte história:



No dia seguinte, depois de saírem de Betânia, Jesus sentiu fome. *Avistando de longe uma figueira com folhas, foi verificar se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, nada achou, senão folhas, pois não era época de figos*. *Então Jesus disse à figueira: Ninguém jamais coma do teu fruto. E seus discípulos ouviram isso*. (Mc 11.12-14)



Devo dizer que, a princípio, isso pode passar uma má impressão de Jesus. Muitas pessoas já tiveram problemas com essa reação de Jesus à figueira. Jogar uma maldição em uma árvore por não estar dando frutos, e ainda mais fora de estação, sem mais nem menos? Parece uma atitude má e arrogante. Mas vamos examinar isso mais de perto. Não se trata de um acesso de raiva.

As figueiras do Oriente Médio davam dois tipos de fruto. Quando as folhas estavam começando a despontar, na primavera, antes de os figos nascerem, os galhos da figueira produziam pequenos nódulos em abundância. Eram muitos gostosos para se

comer. Os viajantes gostavam de apanhá-los e comê-los quando passavam pelas estradas. Caso alguém encontrasse uma figueira com folhas novas, mas que não tivesse esses deliciosos nódulos, saberia que havia algo de errado com ela. À distância, ela poderia até parecer normal, pois as folhas haviam brotado, mas, se ela não tivesse esses nódulos, deveria estar doente ou até mesmo morrendo por dentro. Crescimento sem frutos era um sinal de deterioração. Jesus estava simplesmente dizendo que esse era o caso dessa figueira. Lembre-se de que isso aconteceu entre sua primeira ida ao templo e seu retorno ao templo no dia seguinte. Jesus aproveita a oportunidade para dar uma aula particular e memorável, uma parábola contra a religiosidade superficial, e a figueira era um recurso visual.

Mas, afinal, o que ensina nessa aula? Jesus depara-se com uma figueira que não cumpre a sua função. A figueira torna-se uma metáfora perfeita para Israel, e mais do que isso, para aqueles que alegam ser o povo de Deus, mas não geram frutos para Deus. Ao voltar ao templo, Jesus estava voltando para um lugar repleto de atividades religiosas, exatamente como muitas igrejas de hoje: uma porção de coisas para fazer, uma série de compromissos a cumprir, muito barulho, muita gente indo e vindo, muita interação. Mas toda essa agitação não trazia em si uma só gota de espiritualidade. Ali ninguém realmente orava. Há muitas coisas que podemos fazer que podem parecer sinais de fé verdadeira, mas que crescem sem uma verdadeira mudança no coração. É evidente que podemos nos ocupar com muitas atividades na igreja sem que haja uma verdadeira mudança em nosso coração e sem ter um envolvimento real e compassivo com as pessoas.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Jesus limparia o templo de toda aquela atividade que não gerava fruto algum. Ele transformaria aquela aula particular e objetiva sobre a figueira em um necessário espetáculo público. Com isso ele está dizendo que queria mais do que mera agitação; quer o tipo de transformação de caráter que vem apenas da percepção de que você foi resgatado, redimido. Se você é uma pessoa impaciente, ansiosa, está claro para as pessoas à sua volta que você está superando isso? Você tem forças para esperar pelo tempo de Jesus? Se você é uma pessoa raivosa ou não inclinada a perdoar os outros, você tem claramente começado a vencer esse seu lado? Está aprendendo a absorver o custo do perdão? Se é uma pessoa medrosa, se odeia a si mesmo, ou se gosta de se engrandecer, está bem claro para as pessoas que lhe conhecem bem que o seu caráter está passando por uma regeneração radical? Ou você está apenas muito ocupado com uma porção de atividades religiosas?

Ao final do sermão sobre o caráter paradoxal de Jesus, Jonathan Edwards afirma que essas mesmas características radicalmente distintas, que normalmente nunca se encontram em uma mesma pessoa, *estarão presentes em você porque você está na presença de Jesus Cristo*. Você não está meramente se tornando uma pessoa melhor, mais disciplinada ou moralmente melhor. A vida e o caráter de Jesus — o Rei que entra a passos lentos em Jerusalém, montado em um jumentinho e, então, irrompe porta adentro de forma audaciosa, chamando o templo de “minha casa” — estão sendo reproduzidos em você. Está se tornando uma pessoa mais completa, a pessoa que você foi criado para ser. A pessoa que você foi resgatado para ser.

Há tudo nisso uma ironia final. Jesus, que une traços de caráter aparentemente tão extremos em um todo tão integrado e equilibrado, exige uma resposta extrema de cada um de nós. Ele nos empurra à ação a cada curva do caminho. Esse homem — que escancara os portões do seu reino a todos nós e, a seguir, exorta seus seguidores mais devotos que sua permanência no reino corre risco, caso não haja frutos — está sempre estreitando nossas opções. Esse homem — que pode ser fragilizado por um toque, ao passar em meio à multidão, a caminho de ressuscitar uma garotinha morta — é alguém de quem você não ousa afastar os olhos. (E nós ainda nem sequer testemunhamos a verdadeira profundidade do seu controle ou o ápice do seu poder.)

Ele é tanto o descanso quanto a tempestade, tanto a vítima quanto aquele que empunha a espada flamejante, e devemos aceitá-lo ou rejeitá-lo com base em ambas as coisas. Teremos que matá-lo ou coroá-lo. A única coisa que não poderemos fazer é dizer: “Eis aí um homem interessante”. Aqueles doutores da lei que estavam tramando para matar Jesus, ao final do episódio no templo, podiam estar totalmente enganados, mas a reação deles fazia todo sentido.

Por favor, não tente colocar Jesus na periferia da sua vida. Esse é um lugar em que ele não pode ficar. Entregue-se a ele — faça dele o centro de toda a sua vida — e deixe que o poder de Jesus reproduza em você o mesmo caráter que ele tem.

1 “The Excellency of Jesus Christ” em *The Sermons of Jonathan Edwards: A Reader*, ed. W. H. KIMNACH, K. P. MINKEMA, D. A. SWEENEY. New Haven: Yale, 1999, p. 163.

2 A menção a Josefo é feita em EDWARDS, *The Gospel According to Mark*, p. 341.

[3] Edwards explica que o imaginário popular convenientemente ignorava as menções do Antigo Testamento no sentido de o templo ser um lugar para que as nações viessem e adorassem. Ver EDWARDS, *The Gospel According to Mark*, p. 343.

[4] O tabernáculo foi o precursor do templo — um santuário ambulante, durante o período em que Israel vagava pelo deserto.

[5] John OWEN, *The Death of Death in the Death of Christ* [A morte da Morte na morte de Cristo]. Essa obra do século dezessete pode ser encontrada na íntegra em versão impressa e também *online*. A introdução à obra, escrita por J. I. Packer — "Introduction to the Death of Death in the Death of Christ" —, é, por si, um breve ensaio de suma importância.

capítulo catorze

A FESTA

A PÁSCOA ERA para os antigos judeus — como é ainda para os judeus de hoje — uma refeição que comemorava anualmente um momento de definição na história de Israel. Mais de um milênio antes do tempo de Jesus, os israelitas haviam sido escravizados por um faraó egípcio, presos às cadeias de uma miserável escravidão. Depois de mandar várias pragas sobre o Egito para que o faraó aliviasse sua garra opressora sobre o povo de Israel, certa noite Deus enviou a praga final e definitiva: ele desembainhou a espada da justiça divina. E essa espada recairia sobre *todo mundo*. Não poderia dar livre "passagem" aos judeus simplesmente por serem judeus. Em cada casa que havia no Egito — fosse de judeus ou de egípcios — alguém haveria de morrer sob a ira da justiça divina. A única maneira de uma família escapar seria colocando sua fé na provisão sacrificial de Deus, ou seja, essa família deveria sacrificar um cordeiro e passar o sangue desse animal no umbral das portas da casa, como um sinal de sua fé em Deus. Naquela noite, haveria, em cada casa, uma criança morta ou um cordeiro morto. Quando viesse a justiça, ela recairia sobre as famílias, a menos que

estivessem sob a proteção de um substituto, sob o sangue do cordeiro. Àqueles que tivessem aceitado essa proteção do sangue do cordeiro, a morte daria livre “passagem” e estariam salvos; daí a origem da palavra Páscoa.[1] As pessoas foram salvas unicamente com base na fé em um sacrifício substitutivo.

Foi assim que Deus libertou os israelitas, guiando-os para a liberdade, para a Terra Prometida. A cada ano a refeição de Páscoa comemorava essa libertação (chamada de êxodo) que havia sido o momento mais importante da vida de Israel como nação e como povo.

Contudo, por mais dramática e comovente que tenha sido essa libertação, ela nos deixa com uma pergunta que não quer calar: *Por que razão neste mundo o sacrifício de um quadrúpede pequeno e coberto de lã isentaria alguém da justiça divina?* A resposta para essa pergunta está naquilo que acontece quando Jesus e seus discípulos celebram a Páscoa. Marcos escreve:



No primeiro dia da festa dos Pães sem Fermento, quando sacrificavam o cordeiro pascal, seus discípulos lhe disseram: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a refeição da Páscoa? Então ele enviou dois dos seus discípulos e disse-lhes: Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem levando um jarro de água. Segui-o. Onde ele entrar, dizei ao dono da casa: O Mestre manda perguntar: Onde está o meu aposento em que irei comer a refeição da Páscoa com os meus discípulos? E ele vos mostrará uma grande sala mobiliada e pronta na parte de cima da casa; fazei ali os preparativos para nós. Os discípulos partiram e foram à cidade, onde acharam tudo

como ele lhes dissera; e prepararam a Páscoa (Mc 14.12-16).



A refeição de Páscoa tinha de ser preparada de certa maneira e tinha um formato distinto. Ela incluía quatro momentos em que a pessoa encarregada de presidi-la, segurando um cálice de vinho, se levantava e explicava o significado da festa. Os quatro cálices de vinho representavam as quatro promessas feitas por Deus em Êxodo 6.6-7. Eram as promessas de tirar o povo do Egito, libertá-lo da escravidão, redimi-lo pelo poder de Deus, e firmar um novo relacionamento entre Deus e esse povo. O terceiro cálice era erguido no momento em que a refeição estava quase terminada. A pessoa encarregada de presidi-la usaria as palavras de Deuteronômio 26 para abençoar os elementos — o pão, as ervas e o cordeiro — explicando que eles eram lembretes simbólicos de vários aspectos da escravidão e da libertação dos antigos israelitas. Por exemplo, essa pessoa apontaria para eles o pão e diria: “Este é o pão da nossa aflição, o pão que nossos pais comeram no deserto”.

Jesus estava presidindo a refeição de Páscoa com seus discípulos, e Marcos reconta o que aconteceu quando Jesus levantou a terceira taça:



Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, partiu-o e lhes deu, dizendo: Tomai; isto é o meu corpo. E tomando um cálice, deu graças e entregou-o aos discípulos, e todos beberam dele. E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos. Em

verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até o dia em que o beber, novo, no reino de Deus (Mc 14.22-25).



Imagine só o espanto dos discípulos quando Jesus, abençoando os elementos e explicando seu simbolismo, sai do roteiro que vinha sendo repetido de geração em geração. Ele mostra a eles o pão e diz: “isto é o meu corpo”. O que isso quer dizer? Jesus está dizendo: “Este é o pão da *minha* aflição, o pão do *meu* sofrimento, pois vou liderar o êxodo definitivo e trazer a vós a libertação definitiva da escravidão.”

Nos tempos antigos, quando alguém dizia “não beberei ou comerei até o dia em que…”, isso significava que a pessoa estava fazendo um juramento. Por exemplo, em Atos 23, algumas pessoas ficam tão zangadas com Paulo que dizem que não iriam comer nem beber até que o matassem. É como se nós disséssemos nos dias de hoje “farei isso nem que seja a última coisa que eu faça”, com a diferença de que nos tempos antigos isso era considerado um juramento, era tomado com seriedade e era literalmente selado com sangue. Esse juramento significava que a pessoa estava fazendo uma aliança — o pacto solene de uma obrigação — entre ela e a outra parte. Era como a assinatura de um contrato. Essa aliança era feita e selada pela morte de um animal, que era cortado ao meio, e as pessoas que estavam fazendo a aliança andavam entre os pedaços do animal partido, enquanto faziam seu juramento. Ou, às vezes, costumava-se derramar o sangue do animal e aspergi-lo sobre a pessoa que estava fazendo o juramento. Parece algo sangrento e repulsivo para nós, mas era um modo de dizer: “Se eu

não cumprir minha promessa, que eu seja cortado ao meio e meu sangue seja derramado". Era uma forma bem vívida de tornar a aliança obrigatória. Lembre-se do que Jesus disse quando tomou o cálice:



E tomando um cálice, deu graças e entregou-o aos discípulos, e todos beberam dele. *E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos*. *Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até o dia em que o beber, novo, no reino de Deus* (Mc 14.23-25).



As palavras de Jesus significam que, em decorrência de seu sacrifício substitutivo, existe agora uma nova aliança entre Deus e nós. A base dessa aliança é o próprio sangue de Jesus: "Isto é o meu sangue, o sangue da aliança". Quando anuncia que não beberá mais do fruto da videira, até o dia em que nos encontrar no reino de Deus, Jesus está prometendo que está incondicionalmente comprometido conosco. Ele está dizendo: "Trarei vocês para os braços do Pai. Trarei vocês para a festa do Rei". Jesus com frequência compara o reino de Deus ao ato de sentar-se à mesa de um grande banquete, de uma grande festa. Em Mateus 8.11, ele diz: "Também vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão à mesa de Abraão, Isaque e Jacó, no reino do céu". Jesus promete que nós estaremos nesta festa do reino com ele.

Com os gestos singelos de tomar o pão e o vinho e com as palavras singelas — "isto é o meu corpo […] isto é o meu sangue"—, Jesus está dizendo que todos os livramentos e

sacrifícios anteriores, que todos os cordeiros pascais, apontavam para ele mesmo. Assim como a primeira Páscoa foi celebrada na noite anterior ao dia em que Deus redimiu os israelitas da escravidão por meio do sangue dos cordeiros, essa refeição de Páscoa com Jesus foi celebrada na noite anterior ao dia em que Deus redimiu o mundo do pecado e da morte por meio do sangue de Cristo.

O PRATO PRINCIPAL

A última refeição de Jesus com os discípulos afastou-se do roteiro convencional de outro modo. Quando Jesus se levantou para abençoar o alimento, ele tomou o pão. Todas as refeições de Páscoa sempre tinham pão. Ele abençoou o vinho — e todas as refeições de Páscoa sempre tinham vinho. Mas nenhum dos evangelhos menciona o prato principal. Não há menção ao cordeiro nessa refeição de Páscoa. E, evidentemente, não se tratava de uma refeição vegetariana. Que tipo de Páscoa seria essa, celebrada sem o cordeiro? Não havia um cordeiro *sobre* a mesa porque o Cordeiro de Deus estava à mesa. Jesus era o prato principal. Essa é a razão pela qual João Batista, ao ver Jesus pela primeira vez, disse: “Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). É também por essa razão que em Isaías 53, o profeta escreve sobre o Messias:



… mas o SENHOR fez cair a maldade de todos nós sobre ele. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca; como um cordeiro que é levado ao matadouro, […] derramou a sua vida até a morte e foi contado com os transgressores… (Is 53.6,7,12).



Em Marcos, quando Jesus diz “isto é o meu corpo. […] isto é o meu sangue […] derramado em favor de muitos”, ele está dizendo: *Sou aquele sobre quem Isaías e João falaram. Sou o Cordeiro de*

Deus para o qual apontaram todos os outros cordeiros, o Cordeiro que tira o pecado do mundo.

Na cruz Jesus recebeu aquilo que *nós* merecíamos: o pecado, a culpa e a condição decaída do mundo recaíram sobre ele. Ele nos amou tanto que tomou sobre si a justiça divina para que pudéssemos ter livre passagem, para sempre.

Vale a pena repetir: todo amor, todo amor real, transformador é um sacrifício substitutivo. Você nunca amou uma pessoa caída ou culpada ou ferida, a não ser por meio de um sacrifício substitutivo. Dois capítulos atrás, forneci uns dois exemplos disso. Eis aqui mais alguns.

Digamos que você é um dos jovens mais descolados do segundo grau e que tem uma colega de classe que é vista como *nerd*. Ninguém gosta dela; é uma pessoa isolada e alienada. Você tenta se aproximar e ser amigo dela. Em pouco tempo, verá que seus outros colegas, todos também vistos pela turma como jovens descolados, estarão dizendo a você: “O que você está fazendo andando com *ela*?” O que está acontecendo é que parte da esquisitice dela está contaminando você. Você não é mais considerado uma pessoa tão descolada assim, se ficar andando com ela. Não há como você diminuir o isolamento dela sem entrar nele também, sem que parte dele recaia sobre você.

Outro exemplo: li há alguns anos em uma revista da *National Geographic* que, após um incêndio na floresta do Parque Nacional de Yellowstone, alguns guardas florestais começaram a fazer uma caminhada montanha acima, a fim de fazer um levantamento dos estragos. Um dos guardas encontrou um pássaro do qual só havia restado uma casca dura e petrificada, grudada à base de uma

árvore. Um tanto afetado por aquela cena lúgubre, o guarda removeu o pássaro carbonizado com um graveto — e encontrou três pequenos filhotes, bem vivos, debaixo das asas da mãe. Quando as chamas haviam chegado, a mãe permanecera firme, em vez de fugir. E, porque ela se dispôs a morrer, aqueles filhotes puderam sobreviver debaixo da proteção de suas asas. Jesus disse certa vez: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos, como a galinha ajunta seus filhotes debaixo das asas, e não quiseste!” (Lc 13.34). Mas ele de fato ajuntou os filhos de Jerusalém debaixo de suas asas — e foi consumido. Todo amor real, capaz de transformar vidas é um sacrifício substitutivo de alto custo.

O ÚLTIMO PRATO

Quando Lucas descreve a refeição de Páscoa em sua história sobre Jesus, ele registra algumas palavras a mais do Mestre. Lucas acrescenta:



Tomando o pão e tendo dado graças, partiu-o e o entregou a eles, dizendo: Isto é o meu corpo dado em favor de vós; fazei isto em memória de mim (Lc 22.19).



Jesus está dizendo que, em memória dele, os discípulos, assim como qualquer um que nele crer, devem comer do pão e beber do vinho juntos. Essa prática é chamada a “ceia do Senhor” (1Co 11.20), por razões óbvias, mas também é designada a “mesa do

Senhor” (1Co 10.21), a “comunhão” e o “cálice da bênção” (1Co 10.16), o “partir do pão” (At 2.42). O pão que é partido, distribuído e consumido na ceia do Senhor nos lembra do corpo de Cristo que foi dado e partido por nós na cruz, por nossos pecados. O vinho que bebemos nos lembra o sangue de Cristo, vertido na cruz por nossos pecados. Assim, quando qualquer pessoa comer desse pão e beber desse vinho se lembrará imediatamente do amor sacrificial e substitutivo de Jesus Cristo.

A primeira refeição de Páscoa no Egito foi, de fato, uma refeição de verdade. Não bastava que um cordeiro fosse sacrificado e seu sangue passado no umbral das portas. O cordeiro também tinha que ser consumido, tomado. Do mesmo modo, a ceia do Senhor é uma forma de “tomar” a morte de Cristo para si mesmo e apropriar-se dela pessoalmente. Marcos escreve:



Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, partiu-o e lhes deu, dizendo: Tomai; isto é o meu corpo (Mc 14.22).



Jesus disse: “Tomai”. Ele nos deixa cientes de que temos de *tomar* o que ele fez por nós. É algo que devemos receber ativamente. É comum distribuir a ceia do Senhor e dizer: “Alimentem-se dele em seus corações, pela fé”. Ninguém tira proveito dos benefícios do alimento se não consumi-lo e digeri-lo. Você pode ter uma porção de comida empilhada à sua frente, preparada com a maior perfeição, e mesmo assim poderá morrer de fome, pois, para nutrir-se de uma refeição, você precisa *consumi-la,*

tomá-la. O excelente preparo dispensado ao alimento não o ajudará em nada, se você não se dispuser a pegar aquele alimento e tomá-lo para si, consumi-lo. E tomá-lo é o mesmo que dizer: “Este é o verdadeiro alimento de que preciso: o compromisso incondicional de Cristo por mim”.

O fato de a ceia do Senhor ser uma refeição nos lembra de que ninguém poderá se apropriar dos benefícios da morte de Cristo, a menos que Cristo chame essa pessoa a ter um relacionamento pessoal com ele. Participar de uma refeição com alguém — particularmente na época de Jesus — é ter um relacionamento. Assim, Jesus está dizendo que precisamos ter um relacionamento pessoal com ele, se queremos desfrutar todos os benefícios de seu sofrimento perfeito, substitutivo e sacrificial para nós.

O fato de a ceia do Senhor ser uma refeição também nos diz mais uma coisa. Os judeus celebravam cada Páscoa ceando com seus familiares. A refeição de Páscoa era algo feito em família. Então, por que Jesus estava tirando os discípulos do seio de suas famílias e organizando uma refeição de Páscoa com eles? Porque ele estava criando uma família totalmente nova. Quando se cresce em companhia de irmãos e irmãs, forma-se um poderoso vínculo. A pessoa passou por toda sorte de coisas ao lado deles, e tem mais experiências em comum com eles do que com qualquer outra pessoa. Tempos antes Jesus havia dito: “Aquele, pois, que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3.35). Como alguém já escreveu: “O que une [os cristãos] não é a educação em comum, a raça em comum, níveis de renda em comum, políticas em comum, nacionalidades em comum, sotaques ou empregos em comum, ou mesmo qualquer coisa que seja do tipo. Os cristãos são

unidos […] porque foram salvos por Jesus Cristo […] São um bando de inimigos naturais que amam uns aos outros por amor de Jesus”.[2] Quando você toma a ceia do Senhor, faz isso ao lado de irmãos e irmãs, ou seja, em família. Esse vínculo transforma a vida de tal maneira que cria uma base para uma união tão intensa como se as pessoas tivessem crescido juntas.

Por fim, a ceia do Senhor faz algo ainda mais belo: aponta em direção ao nosso futuro com Cristo. Enquanto presidia a refeição de Páscoa para os discípulos, Jesus conta para eles o restante da história do mundo em duas orações: “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos. Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até o dia em que o beber, novo, no reino de Deus”. Ele está dizendo que essa refeição de Páscoa torna a suprema festa possível e, ao fazê-lo, traça um arco inexorável entre os acontecimentos dos próximos três dias e sua consumação futura.

As palavras de Jesus trazem à mente algumas das impressionantes profecias sobre o reino futuro. Salmos 96.12,13 diz: “então todas as árvores do bosque cantarão de júbilo na presença do SENHOR, porque ele vem, vem julgar a terra, e julgará o mundo com justiça, e os povos, com fidelidade”. Isaías 55.12 diz: “os montes e as colinas romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas.”

Se você colocar algumas sementes em um vaso com terra e colocá-lo no escuro, longe do sol, essas sementes entrarão em estado de dormência. Não poderão crescer e alcançar seu pleno potencial. Mas se você trouxer o vaso com as sementes para o sol, todo o potencial que estava preso começará a brotar. A Bíblia diz

que tudo neste mundo — não só os seres humanos, mas até mesmo as plantas, as árvores e as rochas — estão em estado de dormência. São meras sombras do que já foram, seriam e serão na presença de seu Criador. Quando o Cordeiro de Deus presidir o banquete final e a presença de Deus cobrir a terra novamente, as árvores e os montes serão capazes de dançar e bater palmas, de tão vivas que estarão. E se as árvores e os montes serão capazes de dançar e bater palmas no futuro reino, imagine só o que eu e você seremos capazes de fazer.

A ceia do Senhor nos dá uma antecipação em dose pequena, mas muito real, desse futuro.

Imagine que você estivesse no Egito logo após aquela primeira Páscoa. Se você parasse alguns israelitas naqueles dias e lhes perguntasse: "Quem são vocês e o que está acontecendo aqui?". Eles lhe diriam: "Éramos escravos sujeitos a uma sentença de morte, mas buscamos proteção no sangue do cordeiro e fomos libertados da escravidão; agora Deus vive em nosso meio e nós o estamos seguindo rumo à Terra Prometida". Isso é exatamente o que os cristãos dizem hoje. Se você crê no sacrifício substitutivo de Cristo, os maiores anseios de seu coração serão satisfeitos no dia em que você se sentar à mesa para o banquete eterno no reino prometido de Deus.

[1] N. Ed.: A palavra em inglês para "Páscoa", *Passover*, significa "passar por cima".

[2] D. A. CARSON, *Love in Hard Places* [O amor em lugares áridos]. Wheaton: Crossway, 2002, p. 61.

capítulo quinze

O CÁLICE

Os gregos e romanos nos deixaram muitas histórias sobre líderes e heróis que encararam a morte; todos eles, sem exceção, mostraram calma e frieza em seus últimos momentos de vida. Pense em Sócrates, condenado a tomar cicuta como sentença de morte. A cena de sua morte mostra Sócrates, cercado por seus seguidores, dialogando com eles friamente por meio de pequenas frases elaboradas e irônicas. Em contraste, na literatura judaica, como em 1 e 2Macabeus, nota-se que, quando os judeus escreviam relatos das mortes de heróis e pessoas importantes, eles não os retratavam com a mesma frieza e distanciamento dos gregos. Antes, eram apresentados como pessoas de sangue quente, destemidas, que louvavam a Deus enquanto eram cortadas em pedaços por seus executores. Mas nada, em nenhuma dessas tradições — na verdade, nada que seja relacionado à literatura da Antiguidade —, se assemelha à descrição que Marcos nos fornece das últimas horas de Jesus, quando ele encarou a morte. Marcos assim registrou esses momentos:

Então foram para um lugar chamado Getsêmani, e Jesus disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou orar. *E levou consigo Pedro, Tiago e João; então começou a afligir-se e a angustiar-se*. *E disse-lhes: A minha alma está tão triste que estou a ponto de morrer; ficai aqui e vigiai*. *E adiantando-se um pouco, Jesus prostrou-se em terra e começou a orar para que, se possível, ele não tivesse de passar por aquela hora*. *E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice; todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres* (Mc 14.32-36).



Aqui, pouco antes de sua execução, Jesus abre o coração para os discípulos, para Deus, para os leitores do Evangelho de Marcos e revela suas lutas, sua agonia e seus medos quanto a enfrentar a morte. Ele se volta para Deus e suplica: “Existe algum modo de esse cálice ser afastado de mim? Existe algum modo de eu me livrar dessa execução? Existe algum modo de eu ficar de fora dessa missão?” Até esse momento Jesus estivera em completo controle da situação. Nada parece tê-lo surpreendido até aqui. Ele sempre sabia o que estava se passando: nada parecia abalá-lo. Mas, de repente, lemos que ele “começou a afligir-se”. No grego, o termo traduzido como “começou a afligir-se” na verdade significa “ficar atônito”, “ficar aturdido”. Pense no que acontecera no Evangelho de Marcos até aqui. Jesus se mostrara totalmente sereno. Mas aqui, de repente, algo que ele vê, percebe ou experimenta deixa o eterno Filho de Deus aturdido.

Segundo o texto, Jesus também “começou […] a angustiar-se”. Aqui o termo grego significa “ser tomado pelo horror”. Imagine-se andando por uma rua e, quando você dobra a esquina, encontra

bem à sua frente alguém que ama mutilado por um terrível acidente de trânsito. O que você sente? Náusea. O horror que sente é como uma nuvem de verdade que vai subindo para sufocá-lo. Essa é a emoção que Jesus sentia. E ele disse isso: “A minha alma está tão triste que estou a ponto de morrer”.

Esse tormento de Jesus não é único somente nos antigos relatos de morte de pessoas influentes, mas também é quase que único na história *da igreja*. Isso é estranho, não é? Temos muitos relatos verídicos de cristãos, homens e mulheres, sendo mortos por sua fé — atirados a bestas selvagens, cortados em pedaços, queimados na fogueira. Parece que muitos deles encararam a morte com mais serenidade do que Jesus. Veja, por exemplo, Policarpo, bispo de Esmirna, um líder da igreja primitiva. Perto de morrer, ele foi levado à presença de um magistrado que lhe disse que ele seria queimado em uma fogueira. O magistrado de fato disse: “Eu lhe darei mais uma chance: você pode rejeitar o cristianismo, retratar-se e escapar da execução.” Algumas testemunhas relataram a resposta de Policarpo: “Tu me ameaças com um fogo que queima por um momento e depois se extingue […] mas não conheces o fogo do julgamento vindouro […] Ora, por que estás demorando? Vai e faze o que pretendes”.[1]

Ou veja o exemplo de Nicholas Ridley e Hugh Latimer, que morreram queimados por sua fé, em Oxford, na Inglaterra, em 1555. Eles foram amarrados juntos na fogueira, e, quando o fogo foi aceso sob seus pés, Latimer disse: “Estejas confortado, Mr. Ridley, e sejas corajoso. Neste dia nós acenderemos na Inglaterra uma vela para a graça de Deus que, creio, jamais se apagará”.[2]

Mas por que muitos dos seguidores de Jesus parecem ter tido uma morte “melhor” do que Jesus? É evidente que Jesus estava enfrentando algo que nem Policarpo, Ridley nem Latimer enfrentaram, algo que nenhum dos outros mártires teve de enfrentar.

Algo aconteceu no Getsêmani — Jesus viu, sentiu, percebeu algo —, e isso abalou o inabalável Filho de Deus. O que foi isso? Ele estava enfrentando algo que ia além do tormento físico, além da morte física — algo tão pior que essas coisas pareciam picadas de pulga em comparação. Ele estava sufocado pelo simples sopro do que iria enfrentar na cruz. Ele não sabia que iria morrer? Sim, mas não estamos falando de informação aqui. É claro que ele sabia; ele mesmo havia dito isso aos discípulos por várias vezes. Mas agora ele estava começando a *provar* o que ele iria experimentar na cruz, e isso era algo que ia muito além da tortura e da morte física. Mas o que era assim tão terrível? Está no próprio cerne da oração que Jesus faz aqui. Ele diz: “Afasta de mim este cálice”.

Lembre-se de que, nas Escrituras Hebraicas, o “cálice” é uma metáfora para a ira de Deus em razão da maldade humana. É uma imagem da justiça divina que é derramada sobre a injustiça. Por exemplo, em Ezequiel 23.32-34 está escrito: “Beberás do cálice fundo e largo […] do cálice de pavor e de assolação […] Tu o beberás, o esgotarás e o despedaçarás; com os cacos mutilarás teus próprios seios”. Semelhantemente, em Isaías 51.22, Deus fala da “taça de atordoamento e [d]o cálice da minha ira”. Por toda sua vida, por causa da eterna dança de Jesus com o Pai e o Espírito, sempre que ele se voltava para o Pai o Espírito o inundava com amor. O que aconteceu de forma visível e audível no batismo e na

transfiguração de Jesus acontecia de forma invisível e inaudível toda vez que Jesus orava. Mas, no jardim do Getsêmani, Jesus se volta para o Pai, e tudo o que consegue ver diante de si é a ira, o abismo, a separação do cálice. Deus é a fonte de todo amor, toda vida, toda luz, toda coerência. Portanto, ser excluído de Deus é ser excluído da fonte de todo amor, toda luz, toda coerência. Ali Jesus começou a experimentar a desintegração espiritual, cósmica e infinita que aconteceria quando ele se separasse do Pai na cruz. Jesus começou a experimentar uma mera antecipação disso, e cambaleou.

A IRA DO AMOR

Pode ser que você diga: “Não gosto da ideia da ira de Deus. Quero um Deus de amor.”

A questão é que, se você quer um Deus amoroso, terá que ter um Deus irado. Por favor, reflita um pouco a respeito disso. Pessoas amorosas podem irar-se, não a despeito de seu amor, mas *por causa* dele. Na verdade, quanto mais intimamente e profundamente você ama as pessoas que fazem parte da sua vida, mas irado ficará. Já notou isso? Quando vê pessoas que foram prejudicadas ou sofreram abusos, você fica bravo. Quando vê alguém praticando abusos contra si mesmo, fica bravo *com essa pessoa*, porque a ama. Seu senso de amor e seu senso de justiça são ativados ao mesmo tempo, sem se oporem um ao outro. Quando vê pessoas destruindo a si mesmas ou aos outros e *não* fica bravo com isso, é porque não se importa. Está muito voltado para si mesmo, é muito cínico, muito durão. Quanto mais amoroso for, mais furiosamente irado ficará com tudo que possa machucar quem você ama. E quanto maior a ferida causada, mas ferrenha será a sua oposição.

Quando pensamos na ira de Deus normalmente pensamos em sua justiça, o que é correto. Aqueles que se importam com a justiça ficam irados quando veem alguém tripudiando sobre ela, e devemos esperar o mesmo de um Deus perfeitamente justo. Mas nunca ponderamos o quanto sua ira é também decorrente de seu amor e benignidade. A Bíblia nos diz que Deus ama tudo quanto criou. Esse é um dos motivos pelo qual ele fica irado com o que está acontecendo em sua criação; ele fica irado com tudo e com todos que estejam destruindo as pessoas e o mundo que ele ama. Sua

capacidade de amar é tão maior do que a nossa — e a extensão com que o mal aumenta no mundo é tão vasta — que a palavra *ira* na verdade não faz justiça a como Deus de fato se sente quando olha para o mundo. Por isso, não faz o menor sentido dizer: “Não quero um Deus irado, quero um Deus amoroso”. Se Deus é bom e amoroso, ele deve se irar com o mal — irar-se o suficiente para fazer algo a respeito.

Considere isto também: se você não acredita em um Deus irado, não tem a menor ideia do seu próprio valor. Eis o que quero dizer. Um deus que não se irasse não veria a menor necessidade em ir para a cruz sofrer uma incrível agonia e morrer para salvar você. Imagine, de um lado, um deus que não se dispõe a pagar preço nenhum por amar você e, de outro lado, o Deus da Bíblia, alguém que, por causa de sua ira, teve que ir para a cruz, arcar com a dívida, pagar o resgate e sofrer um imenso tormento. Como saber o quanto esse deus que “ama com liberalidade” de fato ama você ou quão precioso você é para ele? Ora, o amor dele não passa de um conceito, de uma ideia. Você não tem como saber essas coisas em relação a ele. Esse deus não paga preço nenhum por amar você. Mas o quanto você é precioso para o Deus da Bíblia? É precioso o bastante para que ele tenha tomado medidas extremas por você.

Há um livro intitulado *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer* [Cartas para Malcolm: centradas na oração] em que foram reunidas correspondências trocadas entre C. S. Lewis e um homem chamado Malcolm. Em uma dessas cartas, Malcolm diz que ele não se sentia confortável com a ideia de que Deus se ira. Para ele, ajudava mais pensar no poder e na justiça de Deus como se fossem um fio elétrico desencapado. Ele disse: “O fio desencapado não fica irado

conosco, mas se tropeçamos nele, levamos um choque". Lewis replicou: "Meu caro Malcolm: o que você supõe ter ganhado ao substituir a imagem de uma irada majestade por um fio desencapado? Você prendeu todos nós ao desespero, pois a ira pode perdoar, ao passo que a eletricidade não […] Transforme a ira de Deus em mera reprovação moderada e transformará seu amor em mero humanitarismo. Assim, perdemos tanto o 'fogo que consome' quanto a 'beleza perfeita' de Deus. Em vez disso, criamos um magistrado consciente ou uma diretora de escola criteriosa. É resultado de pensamento etéreo […] Analogias liberalizantes e civilizadas podem nos tirar do caminho".[3] Sua compreensão do amor de Deus — e do seu valor aos olhos dele — serão tão grandes quanto sua compreensão da ira de Deus.

A OBEDIÊNCIA DO AMOR

Quando as circunstâncias da vida estão realizando os desejos do seu coração você fica satisfeito. Podemos dizer, então, que o sofrimento surge quando existe uma distância entre os desejos do seu coração e as circunstâncias da sua vida; quanto maior a distância, maior o sofrimento. O que você faz quando essa distância fica muito grande? Uma das saídas é mudar as circunstâncias — sair dessa trilha que está levando você a sofrer. Essa, evidentemente, às vezes é a reação correta; nossas circunstâncias atuais podem realmente ter que mudar. Pode ser que haja em sua vida algum relacionamento nocivo que precisa ter um fim ou tomar um rumo diferente, ou um problema de saúde que precise ser

tratado com seriedade. Não devemos aceitar todas as circunstâncias com um fatalismo passivo.

No entanto, muitas pessoas têm o hábito de lidar com quase todo tipo de sofrimento fugindo de onde estão, quebrando promessas, rompendo relacionamentos. Elas sempre tentam ir para algum lugar onde seus desejos sejam satisfeitos, pois os consideram muito importantes, importantes demais, o que torna suas circunstâncias negociáveis. Estão dispostas a fazer qualquer coisa para evitar o sofrimento. O problema é que essas novas circunstâncias de vida dificilmente se conformam ao ideal da pessoa. Saia em busca de novas circunstâncias e seis meses depois vai precisar sair em busca de outras.

O nobre caminho óctuplo do budismo não defende esse tipo de reação, como também não defendiam os antigos estoicos; eles dizem que a atitude de sempre evitar o sofrimento não é de forma alguma uma atitude virtuosa ou íntegra. Dizer “se houver uma distância entre seus desejos e suas circunstâncias mude as circunstâncias” viola os ensinamentos dessas e de outras correntes de pensamento filosófico e religioso. Eles dizem que, em vez de fazer isso, o que precisamos fazer é reprimir nossos desejos. Tome as rédeas de seus desejos e tornese uma pessoa fria, distanciada, sem paixões. Assim você conseguirá manter suas promessas e permanecer no rumo. As circunstâncias são determinadas pelo destino, ao passo que os desejos são meras ilusões. Foi por esse motivo que Sócrates não entrou em pânico no fim de sua vida. Ele não se importava em continuar vivendo. Ele aprendeu bem a se distanciar.

É evidente que há momentos em que precisamos reprimir nossos desejos por eles serem com tanta frequência destrutivos. No entanto, eliminar todo o desejo é eliminar nossa habilidade de amar, e Deus nos criou para amar.

Quando olhamos para Jesus no jardim do Getsêmani, ele nos parece adotar a primeira das abordagens de que falamos aqui. Ele por certo não toma o caminho do distanciamento; antes, derrama seu coração. Ele está abalado. E está com toda honestidade e desesperadamente suplicando a Deus que mude as circunstâncias, orando para que, “se possível, ele não tivesse de passar por aquela hora.” Ele clama: “Aba, Pai, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice.” Ele argumenta com o Pai, pedindo a ele uma saída daquela situação, pedindo-lhe um outro modo de nos resgatar sem ter que se submeter pessoalmente à espada flamejante.

No entanto, se olharmos mais de perto, veremos que Jesus, na verdade, não está tomando as circunstâncias em suas mãos. No final, ele está obedecendo — abrindo mão do controle sobre suas circunstâncias e submetendo seus desejos à vontade do Pai. Ele diz a Deus: “todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres”. Ele luta, mas obedece em amor.

Para Jesus, naquele momento ainda seria possível abortar sua missão e deixar que perecêssemos. Mas ele não considera isso como uma opção. Ele suplicou ao Pai que cumprisse a missão de outra forma, mas jamais pediu que desistisse dela por completo. Por quê? Porque, por mais terrível que fosse o cálice, Jesus sabia que seu desejo imediato (ser poupado) deveria curvar-se diante de seu desejo supremo (nos poupar).

Em geral, aqueles que nos parecem ser nossos desejos mais profundos, na verdade, são apenas os que gritam *mais alto* dentro de nós. Já percebeu que não conseguimos pensar com clareza, especialmente quando estamos passando por uma dor intensa ou por uma grande tentação? Agredimos as pessoas que nos amam. Tomamos decisões absurdamente autodestrutivas. Dizemos e fazemos coisas às quais sabemos que não só magoam, mas também diminuem as pessoas e os valores que mais prezamos.

Jesus, porém, no maior momento de dor que alguém já sentiu na história da humanidade, não faz isso. Ele apenas diz: “todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres”. Ele nem mesmo diz a Deus: “Em minha opinião estás errado, mas deixarei que tua vontade prevaleça dessa vez”. Não, ele diz: “Confio em ti, independentemente do que sinto agora. Sei que, no final, os teus desejos são os meus desejos. Faze o que ambos sabemos que precisa ser feito”.

E, ao agir dessa forma, Jesus se coloca como alguém totalmente obediente à vontade de Deus: “*todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres*”. Ele submeteu seus desejos mais gritantes a seus desejos mais profundos, ao depositá-los nas mãos do Pai. É como se ele dissesse: “Se as circunstâncias da vida não satisfazem os desejos que trago agora em meu coração, não vou reprimir esses desejos, mas também não vou me render a eles. Sei que eles somente serão satisfeitos um dia no Pai. Confiarei no Pai e obedecerei a ele, colocarei minha vida em suas mãos e seguirei em frente”.

Jesus não nega suas emoções e não evita o sofrimento. *Ele ama sofrendo*. Em meio ao sofrimento, ele obedece, por amor ao

Pai — e por amor a nós.

Quando percebermos isso, em vez de negar para sempre nossos desejos ou de mudar nossas circunstâncias, seremos capazes de confiar no Pai em nosso sofrimento. Seremos capazes de confiar que, por Jesus ter tomado o cálice, nossos desejos mais profundos e nossas atuais circunstâncias continuarão a convergir até o ponto em que se encontrarão para sempre, fundindo-se no dia do banquete eterno.

Em um de seus grandes sermões, "A agonia de Cristo", Jonathan Edwards fala disso desta forma:

> [No jardim do Getsêmani, Jesus] teve uma visão bem próxima da fornalha da ira na qual deveria ser lançado; foi trazido à boca da fornalha para que pudesse olhar lá dentro, e ficar ali, observando as chamas flamejantes e vendo a incandescência de seu calor, para que pudesse saber para onde estava indo e o que estava prestes a padecer […] Há duas coisas que fazem do amor de Cristo algo tão maravilhoso: 1) o fato de que ele estava disposto a suportar tão grande sofrimento e 2) o fato de que ele estava disposto a suportá-lo para expiar tão grande iniquidade. Mas, para que digamos tudo isso com propriedade, é preciso mencionar que, para que Cristo, por ato e escolha próprios, suportasse tão grande sofrimento […] [foi] necessário que tivesse uma noção extraordinária do quão grande seria esse sofrimento, antes de passar por ele. E isso lhe foi mostrado em sua agonia.[4]

E é esse amor — cuja obediência é de extensão, altura e profundidade suficientes para desintegrar uma montanha de justa ira — que você tem buscado por toda a sua vida. Nenhum outro tipo de amor — nem o amor da família, dos amigos, de uma mãe, de um

cônjuge, nem mesmo o amor romântico —, nada poderá satisfazê-lo como o amor de Jesus. Todos os outros tipos de amor irão desapontá-lo; mas esse amor, jamais.

[1]"The Martyrdom of Polycarp" [O martírio de Policarpo] in Cyril C. RICHARDSON *Early Christian Fathers*. Nova York: Macmillan, 1970, p. 153.

[2]John FOXE, *Foxe's Book of Martyrs*. Nova York: Oxford University Press, 2009, p. 154 [Publicado em português pela Editora Mundo Cristão sob o título *O livro dos mártires*].

[3]C. S. LEWIS, *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*. Nova York: Harcourt, Brace, and World, 1963, p. 96-97 [Publicado em português pela Editora Vida sob o título Oração: Cartas a Malcom].

[4]Jonathan EDWARDS, "Christ's Agony." Esse texto está disponível em uma série de formatos de publicação, inclusive na internet, em vários endereços. Eu o acessei no seguinte endereço: www.ccel.org/ccel/edwards/sermons.agony.html.

capítulo dezesseis

A ESPADA

C. JOHN SOMMERVILLE, professor emérito de história, atualmente ligado à Universidade da Flórida, durante muitos anos aplicou um exercício em seus estudantes. Ele os desafiava a fazer a seguinte experiência: imagine que você visse uma velhinha descendo pela rua, à noite, e que ela estivesse carregando uma bolsa bem grande. De repente, ocorre-lhe que ela é uma pessoa de baixa estatura e bastante idosa, e que seria incrivelmente fácil para você atacá-la e tomar-lhe a bolsa. Mas você não faz isso. Por quê? Há duas respostas possíveis para essa pergunta. A resposta de uma cultura pautada em honra e vergonha diz que você não faz isso, pois se fizesse se tornaria uma pessoa desprezível, alguém indigno de ser respeitado. Traria desonra para sua família. As pessoas o desprezariam por se aproveitar de alguém mais fraco. Não seria uma atitude de alguém forte — e é muito importante que a força seja respeitada. Essa abordagem, segundo o professor Sommerville, é baseada na preocupação com si mesmo. Você está pensando quase que inteiramente só em você e em sua família — está pensando em termos de honra e reputação.

Todavia, existe outra linha de raciocínio que refrearia você de tomar a bolsa da velhinha. De acordo com essa linha, você imaginaria o quão doloroso seria ser assaltado e o quão difícil seria para essa velhinha, se ela dependesse do dinheiro que estava na bolsa roubada. Você se faria a seguinte pergunta: “Se eu roubá-la, o que acontecerá a ela e aos que dela dependem?” Em geral, deseja que ela tenha uma boa vida, então você não lhe toma a bolsa. Essa é uma ética que se preocupa com o outro — completamente diferente da ética anterior, baseada no raciocínio moral de uma cultura pautada em honra e vergonha. Tendo imaginado esses dois cenários, o professor Sommerville perguntaria a seus alunos: “Quantos de vocês tomariam a bolsa da velhinha?” É claro que ninguém faria isso. Então, ele perguntaria: “Por que não? Qual linha de raciocínio você seguiria?” E praticamente todos diriam que seguiriam a segunda linha de raciocínio.

Então, ele faria a seguinte observação: “Talvez vocês não percebam, mas o conceito de colocar outra pessoa em primeiro lugar, em vez de pensar só em si mesmo, é uma ideia oriunda do cristianismo. Seus princípios morais foram influenciados pelo cristianismo”. E ele continuaria:

> Um sistema baseado na honra mostra a ética de alguém que se preocupa apenas com si mesmo, enquanto um sistema baseado na caridade mostra uma ética que se preocupa com o outro. […] A honra concentra-se no orgulho, e não na humildade; em dominar, e não em servir; na coragem, e não na mansidão; na glória, e não na modéstia; na lealdade, e não no respeito por todos; na generosidade para com os amigos, e não na igualdade.

O professor Sommerville continua, mostrando que o sistema ético baseado em uma cultura pautada em honra e vergonha era o que dominava muitas civilizações, antes da chegada do cristianismo. E acrescenta: “Bastava os estudantes verem tudo isso escrito no quadronegro para perceberem o quanto sua orientação moral ainda é cristã”. Ainda que seus estudantes fossem severos críticos da igreja e do cristianismo, “o fato de abrirem mão de padrões cristãos os deixaria sem base para suas críticas”. Na verdade, seus estudantes, com todo seu discurso contra o cristianismo, estavam, “de fato, querendo mais do cristianismo ou querendo encontrar uma vertente mais pura dele”.[1]

Quais são esses conceitos distintamente cristãos que ainda detêm tamanho poder para influenciar nossa consciência e imaginação nos dias de hoje?

Por todo o Evangelho de Marcos — bem como por todo Evangelho de Mateus, de Lucas e de João — Jesus fala constantemente sobre “o reino do céu”, o “reino de Deus” e também sobre o “reino deste mundo”. Um reino é uma forma de organização, ou seja, uma forma de organizar as coisas para que elas funcionem. Por exemplo, quando um novo técnico é contratado para treinar um time ou quando um novo gerente é designado para um departamento, começa uma nova administração. E isso significa que as coisas serão diferentes a partir daquele momento, que existe uma nova ordem para que as coisas sejam feitas, um novo conjunto de pressupostos e metas. Em geral, o que diferencia uma administração de outra é o conjunto de valores que ela adota. Esse conjunto é como se fosse uma lista, encabeçada pelas coisas consideradas realmente importantes. No meio dessa lista, vêm as

coisas que não são consideradas tão importantes. No final dela, estão as coisas que são menosprezadas ou evitadas. É isso que estabelece a diferença no modo como as coisas são feitas. Quando chega uma nova administração, as pessoas começam a reordenar seus valores e metas. A velha ordem das coisas é abolida e uma nova ordem é instituída, e as coisas são feitas de acordo com essa lista, esse conjunto de valores, esteja ele escrito ou não em algum lugar.

Se administrações e reinos são basicamente uma questão de um conjunto de valores, de uma lista de prioridades — o que vem primeiro e o que vem depois — então, organizar essa lista é organizar a realidade.

De todos os textos nos quais Jesus contrasta o reino deste mundo com o reino de Deus, o mais sucinto está em Lucas, capítulo 6. Nessa passagem, Jesus fornece duas listas:



Bem-aventurados sois vós, os pobres, porque o reino de Deus é vosso. *Bem-aventurados sois vós que agora tendes fome, porque ficareis satisfeitos. Bem-aventurados sois vós que agora chorais, porque havereis de rir. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos expulsarem da companhia deles, vos insultarem*… (Lc 6.20-22).

Mas ai de vós que sois ricos, porque já recebestes a vossa consolação. Ai de vós que agora estais satisfeitos, porque passareis fome. Ai de vós que agora estais rindo, porque vos lamentareis e chorareis. Ai de vós, quando todos vos elogiarem… (Lc 6.24-26).



Michael Wilcock, um estudioso da Bíblia, observa no estudo que fez desse texto que, na vida do povo de Deus, haverá uma incrível inversão de valores: “Os cristãos valorizarão o que o mundo considera insignificante e suspeitarão daquilo que o mundo considerar desejável”.[2] As coisas que o mundo coloca no fim da lista estão no topo da lista do reino de Deus. E as coisas tidas como suspeitas aos olhos do reino de Deus são valorizadas pelo reino deste mundo. O que está no topo da lista do reino deste mundo? Poder e dinheiro (“vós que sois ricos”), sucesso e reconhecimento (“quando todos vos elogiarem”). Mas o que está no topo da lista do reino de Deus? Fragilidade e pobreza (“vós, os pobres”), sofrimento e rejeição (“quando os homens vos odiarem”). A lista do reino de Deus é invertida.

A PRIMEIRA REVOLUÇÃO VERDADEIRA

Esses dois reinos, essas duas formas de administrar a realidade, esses dois conjuntos de prioridades e valores encontram-se de maneira dramática no jardim do Getsêmani:



Enquanto ele ainda falava, logo chegou Judas, um dos Doze, e com ele uma multidão com espadas e pedaços de pau, vinda da parte dos principais sacerdotes, dos escribas e dos líderes religiosos. Aquele que o traía lhes dera uma indicação, dizendo: Aquele que eu beijar, é ele; prendei-o e levai-o com segurança. Logo que Judas chegou,

aproximando-se de Jesus, disse: Rabi! E o beijou. *Eles então o agarraram e o prenderam* (Mc 14.43-46).



A expressão *o beijo da morte* entrou em nosso vocabulário em decorrência desse episódio. Se procurarmos o sentido dessa expressão, veremos que significa intimidade com algo que posteriormente causará sua destruição.

O problema não está no fato de Judas ser íntimo de Jesus. A intimidade com Jesus sempre é o beijo da vida, nunca o beijo da morte. O problema de Judas encontrava-se no fato de que ele tinha intimidade com espadas e pedaços de pau.

Por que Judas simplesmente não foi até Jesus e disse: “Este é o homem, prendam-no”? Para que beijá-lo? Por que todo esse subterfúgio? Será que ele estava esperando que Jesus também estivesse armado com espadas e pedaços de pau? Afinal, Jesus falava sobre o reino de Deus, e todo reino sempre usava dinheiro, um sistema político, poderio militar, ou alguma combinação dessas coisas para chegar ao poder.

Como o Rei reage a esse beijo e à sua prisão? Marcos nos conta:



Eles então o agarraram e o prenderam. *Mas um dos que estavam ali, puxando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe uma orelha*. *E Jesus lhes disse: Saístes com espadas e pedaços de pau para me prender, como se eu fosse um bandido? Todos os dias eu estava convosco ensinando no templo, e não me prendestes. Mas isso é para que se cumpram as Escrituras* (Mc 14.46-49).

Judas parecia estar esperando uma reação armada, do contrário ele e o grupo que o acompanhava não teriam vindo de armas em punho. Mas Jesus replica: “Acaso estou liderando alguma rebelião para que venhais me prender com armas e artifícios?” A palavra *rebelião* significa um movimento de guerrilha que recorre a táticas violentas (à espada) para derrubar a ordem vigente e inaugurar uma nova ordem — uma revolução. Jesus está dizendo a eles: “Se venhais até mim com espadas, por acreditarem que revidarei com uma espada, isso demonstra que vós não me compreendeis, em absoluto. O reino de Deus é diferente do reino deste mundo”.

O que Judas e aqueles que o acompanhavam não compreendiam era que Jesus, de fato, estava liderando uma revolução, mas um tipo diferente de revolução, a maior que a história já viu. O que acontece no reino deste mundo é que as revoluções basicamente mantêm o mesmo velho estado de coisas no topo da lista. Elas não são revoluções de verdade; o dinheiro, o poder e a política vêm sempre em primeiro lugar. A maior parte das revoluções não passou de meros ajustes na velha ordem. Uma revolução traz ao poder um novo grupo de pessoas e a próxima traz outro grupo. Mas Jesus não estava simplesmente colocando um novo grupo de pessoas no poder; ele estava trazendo uma forma totalmente diferente de administrar a realidade: o reino de Deus. Jesus não era um revolucionário que pudesse ser contido com espadas, pois ele não tinha absolutamente nada a ver com espadas. E Judas não percebera isso.

No entanto, ele não fora o único a não perceber. Lemos que, quando Jesus foi preso, “um dos que estavam ali, puxando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe uma orelha”. O Evangelho de João diz que foi Pedro quem fez isso — o que faz todo sentido. Pedro sabia sobre o reino de Deus. Ele ouvira os ensinamentos de Jesus a respeito disso ao longo dos últimos anos. Todavia, no momento de crise, qual foi sua reação instintiva? Desembainhar a espada.

Não somos parecidos com Pedro? Dizemos que somos a favor da justiça, da paz, da equidade; mas, ao primeiro desafio que surge, buscamos pela espada. Misturamos o reino deste mundo — com a espada no topo da lista e, em seguida, dinheiro, poder, sucesso e reconhecimento — à nossa filosofia de vida, seja ela o cristianismo ou qualquer outra. Optamos pelo beijo da morte. Somos iguais a Pedro.

Mas Jesus está dizendo a Pedro e a todos nós: “Meu reino não é deste mundo. É completamente diferente. É deste modo que vou mudar as coisas: colocarei os outros em primeiro lugar, antes de mim mesmo. Amarei meus inimigos. Servirei e me sacrificarei pelos outros. Não vou pagar o mal com o mal; vou vencer o mal com o bem. Abrirei mão de meu poder, de minha vida. Fragilidade, pobreza, sofrimento e rejeição passarão a figurar no topo da lista. Minha revolução será feita sem a espada; será a primeira revolução verdadeira”.

A INVERSÃO DA REVOLUÇÃO

O que imagina que os discípulos fizeram quando Jesus foi preso e levado por esse grupo armado e ameaçador? Marcos assim descreve o episódio:



> *E Jesus lhes disse: Saístes com espadas e pedaços de pau para me prender, como se eu fosse um bandido? Todos os dias eu estava convosco ensinando no templo, e não me prendestes. Mas isso é para que se cumpram as Escrituras*. *Então todos o deixaram e fugiram*. *Certo jovem o seguia envolto em um lençol sobre o corpo desnudo; e o agarraram*. *Mas ele, largando o lençol, fugiu despido* (Mc 14.48-52).



“Então todos o deixaram e fugiram.” Pedro e os outros discípulos, que tinham passado anos ao seu lado, abandonaram Jesus ao primeiro teste de resistência. O jovem que o seguia envolto em um lençol estava tão preocupado em salvar a própria pele que, quando foi agarrado, se dispõe a largar o lençol e fugir nu, rua afora. Na Bíblia, a nudez é um sinal de vergonha e desonra, o que é perfeitamente adequado neste caso: esse jovem é um completo covarde; daí, a vergonha de fugir para casa nu cai bem com a ocasião. Alguns estudiosos dizem que esse homem foi o próprio Marcos, que era jovem na época. Se isso for verdade, então Marcos está dizendo: “Eu estava lá e fui tão falho como os demais”. Todos, sem exceção, falharam com Jesus.

Ao recontar esse episódio do jovem que, nu, foge do jardim, Marcos pode estar querendo nos lembrar de outro jardim. No jardim do Éden, também havia duas pessoas que passaram por um teste e

falharam. Sua nudez foi exposta e se esconderam, envergonhadas. Séculos depois, em outro jardim, outro teste era aplicado, e todos os que foram submetidos a ele falharam, de uma forma ou de outra. Brandiram suas espadas no ar ou fugiram com sua vergonha desnudada.

Todavia, espere um momento: há algo de diferente aqui. No meio *deste outro* jardim, há alguém que vai passar no teste. Por que os demais estão todos fugindo e se esquivando? A única realidade deles é a espada do mundo. Temem que alguém vá prendê-los, matá-los ou começar uma revolução que os tirará do poder. Mas Jesus permanece ali, firme, mesmo tendo de enfrentar algo bem pior do que a espada do mundo. Lembre-se de que, quando foram expulsos do Éden, Adão e Eva voltaram-se e viram a espada flamejante da justiça que para sempre os impediria de voltar. Os pecados deles os separaram de Deus. Não há caminho de volta à presença de Deus, a menos que alguém se submeta à espada da justiça divina. Jesus estava naquele jardim, encarando a espada definitiva da justiça divina, e permaneceu firme, por Adão e Eva, por mim e por você.

Você sabe por que algumas pessoas chamam o reino deste mundo de “reino de cabeça para cima” e o reino de Deus de “reino de pontacabeça”? A ênfase que o mundo atribui a questões como poder e reconhecimento pessoal parece correta, natural, enquanto à abordagem de Jesus voltada para o serviço e o sacrifício parece algo totalmente impossível, que foge ao natural. Por exemplo, falar em sobrevivência do mais fraco é algo que, biologicamente falando, foge ao natural. Quem já ouviu falar disso?

O reino de Deus também não parece natural em termos psicológicos. Quem ouve Jesus falar que valoriza a fraqueza, a pobreza, o sofrimento e a rejeição logo pensa: “Isso é masoquismo. Em termos psicológicos, é algo nada saudável. É impossível viver dessa maneira”.

E sabe de uma coisa: você tem razão ao pensar que é impossível viver dessa maneira.

Quando vê Jesus cuidando dos pobres, perdoando seus inimigos sem guardar rancor, sacrificando sua vida por outros, vivendo uma vida repleta de amor e inteiramente sem pecado, você diz: “Eu não consigo viver assim”. E está certo: não consegue mesmo. Ter Jesus Cristo apenas como exemplo, como modelo, acabará com você, pois nunca será capaz de estar à altura dele. Mas ter Jesus Cristo como o Cordeiro de Deus salvará você.

Na cruz, Jesus recebeu o que merecíamos a fim de que pudéssemos receber o que ele merece. Quando percebe que toda essa imensa inversão de coisas foi por você, quando nota que ele abriu mão de toda a riqueza cósmica e se inseriu em meio à pobreza deste mundo a fim de que pudéssemos ser espiritualmente ricos, isso mudará você.

Suponha que há uma pessoa vivendo inteiramente segundo os valores do reino deste mundo e outra que esteja aprendendo a pertencer ao reino de Deus, e que cada uma delas tenha um excelente emprego. De repente, ambas ficam sabendo que estão prestes a perder seu emprego e têm consciência de que provavelmente jamais voltarão a ter a mesma condição socioeconômica. Aos olhos da lógica do reino deste mundo, isso parece o fim do mundo, pois ela nos ensina a basear nossa

identidade em posição social, dinheiro e poder. Sem essas coisas nos sentimos destituídos de nossa identidade. Quem vive segundo as regras do reino deste mundo faria qualquer coisa para não perder esse emprego. Talvez até estaria disposto a mentir, apunhalar ou trair alguém pelas costas. Quem está começando a viver segundo as regras do reino de Deus sabe que perder o emprego não será algo fácil nem agradável. Todavia, terá aprendido que, na hora em que a fraqueza e o sofrimento, a pobreza e a rejeição se aproximam, é quando o reino de Deus está próximo. É nessa hora que ficamos frente a frente com nosso verdadeiro tesouro, nossa verdadeira identidade.

Os cristãos são livres para aceitar e para abrir mão de coisas como poder, dinheiro, reconhecimento pessoal e posição social. Como? Sabendo que essas coisas que figuram no topo da lista de prioridades do reino deste mundo não mais os controlam como antes. Quando entendemos o que Jesus fez por nós, isso nos liberta. Quando percebemos que somos justificados pela graça dele e não por nosso merecimento, e que somos amados nele, em Cristo, isso muda a maneira como olhamos para coisas como poder, dinheiro e posição social; essas coisas não mais nos controlam.

Se você está tentando salvar a si mesmo, conquistar sua autoestima, provar algo a si mesmo, é porque ama em excesso ou odeia em excesso o poder e o dinheiro. Pode ser que diga, por exemplo, que não gosta de poder e dinheiro nem das pessoas que os possuem. Ficar longe delas faz com que se sinta nobre. Nesse caso, você está basicamente tentando salvar a si mesmo. Ou quem sabe seja o oposto, isto é, você *precise* desesperadamente de poder e posição social, pela mesmíssima razão: você basicamente

está tentando salvar a si mesmo. Pode ser que você despreze mais outras formas de autossalvação que não a sua, mas no fundo está fazendo a mesma coisa que elas, só que de um modo diferente. No entanto, se tiver consciência de que é um pecador salvo puramente pela graça, poderá aceitar e abrir mão de coisas como poder, dinheiro e posição social, pois é uma pessoa livre. Se ganhar dinheiro ou poder, poderá fazer muitas coisas com isso. Todavia, se essas coisas começarem a faltar, saberá que essa é uma das formas pela quais o poder de Deus vai trabalhar em sua vida. A espada está saindo de sua vida. A compulsão está se dissipando. Você trabalha, mas seu trabalho não define quem você é, não está acabando com sua vida. Com essa atitude, você encontrará tamanha satisfação que parecerá quase imprudente. As pessoas dirão: “Como pôde gastar seu dinheiro assim? Como pôde abrir mão dessa oportunidade profissional? Como pôde se envolver com uma pessoa tão carente, quando sabe que ela provavelmente vai tirar alguma vantagem de você?” Se for um cristão, poderá responder: “Não é o fim do mundo se alguém tirar alguma vantagem de mim, ou se perder meu dinheiro ou se minha carreira não vai tão bem quanto eu gostaria. Essas coisas não têm mais controle sobre mim.” Isso acontece porque você está substituindo o reino deste mundo pelo reino de Deus.

Em Daniel 5, Belsazar, rei da Babilônia, está dando uma festa desregrada, uma orgia, e não sabe que um exército está a caminho para saquear a cidade e matá-lo, naquela mesma noite. No entanto, no meio da festa, apareceram uns dedos de mão humana que escreviam no reboco da parede do palácio real. A mensagem dizia: “Deus contou os dias do teu reino e pôs fim nele”.

Se você está vivendo para si mesmo, gastando dinheiro apenas com si mesmo, lutando por poder, pensando apenas em seu sucesso e reputação pessoal, pode ser que esteja aproveitando a festa, mas, segundo a Bíblia, esse reino será virado de cabeça para baixo, pois seus dias estão contados.

[1]C. John SOMMERVILLE, *The Decline of the Secular University* [O declínio da universidade secular]. Londres: Oxford, 2006, p. 70.

[2]Michael WILCOCK, *The Message of Luke: The Savior of the World* [A mensagem de Lucas: o Salvador do mundo]. Downers Grove: IVP, 1979, p.86.

capítulo dezessete

O FIM

Então levaram Jesus ao sumo sacerdote; e reuniram-se todos os principais sacerdotes, os líderes religiosos e os escribas. E Pedro o seguiu de longe até o interior do pátio do sumo sacerdote; e ficou sentado com os guardas, aquecendo-se perto do fogo. Os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam testemunho contra Jesus para condená-lo à morte, mas não encontravam coisa alguma. Porque muitos depunham falsamente contra ele, mas os testemunhos eram divergentes. Por fim, alguns que depunham falsamente contra ele levantaram-se e falaram: Nós o ouvimos dizer: Eu destruirei este santuário, construído por mãos humanas, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos humanas. Nem assim o testemunho deles concordava (Mc 14.53-59).

NÃO HÁ NADA mais dramático do que ir a julgamento em defesa de sua vida, e não há momento mais dramático em um julgamento do que quando o réu é chamado a dar seu testemunho. E talvez nunca

tenha havido um testemunho mais dramático e chocante do que aquele dado por Jesus Cristo durante seu julgamento:



> *Então, o sumo sacerdote levantou-se no meio de todos e perguntou a Jesus: Não respondes coisa alguma ao que estes depõem contra ti? Ele, porém, permaneceu calado e nada respondeu. E o sumo sacerdote voltou a interrogá-lo, perguntando-lhe: Tu és o Cristo, o Filho do Deus bendito? Jesus respondeu: Eu sou. E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso, vindo com as nuvens do céu* (Mc 14.60-62).



O sumo sacerdote coloca Jesus na posição de responder aos que testemunhavam contra ele, e pergunta se ele era o Cristo (o "Messias"), o Filho do Deus bendito. Em outras passagens do Evangelho de Marcos, Jesus evitou linhas semelhantes de perguntas sobre sua identidade (Mc 7.5,6) ou devolveu a pergunta à pessoa que a fazia (Mc 11.29). Desta vez, porém, Jesus responde a essa pergunta central do Evangelho de Marcos de frente — de forma positiva e cabal. "Eu sou", disse ele. "E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso, vindo com as nuvens do céu."

Ao dizer "Eu *sou*", Jesus está alegando ser o Messias, o que fora prometido. Contudo, devemos nos lembrar de que, em geral, os judeus não esperavam que o Cristo fosse literalmente divino. Portanto, Jesus avança, ampliando o significado do título *Messias* ao se identificar como o *Filho do homem* e também ao dizer que se assentaria à direita de Deus.

Nas duas alusões bíblicas que Jesus faz aqui (ao “Filho do homem”, de Daniel 7.13 e ao fato de que se assentaria “à minha [de Deus] direita, ” de Salmos 110.1), o Messias vem como juiz. Todos os que estavam presentes naquele local — todos os líderes do Sinédrio — sabiam quem era o Filho do homem. Em Daniel 7, o Filho do homem vem do trono de Deus para a terra, nas nuvens do céu, para julgar o mundo. E as nuvens do céu não são as mesmas que as nuvens da terra, mero vapor d’água. As nuvens do céu são a glória *shekinah*, a própria presença de Deus. Portanto, ao responder do modo como fez, Jesus está dizendo: “Virei para a terra com a própria glória de Deus e julgarei o mundo inteiro”. É uma declaração surpreendente, uma alegação de divindade.

De todas as coisas que Jesus pudesse ter dito — e havia muitos textos, temas, imagens, metáforas e passagens das Escrituras hebraicas que ele poderia ter usado para dizer quem era —, ele diz especificamente que é juiz. Pela escolha de texto que fez, Jesus está deliberadamente nos forçando a ver o paradoxo. Houve uma enorme inversão. Ele, juiz sobre o mundo inteiro, está sendo julgado pelo mundo. Ele deveria estar na cadeira do juiz e nós no banco dos réus, aprisionados em correntes. Tudo está de ponta-cabeça.

E assim que Jesus diz ser o juiz, assim que declara sua divindade, a reação é explosiva.



Jesus respondeu: Eu sou. E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso, vindo com as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou suas vestes e disse: Para que precisamos ainda de testemunhas? Acabais de

ouvir a blasfêmia. Que vos parece? E todos o condenaram como réu digno de morte. E alguns começaram a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto, a dar-lhe socos e a dizer: Profetiza. E, dando-lhe bofetadas, os guardas o levaram (Mc 14.62-65).



O sumo sacerdote rasga as próprias vestes, sinal do maior ultraje, horror e tristeza. E todo o julgamento degringola. Na verdade, já não é mais um julgamento; vira um tumulto. Os jurados e os juízes começam a cuspir e a bater em Jesus. No meio do julgamento, eles ficam completamente furiosos. Jesus é imediatamente acusado de blasfêmia e condenado como réu digno de morte.

Contudo, a corte do Sinédrio não tinha poderes para proferir a pena de morte. Tinha poder para julgar muitos casos, mas os de pena capital precisavam ser confirmados pelo procurador romano. Assim que puderam, os membros do Sinédrio entregaram Jesus a Pilatos, o governador designado por Roma, para que ele pudesse condenar Jesus à morte.



Logo de manhã, os principais sacerdotes reuniram-se em conselho com os líderes religiosos, escribas e todo o Sinédrio. Amarrando Jesus pelas mãos, levaram-no e o entregaram a Pilatos. E Pilatos perguntou-lhe: Tu és o rei dos judeus? Jesus lhe respondeu: É como dizes. E os principais sacerdotes o acusavam de muitas coisas. Pilatos voltou então a interrogá-lo: Não respondes nada? Vê quantas acusações te fazem. Mas Jesus não respondeu mais nada, e Pilatos ficou admirado (Mc 15.1-5).

Jesus é novamente levado a julgamento, desta vez diante de Pilatos. Os líderes religiosos apresentaram uma série de acusações. Para admiração de Pilatos, Jesus não responde a elas. Pelos outros evangelistas, ficamos sabendo que Pilatos não tinha a menor vontade de julgar esse caso. Ele vacila e faz uma tentativa de se desvencilhar desse julgamento. Mas tem ainda outra carta na manga: pode ser que consiga escapar da responsabilidade de uma decisão por meio de um antigo costume de libertar um prisioneiro em épocas festivas:

> *Por ocasião da festa era costume soltar um preso que eles pedissem. E havia um homem chamado Barrabás, preso com outros rebeldes que haviam cometido um homicídio durante uma revolta. A multidão chegou e começou a pedir o que se lhe costumava fazer. E Pilatos lhes perguntou: Quereis que vos solte o rei dos judeus? Pois ele sabia que os principais sacerdotes lhe haviam entregado Jesus por inveja* (Mc 15.6-10).

Pilatos ainda estava em busca de encontrar uma saída. Ele sabia que os líderes religiosos só estavam acusando Jesus por inveja; eles não tinham uma acusação específica. Barrabás era um homem violento, condenado por assassinato. Estando consciente disso, libertaria Pilatos um homem culpado e condenaria um inocente? Marcos continua:

Mas os principais sacerdotes provocaram a multidão para que, ao contrário, ela pedisse que lhe soltasse Barrabás. Voltando a falar, Pilatos perguntou-lhes: Que farei, então, daquele a quem chamais rei dos judeus? Novamente eles gritaram: Crucifica-o! E Pilatos lhes disse: Mas que mal ele fez? Eles, porém, gritavam ainda mais: Crucifica-o! Então Pilatos, querendo agradar a multidão, soltou Barrabás. E, tendo mandado espancar Jesus, entregou-o para ser crucificado (Mc 15.11-15).



Pilatos estava extremamente relutante em ordenar a execução de Jesus; porém, apesar de ter dito que Jesus não era culpado a ponto de justificar a pena de morte, ele o entrega para ser crucificado.

A crucificação era uma pena cuja intenção era ser o método de execução mais humilhante e horrendo. Os romanos a tinham reservado a seus piores criminosos. Era uma forma de execução que provocava uma morte lenta, sangrenta, um espetáculo público extremamente doloroso que normalmente acabava com uma morte terrível por choque ou asfixia. É digno de nota o fato de que Marcos nos fornece bem poucos detalhes sangrentos. Ele distancia seu foco dos horrores físicos da provação enfrentada por Jesus a fim de voltá-lo para o significado mais profundo que estava por trás dos acontecimentos. Ele simplesmente registrou:



Então o levaram para fora, a fim de crucificá-lo. E obrigaram um homem que passava por ali, vindo do campo, a carregar-lhe a cruz. Era Simão de Cirene, pai de Alexandre

e de Rufo. Levaram Jesus ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira. E ofereceram-lhe vinho misturado com mirra, mas ele não tomou. Então o crucificaram e repartiram entre si suas roupas, tirando sortes sobre elas para ver o que cada um levaria (Mc 15.20-24).



Embora Marcos não faça referência explícita ao cumprimento da profecia, as palavras que escolheu nesta passagem demonstram que ele estava pensando no Salmo 22:



Todos os que me veem zombam de mim, mexem os lábios e balançam a cabeça, […] Como água me derramei, e todos os meus ossos se deslocaram; meu coração é como cera, derreteu-se dentro de mim. […] Pois cães me rodeiam; um bando de malfeitores me cerca; perfuraram-me as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos. Eles me olham, ficam a me observar. Repartem entre si minhas roupas e tiram sortes sobre a minha túnica (Sl 22.7,14,16-18).



Imagine o que os seguidores de Jesus sentiram quando presenciaram essa cena em volta da cruz, enquanto assistiam à crucificação do homem que tinham seguido por anos. Ali estava um homem que acalmara tempestades, banira enfermidades, e vencera a morte pelo poder miraculoso de suas palavras. Ali estava um homem que, menos de uma semana antes, fora recebido como um rei em Jerusalém. Ali estava o Cristo. Como isso podia estar acontecendo? E Marcos continua:



Era a hora terceira quando o crucificaram. Acima dele estava a sua acusação por escrito: O REI DOS JUDEUS. Também crucificaram com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à esquerda. (E cumpriu-se a Escritura que diz: E foi contado com os transgressores.) E os que passavam o insultavam, balançavam a cabeça e diziam: Ah! Tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas, salva a ti mesmo, descendo da cruz. De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas, zombando dele, diziam entre si: Salvou os outros, mas não consegue salvar a si mesmo! Desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos. E os que com ele foram crucificados também o insultavam. Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona (Mc 15.25-33).



Em suas descrições da morte de Jesus, Marcos e os demais evangelistas demonstram uma preocupação consistente com o que os artistas plásticos chamam “valores” — isto é, a interação e o contraste entre luz e trevas. Os quatro evangelistas se esforçam para nos mostrar que todos os acontecimentos críticos da morte de Jesus aconteceram *nas trevas*. A traição e o julgamento diante do Sinédrio aconteceram à noite; mas, no exato momento em que Jesus morreu, embora fosse dia, trevas inexplicáveis desceram sobre a terra. “Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona.” A hora sexta era o meio-dia; a hora nona, três da tarde. Portanto, do meio-dia às três da tarde, enquanto Jesus morria, a terra estava totalmente em trevas.

Muitos já propuseram uma causa natural para esse fato: um eclipse, por exemplo. No entanto, um eclipse solar não provoca trevas absolutas por mais do que uns poucos minutos. Além disso, um eclipse não acontece durante a lua cheia, e a Páscoa sempre era celebrada na lua cheia. Outros já sugeriram que as trevas podem ter sido causadas por uma tempestade de vento, do tipo que deixa no ar poeira suficiente para obscurecer o sol por dias às vezes. Contudo, a Páscoa acontecia na estação das chuvas, por isso, as trevas em questão não podem ter sido causadas por uma tempestade desse tipo.

As trevas de que falamos tinham um caráter sobrenatural.

Na Bíblia, a presença de trevas durante o dia é um reconhecido sinal de ira e julgamento divinos.[1] O exemplo máximo desse fenômeno são as trevas que caíram sobre o Egito, a penúltima praga da época da primeira Páscoa (Êx 10.21-23). Assim, quando trevas desse tipo caem sobre a terra, sabemos que Deus está agindo em julgamento. Mas a quem Deus estava julgando? Marcos continua seu relato:



Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona. *E à hora nona, Jesus exclamou em alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactani?, que traduzido é: Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste?* (Mc 15.33-34)



Quando Jesus começa a clamar, ele não diz “amigos meus, amigos meus!” ou “minha cabeça, minha cabeça!” ou ainda “minhas

mãos, minhas mãos!". Ele diz "Deus meu! Deus meu!". Na cruz, Cristo foi desamparado por Deus.

E ele diz: "Deus meu! Deus meu!" A linguagem revela intimidade. Chamar alguém assim, por exemplo, "meu amor", revela afeição. Biblicamente falando, "Deus meu" é uma forma de se dirigir a Deus usada na aliança. Foi a forma que Deus disse que alguém poderia chamá-lo, se essa pessoa tivesse com ele um relacionamento pessoal. "Eu vos tomarei por meu povo e serei vosso Deus" (Êx 6.7).

"Deus meu, tu me desamparaste". Se, após o culto da manhã de domingo, um dos membros da igreja vier até mim e disser "não quero mais vê-lo nem nunca mais falar com você", eu me sentiria péssimo. Mas se fosse minha esposa que me dissesse isso, seria muito pior. Quanto mais amamos alguém, maior é a dor da perda.

Mas esse desamparo, essa perda de que falamos ocorreu entre o Pai e o Filho que se amavam desde toda a eternidade. Estamos falando de um amor infinito, absolutamente perfeito, que Jesus estava perdendo. Ele estava sendo eliminado da divina dança.

Jesus, aquele que fizera o mundo, estava sendo desfeito. Por quê? Porque ele estava sofrendo na pele o dia do nosso julgamento. "Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste?" Não era uma pergunta retórica. E a resposta a essa pergunta é uma só: Deus o desamparou por você, por mim, por nós. Jesus foi desamparado por Deus para que nós nunca tivéssemos que ser. O julgamento que deveria ter recaído sobre nós recaiu sobre ele, Jesus.

TREVAS E DESINTEGRAÇÃO

Nos dias em que vivemos, a maioria de nós não sabe o que são trevas de verdade. Mesmo quando estamos no campo, à noite, sempre existem cidades em volta iluminadas por luz elétrica. Mas, quando se está mergulhado em *densas* trevas, a pessoa não consegue enxergar a própria mão à frente dos olhos. E ficar mergulhado nessa mais completa escuridão por muito tempo pode ter um forte efeito desorientador sobre a pessoa. Em 1914, um explorador inglês, Ernest Shackleton, e sua tripulação viajavam em um navio para a Antártica. O plano deles era desembarcar, atravessar a Antártica, cruzar o Polo Sul e seguir em frente. No entanto, tiveram que abandonar esse plano inicial, pois seu navio, o *Endurance*, ficou preso no gelo polar e ficou destruído. Ao longo dos meses seguintes, a equipe de Shackleton lutou apenas por sua sobrevivência e para voltar para casa. Um dos biógrafos de Shackleton conta que, de todas as dificuldades que eles enfrentaram — entre elas fome e baixíssimas temperaturas —, a pior coisa era a escuridão. Próximo ao Polo Sul, o sol se põe em meados de maio e só volta a aparecer no fim de julho. Por mais de dois meses, não há luz do dia — não há luz solar.

Os biógrafos dos exploradores polares dizem que, no mundo inteiro, não há desolação mais completa do que a noite polar. Somente quem já passou por essa experiência pode dimensionar o que significa ficar sem a luz do sol dia após dia e semana após semana. Poucos dos que não estão acostumados a esse fenômeno podem combater inteiramente seus efeitos, os quais podem levar alguns homens à loucura. Nessa mais completa escuridão, a pessoa não consegue enxergar um palmo diante do nariz, então, não sabe para onde está indo. Fica sem direção. Não consegue enxergar nem

a si mesma; nem imagina como está sua aparência. Pode muito bem perder sua identidade. Não pode nem ao menos saber se tem alguém ao seu lado, amigo ou inimigo. A pessoa fica completamente isolada. A escuridão que acabamos de descrever deixa a pessoa desorientada, mas, segundo a Bíblia, as trevas espirituais têm o mesmo efeito. As trevas espirituais acontecem quando nos afastamos de Deus, nossa verdadeira luz, e fazemos de outra coisa o centro de nossa vida.

A Bíblia às vezes compara Deus ao sol.[2] O sol é fonte de verdade em termos de visão, pois por meio dele vemos todas as coisas. Ele também é fonte de vida, pois sem ele nada sobrevive. E Deus, segundo a Bíblia, é *a* fonte de *toda* verdade e de *toda* vida. Se gravitarmos em torno de Deus, nossa vida terá verdade e vitalidade. Estamos na luz. Mas se nos afastarmos de Deus e gravitarmos em torno de outra coisa — carreira, relacionamento, família — e fizermos disso a nossa fonte de calor e de esperança, o resultado serão trevas espirituais. Quem se afasta da verdade e da vida se volta para as trevas.

A pessoa que vive em trevas espirituais, embora possa sentir que sua vida caminha na direção certa, na verdade está profundamente desorientada.

Se qualquer outra coisa que não seja Deus for mais importante em sua vida, você tem um problema quanto à direção. Fica impossível discernir para onde está indo, quem dirá para onde *deveria* ir. Dinheiro, carreira, um amor — por certo período pode ser que sinta que tem algo pelo que viver. Mas, quando de fato consegue aquilo que vinha buscando, de repente percebe que

aquilo não era grande o bastante para sua alma. Não tem luz própria.

Além disso, se você se concentra em qualquer outra coisa que não seja Deus, sofre uma perda de identidade. Ela será frágil e insegura, pois será baseada naquilo em que você concentra sua vida. Terá por base a aprovação humana ou o quão bem se sai em seu desempenho pessoal. Você não sabe de fato quem é. No escuro, não consegue se ver.

Há ainda a questão do isolamento que você enfrenta quando vive em trevas espirituais. Está envolvido nas coisas pelas quais vive e, por isso, está sempre com medo ou irado ou arrogante ou guiado por uma compulsão ou cheio de autopiedade. Em consequência disso, você se isola das pessoas.

Deixe-me dar uma ilustração pessoal a esse respeito. Desejo ser um bom ministro e um bom pregador. Contudo, se alcançar esses objetivos se torna minha verdadeira fonte de esperança, o sentido da minha vida, minha segurança, algo mais importante para mim do que o amor de Deus por mim em Jesus Cristo, estou sofrendo uma perda de identidade. Um pastor está sempre sujeito a críticas e, como escrevi no capítulo 11, isso pode ser desencorajador quando inevitavelmente acontece. Assim, se minha pregação e meu ministério forem o centro da minha vida e eu for criticado, ficarei tomado pela insegurança. Ou ficarei devastado, quando meu desempenho não corresponder às minhas expectativas. Uma culpa desmesurada se revolverá dentro de mim. No final desse processo, começarei a me desintegrar. Da mesma forma, se duas pessoas se amarem mais do que amam a Deus, os pequenos desentendimentos assumem grandes proporções, e

grandes desentendimentos passam a ser verdadeiras catástrofes, pois uma não pode suportar a desaprovação ou a falha da outra. Pouco a pouco vão se afastando uma da outra e, com o tempo, o relacionamento começa a se desintegrar.

As trevas espirituais — voltar as costas para Deus, a verdadeira luz, e fazer de qualquer outra coisa algo mais importante do que ele — levam inevitavelmente da desorientação à desintegração. E, exceto pela intervenção divina, estamos todos mergulhados em trevas espirituais. Vivemos todos girando em torno de algo que não é Deus. E somos incapazes de mudar o curso de nossa vida, pois de forma inevitável buscamos acima de tudo glorificar a nós mesmos e não a Deus. Portanto, estamos em uma trajetória de vida fadada a desintegrar-se.

Essa trajetória, porém, não terminará no fim de nossa vida. Quando voltar, Deus julgará toda ação, pensamento, desejo — tudo que nosso coração um dia sentiu. E, se houver nele alguma coisa imperfeita, não poderemos permanecer na presença de Deus. E estar fora da presença de Deus, que é toda luz e verdade, significa a mais completa escuridão e a eterna desintegração do ser. Os profetas da Bíblia descrevem esse dia do julgamento final:



E já vem o dia do SENHOR, dia horrível, com furor e ira ardente, para destruir a terra e dela exterminar os seus pecadores. As estrelas do céu e as suas constelações não deixarão brilhar a sua luz. O sol escurecerá ao nascer, e a lua não fará resplandecer a sua luz. …acabarei com a arrogância dos orgulhosos e abaterei a soberba dos cruéis.

[…]

Portanto, farei estremecer o céu, e a terra se moverá do seu lugar, por causa do furor do SENHOR dos Exércitos e por causa do dia da sua ira ardente (Is 13.9-13).



O SENHOR jurou pela glória de Jacó: Certamente nunca me esquecerei de nenhuma das suas obras. Não estremecerá a terra por causa disso? Não chorará todo aquele que nela habita? Certamente toda esta terra se levantará como o Nilo, será agitada e diminuirá como o Nilo do Egito. Naquele dia, diz o SENHOR Deus, farei com que o sol se ponha ao meio-dia e cobrirei a terra com trevas em pleno dia. Transformarei as vossas festas em luto, e todos os vossos cânticos, em lamentos (Am 8.7-10).



Essa era a trajetória que seguíamos, e a morte de Jesus foi a única forma de alterá-la. Por isso, Jesus teve que ir para a cruz. Ele caiu nas trevas profundas e completas para as quais nós caminhávamos. Ele morreu a nossa morte, para que pudéssemos ser salvos desse julgamento e, em vez disso, vivêssemos na luz e na presença de Deus. E como sabermos se isso funcionou de fato? Voltemos a Marcos:



Ao ouvirem isso, alguns que ali estavam disseram: Ele está chamando por Elias. Então um deles correu, ensopou uma esponja em vinagre e, pondo-a numa haste, deu-lhe de beber, dizendo: Deixai, vejamos se Elias virá tirá-lo. Mas Jesus, dando um alto brado, expirou. Então o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo. E vendo-o

expirar assim, o centurião, que estava diante dele, disse: É verdade, este homem era o Filho de Deus! (Mc 15.35-39)



Lembre-se de que o véu do santuário não era fininho; pelo contrário, era espesso e pesado, quase tão consistente quanto uma parede. Ele fazia a separação entre o lugar santo e o lugar santíssimo, onde habitava a glória *shekinah* de Deus — separava o povo da presença de Deus. E lembre-se também de que somente o homem mais santo, o sumo sacerdote, proveniente da nação mais santa, a nação dos judeus, podia entrar no lugar santíssimo — e somente no dia mais sagrado do ano, o Yom Kippur, e para isso tinha que trazer um sacrifício de sangue para expiação dos pecados. O véu deixava claro, em alto e bom som, que era impossível para qualquer pecador — para qualquer um que vivesse em trevas espirituais — entrar na presença de Deus.

No momento em que Cristo morreu, esse espesso véu se rasgou em dois. O véu rasgou-se de alto a baixo, justamente para deixar claro quem fizera aquilo. Foi o modo de Deus dizer: “Esse sacrifício acaba com todos os demais, e o acesso a Deus agora está livre”. Agora, depois da morte de Cristo, todo aquele que nele crer pode ver a Deus, relacionar-se com ele. A barreira que nos separava de Deus caiu por terra. Nossa trajetória foi reorientada para Deus, de forma permanente. E isso somente é possível porque Jesus pagou o preço por nosso pecado. Todo aquele que crê agora pode entrar.

Para certificar-se de que entendemos esse ponto, Marcos imediatamente nos mostra a primeira pessoa que teve acesso a Deus: o centurião. Sua confissão — “É verdade, este homem era o

Filho de Deus!”— é significativa. Por quê? Porque a primeira linha do primeiro capítulo de Marcos faz referência a “Jesus Cristo, o Filho de Deus”. Até esse ponto no Evangelho de Marcos nenhum ser humano tinha percebido isso. Os discípulos haviam-no chamado o Cristo, embora na cultura predominante o Cristo não fosse considerado divino. Todo tempo, os ensinamentos de Jesus e seus atos de poder — e até mesmo seu testemunho diante dos principais sacerdotes — apontavam para o fato de que ele era divino. E as pessoas perguntavam: “Quem é esse?” Contudo, a primeira pessoa a perceber quem ele era foi o centurião que ficara responsável pela crucificação.

Essa constatação parecia ainda mais improvável pelo fato de que o centurião era romano. Toda moeda romana da época trazia a inscrição “Tibério César, filho do divino Augustus”. O próprio César era a única pessoa que um romano leal ao imperador chamaria de “Filho de Deus” — e o centurião, no entanto, deu esse título a Jesus. E ele era um homem de fibra. Um centurião não era um aristocrata que recebia uma patente militar; era alguém que se alistava no exército e fazia carreira. Portanto, tratava-se de um homem que vira a morte e também matara pessoas a um ponto que eu e você sequer podemos imaginar.

Ali estava um homem experimentado, acostumado com a brutalidade. Contudo, algo havia penetrado as trevas espirituais em que ele se encontrava. E assim ele se tornou a primeira pessoa a confessar a divindade de Jesus.

Há um contraste gritante entre o centurião e todas as demais pessoas que estavam em torno da cruz. Os discípulos — a quem Jesus ensinara por várias vezes, e detalhadamente, que esse dia

chegaria — estavam totalmente confusos e paralisados. Os líderes religiosos haviam contemplado a mais profunda sabedoria de Deus e rejeitaram-na.

Mas o que penetrou, então, as trevas em que o centurião se encontrava? Como ele subitamente passou para a luz? Por cerca de trinta anos, tenho refletido sobre essa questão, tentando entender por que o centurião foi o primeiro a entender quem era Jesus. E eis aqui o que creio ter lançado luz nas trevas em que o centurião estava mergulhado: ele ouviu o brado de Jesus e viu como ele morreu.

Eu somente presenciei uma vez em minha vida uma pessoa dar seu último suspiro. Jamais me esquecerei dessa experiência. É bem provável que você também tenha presenciado no máximo a morte de umas duas pessoas, se tanto. Mas aquele centurião já vira muitos morrerem — e muitos inclusive pelas próprias mãos dele. Contudo, até mesmo para um homem como ele, a morte de Jesus foi única. Ele viu algo na morte de Jesus que foi diferente de qualquer outra morte. A ternura de Jesus, a despeito de todo aquele terror, deve ter atravessado o duro coração do centurião. A beleza de Jesus em sua morte deve ter inundado de luz a escuridão daquele homem.

HÁ BELEZA NA ESCURIDÃO

O cristianismo é a única religião que diz que o próprio Deus de fato sofreu e de fato clamou em sofrimento. Ora, que proveito há nisso? Para os seguidores de Jesus, que estavam ao pé da cruz, isso deve ter parecido algo totalmente sem sentido: eles não viam

absolutamente nenhum proveito no que estava acontecendo. Porém, de fato, vieram a perceber que houve no sofrimento de Jesus um imenso proveito para eles, assim como para nós. Por quê? Porque mais tarde vieram a perceber que haviam presenciado o maior ato de amor, poder e justiça de Deus na história. Deus veio ao mundo, sofreu e morreu na cruz para nos salvar. Essa é a prova suprema de seu amor por nós.

Quando *nós* sofremos, muitas vezes ficamos no escuro quanto à razão de nosso sofrimento. Nosso sofrimento pode nos parecer tão sem sentido quanto o sofrimento de Jesus para os discípulos. A cruz, porém, nos diz quais *não* foram as razões do sofrimento de Jesus. A razão *não* pode ter sido o fato de que Deus não nos ama ou não tem um plano para nós. Também não pode ter sido o fato de que ele nos desamparou. Jesus foi desamparado e pagou por nossos pecados, a fim de que Deus Pai nunca nos abandonasse. A cruz prova que Deus nos ama e entende o que significa sofrer. Também demonstra que Deus pode estar trabalhando em nossa vida, mesmo quando parece não haver sentido ou razão para o que está acontecendo.

Até mesmo Albert Camus, o famoso existencialista, percebeu que quem olha para a cruz não pode mais enfrentar o sofrimento do mesmo modo. Ele disse o seguinte:

> O Deus-homem também sofre, e sofre com resignação […] ele também é massacrado e morre. A noite no Gólgota somente tem tamanho significado para o ser humano porque, em sua escuridão, Deus visivelmente renuncia a todos os privilégios que são seus por direito e enfrenta até o fim a angústia da morte, inclusive as profundezas do desespero.[3]

Jesus não somente morreu a morte que deveríamos ter morrido — ele também viveu a vida que deveríamos viver, mas não podemos. Ele foi a perfeita obediência em nosso lugar. Não importa o que sejamos: um centurião, uma prostituta, um torturador, um pastor. O véu se rasgou de alto a baixo. A barreira que nos separava se foi. Agora temos perdão e graça.

Ao mencionar que o centurião "ouviu o brado [de Jesus]",[4] Marcos faz a história entrar direto em nossos ouvidos. Se ouvirmos com atenção Jesus clamar — "Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste?" — seremos capazes de contemplar a mesma beleza, a mesma ternura. Se virmos Jesus abrindo mão do infinito amor do Pai pelo infinito amor que tem por nós, isso derreterá a dureza do nosso coração. Não importa quem nós sejamos, isso abrirá nossos olhos e destruirá a escuridão que nos cerca. E por fim seremos capazes de voltar as costas para coisas que dominam nossa vida, que nos viciam e nos afastam de Deus. A escuridão de Jesus pode dissipar e destruir a nossa, de modo que, em lugar de dureza, escuridão e morte, tenhamos ternura, luz e vida.

A única vez em que encarei a morte foi quando tive câncer de tireoide. Desde o início, os médicos me garantiram que era curável. Ainda assim, quando estava indo para a sala de anestesia para ser operado, eu me perguntava o que viria pela frente. Pode ser que você se pergunte qual passagem de Bíblia eu tinha em mente. Mas vou confessar a verdade: Naquele momento, eu pensei em uma passagem da trilogia *O Senhor dos anéis*. Trata-se de uma passagem que fica quase no fim do terceiro volume, um momento em que o mal e a escuridão parecem dominar tudo. Eis o que

Tolkien nos conta sobre os pensamentos de Sam, um dos heróis da história:

> Sam viu uma estrela branca brilhar por um instante. A beleza daquela cena o comoveu, enquanto ele olhava para o alto, para longe daquela terra desamparada, e voltava a sentir esperança. Como uma flecha, fria e certeira, ele foi atravessado pelo pensamento de que, no fim, a Sombra era apenas algo pequeno e passageiro: muito além do seu alcance havia luz e sublime beleza. A música dele, na Torre, tinha sido mais de desafio do que de esperança, pois, naquele momento, ele pensava mais em si mesmo. Agora, por um instante, seu próprio destino […] deixara de preocupá-lo […] Afastando todo medo, lançou-se em um sono profundo e despreocupado.[5]

Naquele momento, lembro-me de ter pensado: É realmente verdade. Por causa da morte de Cristo, o mal é uma coisa passageira — uma sombra. Muito além do seu alcance há luz e sublime beleza para sempre, pois o mal foi tragado para dentro do coração de Jesus. A única escuridão que poderia nos destruir para sempre foi tragada para dentro do coração dele. Não importava o que iria acontecer em minha cirurgia: tudo daria certo. E tudo *vai* dar certo.

[1]Veja, por exemplo, Isaías 13.9,10; Jeremias 15.6-9.

[2]Veja, por exemplo, Salmo 84.11.

[3]Citação de Albert Camus encontrada na obra de Jurgen MOLTMANN, *The Crucified God*. Minneapolis: Fortress, 1993, p. 226 [Publicado em português por Academia Cristã sob o título *O Deus crucificado*].

[4]Marcos 15.39, NVI.

[5]J. R. R. TOLKIEN, *The Return of the King*. Nova York: HarperCollins, 2004, p. 1148-1149 [Publicado em português por Martins Editora, sob o título *O Senhor dos anéis: o retorno do rei*].

capítulo dezoito

O COMEÇO

NAS DÉCADAS ANTERIORES e posteriores à vida e à morte de Jesus, havia dezenas de movimentos messiânicos em Israel. Em quase todos os casos, o líder messiânico acabou morto, tendo, em vários deles, sido condenado à pena de morte. Após a morte do líder, o movimento sempre acabava. As pessoas iam para casa, e esse era o fim da história. De todas essas dezenas de movimentos, somente um não acabou após a morte de seu líder. Ele não apenas não acabou, como explodiu em crescimento: em um período de cerca de 300 anos, difundiu-se por todo Império Romano.

Dentre todos esses movimentos messiânicos, o que fez da fé cristã algo diferente? Os cristãos diriam que a diferença está naquilo que aconteceu *após* a morte do líder desse movimento. Portanto, o que aconteceu para causar tamanha explosão de crescimento no cristianismo, após a morte de seu fundador? Voltemos ao Evangelho de Marcos:

Mas Jesus, dando um alto brado, expirou. Então o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo. E vendo-o expirar assim, o centurião, que estava diante dele, disse: É verdade, este homem era o Filho de Deus! E algumas mulheres também estavam ali, olhando de longe, entre as quais Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago, o mais novo, e de José; e Salomé. Elas seguiam Jesus e o serviam quando ele estava na Galileia. Estavam ali também muitas outras que tinham subido com ele para Jerusalém. Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, enchendo-se de coragem, foi a Pilatos e pediu o corpo de Jesus (Mc 15.37-43).



Jesus morreu no meio da tarde, e o sábado começava com o pôr do sol. Pela lei judaica, não era permitido trabalhar no sábado, o que significava que não poderiam enterrar o corpo de Jesus naquela noite nem no dia seguinte. Assim, José de Arimateia procura Pôncio Pilatos, na esperança de conseguir enterrar o corpo a tempo. Embora fosse um fariseu, ele demonstrou uma imensa coragem e independência de pensamento ao pedir o corpo de Jesus a Pilatos. Marcos registrou o episódio:



Pilatos admirou-se de que ele já estivesse morto e, chamando o centurião, perguntou-lhe se, de fato, ele havia morrido. E, depois de informado pelo centurião, cedeu o corpo a José; este, comprando um pano de linho, tirou o corpo da cruz, envolveu-o no pano e colocou-o num

sepulcro aberto na rocha. E rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro. *E Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram onde ele havia sido posto* (Mc 15.44-47).



A forma como Marcos registra o sepultamento é significativa: ele está "certificando" que Jesus estava realmente morto. José de Arimateia é citado aqui como uma testemunha ocular, alguém que, de fato, embrulhou o corpo de Jesus em um pano de linho e o colocou num sepulcro posteriormente lacrado. Um centurião romano (que também poderia ser considerado alguém experiente no assunto) deu testemunho da morte de Jesus a Pilatos (alguém considerado autoridade legal no assunto). Por fim, mais duas mulheres são citadas como testemunhas oculares do sepultamento. E assim, vários especialistas e testemunhas provam que Jesus estava realmente morto. Marcos, porém, tem mais coisas a dizer:



Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram essências aromáticas para ungir o corpo de Jesus. *No primeiro dia da semana, bem cedo, ao nascer do sol, elas foram ao sepulcro*. *E diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do sepulcro?* (Mc 16.1-3)



Há uma estranha redundância no relato de Marcos: por três vezes em um espaço de apenas oito linhas, Marcos cita os nomes de mulheres que testemunharam os fatos: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e José, e Salomé. O estudioso Richard Bauckham

afirma que essa é outra forma que Marcos usa para nos fazer saber que ele está registrando um fato histórico, e não escrevendo uma lenda. Os nomes das mulheres aqui repetidos são fontes de citação — poderia chamá-los de notas de rodapé. Elas deveriam estar vivas na época em que Marcos escreveu; do contrário, ele não teria citado seus nomes repetidamente. Ao incluir seus nomes, Marcos estava dizendo a quem lesse seu relato: “Se quiser checar a veracidade da minha história, vá conversar com essas três mulheres. Elas ainda estão vivas e podem confirmar tudo que eu disse”.[1] Mas, afinal, o que essas mulheres testemunharam? Elas estavam trazendo essências aromáticas e se dirigiam ao sepulcro para finalizar os ritos do sepultamento do corpo de Jesus. Marcos nos conta o que elas viram:



> *E diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do sepulcro? Mas, levantando os olhos, notaram que a pedra, que era muito grande, já havia sido removida*. *Ao entrarem no sepulcro, viram um moço sentado à direita, vestido com um manto branco, e ficaram com medo. Ele, porém, lhes disse: Não tenhais medo; procurais Jesus, o Nazareno, que foi crucificado. Ele ressuscitou! Não está aqui. Este é o lugar onde o puseram*. *Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia. Ali o vereis, como ele vos disse* (Mc 16.3-7).



“Ele ressuscitou! Não está aqui.” Pode imaginar como essas mulheres se sentiram e o que pensaram ao ouvir essas palavras?

Elas tinham vindo ao sepulcro esperando encontrar um cadáver. Em vez disso, ouvem as palavras: “Ele ressuscitou! Não está aqui.”

No entanto, elas não deveriam estar inteiramente surpresas. Lembre-se de que Jesus, por diversas vezes no Evangelho de Marcos, havia dito a seus discípulos que ressuscitaria no terceiro dia. Ele disse isso em Marcos 8, novamente em Marcos 9 e mais uma vez em Marcos 10. Como deve ter notado, o estilo de Marcos é caracterizado pela concisão, ou seja, ele tem um estilo econômico, de poucas palavras; seus relatos são curtos e vão direto ao ponto. Portanto, se Marcos cita Jesus dizendo algo por três vezes, isso provavelmente significa que Jesus estava dizendo aquilo repetidamente. *Vou morrer, mas ressuscitarei no terceiro dia. Ressuscitarei no terceiro dia. Ressuscitarei no terceiro dia. Ressuscitarei no terceiro dia*.

Dada essa repetição, algo curioso devia estar acontecendo. No terceiro dia após a morte de Jesus, não há nenhum discípulo por perto; essas três mulheres, seguidoras de Jesus, aparecem em cena, mas estão trazendo consigo finas essências aromáticas com as quais um *cadáver* era costumeiramente ungido. Ninguém estava esperando uma ressurreição.

Vamos imaginar que Marcos estivesse escrevendo uma obra de ficção, mas bem convincente, e nesse Evangelho Jesus dizia repetidamente aos discípulos que ressuscitaria no terceiro dia. Nesse caso, Marcos não teria retratado ao menos um dos discípulos pensando nisso, após a morte de Jesus, e dizendo aos demais: “Ei, hoje é o terceiro dia. Talvez devêssemos dar uma olhada no sepulcro. Que mal fará?” Essa atitude seria inteiramente plausível. Contudo, ninguém diz nada parecido. Na verdade, eles não estavam

nem pensando em ressurreição. Nem lhes passou pela cabeça. O anjo em frente ao sepulcro teve de relembrar as mulheres: “Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia. Ali o vereis, *como ele vos disse*.” Se Marcos tivesse inventado toda essa história, não a teria escrito dessa forma.

E eis o motivo: a ressurreição era tão inconcebível para os primeiros discípulos, algo tão impossível de crer, quanto é para muitos de nós hoje em dia. Reconheço que eles tinham razões diferentes de nós para isso. Os gregos não acreditavam na ressurreição; para a cosmovisão grega, a vida após a morte consistia na libertação da alma desse corpo. Para eles, a ressurreição jamais seria parte da vida após a morte. Quanto aos judeus, alguns deles acreditavam em uma ressurreição geral no futuro, quando o mundo todo seria renovado, mas não tinham um conceito de ressurreição individual. As pessoas da época de Jesus não estavam mais predispostas do que nós a crer na ressurreição.

Celso, filósofo grego do segundo século e ferrenho opositor do cristianismo, escreveu uma série de obras que enumeravam argumentos contrários à fé cristã. Um dos argumentos que ele acreditava ser mais expressivo é este: o cristianismo não pode ser verdade, pois os relatos escritos da ressurreição são baseados em testemunhos de mulheres — e todos sabem que as mulheres são histéricas. E muitos de seus leitores concordavam: para eles, isso era um grande problema. Como sabemos, nas sociedades antigas as mulheres eram marginalizadas, e seu testemunho nunca tinha muito crédito.

Percebe o que isso significa? Se Marcos e os cristãos estivessem inventando essas histórias para fazer com que seu

movimento crescesse, jamais teriam colocado mulheres como as primeiras testemunhas oculares do sepulcro vazio. A única razão possível para a presença de mulheres nesses relatos é o fato de que elas estavam de fato presentes e relataram o que viram. A pedra fora removida, o sepulcro estava vazio, e um anjo lhes disse que Jesus havia ressuscitado.

Ele, então, as instrui: “ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia. Ali o vereis.” Pense no que ele poderia ter dito: “Ide, dizei àqueles discípulos sem fé e covardes, que viraram as costas para Jesus, que ele pode dignar-se a vê-los se eles implorarem — e é bom que implorem bastante”. Uma mensagem como essa seria perfeitamente justificada. Todos nós vimos o que os discípulos fizeram a Jesus. Contudo, a mensagem de Jesus aos discípulos, por intermédio do anjo, foi: “Irei vê-los. Vou à frente de vocês. Ficarei esperando. Quero todos de volta”. Para saber detalhes desse encontro, vamos ao Evangelho de Lucas:



Enquanto [os discípulos] ainda falavam nisso, o próprio Jesus apareceu no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco. Mas eles, assustados e com medo, pensaram que estavam vendo algum espírito. Ele, porém, lhes disse: Por que estais angustiados? E por que surgem dúvidas em vosso coração? Olhai as minhas mãos e os meus pés, pois sou eu mesmo. Apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que eu tenho. E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

[…]

Depois lhes disse: São estas as palavras que vos falei,

estando ainda convosco: […] Está escrito que o Cristo sofreria, e ao terceiro dia ressuscitaria dentre os mortos…
(Lc 24.36-46).



Como era o Jesus ressurreto? Ora, seu corpo ressurreto tinha "carne" e "ossos". Ele não era um espírito, um fantasma. Os discípulos puderam reconhecê-lo e tocá-lo. Jesus falou com eles. Entretanto, seria possível que todos eles estivessem tendo uma alucinação coletiva?

Não, pois os discípulos não foram os únicos a ver e tocar em Jesus. Paulo faz uma longa lista de pessoas que alegavam ter visto o Cristo ressurreto em pessoa, e observa que "a maior parte deles ainda vive" (1Co 15.6). Como Paulo poderia ter escrito que o Jesus ressurreto "apareceu a Cefas", se Pedro estivesse dizendo "não, eu não o vi"?

Paulo cita cinco aparições de Cristo após a ressurreição, inclusive a quinhentas pessoas "de uma só vez". Sete aparições são relatadas nos quatro evangelhos. E Atos 1.3-4 nos conta que, por quarenta dias, Jesus apareceu constantemente para vários grupos de pessoas. O tamanho desses grupos e o número de aparições tornam praticamente impossível a conclusão de que todas essas pessoas sofreram alucinações. Ou elas devem de fato ter visto Jesus, ou centenas de pessoas devem ter feito parte de uma intrincada conspiração que durou por décadas. Paulo sugere a seus leitores que podem ir conversar com qualquer um dos quinhentos irmãos, se desejarem. Se isso era um embuste, teria que ter durado por anos, e cada um dessas centenas de conspiradores teria que ter levado consigo esse segredo para o túmulo.

Além do mais, tinha que haver uma explicação para o fato de como um grupo de discípulos covardes havia se transformado em um grupo de líderes. Muitos deles seguiram seu caminho, vivendo vidas sacrificiais, e muitos foram mortos por ensinar que Jesus havia ressuscitado.

Três linhas fundamentais de evidência se entrelaçam para nos convencer de que Jesus ressuscitou dos mortos: o fato do sepulcro vazio; o testemunho de numerosas testemunhas oculares, e o impacto de longo prazo na vida dos seguidores de Jesus.

Jesus ressuscitara exatamente como ele mesmo havia dito. Depois que um criminoso cumpre toda a sua pena na cadeia, a lei nada mais tem a reclamar dele e ele, então, está livre. Jesus Cristo veio ao mundo para pagar a pena por nossos pecados. Havia uma sentença infinita, mas ele deve tê-la cumprido por completo, pois, no domingo de Páscoa, ele foi libertado. A ressurreição foi o modo de Deus bater na história um carimbo escrito “pena cumprida”, para que todos soubessem.

ELE O FEZ

Quando Jesus clamou da cruz “Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste?”, ele estava ecoando o Salmo 22, que predizia as circunstâncias da cruz e o que ela alcançaria. Esse mesmo salmo predisse que Jesus seria alvo de zombaria e que lançariam sortes por suas roupas. Mais perto do fim, o Salmo 22 passa do sofrimento à libertação:



Livra-me da espada, e a minha vida, do poder dos cães. Salva-me da boca do leão, sim, livra-me dos chifres do boi selvagem. […] Porque não desprezou nem rejeitou a aflição do aflito, nem dele escondeu o rosto; pelo contrário, ouviu-o quando clamou. […] Todos os confins da terra se lembrarão e se converterão ao SENHOR, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele. Porque o reino é do SENHOR, é ele quem governa as nações. Todos os poderosos da terra comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, os que não podem preservar a vida. […] Chegarão e anunciarão a sua justiça; contarão o que ele fez a um povo que ainda surgirá (Sl 22.20,21,24,27-29,31).



Se Jesus de fato fez isso — se ele de fato ressuscitou — significa que a história do mundo segundo Marcos é inteiramente verdadeira. Jesus de fato é o Filho de Deus, o verdadeiro e perfeito Rei; ele veio ao mundo para morrer por nós na cruz; e ao crermos naquilo que ele fez na cruz, somos poupados do julgamento eterno

e introduzidos na presença de Deus por toda eternidade. No Evangelho de João, Jesus coloca a questão desta maneira:



Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, mesmo que morra, viverá;e todo aquele que vive, e crê em mim, jamais morrerá (Jo 11.25,26).



A morte dele significa que não há morte para nós. A ressurreição dele significa a nossa ressurreição.

> Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, também devemos crer que Deus, por meio de Jesus, vai trazer juntamente com ele os que já faleceram (1Ts 4.14).

Mas se Jesus não ressuscitou, significa que a história do mundo contada por Marcos não passa de ficção. Paulo deixa isso incisivamente claro:



Mas se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é inútil e também a vossa fé. Assim, somos também considerados falsas testemunhas de Deus, afirmando que ele ressuscitou a Cristo, a quem não ressuscitou, se de fato os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é inútil e ainda estais nos vossos pecados. Logo, os que morreram em Cristo também estão perdidos. Se a nossa esperança em Cristo é apenas para esta vida, somos os mais dignos de compaixão entre todos os homens (1Co 15.13-19).

A verdade da ressurreição é algo de suprema e eterna importância. Ela é o ponto central sobre o qual a história do mundo se articula.

UMA LEMBRANÇA DO FUTURO

Você crê que a ressurreição é verdade. Então, crê que Jesus morreu para salvá-lo — para redirecionar sua trajetória de forma irrevogável em direção a Deus. Crê que Deus o aceitou, por amor a Jesus, por meio de um ato da mais suprema graça. Então, você faz parte do reino de Deus. E agora? Será que a ressurreição tem algum significado para você *hoje*? Que pergunta, é claro que tem!

Isaías, Amós e muitos dos profetas escreveram acerca daquilo que Deus quer trazer no futuro — o reino de Deus, um novo céu e uma nova terra, uma criação física restaurada: "O lobo habitará com o cordeiro; […] A criança de peito brincará sobre a toca da cobra, e a desmamada porá a mão na cova da víbora" (Is 11.6,8). A mais absoluta inteireza e o perfeito bem-estar: física, espiritual, social e economicamente. Quando João Batista, do cárcere, envia seus discípulos para perguntar a Jesus, em Mateus 11.3: "Tu és aquele que deveria vir, ou devemos esperar outro?" Jesus lhes responde: "os cegos veem, e os paralíticos andam; os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho" (Mt 11.5). Isso é o reino de Deus — *shalom* — a restauração completa de todos os relacionamentos na criação. Seremos reconciliados com Deus, com a natureza, uns com os outros e conosco.

E, até o ponto em que o futuro for real para você, ele mudará tudo acerca de como vive no presente. Por exemplo, por que é tão difícil enfrentar o sofrimento? Por que é tão difícil enfrentar uma deficiência ou enfermidade? Por que é tão difícil fazer o que é correto, quando sabemos que aquilo nos custará dinheiro, reputação ou até mesmo a vida? Por que é tão difícil enfrentar sua própria morte ou a morte de um ente querido? É difícil porque pensamos que esse mundo caído é o único que teremos. É fácil sentir como se o dinheiro fosse a única riqueza que teremos, como se este corpo fosse o único que teremos. Contudo, se Cristo ressuscitou, então nosso futuro é muito mais brilhante, e muito mais certo do que isso.

Toda Páscoa eu me lembro de Joni Eareckson Tada. Ela sofreu um acidente aos 17 anos e desde então ficou tetraplégica, paralisada do pescoço para baixo. Enquanto ainda estava tentando se acostumar com o que acontecera nesse horrível acidente, frequentava a igreja em uma cadeira de rodas.

Ela veio a descobrir que o problema de estar em uma cadeira de rodas era que, a certa altura da liturgia, todo domingo, o pastor pedia a todos que se ajoelhassem — e aquilo a tornava mais uma vez consciente de que estava presa a uma cadeira de rodas. Certa vez, isso aconteceu em um congresso: o preletor pediu a todos que se ajoelhassem para orar. E todos se ajoelharem, menos Joni. “Como todas as pessoas estavam ajoelhadas, eu certamente me sobressaía. E não pude conter as lágrimas”. Mas ela não chorava por pena de si mesma. Chorava porque a visão de centenas de pessoas ajoelhadas diante de Deus era belíssima — “um retrato do céu”. E, então, diante de outro pensamento que lhe ocorreu ela continuou a chorar:

> E ali, sentada naquela cadeira de rodas, de repente me ocorreu que no céu serei livre para pular, dançar, sapatear, fazer aeróbica. E… um dia, antes que os convidados sejam chamados à mesa do banquete das bodas do Cordeiro, a primeira coisa que planejo fazer quando estiver com minhas pernas ressurretas é cair de joelhos, cheia de gratidão, glorificando a Deus. Eu vou me ajoelhar em silêncio aos pés de Jesus.[2]

E ela acrescenta: “E eu, com meus dedos retorcidos e murchos, meus músculos atrofiados, meus joelhos deformados, sem sentir nada dos ombros para baixo, terei um novo corpo, leve, glorioso, revestido em retidão — poderoso e deslumbrante. Consegue imaginar a esperança que a ressurreição dá a alguém como eu, vítima de uma lesão medular?”[3] Somente no evangelho de Jesus Cristo as pessoas conseguem encontrar tão imensa esperança de viver. Somente a ressurreição nos promete não apenas mente e coração novos, mas também um novo corpo. Ele será mais duradouro, mais perfeito, mais belo. Será capaz de ser, fazer e suportar o fardo que um corpo deveria suportar, de um modo que nosso corpo atual não consegue.

Se você não consegue dançar e anseia por isso, na ressurreição poderá dançar com perfeição. Se sofre de solidão, na ressurreição encontrará o amor verdadeiro. Se você se sente vazio, na ressurreição se sentirá plenamente satisfeito. A vida cotidiana: isso é o que será redimido. Não há nada melhor do que a vida cotidiana, exceto pelo fato de que está sempre nos escapando pelos vãos dos dedos, sempre se desintegrando. A vida cotidiana é comida, trabalho, cadeiras ao redor da lareira, abraços, dança,

montanhas — este nosso mundo. Deus ama tanto tudo isso que entregou seu único Filho, a fim de que nós — e todo o restante desse mundo comum, cotidiano — pudéssemos ser redimidos e nos tornássemos perfeitos. E é isso que nos aguarda.

E quando sabemos que este não é o único mundo, o único corpo e a única vida que teremos — que um dia teremos uma *vida perfeita*, real e concreta — quem se importa com o que nos façam? Estamos livres das maiores ansiedades desta vida, de modo que temos coragem e assumimos riscos. Podemos enfrentar as piores coisas, até mesmo viver presos a uma cadeira de rodas, mas sentir alegria e esperança. A ressurreição significa que podemos olhar adiante, com esperança, para o dia em que nosso sofrimento terá um fim. Mas isso significa inclusive que podemos olhar adiante, com esperança, para o dia em que nosso sofrimento será glorificado. Quando Jesus mostrou aos discípulos seus pés e mãos, estava mostrando suas cicatrizes. A última vez em que eles o tinham visto, pensaram que aquelas marcas arruinariam a vida deles. Eles pensaram que estavam envolvidos em uma campanha presidencial. Pensaram que o candidato deles ganharia, e eles seriam nomeados para compor seu gabinete. Quando viram os pregos entrando nas mãos e pés de Jesus, quando viram a lança atravessando-o, pensaram que aquelas feridas tivessem destruído a vida deles. E agora, Jesus estava mostrando a eles que ainda trazia as marcas dessas feridas em seu corpo ressurreto.

Por que isso é importante? Porque agora que tinham entendido aquelas marcas, a visão e a lembrança delas aumentariam a glória e a alegria do resto de suas vidas. Vê-lo com aquelas marcas fazia com que se lembrassem do que Jesus fizera por eles — e que as

cicatrizes que eles pensaram ter arruinado suas vidas, na verdade, tinham-nas salvado. A lembrança daquelas cicatrizes ajudaria muitos deles a enfrentar suas próprias crucificações.

No dia do Senhor — o dia em que Deus consertará todas as coisas, o dia em que toda tristeza deixará de ser verdade — naquele dia, o mesmo acontecerá com nossas próprias feridas e tristezas. E perceberemos que as piores coisas que já nos aconteceram irão, no final, apenas aumentar nosso deleite eterno. Naquele dia, tudo isso será virado do avesso e conheceremos uma alegria fora de qualquer parâmetro deste mundo. A alegria da nossa glória será tanto maior quanto mais cicatrizes carregarmos.

Portanto, vivamos à luz da ressurreição e renovação deste mundo, e da visão de nós mesmos em uma gloriosa e contagiante dança da graça divina que não terá fim.

[1]Veja no início deste livro, no capítulo intitulado *Antes*, a respeito do argumento de Bauckham de que os Evangelhos são testemunhas oculares.

[2]Joni Eareckson TADA, *Heaven: Your Real Home*. Grand Rapids: Zondervan, 1997, p. 51 [Publicado em português por Shedd Publicações sob o título *Céu: nosso verdadeiro lar*].

[3]Ibid., p. 53.

CONCLUSÃO

COMO PASTOR, TENHO conversado ao longo dos anos com centenas de pessoas que lutam com questões ligadas a dúvidas em relação à fé. Uma das objeções mais frequentes que costumo escutar é que o cristianismo é “muito certinho” ou “escapista”. Certa vez um homem me disse: “Posso compreender por que as pessoas querem vir aqui para ouvir que um dia Deus fará com que tudo melhore. As histórias da Bíblia e as que falam de Jesus certamente trazem muito consolo. Mas no final tudo não passa de ilusão, de um desejo de que tudo acabará bem”.

Vivemos uma das primeiras épocas da história em que existe uma crença difundida de que finais felizes são sinal de arte de má qualidade. Por quê? Muitos estão certos de que, em última instância, a vida não tem sentido e que finais felizes são, na melhor das hipóteses, enganosos. A vida, portanto, seria mais bem representada por paradoxos, ironias e um senso de frustração. Finais felizes combinam bem com histórias infantis, talvez, mas não para adultos inteligentes. Na arte voltada para adultos, seja ela um seriado como “Seinfeld” ou uma peça como “Esperando Godot”, falta deliberadamente uma coerência narrativa e, obviamente, um final feliz.

Talvez seja por isso que Steven Spielberg não ganhou nenhum Oscar até que parou de fazer filmes com finais felizes, embora seus filmes com finais de contos de fada sejam de longe os mais populares. Ao observar esse fenômeno, os críticos dizem, torcendo o nariz, que histórias "escapistas" sempre serão, evidentemente, populares.

Mas ninguém menos do que o célebre professor J. R. R. Tolkien, uma autoridade no assunto, explica a duradoura popularidade dessas histórias que os críticos desdenham. Ele insiste na ideia de que as pessoas sentem que os finais felizes não são "escapistas", mas sim, de algum modo, condizentes com a realidade. Em um famoso ensaio, "On Fairy Stories" [Sobre histórias de fadas], Tolkien expõe sua visão de que a marca registrada das histórias mais satisfatórias é a *eucatástrofe*. *Katástrofe* é um termo grego que significa uma reviravolta dramática, intensa. Mas o que Tolkien quer dizer com *eu*-catástrofe?

> A alegria do final feliz […] não está em sua essência "escapista" nem em algo que "fuja" da realidade. […] Não nega a existência da *discatástrofe*, do pesar e do fracasso: a possibilidade destes é necessária para a alegria da libertação (a *eucatástrofe*); o que ela nega (em face de farta evidência, se quer saber) é a derrota final e universal e, na medida em que o faz, é *evangelium*, dando-nos um fugaz vislumbre da Alegria, a Alegria que vai além dos muros deste mundo, pungente como o sofrimento. […] Quando a súbita "virada" acontece, temos um vislumbre lancinante de alegria, um desejo do coração que, por um momento, bate descompassado e rasga, na verdade, a própria teia da história, e deixa um raio de luz atravessar.[1]

E Tolkien continua, argumentando que as pessoas sentem que tais histórias apontam para um tipo de Realidade subjacente. À medida que lemos histórias ou assistimos a filmes com finais felizes, somos assegurados de que o mundo *está*, por certo, repleto de perigos, aflições e tragédias, mas também que, a despeito disso, *existe* um sentido para as coisas, *existe* diferença entre bem e mal, e, acima de tudo, *haverá* uma derrota final do mal e até mesmo uma maneira de "escapar da morte" — a qual Tolkien diz ser o final feliz exemplar.

Neste livro, procuramos traçar a história de Jesus segundo o Evangelho de Marcos. É uma narrativa cativante, repleta de personagens de traços vívidos, de surpreendentes e até mesmo chocantes reviravoltas no enredo, e de uma vitória cósmica miraculosamente arrancada das garras da derrota. É uma história comovente, mas será que isso é tudo? Será que o evangelho nos dá somente um estímulo emocional temporário, como qualquer outra história com final feliz?

Não, ele nos dá muito mais do que isso. O próprio Tolkien, no epílogo de seu ensaio, explica o porquê. Com um argumento semelhante ao que o ajudou a persuadir seu amigo C. S. Lewis em uma caminhada pela trilha Addison, ao longo do rio Cherwell, em Oxford, anos antes, ele afirma que a história do evangelho de Jesus não é apenas mais uma grande história que aponta para a Realidade subjacente.[2] Antes, ela é a Realidade subjacente para a qual todas as histórias apontam. Ela nos proporciona mais do que uma inspiração passageira porque é *a* verdadeira história; ela aconteceu.

> A qualidade peculiar da “alegria” em uma Fantasia bem-sucedida pode, portanto, ser explicada como um súbito vislumbre da realidade ou verdade subjacente […] Os Evangelhos contêm […] uma história de uma espécie mais abrangente que abarca toda a essência das histórias de fada. […] Mas é uma história que entrou na história e no mundo primário. […] O nascimento de Cristo é a eucatástrofe da história do homem. A ressurreição é a eucatástrofe da história da encarnação. Essa história começa e termina em alegria. […] Entre os contos já contados não há um sequer que os homens achariam ser verdade como este, bem como nenhum que tantos céticos tenham aceitado como verdade por seus próprios méritos.

O fato da ressurreição de Jesus é o que torna a história do evangelho não apenas uma grande experiência para se ler, mas um poder que transforma vidas. Imagine, por um instante, alguém pregando para escravos na antiga Antioquia e imagine que essa pessoa esteja dizendo: “Sabem, a ressurreição é basicamente apenas uma história inspiradora. Significa que, de algum modo, o bem é mais forte do que o mal. Portanto, sejamos bondosos uns com os outros.” Seria possível que algum desses escravos dissesse: “Maravilhoso! Essa mensagem transforma minha vida de esmagadora miséria e opressão em uma vida de esperança triunfante!” É claro que não. Mas não foi isso que Paulo disse quando passou pelas cidades mediterrâneas. Ele disse: “Eles viram-*no* e tocaram *nele*”. Ele ressuscitou de verdade. Isso prova que o reino de Deus é real e triunfará. Se vocês crerem, entrarão nesse reino e poder agora”.[3] A história de Jesus transforma vidas porque é verdadeira.

E a história do evangelho não é de maneira alguma sentimental ou escapista. Na verdade, o evangelho leva muito a sério as questões do mal e da perda, pois diz que não podemos salvar a nós mesmos. Nada menos do que a morte do próprio Filho de Deus pode nos salvar. Contudo, o "final feliz" da ressurreição histórica é tão grandioso que traga até mesmo o sofrimento da cruz. É tão grandioso que aqueles que nele crerem podem doravante encarar de frente a profundidade do sofrimento e da fragmentação da vida. Se não crermos no evangelho, podemos até mesmo chorar de alegria com o final feliz de algumas histórias inspiradoras, mas esse encantamento logo desaparecerá, pois nossa mente nos dirá que "a vida real não é desse jeito". No entanto, se crermos no evangelho, então nosso coração vai ser pouco a pouco restaurado, mesmo enquanto enfrentamos os momentos mais negros, pois sabemos que, por causa de Jesus, a vida é desse jeito, sim. Então, mesmo nossa dor e a discatástrofe que conhecemos serão engolidas pela graça miraculosa dos propósitos de Deus. "A morte foi engolida pela vitória. […] Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.54,57).

O teólogo Robert W. Jenson argumentou, em um famoso artigo, que nossa cultura está em crise porque o mundo atual "perdeu sua história".[4] Houve um tempo em que acreditávamos que a vida tinha um propósito, que havia algo por que viver, e que havia esperança de uma solução para o sofrimento do mundo. Hoje, muitos dizem que nada disso é verdade.

Contudo, Marcos nos deixou a história de Jesus e afirmou que essa é de fato a verdadeira história do mundo: Jesus, o Rei, criou todas as coisas em amor. Em suas mãos estão o poder e a beleza

para ver sua visão para o mundo chegar ao seu glorioso final, desfazendo tudo aquilo que fomos capazes de fazer para prejudicá-la. Para que isso se realizasse, ele tinha que vir e morrer por essa causa. Depois de três dias ele ressuscitaria; e um dia voltará para inaugurar uma nova criação.

O evangelho é a história definitiva que mostra a vitória nascendo da derrota, a força emergindo da fraqueza, a vida emergindo da morte e a salvação brotando do abandono. E por ser uma história *verdadeira*, ela nos dá esperança, pois sabemos que a vida é de fato desse jeito.

Ela pode ser também a sua história. Deus criou você para amá-lo acima de todas as coisas, mas o perdeu. Ele voltou para buscá-lo, mas teve que ir para a cruz para fazer isso. Ele absorveu a sua escuridão para que um dia você finalmente possa, de forma deslumbrante, tornar-se verdadeiro e tomar assento no divino banquete eterno.

[1]J. R. R. TOLKIEN, *Tree and Leaf* e *The Homecoming of Beorhtnoth*. Nova York: HarperCollins, 2001, p. 68-70.

[2]Veja Humphrey CARPENTER, *The Inklings: C. S. Lewis, J.R.R. Tolkien, Charles Williams, and their Friends*. Boston: Houghton Mifflin, 1979, p. 42 e seguintes.

[3]Veja 1Coríntios 15.19,20; Colossenses 1.13,14.

[4]Robert W. JENSON, “How the World Lost Its Story,” *First Things 36* (Outubro 1993), p. 19-24.

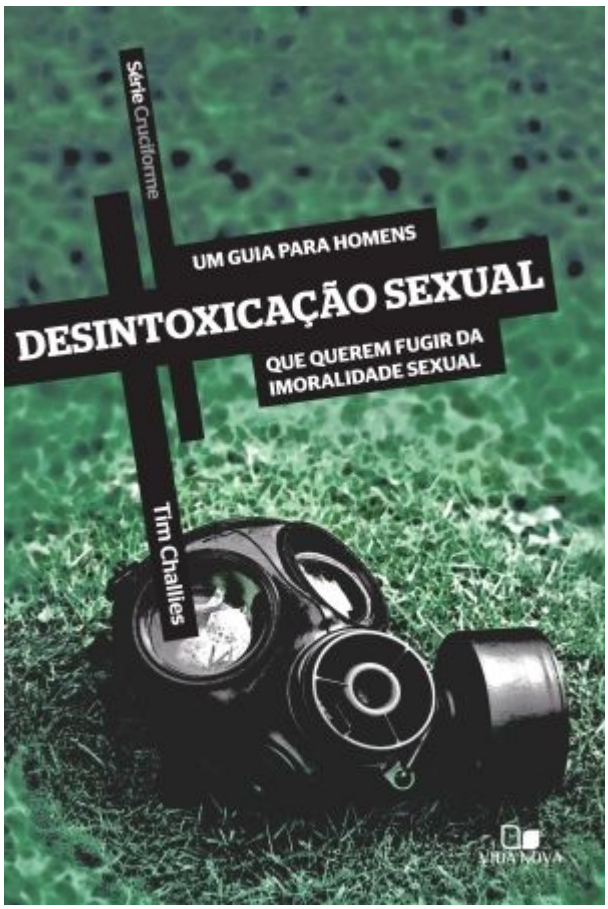

TIMOTHY KELLER
ORAÇÃO
EXPERIMENTANDO
INTIMIDADE
COM DEUS
VIDA NOVA

Oração

Keller, Tim 9788527507486
272 páginas Compre agora e leia

Igrejas e escolas ensinam os cristãos que a oração é o modo mais poderoso de vivenciar Deus. No entanto, poucos recebem instrução ou orientação para torná-la significativa de verdade. Nesse livro, Timothy Keller investiga as muitas facetas dessa prática cotidiana. Com as percepções e a energia que já são sua marca registrada, Keller apresenta orientação bíblica sobre o assunto e oferece orações específicas para lidar com determinadas situações relacionadas à dor, à perda, ao amor e ao perdão. Reflete sobre como tornar as orações mais pessoais e poderosas e como estabelecer uma prática de oração que funcione para cada leitor.

Compre agora e leia


Série Crucifórme
UM GUIA PARA HOMENS
DESINTOXICAÇÃO SEXUAL
QUE QUEREM FUGIR DA IMORALIDADE SEXUAL
Tim Challies
VIDA NOVA

Desintoxicação sexual

Challies, Tim 9788527505109
112 páginas Compre agora e leia

Você não aguenta mais tanta pornografia? É hora de se desintoxicar. Este livro apresenta um retorno à saúde, um retorno à normalidade. Uma alta porcentagem de homens precisa se desintoxicar da pornografia, ou seja, recomeçar do zero do ponto de vista moral e psicológico. Seria o seu caso também? Se for, ainda que nem saiba disso, a pornografia corrompeu sua maneira de pensar, enfraqueceu sua consciência, distorceu seu senso de certo e errado e deformou seu entendimento e suas expectativas a respeito da sexualidade. Você precisa de um recomeço conduzido por Aquele que criou o sexo. "Numa época em que o sexo é venerado como um deus, um livro pequeno como este é capaz de dar uma grande contribuição, ajudando os homens a superar o vício do sexo." Pastor Mark Driscoll, Mars Hill Church Compre agora e leia


EGO
TRANSFORMADO
A humildade que brota do evangelho
e traz a verdadeira alegria
TIMOTHY KELLER
VIDA NOVA

Ego transformado

Keller, Timothy 9788527509510
48 páginas

Compre agora e leia

Quais são as marcas de um coração sobrenaturalmente transformado? Essa é uma das questões sobre as quais o apóstolo Paulo trata quando escreve à igreja de Corinto. O interesse real dele não é algum tipo de reparo ou remendo; antes, uma mudança profunda, capaz de transformar a existência. Numa era em que agradar as pessoas, insuflar o ego e montar o curriculum vitae são vistos como os meios para "chegar lá", o apóstolo nos chama a encontrar o verdadeiro descanso na bênção que é nos esquecermos de nós mesmos. Neste livro breve e contundente, Timothy Keller mostra que a humildade que brota do evangelho torna possível pararmos de vincular cada experiência e cada conversa com a nossa história e com quem somos. E assim podemos ficar libertos da autocondenação. Quem é realmente humilde segundo o evangelho não se odeia, mas também não se ama... é, antes, alguém que esquece de si mesmo. Você também pode conquistar essa liberdade...

Compre agora e leia


TIMOTHY KELLER
COM KATHY KELLER
O significado do casamento
VIDA NOVA

O significado do casamento

Keller, Timothy 9788527507479
296 páginas

Compre agora e leia

Este livro se baseia na muito aplaudida série de sermões pregados por Timothy Keller, autor best-seller do New York Times. O autor mostra a todos — cristãos, céticos, solteiros, casais casados há muito tempo e aos que estão prestes a noivar — a visão do que o casamento deve ser segundo a Bíblia. Usando a Bíblia como seu guia, e com os comentários muito perspicazes de Kathy, sua esposa há 37 anos, Timothy Keller mostra que Deus criou o casamento para nos trazer para mais perto dele e para dar mais alegria à nossa vida. É um relacionamento glorioso, e é também o mais malcompreendido e misterioso dos relacionamentos. Caracterizado por uma compreensão clara e cristalina da Bíblia e por instruções significativas sobre como conduzir um casamento bem-sucedido, O significado do casamento é leitura essencial para qualquer pessoa que quer conhecer a Deus e amar mais profundamente nesta vida.

Compre agora e leia


TIMOTHY KELLER
dEUSES FALSOS
AS PROMESSAS VAZIAS
DO DINHEIRO, SEXO E PODER,
E A ÚNICA ESPERANÇA
QUE REALMENTE IMPORTA
VIDA NOVA

Deuses falsos

Keller, Timothy 9788527508759
192 páginas

Compre agora e leia

Sucesso, dinheiro, amor verdadeiro — a vida perfeita. Muitos de nós depositam a fé e a esperança nessas coisas, acreditando que sejam capazes de trazer a felicidade. No fundo, porém, sabemos que nada disso pode garantir satisfação plena. Por isso não é de surpreender que nos sintamos perdidos, solitários, desencantados e ressentidos. Só o Deus verdadeiro pode satisfazer totalmente nossos desejos, e este é o momento perfeito para encontrá-lo novamente... ou, quem sabe, pela primeira vez.Em Deuses falsos, Timothy Keller mostra que uma compreensão adequada da Bíblia revela a verdade acerca da sociedade e de nosso próprio coração. Nessa mensagem poderosa, enxergamos nossa tendência de buscar em outras coisas aquilo que só Deus pode nos dar. Também somos apresentados a um novo caminho: aquele que leva a uma esperança que não pode ser abalada pelas circunstâncias da vida Compre agora e leia